
THE
CLIENT
Jessica Gadziala



Família Wings

Tradução: Criz

Revisão: Mika

Leitura: Lua

Formatação: Aurora

08/2020

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

A SÉRIE


THE FIXER
Jessica Gadziala
THE GHOST
Jessica Gadziala
THE MESSENGER
Jessica Gadziala
THE GENERAL
Jessica Gadziala
THE BABYSITTER
Jessica Gadziala
THE MIDDLE MAN
Jessica Gadziala
THE NEGOTIATOR
Jessica Gadziala
THE CLIENT
Jessica Gadziala

SINOPSE

Meu trabalho é simples

Sou contratada para fazer os homens se apaixonarem por mim.

Então eu dava-lhes uma rasteira.

Fenway Arlington era o próximo da lista.

Bilionário playboy.

Destruidor de corações.

Caçador de aventuras.

Conhecido por vários escândalos internacionais, geralmente envolvendo uma mulher.

Deveria ter sido um trabalho fácil.

Mas eu nunca poderia ter me preparado para o impossível.

Desenvolver sentimentos pelo cliente.

Ou o que aconteceria quando o trabalho terminasse...

E ele descobrisse a verdade...

AVISO WINGS

Wasp, a protagonista tem o apelido que significa “vespa”, daí várias frases fazem alusão às picadas e ferroadas como o inseto.

PRÓLOGO

WASP - PASSADO

— Você é uma traidora. — Eu resmunguei, dedos brincando com as bordas das franjas do cobertor branco pendurado na lateral do sofá na nova sala de estar de Raven.

— Eu não sou uma traidora! — Ela contestou, zombando, olhos azuis brilhantes dançando enquanto seus lábios vermelhos se curvavam em um sorriso.

Raven era o yin perfeitamente estável para o meu yang selvagem e confuso.

Mesmo às sete da manhã, ela tinha o cabelo preto brilhante perfeitamente arrumado nas costas, os olhos azuis delineados, os lábios pintados. Tudo, desde sua blusa azul-gelo de seda às calças brancas, que nem se agarravam nem caíam demais nas sandálias de salto alto, até a simples pulseira de prata em seu pulso, falava de classe cuidadosamente organizada. Que era exatamente o que Raven havia sido sua vida inteira.

Porque ela me adotou, com meu cabelo bagunçado, esmalte lascado nas unhas e buracos na calça jeans estava completamente além de mim.

Os opostos se atraem, e tudo isso, eu acho.

— Você deveria gamar pelo pau de um cara rico temporariamente, — eu disse a ela.

— Gamar pelo pau? — ela repetiu, e eu senti meu lábio se curvar porque nunca deixou de me divertir ouvir sua voz fria, confiante e feminina dizer palavrões. Embora, na maioria das vezes, era apenas quando ela estava repetindo algo que eu disse.

— Sim, gamar pelo pau. Como quando você conhece um cara e ele lhe dá uma boa recompensa, e é bonito de se ver, então você fica obcecada e ele se torna seu tudo. É suposto ser uma coisa temporária, gamar pelo pau de alguém.

— Eu não gamei pelo pau dele. Me apaixonei. Eu sei, eu sei, — ela disse quando fiz um barulho de assobio. — Você não acredita em amor. Mas existe.

— Não é que não acredite. É que acho que é uma reação química. Uma fugaz, pelo menos. E as mulheres são geralmente as que são fodidas ao se apaixonar. Você trabalhou comigo uma eternidade. Você sabe como é.

— Mas e se durar?

— Não dura.

— Mas e se *acontecer*. Eu não deveria estar disposta a arriscar?

— Você é *minha* alma gêmea, caramba, — eu a lembrei, sorrindo.

— Eu sou, — ela concordou, assentindo. — E nós nos amamos tanto quanto duas amigas platônicas sem interesse em sexo com garotas podem. Nós duas ainda precisamos de homens, no entanto. Sempre precisamos.

— Por uma noite. Conseguir essa boa trepada. É isso.

— Ele é um bom homem, Wasp, — ela me disse, sentando-se na minha frente, cruzando os tornozelos, estendendo a mão para mexer no cabelo. Raven não era, em regra, de gestos nervosos. Ela não bagunçava o cabelo, nem batia os dedos, nem sacudia a perna. Ela sempre foi a imagem da perfeita organização. Mas ela estava se remexendo, elevando meu olhar, para ver o olhar melancólico e distante em seus olhos.

Ela realmente estava apaixonada.

E ele realmente era um bom homem.

Estava feliz por ela

Na verdade, estava.

Mas meu coração estava partindo um pouco pela minha perda também. Tão egoísta e bobo quanto isso parecia.

Raven e eu nunca nos separamos por mais de um fim de semana desde que éramos crianças. E assim que ficamos adultas, pulamos em um ônibus escolar convertido e vivemos juntas na estrada por anos.

Até fazermos uma parada em Navesink Bank.

E ela se apaixonou por um de seus residentes.

Eu achava que era uma aventura, algo para durar o verão. Ou até um ano.

Mas aquele anel no dedo dizia que ela nunca mais voltaria à estrada comigo.

— Eu me reservo o direito de fazer uma verificação de antecedentes ou tê-lo seguido a qualquer momento durante o seu casamento, — insisti, fazendo-a rir, um grande sorriso branco em exibição.

— Acho que Roman passou a esperar isso de você desde que você apareceu no escritório dele e ameaçou castrá-lo com o abridor de cartas.

— Eu não ameacei castrá-lo, — insisti, balançando a cabeça.

— Sim, você fez! Ele me disse.

— Então ele tem uma memória muito ruim. Ameacei atolar o abridor de cartas em sua uretra, — lembrei, fazendo Raven bufar.

— Você não fez.

— Tinha um visual melhor, — eu disse a ela, dando de ombros.

— É memorável, com certeza. Ele teve o bom senso de parecer levemente certo de que você não estava sendo irônica.

— Se ele partir seu coração, aprenderá rapidamente o quão séria sou, — eu disse a ela.

Eu tinha uma amiga no mundo inteiro.

Eu machucaria seriamente um homem por ela.

— Eu fico tranquila a noite sabendo que você me apoia, — ela me disse. — E ele perde um pouco de sono sabendo disso também, — acrescentou ela, sorrindo.

— Você está feliz, certo? — eu perguntei, precisando ouvir essas palavras. Elas seriam os que fariam um corte limpo na ligação que nos manteve próximas todos esses anos.

— Estou imensamente feliz, — ela esclareceu.

Corte.

Eu me senti despencando, caindo sem parar, imaginando como me sentiria ancorada novamente.

Porque era isso que Raven era.

Ela era a âncora do meu barco fora de controle.

Ela era o lugar macio para pousar quando pulava de um avião sem paraquedas.

Raven era a calma ao meu caos.

Sem ela lá, eu não conseguia imaginar como seria a vida.

Mas eu ia descobrir, não é?

— Também estou feliz por você, — disse a ela, significando isso do coração.

— Estava pensando... — ela começou, apertando os lábios, sem saber se deveria continuar.

— Sobre?

— Sobre o que você vai fazer agora.

— Vou fazer o que sempre faço. Saltar na skoolie[1]. Fazer alguns homens pagarem pela merda que eles achavam que poderiam se safar. E depois ser paga por isso.

— Eu sei. É uma paixão sua. Mas... não gosto da ideia de você fazer isso sozinha, sabe? Por razões de segurança.

Isso passou pela minha cabeça também. Eu poderia ter sido selvagem e imprudente, mas não era burra. Entendia o quão arriscado era o trabalho que nós, e agora eu, fazíamos. Irritar os homens pode levar a todos os tipos de situações difíceis. E não gostava muito da ideia de acabar em uma cova rasa na floresta em algum lugar, ser desenterrada e devorada por carniceiros.

Eu não tinha certeza de como iria continuar a fazer o meu trabalho, e fazê-lo com segurança, mas estava prestes a descobrir isso.

— Você me conhece, Raven. Nada pode me machucar, — eu a lembrei.

— Ferroa primeiro, faça perguntas depois, certo, Wasp? — a voz de Roman perguntou, entrando pela cozinha em seu terno cinza, parecendo estupidamente bonito e feliz. Eu podia ver o que Raven viu nele. Ele caminhou atrás de Raven, colocando as mãos nos ombros dela, inclinando-se para pressionar um beijo no topo da cabeça dela. E ela quase derreteu. Inferno, meu coração gelado descongelou um pouco.

— Está certo, — eu concordei, assentindo.

Para isso, ele me deu o que poderia chamar de um sorriso fraterno. Um que era divertido, preocupado e exasperado ao mesmo tempo. Eu conhecia aquele sorriso. Porque tinha dois irmãos. Reeve e Cyrus, que se preocupavam comigo mais do que precisavam.

— Esqueci minha mochila de ginástica, — ele nos disse. — Vou deixá-las sozinhas em dois minutos, — acrescentou, correndo em direção às escadas.

— Pare de olhar para a bunda dele.

— Olha, se um homem vai roubar de mim a minha melhor amiga do mundo, eu só quero ter certeza de que ele tem todos os bens, ok? Confie em mim, não é assim. Ele é assexual para mim. Você sabe que nós nunca tivemos o mesmo gosto para homens de qualquer maneira.

[1] Nome dado a um ônibus escolar convertido em casa. Muito comum nos E.U.A.

— Isso é verdade. Um dos princípios da nossa amizade.

— Exatamente. Sem brigas internas irritantes porque você gosta deles altos, morenos e bonitos.

— E você gosta deles silenciosos e bons na cama.

— Esses são os únicos tipos bons de homens, — insisti, tirando outra risada dela.

— Sério, Wasp. Talvez seja hora de se aposentar. Tenho certeza que você pode encontrar uma nova paixão na vida.

Era a solução mais fácil.

O problema era que não estava tão confiante quanto Raven de que poderia encontrar outra coisa para fazer com a minha vida, que acharia quase tão empolgante e tão gratificante quanto o que fazia agora. Apenas a ideia de ficar em um lugar fez minha garganta ficar um pouco apertada. A ideia de ter que ir num emprego normal, onde eu tinha que usar *sapatos baixos* o dia todo? Parecia absolutamente torturante.

— Ainda não terminei, — eu disse a ela, dando de ombros. — Vou saber quando terminar. E, vamos ser sinceras, existe uma marca de tempo nessa carreira, de qualquer maneira. Nenhum homem vai se apaixonar por uma versão minha enrugada e de peitos caídos. Então vou continuar enquanto estou no meu melhor. Poupando um pouco de dinheiro. Talvez investindo um pouco, para que eu tenha um pé de meia. E depois me aposentar quando ficar com a bunda caída demais para fisgá-los.

— Eu pensei que seus peitos estavam caindo.

— Oh, eles estão. Tudo vai cair, Raven. Precisamos aprender a aceitar isso agora. Nós apreciaremos mais nossos corpos se o fizermos. Enfim, sim. Eu sei que não posso fazer isso para sempre. Mas tenho um pouco restando em mim. Mas prometo que vou encontrar maneiras de garantir me manter segura nos trabalhos. Ok? Não se preocupe comigo.

— Eu sempre vou me preocupar com você. Mesmo que saiba que você pode tomar conta de você mesma.

— Oh. Dê um ou dois anos. Você terá um bebê no quadril e outro a caminho. Você esquecerá tudo sobre se preocupar comigo.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Eu gosto da ideia de você ter algumas pequenas Ravens correndo por aí. Então posso aparecer, ser a tia legal e louca. Corrompê-las de inúmeras maneiras e depois ir novamente para deixar você lidar com as consequências.

— Acredito que você é cem por cento capaz de ser tão má, — ela concordou. — Mas realmente ainda não... discutimos isso.

— O quê? Por quê? Essa coisa é importante. Ei, Casanova! — Chamei quando ouvi os pés nas escadas novamente.

— Sim? — ele perguntou, sobrancelhas levantadas.

— Você quer criaturas mal-humoradas?

— Isso é... esse é outro tipo de ameaça? — ele perguntou, franzindo as sobrancelhas, olhando para Raven em busca de ajuda enquanto ela tentava conter uma risada.

— Ela quer dizer filhos, — esclareceu Raven.

— Oh. Sim. Claro. Sou muito próximo da minha sobrinha e sobrinho. Adoraria alguns meus. Por quê? Você está planejando maneiras de colocá-los contra mim por roubar Rebecca de suas garras? — Ele perguntou, sorrindo. E naquele momento soube que ele era digno dela.

— Ele te chama pelo nome de seu registro? — Perguntei, fazendo uma careta. — Ai credo.

— Você é a única pessoa que me chama de Raven, — ela me lembrou.

Demos apelidos uma a outra quando éramos crianças, decidindo que nossos nomes verdadeiros não eram legais o suficiente.

Ela era Raven por causa de seu cabelo bonito.

Eu era Wasp.

Porque eu poderia picar uma vez.

E então continuar picando.

— Tudo bem, senhoras. Estou fora. Você vai ficar por um tempo, Wasp?

— E ter que ficar constantemente nauseada com vocês, pombinhos-apaixonados? — Perguntei sorrindo. — Não. Na verdade, tenho um trabalho. Vou indo depois de sair daqui.

— Eu sei que você tem uma agenda ocupada, mas esperamos você no casamento, — ele me lembrou.

— O casamento? Estarei aqui na noite anterior para dar a Raven uma festa de despedida de solteira que ela nunca esquecerá. Isso fará com que as palhaçadas do filme “Se Beber, Não Case” pareçam inofensivas.

— Não duvido nem um pouco, — ele concordou, assentindo. — Desde que você a tenha na igreja na manhã seguinte. E consciente o suficiente para dizer seus votos, não tenho problema com isso. Tenho que voltar. Te amo, Beccs, — ele falou, olhar caloroso. — Te temo, Wasp, — acrescentou, fazendo-me uma saudação antes de sair.

— Tudo bem. Certo, — eu admiti. — Ele é perfeito.

— Ele é, não é? — ela concordou, corações em seus olhos. — Estou animada para começar uma vida com ele.

Eu nunca diria isso a ela.

Mas eu tinha pavor de começar uma vida sozinha.

Mas não havia como negar que era exatamente o que eu precisaria fazer.

Para melhor ou pior.

I

WASP

— Então, o que você faz, Wendy? — O homem do bar me perguntou, usando o nome que usava para todos os meus alvos. Wendy era uma doce e acessível garota da porta ao lado, ou uma deusa do sexo ruiva, super quente quando necessário também. Ela era uma mulher de todas as roupas.

O que é que eu faço, Kenny... cujo nome verdadeiro eu sei que é Matthew?

Eu faço homens se apaixonarem por mim. Então eu dou-lhes uma rasteira.

E você é o próximo na guilhotina.

— Sou professora de jardim de infância, — disse a ele, sabendo de sua esposa que ele gostava das boas meninas, aquelas que achava que poderia corromper. Como ela outrora foi.

Foi por isso que mantive minha cor de cabelo loiro natural, mas o domei mais, reduzi a maquiagem, coloquei um vestido de verão doce e despretensioso com um pequeno suéter branco apenas para dar um chute extra nas cabeças.

Ele foi um alvo fácil.

Estava nisso há anos.

Eu podia vê-los à quilômetros de distância.

Os tipos de caras *eu nunca vivi todo o meu potencial como ser humano, então vou viver minhas fantasias infantis de adolescente de ser garanhão, enquanto tenho uma esposa amorosa e um punhado de filhos em casa.*

Eles eram manteiga.

Eu era uma faca quente.

E nem precisava que ele se apaixonasse por mim.

A esposa sabia que ele andava transando pela maior parte de um ano, mas seu investigador particular nunca foi capaz de obter um ângulo suficientemente bom para provar isso. Eu era apenas a isca. Que por acaso tinha um quarto de frente para o estacionamento no primeiro andar. Onde o investigador particular estava esperando em seu carro com uma boa câmera.

Eles não precisavam de muito.

Ele nu.

Eu sem algumas das minhas roupas.

Fazer com que pareça realmente comprometedor.

Eu poderia vazar antes que fosse além de alguns beijos e agarração de seio e bunda.

E pegar um pequeno e agradável contracheque para enfiar na minha poupança.

Aprendi a me interessar um pouco mais a respeito de economizar e investir adequadamente em meu futuro, quando Raven se casou com Roman, e fiquei cara a cara com a realidade de um plano de aposentadoria que não incluía nós duas conseguindo um belo apartamento em uma cidade movimentada, nos divertindo e vivendo uma vida boa.

Além disso, sem Raven, isso significava que eu precisava de muito mais dinheiro para poder executar esse plano sem a contribuição dela.

Então, por mais que amasse o golpe mais demorado de fazer um homem se apaixonar por mim, esses mais curtos estavam me pagando mais e mais rápido nesses dias.

Seria chocante para a mulher normal saber quantos 'maridos devotados' acabaram transando por trás das costas de suas esposas.

Não eu, é claro.

Estava cansada o suficiente para pensar que a grande maioria deles era lixo em quem não podia se confiar.

Dito isto, conhecia um homem ou dois em meu negócio que também tinham algumas coisas a dizer sobre a população feminina.

Em suma, éramos todos na maior parte idiotas.

O que é péssimo para os bons.

Mas, felizmente, pessoas como eu existiam para fazê-los pagar pelo que faziam.

Kenny/Matthew praticamente teve que trabalhar para manter a baba na boca. Eu podia ver a imagem passando em seus olhos.

Nós em um quarto.

Uma régua na mesa de cabeceira.

Ele me 'ensinando' a dizer todas as palavras sujas que queria ouvir.

Eu não me ressentiria de ninguém pelo fetiche deles. Mas você lidava com essa merda em casa. Você resolvia com a mulher a quem jurou seu futuro.

Idiota.

Mas o sorriso que dei a ele era quente o suficiente para flertar com meus próprios olhos.

— Eu tenho muito respeito pelos professores, — afirmou.

Imaginei que ele tinha. Desde que ele teve três filhos e um punhado de professoras que os ensinaram. Não pude deixar de imaginar quantos delas ele fantasiou durante as reuniões de pais e professores.

— É um trabalho difícil, mas gratificante, — concordei, brincando com o rosé que havia pedido. Eu não bebia em um trabalho como regra. Você nunca queria perder seu tempo de resposta se algo desse errado. Você sempre tinha que estar preparada para agir, se necessário. Álcool dificultava isso.

Felizmente, Kenny/Matthew provavelmente estava apenas tomando isso como mais da minha personalidade de garota boa.

Se ele soubesse o quão *não boa* eu era.

Ele correria gritando.

Foi mais um drinque para ele e mais vinte minutos de conversa banal para-te-conhecer no bar antes que eu estivesse dizendo que estava cansada, antes que ele estivesse usando isso como uma entrada para se meter no meu quarto.

E então as roupas saíram.

Mãos agarradas.

Eu praticamente podia ouvir as fotos sendo tiradas.

E então, o plano de fuga.

— Oh, meu Deus. Oh. Meu. Deus. — Eu ofeguei, me afastando, apertando as mãos nos meus seios cobertos pelo sutiã, olhos selvagens.

— Qual é o problema, querida?

Agh.

Querida.

Ele chamava sua esposa assim.

— Não posso fazer isso! — Declarei, pegando meu vestido, segurando-o no meu peito. — O que eu estava pensando? Eu não faço isso. Sou um tipo de garota de relacionamento, — insisti, voltando para a porta. Eu precisaria deixar os

sapatos. Dado que eles eram sapatos de salto baixo castanho-claros feios que eu não gostava de qualquer maneira, não havia perda.

— Não. Espere. Volte aqui. — Ele exigiu, estendendo a mão para mim.

— Não! Não. Eu não posso. Sinto muito. Realmente, você é um cara legal. Eu simplesmente não posso. Não posso.

Com isso, voei para fora da porta, sabendo que ele não seguiria desde que estava nu.

Estava quase toda também, mas felizmente não conhecia nenhuma vergonha na minha vida.

— O quê? Você nunca viu peitos antes? — Disse ríspida ao cara por quem passei no corredor, fazendo-o virar rapidamente a cabeça na outra direção enquanto eu virava no corredor, vestia o vestido e depois saía descalça do prédio.

— Você conseguiu? — Perguntei enquanto passava pelo investigador particular.

— Temos mais do que precisamos.

— Ótimo. Diga à cliente que a verei em meia hora, — disse a ele, descendo a rua onde havia estacionado minha skoolie, ônibus escolar convertido em casa.

Algumas horas.

Dois mil.

Acordo justo, na minha humilde opinião.

E, felizmente, minhas despesas de moradia eram baixas. O grande dinheiro tinha sido o dinheiro adiantado para converter o velho ônibus escolar em uma casa sobre rodas. Feito isso, foram apenas gasolina, seguro, telefone e vários serviços de transmissão para me manter entretida em casos chatos em áreas onde não conseguia sair ao ar livre.

Eu pintei o veículo amarelo e preto ofensivo de um branco nítido. Então estripei e reconstruí o interior inteiro. Foi um dos meus projetos de mais orgulho até hoje.

As pessoas geralmente não me viam como uma espécie de faz-tudo, com minha propensão a saltos altos e uma incapacidade total de receber instruções de qualquer pessoa.

Felizmente, os vídeos on-line eram um recurso perfeito que não respondia ou condescendia comigo.

E assim, arregacei as mangas. E eu construí minha casa. Dos pisos rústicos de madeira da fazenda, aos armários brancos que ladeavam o lado esquerdo, junto com uma pia enorme, um fogão e um frigobar, até o estande acolchoado embutido que ocupava o lado esquerdo, que Raven tinha uma vez usado como cama. Fui eu quem decidiu levantar a cama no fundo, para arrumar mais espaço para as roupas, além de um tanque de água para alimentar o minúsculo chuveiro. Tinha feito a pesquisa sobre banheiros de compostagem. Eu tinha resolvido a parte elétrica. Cada centímetro da minha casa tinha meu sangue, suor, lágrimas e raiva frustrada nela.

Eu a amava mais do que provavelmente era apropriado para um objeto inanimado.

Caí no banco do motorista, respirando fundo, pegando meu telefone, atirando uma mensagem de texto para Raven.

Fizemos um acordo.

Eu mandava uma mensagem para ela antes de um trabalho, dizendo a ela o meu prazo esperado. E então mandava uma mensagem para ela depois. Se fosse além de uma margem de erro aceitável, e tendo trabalhado ao meu lado todos os anos que ela trabalhou, sabia o que seria, reservava-se o direito de ligar para a polícia local e denunciar. Ou, em vez deles ajudarem, chamar todos os meus irmãos para que eles possam ter alguém nele. Sendo motociclistas fora da lei com muitas conexões no mundo do crime, eles poderiam ter alguém no meu caso em uma hora no máximo, se é que isso acontecia.

Não importava que faz anos. Ou que ela, de fato, tinha alguns pequenos Ravens correndo por aí... junto com um pequeno Roman... ela ainda insistia nas mensagens.

E por apenas alguns momentos, eu não me sentia mais tão sozinha.

Eu não era alguém propensa à solidão.

Gostava de ficar sozinha. Era solitária por natureza. Achava que a maioria das pessoas tendia a me irritar depois de um tempo. Dito isto, eu sempre só incluí meus irmãos quando eu era jovem. Então Raven.

Essa solidão? Este era um tipo diferente.

Eu não tinha a quem correr depois de uma reviravolta hilária no trabalho, com quem rir, beber e estourar cheques de pagamento nas lojas locais.

Não gostava da ideia do trabalho ficar cansativo. Ou esse estilo de vida ficando cansativo. Tudo o que sempre quis foi viajar, pegar todas as lembranças que puder, ver todas as vistas importantes, viver profundamente, ainda que temporariamente, em todos os locais que visitei.

Mas já fazia mais de uma década.

Eu já tinha visto todos os estados. Já estive em todas as grandes e pequenas atrações. Experimentei todas as cozinhas regionais, desde pêssegos da Geórgia e churrasco do sul, até pizzas de Nova York e bagels de Jersey, e quaisquer misturas híbridas estranhas que eles sempre traziam na costa oeste. Tinha visto nascer do sol na Califórnia e pôr do sol em Connecticut. Enfrentei furacões, tornados e todo outro tipo de desastre natural conhecido nos verões úmidos da Flórida.

Mas, bem, já tinha visto tudo.

Não me lembrava da última vez que me senti animada quando consegui um emprego em um estado diferente, correndo para planejar uma viagem para chegar a lugares que estava ansiosa por ver.

Como tudo, até os sonhos realizados podem se tornar mundanos depois de um tempo.

Meu telefone tocou na minha mão, me fazendo sacudir. Vendo o nome de Raven, atendi.

— Qual é o problema? — Ela perguntou, o som de um bebê choramingando ao fundo. O pequeno Roman era um recém-nascido notoriamente exigente e estava se mostrando tão exigente quanto uma criança pequena.

Ele quer viver no meu peito, ela me disse uma noite, parecendo sonolenta. *Bem, ele é um menino*, eu brinquei, tirando uma risada dela.

— Nada, — eu disse, balançando a cabeça, mesmo que ela não pudesse me ver.

— Você enviou uma mensagem inteira sem emojis de berinjela ou dedo médio. Algo está acontecendo.

— Não podemos esquecer meu emoji favorito. Eu não poderia viver sem a palma na testa. E nada está errado.

— Eu te conheço melhor do que isso. Você parece mal. Não me faça ligar o Facetime e confirmar minhas suspeitas. Estou um completo desastre. Ninguém quer ver isso.

— Seu 'desastre' é o 'bom dia' da maioria das pessoas.

— Wasp...

— Eu não sei. Estou entediada. E não empolgada com nada, — admiti, porque ela era meu lugar seguro, porque podia confiar nela com aquele pequeno pedaço de vulnerabilidade.

— Venha para casa, — ela exigiu automaticamente, a preocupação deslizando em sua voz, sabendo que nunca fui alguém propensa a um humor sombrio.

— Estou em casa, — lembrei-a.

— Você sabe o que quero dizer. Venha para Navesink Bank. Eu adoraria ver você. As crianças também. E seus irmãos. Seus sobrinhos. Todos nós sentimos tanto a sua falta. Faz uma eternidade.

— Faz dois meses desde a minha última visita.

— E isso é uma eternidade.

— Estou bem. Sério. Acho que só preciso sair da Califórnia por um tempo. Todo mundo está muito feliz. Isso está me irritando.

Para isso, recebi uma risada bufante. — Você é ridícula. Bem, aponte Wanda nessa direção. Não estou dizendo que você tem que vir aqui, mas se você acabar aqui, ficaremos felizes em tê-la.

— Wanda e eu estávamos pensando em algum lugar mais sombrio. Como aquele lugar naquele filme horrível de vampiro que você me fez assistir.

— Forks? — Ela perguntou.

— Sim. O lugar onde é tão chuvoso e instável que os vampiros podem andar por aí sem *brilhar*. Ou, você sabe, explodir em chamas como os vampiros não-ridículos-da-era *Buffy*[2].

— Sei que não há como te tirar da sua obstinação, mas se esse humor continuar, por favor, volte para casa. Podemos maratonar programas de TV antigos e relembrar.

— Você tem três filhos. Maratonar está fora de questão.

— Não se eu despachá-los com amigos ou família. Sempre posso arranjar tempo para você. Você sabe disso.

Ela arranjaria.

Mas isso não significava que era fácil para ela fazer isso.

[2] Buffy é uma série de caça-vampiros. E a referência ao vampiro que brilha é do filme Crepúsculo.

Ela tinha a vida dela.

Eu tinha a minha.

Nossos caminhos tendiam a se conectar por algumas horas a cada poucos meses. Ou mais durante o inverno, já que Wanda não gostava de viver em condições frias nos meses mais difíceis, sem ter tanto isolamento ou o tipo de sistema de aquecimento que funcionaria 24 horas por dia.

— Eu prometo que, se estiver em alguma espiral descendente, voltarei para casa. Provavelmente, só preciso de um pouco de diversão. Estou em trabalhos consecutivos há meses.

— O negócio de infidelidade está sempre em expansão.

— Falando de...

— Não se preocupe. Roman ainda está tendo pesadelos com a sua ameaça na manhã de Natal para pendurá-lo pelas bolas se ele me trair.

— Por uma corda de luzes de Natal. Não esqueça a melhor parte.

— Sim, claro. Uma ameaça festiva.

— Tenho que mantê-lo fresco. — Mesmo se nós duas soubéssemos que Roman não era do tipo traidor. Se você pudesse contar com qualquer coisa no mundo, era que o sol nasceria, o homem do imposto te encontraria, e Roman era um milhão por cento caidinho pela esposa.

— Tudo bem. Se você jura que está bem, vou deixar você em paz. Eu sei que você precisa mover Wanda.

— Sim. Nós não somos muito discretas estacionadas a uma quadra do hotel, — eu concordei. — Beije as crianças por mim.

— Você é péssima por ensinar a elas aquela música, a propósito. Agora eu tenho que cantar para eles todas as noites.

— *'Goodnight, Demonslayer'* é o clássico de Voltaire. E uma mensagem muito boa para as crianças, na minha humilde opinião.

— Eu amo você. Mais que trinta e cinco saltos Louboutin[3].

— Te amo de volta dois mil pacotes de Fritos.

— Boa noite.

— Boa noite.

[3] Louboutin é uma marca de sapato e 'Fritos', uma marca de salgadinhos. Fazem uma dedicatória amorosa com o que mais amam.

Sentindo-me um pouco melhor depois de uma conversa com ela, virei Wanda e fui em direção ao local de reunião com a cliente, pegando meu pagamento, voltando ao hotel para fazer o checkout e depois indo direto para fora da cidade. Fora do Estado.

O sol estava nascendo quando eu finalmente parei em um local de acampamento, fechei as cortinas de todas as janelas, coloquei a enorme prancha de madeira do outro lado da porta para impedir qualquer acesso, subi na minha cama e desmaiei.

Acordei agitada e grogue, sem saber que dia era ou em que cidade estava.

Me debatendo na cama, me atrapalhei com o meu telefone, encontrando-o escondido debaixo dos travesseiros, abrindo-o para ver que horas eram e onde estava estacionada.

Satisfeita com isso, abri meu e-mail, pronta para passar um momento ou dois percorrendo o lixo eletrônico, excluindo-o para não precisar pagar ainda mais armazenamento.

Eu não esperava nenhum e-mail de trabalho.

Geralmente, havia alguns dias, ou mesmo semanas, de intervalos entre quando eu terminava um trabalho e quando tinha outro alinhado.

Lá estava, porém, exigindo atenção.

Se nada mais, o trabalho causou uma distração do meu humor pouco característico.

Abrindo, encontrei algo um pouco inesperado. Não o preâmbulo desesperado, cheio de mágoa, raiva e amargura.

Mas, antes, um nome. Seguido por instruções para pesquisar sua presença online.

Curiosa, fiz isso antes de terminar o e-mail, me perguntando quem diabos era esse cara Fenway Arlington se esse cliente estava falando sobre ele como se fosse alguém.

Encontrei uma tonelada de contas de mídia social cheias de belas vistas, festas épicas, mulheres bonitas em iates e na beira da piscina.

Estética de cara rico, era assim que você descreveria sua presença nas mídias sociais.

Rico em dinheiro antigo, rico de nascimento.

Rico era rico, mas não podia comprar iates. Eles não podiam flexionar tanto.

Próspero era uma categoria própria, da qual esse homem pertencia.

Não havia fotos boas e íntimas do homem, apenas uma sugestão de um perfil aparentemente bonito, o contorno de um traje muito sofisticado, as pernas.

Não havia selfies de perto para ver se ele também ganhou a loteria genética, além da socioeconômica.

Interessada, cliquei de volta no e-mail.

Há uma centena de mil dólares legais para você, se você puder fazer o impossível.

Se você pode fazer Fenway Arlington se apaixonar por você.

Talvez eu devesse suspeitar desse tipo de dinheiro. Mas, novamente, eu sabia o que a amargura fazia com uma mulher. Isso poderia fazê-los se esforçar para dar o troco.

Se Fenway Arlington era um louco milionário, não foi um grande salto imaginar alguns dos ombros contra os quais ele esfregou, e as mulheres com quem deitou e partiu o coração, também eram prósperos.

Você usará o seu passaporte, o e-mail adicionou. *Fenway está enfrentando problemas em Paris pela terceira vez este ano. Ofereceerei cinco mil adiantados como dinheiro de boa-fé, se você concordar com o trabalho.*

Cinco mil não era nada para se desprezar.

E acima de tudo, poderia ver uma nova vista.

Como regra geral, eu não fazia trabalhos internacionais. Havia muito risco lá. Leis diferentes. Era delicado.

Dito isto, não havia nada ilegal em fazer um homem se apaixonar por você. Então partir seu coração. Certamente não na França, pelo menos.

Eu tinha passaporte.

Só tinha um carimbo: de uma viagem escolar no final do ensino médio com Raven até as Bahamas para desabafar e beber legalmente enquanto ainda éramos tecnicamente ilegais.

Parecia que eu estava prestes a conseguir outra.

A excitação borbulhou na minha barriga, uma leve efervescência de antecipação como champanhe, enquanto digitei uma resposta antes de sair da cama, nem mesmo me preocupando em me trocar, apenas virando Wanda na direção da costa leste.

Raven estava conseguindo seu desejo.

Estava indo visitar.

Mas apenas para que pudesse estacionar Wanda na garagem dela enquanto eu ia.

Eu apenas diria a ela que estava tirando férias. Não precisava que se preocupasse com trabalhos internacionais. Ela estava ocupada o suficiente.

Além disso, isso seria moleza.

Quero dizer, quão difícil poderia ser fazer Fenway Arlington se apaixonar por mim?

2

FENWAY

Paris estava ficando cansativo.

Após cerca de três semanas, já estive em todas as festas que vale a pena ir, visitei todos os velhos amigos que já fiz, jantei com várias mulheres bonitas, mas totalmente desinteressantes.

Já era hora de seguir em frente.

Ir aonde, eu não tinha certeza.

Em algum lugar quente e ensolarado.

Eu não tinha levado meu iate em nenhum lugar desde que deixei Miller na Grécia.

Eu tinha certeza de que sentia minha falta.

— Você não está prestando atenção, — uma das meninas da mesa me disse, fazendo beicinho.

Ela estava certa. Eu não estava. Porque terminei aqui. E assim que terminava, minha mente não conseguia focar em outra coisa senão a próxima motivação para perseguir. A próxima cidade para se perder. Os alimentos. As festas. Os velhos amigos. Os novos que conheceria.

Talvez o incidente internacional que poderia criar.

Meus velhos amigos na *Quinton Baird & Associates* não ouviam falar de mim há um tempo. Também estávamos atrasados para uma reunião.

Se eu pudesse encontrar uma mulher com quem criar um escândalo, é isso.

As mulheres na minha mesa eram todas iguais. Bonitas, ansiosas, acolhedoras.

Sem desafio.

As pessoas que me conheceram geralmente pensavam que eu gostava de tudo leve, divertido e fácil.

O que era verdade de várias maneiras.

Mas não quando se tratava do tipo de mulher que chamava minha atenção por mais de uma noite.

Não.

Aquelas mulheres sempre tinham algo a mais.

Mesmo se esse 'extra' fosse simplesmente o fato de eu não poder tê-las.

Porque elas eram casadas com chefes da máfia russa.

Aquela foi uma divertida.

Custou-me uma quantia quase dolorosa para solucionar aquilo. Mas valeu a pena no final.

Além disso, as mulheres forçadas a casamentos infelizes com idiotas que as tratavam como sujeira também mereciam um pouco de diversão.

A mulher à minha frente, com os lábios amuados, não acostumada a ser ignorada quando estava habituada a ser sempre a mulher mais bonita da sala, não era um desafio. Se eu inclinasse um dedo, ela o seguiria. Apenas mais uma, caçadora de fortunas todos os dias, alguém que estava disposto a garanti-la de costas ou de joelhos.

E enquanto admirava alguém que sabia o que queria e o perseguia incessantemente, era fácil demais. E fácil era chato.

Mas decidi que, quando meus olhos começaram a vasculhar o bar, fácil era tudo o que encontrei na minha última noite nesta cidade em particular.

Estava prestes a deixar algum dinheiro em cima da mesa e convidar todas elas para minha suíte para uma festa na banheira de hidromassagem e muito champanhe.

Então lá estava ela.

Havia algo no ar em uma sala quando o tipo de mulher que Estava atrás entrava nela.

Tornava-se mais espesso e mais lento, amanteigado, suave e exigindo atenção.

Meu olhar seguiu a vibração, encontrando a fonte.

Pela aparência das coisas, não fui o único que notou a carga no ar. Porque todos os homens nas proximidades estavam com os olhos nela.

Essa criatura arrebatadora em um vestido preto sem costas que mergulhava mais baixo na parte inferior das costas, com os saltos altos, os cabelos louros ondulados, o rosto perfeitamente simétrico e delicado, com os olhos inteligentes, frios e azul esverdeados.

Ela atravessou a multidão como uma rainha caminhando para o trono, com o queixo paralelo ao chão, os ombros para trás, a marcha segura, os quadris balançando apenas a quantidade certa.

Absolutamente perfeito.

Perfeito.

— Senhoras, — eu disse enquanto a mulher em questão se sentava no bar, pedindo uma bebida ao barman perplexo. — Tenham mais algumas rodadas e pegue uma carona para casa por minha conta, — eu disse a elas, enfiando a mão na carteira, jogando um maço de dinheiro na mesa.

Imaginei que havia uma mistura de prazer com a quantia deixada ali para ser dividida, bem como a decepção de saber que era tudo o que elas conseguiriam de mim.

Mas não me incomodei em ver tudo isso acontecer.

Não quando a mulher tinha o cotovelo no bar, o braço esbelto erguido para segurar o rosto na mão.

Entediada.

Bem, eu certamente poderia ajudá-la, não poderia?

Afastando-me da seção VIP, desci as escadas quando o primeiro homem corajoso se aproximou. Jovem e arrogante, ele se aproximou agressivamente, inclinando-se para o espaço dela, obtendo um olhar gelado de lado. Mesmo à distância, eu podia ver sua única resposta a ele antes de voltar sua atenção para a traseira do bar.

— Não.

Strike um.

Não demorou muito para que o próximo homem se intrometesse. Mais velho. Em algum lugar por volta da meia idade, bonito o suficiente, mesmo que ele estivesse perdendo uma batalha com doces a julgar pelo pneuzinho na cintura. Mas aquele terno que ele usava era de marca. O relógio no pulso custava dez mil dólares.

Se ela estava atrás de um marido ou papaizinho rico, essa seria sua escolha.

Ela não se incomodou nem em olhar quando ele começou seu discurso, apenas o deixou terminar seu preâmbulo antes de balançar a cabeça para ele também.

Interessante.

Uma linda mulher vestida como ela estava, sozinha em um bar. Elas estavam lá tipicamente por um motivo. Geralmente, esse motivo era um homem.

Mas ela não checou o telefone ou olhou em direção à porta, não olhou para o relógio na parede à esquerda.

Não parecia que ela estava esperando por alguém importante.

Ainda mais intrigante.

Eu recuei, deixando o próximo cara tentar a sorte. Mas o idiota nem se deu ao trabalho de tirar o anel de casamento quando ele foi até ela.

Isso pareceu chamar a atenção dela quando ele acenou com a mão para gesticular.

A cabeça dela girou devagar, os olhos aguçados, uma predadora avaliando sua presa.

Eu não conseguia entender as palavras ou o tom quando ela falou, mas a frigidez de sua expressão enviou um calafrio através de mim, a uns seis metros de distância.

O homem se encolheu diante dela, ombros curvados, queixo caindo em direção ao peito.

Quando ela terminou de falar, ele parecia adequadamente castigado, saindo correndo. Não para se juntar aos amigos do outro lado da sala, mas direto pela porta da frente. Imaginei que ao lar de sua esposa amorosa e inocente.

— Agora, como ele vai para casa e oferecer suas bolas à esposa, se você as têm no bolso? — Perguntei, me instalando ao lado dela, olhando para frente, acenando com a cabeça para o barman que já conhecia minha bebida. Estive neste bar muitas vezes ao longo dos anos.

— Isso parece problema dele, — ela me disse. E para uma rainha do gelo, essa voz era toda de leite e mel, doce e suave. Eu não pude deixar de imaginar como parecia quando estava gemendo.

Mas uma coisa de cada vez.

— Se você não está esperando por seu homem, e você não vai divertir nenhum dos que estão chegando, o que você está fazendo aqui?

— Uma mulher não pode tomar uma bebida sozinha em um bar?

— Claro que pode.

— E como você sabe que não estou esperando por um homem? Você esteve me observando? — Ela perguntou, meio virando a cabeça em minha direção, o

olhar frio fazendo uma lenta varredura. Eu não tinha certeza de que alguma vez me senti tão exposto antes quanto naquele momento.

— Sim, — eu admiti, imaginando que seria inútil mentir. — Mas a culpa é sua. Você é muito visível. — Algo sobre isso pareceu irritá-la. Quando a cabeça dela olhou para frente novamente, poderia jurar que seus olhos reviraram. — Faz muito tempo desde que vi alguém repreender três homens tão rapidamente, — acrescentei, ainda não pronto para ceder, mesmo que meus encantos de sempre parecessem estar falhando.

— Não faz muito tempo que três homens mereceram, — ela retrucou.

— Oh, não podemos ser todos tão ruins, — eu disse a ela, sorriso se mostrando.

— Como você? — Ela perguntou, me dando sua atenção mais uma vez. — Com o sorriso de menino e a estrutura óssea que fala de boa criação e o belo terno, mas a casual falta de gravata e dois botões desabotoados? Você é um dos bons? Com o harém de garotas ainda pairando sobre você a meio bar daqui?

— Então, eu não era o único a observar, — concluí, sentindo que tinha algo em que me apoiar agora, fazendo meu sorriso passar de infantil para arrogante. — Era eu que você estava esperando, não era? Seu coração estava em mim desde o momento em que você entrou pela porta. Não se preocupe, você não seria a primeira a ficar caidinha apaixonada por mim à primeira vista. — Eu provoquei, observando como uma de suas sobrancelhas se arqueou lentamente.

— Eu me pergunto o que isso deve dizer sobre um homem que precisa da atenção de todas as mulheres em um bar? — Ela meditou, falando com o barman que parecia desconfortável sendo colocado em foco, parecendo sentir que sua espetadela era para mim, e não querendo arriscar sua gorjeta.

— Eu acho que diz que leva muitas mulheres para preencher o espaço da *uma* mulher certa.

— Eu não sou a mulher certa.

— Você não sabe que tipo de mulher certa estou procurando.

— Pernas abertas, boca fechada, provavelmente.

— Veja, agora é onde você está errada. Eu gosto de bocas abertas também. Oh, não olhe para tudo sob essa sua lente cínica, — sugeri quando o lábio dela se curvou com a minha expressão, entendendo mal o meu significado.

— É a única lente que tenho, senhor...

— Arlington. Fenway Arlington.

— Fenway Arlington, — ela repetiu, e eu tenho que admitir que gostei da maneira como meu nome soou em seus lábios. — Alguém no mundo tem um nome tão pretensioso quanto você, Sr. Arlington?

— Bem, eu tenho uma prima chamado Love.

— Seu nome real? Na certidão de nascimento? — Ela perguntou, incrédula.

— Na certidão de nascimento. E todos os cobertores de bebê dela com monograma.

— Tudo bem. Love vence.

— Posso perguntar seu nome? — Eu perguntei. — Ou devo continuar chamando você de Rainha do Gelo na minha cabeça?

— Wasp.

— Wasp? — Eu repeti, e foi a minha vez de não acreditar. — Esse deve ser o nome de bar.

— Nome de bar?

— O nome que você dá a homens aleatórios em bares, porque você não gosta da familiaridade deles chamarem você pelo seu nome real.

Houve um momento de interesse desconcertante antes que ela o reprimisse.

— Eu não tenho um nome de bar. Meu nome é Wasp.

— Não se preocupe, Wasp, — eu disse a ela, abandonando aí , sabendo que ela iria pedir mais.

— Preocupar com o quê? — Ela perguntou, incapaz de se conter.

Meu olhar deslizou em sua direção, segurando o dela por um longo momento.

— Eu não me importo de ser picado, — disse a ela, deixando mais dinheiro no bar, levantando-me e saindo.

Wasp, e eu ainda não estava convencido de que esse era o nome real dela, precisava ser deixada em suspenso. Ela precisava estar no anzol. Ela não era o tipo de mulher com quem você poderia fechar um acordo em uma noite. E se ela fosse, eu não estaria tão interessado.

As chances eram de que, se ela estava neste bar, estaria no hotel do outro lado da rua.

O que significava que iremos afortunadamente, por acaso, encontrar-nos novamente.

Eu balancei minha cabeça para meu motorista, decidindo voltar andando para o meu próprio hotel.

De repente, a cidade que se tornou tão chata para mim, mais sombria e menos emocionante do que quando cheguei no início, voltou à vida.

Luzes brilhavam.

Música explodiu.

Amantes se beijaram nos cantos.

Tudo pulsava, implorando para ser experimentado.

Talvez eu não tivesse tão farto de Paris, afinal.

Quero dizer, eu não poderia simplesmente deixar uma mulher como ela sozinha na cidade do amor, agora, poderia?

3

WASP

Paris era tudo o que eu pensava que poderia ser. E mais. E menos.

Eu havia experimentado esse fenômeno mais vezes do que eu poderia contar ao longo dos anos. Quando construí minhas expectativas para os arranha-céus imponentes, que nada pode superar.

Havia algo a ser dito pelo fato de que estava experimentando por conta própria. Havia algo em compartilhar uma experiência de viagem com outra pessoa que a tornava ainda mais especial.

Ter alguém para apontar as coisas.

Você viu aquilo?

Você ouviu isso?

Oh, meu Deus, tire uma foto disso.

Eu acho que precisamos nos presentear.

Sozinha, eu era ao mesmo tempo o sentimento de admiração e a voz da razão. Então, não parei pelo terceiro doce na minha caminhada do hotel até a loja da esquina, onde eu precisava pegar uma fita dupla face para poder colocar o vestido que usaria para conhecer a Fenway Arlington.

Conhecer.

Mas estava de olho nele por dois dias, até o verdadeiro encontro fofo.

Eu precisava estudá-lo, já que o cliente que me contratou foi estranhamente de boca fechada sobre tudo em seus e-mails.

Estava acostumada com as mulheres desabafando e me dizendo sobre suas situações, tudo desde como elas e os cônjuges se conheceram até quando suspeitaram que estavam traindo. Eu sabia os nomes e idades das crianças, descrições físicas das estrelas pornôs que eles conheciam que seus cônjuges preferiam. Eu conhecia seus horários diários e quais eram suas bebidas favoritas.

Mas, no caso de Fenway, tudo o que recebi foram algumas mensagens enigmáticas, alegando que ele era alguém que causou muitos incidentes internacionais, porque mulheres precisaram ser mantidas fora das páginas da

sociedade por um “solucionador” profissional. E então me disseram como ele precisava ser posto de joelhos por uma mulher, para que ele pudesse aprender as repercussões de seu estilo de vida.

Esse era um tipo de vingança fria, se você me perguntasse, mas entendi mais do que o tipo de vingança intensa, bruta e com nervos expostos com a qual a maioria das mulheres normalmente se aproximava de mim.

Frieza era natural para mim.

E depois de ver a animação que era Fenway Arlington, e todas as mulheres que se reuniam ao seu redor, coelhinhas de fundos fiduciários, eu sabia que minha frieza natural, talvez até um pouco amplificada, era exatamente o que iria me separar, fazer me intrigante.

Combine isso com um vestido que expôs mais do que cobriu, nem mesmo me incomodando em colocar pétalas de flores nos meus mamilos sob o material escorregadio, e eu estava bastante atraente para o seu lado animal.

Ele foi um homem fácil de encontrar, mesmo em uma cidade tão movimentada quanto esta.

Ele era um homem rico, o que significava que ele se reunia em lugares que tinham seções VIP e tudo de primeira. O que estreitou as coisas um pouco.

Então, uma vez que o encontrei, deformada com roupas enormes, óculos e um chapéu, por precaução, ele foi fácil de identificar entre uma multidão.

Havia um magnetismo nele que fazia você o notar imediatamente, mesmo que de alguma forma não percebesse sua ridiculamente boa aparência.

Era quase desagradável ser ao mesmo tempo incrivelmente bonito, em forma, elegante e imensuravelmente rico.

Dito isto, desagradável era uma característica que parecia chegar a ele naturalmente às vezes.

Eu o segui até alguns estabelecimentos ao longo das primeiras duas noites de trabalho de vigilância.

Ele era sempre quem falava alto, criando problemas, instando os outros a participarem de alguns também.

Ele era exagerado, generoso e completamente despreocupado com costumes sociais ou leis reais.

Uma parte de mim estava preocupada com o fato de, mesmo que eu chamasse a atenção dele, a duração de sua atenção seria muito curta para poder executar um grande golpe nele.

Então lá estava ele.

E então ele se foi.

Deixando-*me* em suspenso.

Eu.

Ninguém me deixava em suspenso.

Ninguém.

Não era assim que funcionava.

Eu os colocava para sofrer.

Não o contrário.

Virei o resto da minha bebida, saí do banquinho e caminhei em direção à porta, os saltos batendo com tanta força no chão com a minha agitação que fiquei surpresa que eles não quebrassem.

Ele pensou que estava brincando comigo, decidi enquanto caminhava para o elevador do meu hotel. Ele pensou que, esquivando-se e fugindo, me faria salivar atrás dele. Ele pensou que tinha o controle.

Bem.

Ele só teria que aprender, não era?

Ninguém tem controle sobre mim.

Certamente não no jogo de gato e rato que era intriga, interesse e química sexual.

Ah, não.

Eu só tinha que acelerar na próxima vez que o vir. E eu o veria novamente. De jeito nenhum eu iria recusar o tipo de dinheiro que mudava a vida que estava sendo oferecido a mim só porque estava chateada que esse menino-homem pensou que poderia me intrigar.

— Eu disse para você não me ligar, — eu reclamei no telefone para Raven, sabendo que eram apenas seis da manhã em Navesink Bank, que ela estava se esforçando para me checar tão cedo.

— Você sabe que eu tenho que me preocupar com você.

— Não há nada com que se preocupar, — assegurei a ela.

— Você está fazendo um trabalho internacional. Há muito o que se preocupar.

Ela me quebrou quando deixei Wanda. Não me pergunte como ela conseguiu, mas ela descobriu a verdade sobre a viagem. Então ela prontamente começou a se preocupar com isso.

— É um trabalho muito seguro, — assegurei a ela. — Sério. O cliente é como um cachorrinho. Todo língua lambendo e abanando a cauda, sem cérebro.

— Como você sabe sobre a língua dele lambendo? — Ela perguntou, com tom de provocação.

— Oh, eca. Não. Nojento.

— Então ele é feio?

— Não. Ele é realmente impressionante. Mas isso não vem ao caso.

Eu não era necessariamente moralmente contrária a dormir com um alvo. De fato, não havia muitas coisas contra o meu código moral. Mas não queria que fosse assim. Isso tirava um pouco do poder. As mulheres detinham todo o poder até o momento que as costas batiam no colchão. Depois disso, em muitas situações, ela acabava no lado perdedor. Era um negócio ruim.

Claro, às vezes, havia alguns amassos e apalpadas. Mas sempre vi isso mais como atuação do que qualquer outra coisa.

Certamente nada ia tão longe quanto o sexo oral.

E eu planejava continuar assim.

Os homens eram mais fáceis de conduzir quando pensavam com seus paus insatisfeitos. Eles eram tão maleáveis quanto garotinhos. Tão ansiosos para agradar também.

Você queria que ele salivasse, morrendo por um toque, um gosto.

E então você queria continuar negando-o.

Até que ele estivesse tão sobrecarregado com hormônios sexuais que era levado a pensar que estava loucamente apaixonado.

Então, bem, ele ofereceria absolutamente qualquer coisa no mundo para ter você.

Era exatamente quando você arrancava o chão debaixo dele.

Funcionava como um encanto.

Toda vez.

Também funcionaria em Fenway Arlington, uma vez que ele soubesse que não estava no comando aqui. — Estava apenas brincando. Estou meio delirante por falta de sono. Todas as crianças pegaram um pouco de dor de barriga. Tem sido... difícil por aqui. Mas Roman e eu parecemos ser imunes, então peguei o turno da noite, e ele vai pegar o dia para que eu possa dormir.

— Pobrezinhos. Não consigo imaginar.

Não podia mesmo.

Eu nunca fui responsável por uma coisa viva. Meu irmão uma vez me comprou uma planta aérea como um presente de inauguração do meu skoolie quando finalmente me mudei em tempo integral. Eu a matei. Uma planta aérea. Algo que praticamente vivia sozinha no ar e algumas gotas de água de vez em quando.

Eu me mantive viva. Às vezes, quase isso. Era o melhor que pude fazer.

Raven, e qualquer um que conseguisse manter crianças e muitos animais de estimação, ou mesmo um monte de plantas domésticas enjoadas vivas me surpreendiam.

— São momentos como esses que nos fazem pensar seriamente em Roman fazendo uma vasectomia. Mas então eles ficam bem e fazem algo realmente doce, e seu útero dá esse pequeno aperto...

— Um útero apertado parece um problema médico.

Para isso, uma risada sufocada escapou dela, quente e feliz ao meu ouvido, mesmo a meio mundo de distância.

— Eu sei que parece estranho. Eu nunca entendi até que Roman e eu estávamos juntos por um tempo. Mas, de repente, você vê um lindo bebê e sente o aperto.

— Tenho certeza de que meu útero não aperta. Vejo bebês e penso em fraldas sujas e baba, e um horário de sono esporádico.

— Sim, mas você não está com ninguém.

— E nunca estarei, — eu a lembrei.

Raven costumava aceitar essa afirmação pelo valor que era, reconhecendo que nem todo mundo era destinado a relacionamentos de longo prazo, que uns eram mais felizes sozinhos.

Mas o casamento e uma vida familiar feliz a transformaram em uma romântica irremediável, que não tão secretamente estava decidida em eu encontrar

o homem certo que me levaria a me acalmar. E então talvez eu pudesse ter dois filhos e poderíamos criá-los juntos.

Era uma imagem fofa, eu admito.

Exceto que nunca vi nada disso no meu futuro.

— Você me conhece, a única coisa que me traz alegria é destruir um homem.

Eu praticamente podia ouvir o revirar de olhos que ela estava me dando. — Tudo bem. Certo. Então, como está indo a destruição deste homem?

— Ele jogou um problema nos trabalhos, — admiti, porque estava confortável em admitir falhas para exatamente uma pessoa no mundo, e ela era.

— Alguém tirou o melhor sobre você? — Ela ofegou, tão chocada quanto eu ainda estava me sentindo. — Um *homem* te passou a perna?

— Me mata admitir, mas sim. Sim, ele o fez. Ele se aproximou, conversou e saiu dessa maneira irritantemente arrogante. Como se soubesse que estava tendo vantagem.

— Então agora, é claro, você deve fazê-lo pagar.

— Naturalmente.

— Eu sei que você precisa ficar acordada a noite toda para planejar o fim desse homem, mas tente dormir um pouco. E mantenha a cabeça em seu lugar. Vou te conferir antes de dormir e quando acordar novamente. Me mande uma mensagem se algo parecer estranho. Não posso estar aí rapidamente, mas posso estar presente.

— Você é a melhor, mas tudo vai dar certo. Eu subestimei meu oponente. Isso não vai acontecer novamente.

— Acredito em você, — ela concordou. — Tudo bem. A cafeteira está me chamando com seu dedo mindinho sexy. Tenho que ir. Eu te amo.

— Eu também te amo, — eu concordei, desligando, caindo aos pés da minha cama toda branca, me inclinando para frente para desfazer as tiras nos meus saltos.

Com um suspiro, caí de costas na cama, olhando para o ventilador de teto, imaginando qual seria meu próximo passo, qual seria a reação dele.

Normalmente, muito pouca atenção realmente entrava em um trabalho.

Eu descobri o sexo oposto no meu segundo ano.

Havia três motivadores para eles.

Sexo.

Comida.

E o que quer que fosse que os fazia sentir-se viril. Ser bom no futebol. Detonar em algum jogo de guerra em seu console de jogos. Saber mais sobre filmes obscuros de terror do que qualquer outra pessoa. Fosse o que fosse, isso lhes dava superioridade.

Sexo era fácil.

Os alimentos podem ser comprados e rearranjados.

E na minha experiência pessoal, a terceira, essa era uma das mais poderosas de todas.

Era por isso que os caras dos quadrinhos quase melavam as calças quando se depararam com uma garota bonita que compartilhava sua paixão. Por que os homens colocam um anel no dedo da garota cuja temporada favorita era de futebol?

Eles queriam que você gostasse do que gostavam. Mas não saber mais sobre isso do que eles.

Esta pequena peculiaridade de caráter também explicava a existência de mulheres camaleões. Você as conhece. Com todo e qualquer relacionamento que elas têm com um homem, elas se tornam outra pessoa. Mais especificamente, elas se tornam exatamente o que esse homem quer que sejam. A garota que odiava esportes de repente usava uniformes o tempo todo e só precisava estar em casa para assistir ao jogo. Aquela que não suportava assistir nem um pouco de sangue fictício de repente estava animada pela próxima noite de luta. A garota que sempre foi uma fã incondicional de música popular boba ficando gótica e indo a shows de metal porque gostava de um baixista de uma banda local.

Claramente, essas mulheres estavam com falta de autoconfiança. Mas, sendo assim, pode-se aprender muito com elas. Porque seus métodos funcionavam. Funcionavam sempre, se os aplicassem corretamente.

O problema era que Fenway Arlington não parecia ter um nicho que pudesse ser explorado.

Ele parecia fazer, e apreciar, tudo. De seções VIP e champanhe chique a bares populares com música ao vivo.

Acho que poderíamos chamá-lo de caçador de aventuras. Ele estava sempre procurando a próxima coisa emocionante.

Isso significava que agora era meu trabalho encontrar coisas para fazer, ver e experimentar em Paris, que de alguma forma ele nunca havia feito antes.

Decisão tomada, tirei o vestido, vesti uma calça jeans e uma camiseta, depois saí do hotel, saí pelas ruas, conversei com o adolescente local e com um de vinte e poucos anos, descobrindo o que era quente, o que havia de novo, o que pode ser interessante o suficiente para despertar o interesse de Fenway.

Então eu o levaria até lá.

E então para o próximo lugar.

Até ele ter que saber onde estava conseguindo minhas informações. Até que ele estivesse ansioso pela próxima dose de algo que ele nunca havia tentado antes.

Feito isso, fui a caminho do hotel, desmaiando completamente vestida, espalhada na cama king-size.

Acordei com o sol entrando pelas persianas que tinha esquecido de fechar na noite anterior, enevoada pelo jet lag, sonhos persistentes puxando as bordas da minha consciência.

Mãos cavando na pele.

Lábios pressionados nas curvas do pescoço, entre os seios, nas cavidades do meu osso do quadril, mais abaixo.

E a que cabeça esses lábios pertenciam?

Maldito Fenway Arlington.

— Droga, Raven, — eu assobiei para o meu quarto vazio.

Eu realmente não precisava dessas ideias implantadas no meu subconsciente. Embora, claramente, a frustração sexual subjacente não tivesse absolutamente nada a ver com o próprio Fenway, mas com o fato de que eu nem tinha certeza de quanto tempo se passou desde que conheci o toque de um homem.

Quatro meses?

Deus, mais tempo?

Eu tinha certeza de que era mais tempo.

Não é à toa que eu estava tendo sonhos sexuais.

Bem, isso teria que esperar até que este trabalho terminasse. Isso era muito importante. Eu não precisava de distrações. Nem mesmo da variedade de sexo casual.

Irritada com minha mente, meu corpo e Fenway Arlington, por nenhuma outra razão de que ele tenha participado daquele sonho sexual, corri para um banho, colocando um cuidado meticuloso em minha roupa, caso o homem em

questão estivesse bisbilhotando até mesmo neste início do dia. Procurei aqueles doces que havia me negado no dia anterior, pegando um café para ir com eles e tomei meu café da manhã em um parque local, evitando as armadilhas típicas dos turistas em favor de algo mais honesto.

Mesmo sentada ali, senti uma solidão indesejável caindo sobre meus ombros, fazendo-os cair, me pesando.

Era especialmente estranho, dado o quão acostumada me tornei com minha própria companhia, o quão confortável estava com o silêncio, com experiências privadas que nunca seria capaz de compartilhar adequadamente com alguém que não estivesse lá para compartilhá-las comigo.

— Que gentileza sua garantir o nosso local de piquenique, querida, — uma voz recém-familiar falou um segundo antes de cair ao meu lado na grama, uma cesta de piquenique de verdade na frente dele.

Meu olhar absorveu primeiro a roupa dele, jeans escuros e uma camisa branca de linho.

Foi quase surpreendente vê-lo sem terno, já que todos os vislumbres dele em suas mídias sociais incluíam esse traje de escolha.

Minha cabeça se ergueu para encará-lo, meio escondido por óculos escuros de marca, e fiquei estranhamente decepcionada por não ver seus olhos castanhos claros.

Mas só porque não vê-los tornou mais difícil lê-lo, é claro. Nenhuma outra explicação fazia sentido.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— É assim que você fala com seu guia? — Ele perguntou, abrindo a cesta. — Alguém que trouxe um champanhe muito bom?

— Eu não preciso de um guia de turismo, — insisti. — E são onze da manhã, — eu disse ao champanhe.

— É? Huh, — ele disse, guardando a garrafa e voltando com uma garrafa térmica. — Então é café. Parece que você precisa de mais. Não, não. Eu insisto. — Ele me ignorou quando tentei objetar.

— Por que você está me perseguindo? — Perguntei, pegando o café, mas colocando-o do meu lado.

Você nunca toma um gole de algo que você não preparou ou assistiu ao preparo. Isso era básico em Introdução à Segurança para Meninas.

— Perseguição é uma palavra intolerante. Gosto de pensar nela como uma pesquisa à distância.

— E, no entanto, aqui está você. Tocando meu ombro. — Eu disse a ele quando ele se sentou, não me dando absolutamente nenhum espaço, mas eu era muito teimosa para me afastar primeiro. Tive a sensação de que ele estava apostando nisso.

— Veja, Wasp, eu fiquei acordado a noite toda. Me revirando na cama, incapaz de descansar tranquilo, sabendo que você claramente não chegou a apreciar o quão maravilhosamente charmoso, e sem mencionar diabolicamente bonito, eu sou.

— Então você me seguiu.

— Sim, — ele concordou, assentindo. — Mas eu trouxe lanches, — acrescentou, levantando a cesta de piquenique como prova.

— Lanches deixam isso certo?

— Os lanches deixam tudo certo, — ele insistiu, com tom de zombaria sério, rosto sério.

— Você é ridículo.

— Lamente charmoso.

— O quê?

— Sua frase parou. Claramente, você pretendia dizer que sou ridiculamente charmoso.

— Você é incrível, com certeza, — eu disse a ele, balançando a cabeça.

— Você não pode me dizer que não está nem um pouco curiosa sobre o que eu tenho aqui.

— Com seu atual nível de esquisitice, não ficaria surpresa se fosse a cabeça decepada de sua vítima anterior.

— Hmm, — ele disse, vasculhando o conteúdo. Com a tampa levantada, eu não conseguia ver nada dentro. — Não. Sem cabeças decepadas. Ou outras partes do corpo. Mas temos três tipos diferentes de queijo, bolachas, croissants e uvas.

Embora eu não fosse alguém que se ressentisse de um doce deleite de vez em quando, eu deveria saber que tinha sido uma má ideia logo de manhã com o estômago vazio. O queijo e o pão podem me ajudar a me sentir menos enjoada com a minha indulgência anterior.

Além disso, era tudo sobre dar e receber com esse tipo de trabalho. Você tinha que deixá-los pensar que eles tinham você de vez em quando.

— Que tipo de queijo?

— Bem, vamos ver, — ele disse, pegando pedaços de queijos em pratos de porcelana de verdade.

— Você ... roubou os talheres do seu hotel?

— Estava com pressa.

— Eles não perseguiram você por causa disso?

— Eles vão cobrar no meu quarto.

— Oh, certo. Eles provavelmente estão acostumados com suas palhaçadas agora.

— Como você sabe que eu tive alguma palhaçada?

— Porque você está me perseguindo e tentando me levar no papo com comida roubada. E você está agindo como se nada disso fosse grande coisa.

— Oh, Wasp, querida, é aí que você está errada. Tento levar você no papo muito seriamente. Reblochon? — ele perguntou, segurando uma fatia de queijo até os meus lábios.

Eu odiava ser alimentada como se fosse criança. Isso me enojava. No entanto... meus lábios se separaram, permitindo que ele pressionasse a pequena fatia dentro.

— Sim, isso pode ser um gosto mais adquirido, — ele concordou quando meus lábios torceram. — Venha, tome um champanhe como uma verdadeira francesa.

Engasgando-me com o queijo, raspei minha língua no céu da minha boca. — Tenho certeza de que os franceses não bebem champanhe pela manhã, Sr. Arlington.

— Não? — Ele perguntou, virando-se para um homem andando perto de seu lado.

— Meu bom senhor, — ele falou, chamando a atenção do homem de meia idade. — Você gostaria de uma taça de champanhe? — Ele perguntou, acenando com a garrafa para o estranho que soltou uma sequência rápida de francês. Não peguei exatamente nenhuma palavra, exceto *americano*.

Imperturbável, Fenway retornou com impecável francês.

— Voir cette belle femme? — Ele perguntou, fazendo o homem parar, se virar e olhar para mim antes de acenar para Fenway. — J'essaie de l'impressionner. Aidez-moi ici.

Para isso, os lábios do homem se curvaram e ele assentiu a Fenway.

— Oh, meu Deus, como você tem taças de champanhe aí? São de vidro de verdade? — Perguntei quando ele alcançou a cesta novamente, pegando três taças.

— Eles prendem à tampa, — ele me disse, encolhendo os ombros, como se isso fosse algo que todo mundo sabia sobre cestas de piquenique. Inferno, eu realmente fiz piqueniques com mais frequência do que comi dentro do meu skoolie e nem sequer tinha uma cesta de piquenique. — Viu? — Ele perguntou quando abriu o champanhe, deu para o homem, e ele engoliu antes de devolver a taça, dando a Fenway um olhar perspicaz, depois seguiu seu caminho.

— O que você disse a ele? — Exigi, estreitando os olhos quando ele me serviu uma taça, fazendo minha boca salivar.

Veja, o que Fenway não sabia, não podia saber, era que eu era doida por champanhe. Eu poderia beber um copo de vinho, se necessário, mas sempre preferiria algo com bolhas, se pudesse. Também geralmente gostava do rosé, como aquele filme antigo que vi quando criança, que achei tão elegante e legal. Você sabe, aquele com a socialite em treinamento e o playboy que se conheceram no barco e foram para a Itália juntos? Que clássico.

— Eu fui sincero, — ele me disse, segurando a taça. — Eu disse a ele que estava tentando impressionar uma mulher bonita e pedi sua ajuda para fazê-lo. O quê? — Ele perguntou quando senti meu lábio enrolar. — O que eu poderia ter dito? — Ele perguntou, sacudindo a cabeça enquanto eu me movia para ficar de pé, pegando meu copo de café e me virando para ir embora.

Estava caindo nessa.

Por apenas um momento lá.

Esse charme que ele continuava mencionando.

Ele tinha. De sobra. E foi convincente.

Convincente o suficiente para começar a enganar uma verdadeira trapaceira da vida real.

Então ele teve que ir e arruiná-lo.

Claro, fiquei feliz por ter sido arruinado. Não era como se eu estivesse gostando. Afinal, isso era um trabalho.

Mas estava irritada comigo mesma por ter ficado um pouco envolvida no momento. Na cena.

Claro que ele era como todo o resto.

Todos eram iguais.

Rostos diferentes, nomes diferentes, mesmos traços de personalidade tóxica, a mesma paixão decepcionante por coisas superficiais.

Novo, brilhante e simétrico.

Era isso que caras como Fenway, e estava ficando cada vez mais convencida, todos, procuravam.

Eu me arrastei de volta para o hotel, irritada comigo mesma por ficar excitada. Este era o mesmo de sempre. Não havia nada novo ou inesperado para se frustrar. Certamente não era nada para estragar um trabalho.

Por outro lado, ninguém disse que estava ferrado. O plano era sempre sair bruscamente, sempre deixá-los querendo mais, sempre precisando continuar a perseguição. Não era divertido para eles uma vez que te pegavam.

Talvez essa explosão tenha funcionado em meu favor.

Eu começaria novamente mais tarde. Bem vestida. Fazer um show olhando algumas vitrines, sendo vista caso ele estivesse na área. Então, indo para o destino, algo que eu esperava que Fenway ainda não tivesse experimentado.

Então as coisas iriam voltar aos trilhos.

Ou tão nos trilhos quanto poderia estar quando aquele maldito sorriso irritante de menino dele brilhava em toda a minha visão.

Que diabos foi isso?

4

FENWAY

Já tive mulheres me recusando antes. Quando você paquera a maioria das pessoas com quem se deparava, as chances são de que você conhecerá a rejeição mais do que algumas vezes. Não importa o quão rico você fosse. Não importa se você nasceu com bons genes.

Dito isto, nunca tive alguém abruptamente de pé e fugindo quando estávamos no meio de uma conversa aparentemente amigável.

Minha propensão a fazer asneiras numa escala épica, possivelmente de final de vida, não era ávido por punição. E eu respeitava o direito de uma mulher de me afastar.

Normalmente, aceitava o golpe e passava para a próxima.

Por que, então, eu vesti um terno e permaneci no bairro dela 'para tomar café' quando havia um café muito melhor perto do meu hotel, você deve estar se perguntando?

Sim, bem, estava pensando isso também.

No entanto, lá estava eu.

Como um filhote de cachorro perdido procurando por seu dono.

Havia outras ruas para caminhar.

Aviões para pegar.

Iates para embarcar.

Pontos turísticos a serem vistos.

No entanto, não havia como negar que o único que parecia importante naquele momento era algo com ela nele.

Absurdo e exagerado?

Absolutamente.

Embora ninguém pudesse me chamar de enfadonho e sensível de qualquer maneira, talvez não fosse tão fora do normal quanto parecia.

Havia um constrangimento, uma incerteza crescendo no meu estômago enquanto eu caminhava pela rua pela quarta vez, meu terceiro café provocando as terminações nervosas em frangalhos.

Estava prestes a perder a esperança, afogar esse desconfortável senso de auto realização em muitas bebidas no bar mais próximo, talvez levar uma mulher de volta ao meu hotel para tentar expulsar imagens da minha mulher geniosa e misteriosa.

E então lá estava ela.

Como um chute nas entranhas em um vestido de seda azul cerúleo que flertava com linhas do decoro com a falta da bainha, a maneira como o corpete pendia um pouco frouxo, permitindo que ela caísse apenas o suficiente para deixar claro que ela não podia estar vestindo um sutiã com algo assim.

De alguma forma, não percebi suas longas pernas em ambas as minhas leituras anteriores de seu corpo. Na primeira noite, estava focado nas costas nuas dela, seu rosto deslumbrante quase sobrenatural. Na próxima vez, fiquei distraído com o cabelo dela, pela maneira como suas sobrancelhas reagiam a tudo o que ela ouviu ou disse.

Mas eram longas, levemente bronzeadas, tonificadas sem serem volumosas, fazendo parecer ainda mais longas pelos saltos de quinze centímetros em seus pés.

Seu cabelo estava solto, como ela sempre usava, flertando com seus ombros, virando as pontas para cima com a brisa.

Eu a deixei caminhar até a metade da rua antes de correr, chegando atrás dela, agarrando sua mão, depois balançando-a entre nós quando andei com ela.

— Sério? — Ela perguntou, sem parecer surpresa com a minha súbita aparição, e também não puxando a mão imediatamente.

— Você quase saiu sem mim, querida.

— Eu quase escapei de você, estranho, — ela retrucou, deixando-me balançar os braços mais duas vezes antes de puxar sua mão da minha, curvando-a em um punho para que eu não pudesse reivindicá-la novamente.

— Então, para onde você está me levando? — Perguntei, apertando minhas mãos atrás das costas.

— Direto para a delegacia, possivelmente.

— Não. Você está fascinada demais por mim para fazer algo cruel como isso.

— Você não tem um jato particular para pegar ou algo assim?

— Eu não tenho nenhuma preocupação no mundo. Exceto pela tristeza avassaladora que sinto por sua rejeição.

— De alguma forma, acho que você vai sobreviver, — ela me disse, revirando os olhos. — Eu tenho planos esta noite. Então vá incomodar outra mulher.

— Oh, minha querida Wasp, você é a única mulher que quero incomodar.

— Caramba. O que eu fiz para ter tanta sorte? — Ela brincou.

Ignorando isso, continuei. — Onde estamos tendo nosso segundo encontro?

— Nós não tivemos um primeiro encontro.

— Claro que sim. Comemos queijo e champanhe. Fizemos amizade com os habitantes locais. Era absolutamente um encontro.

— Estou indo ao cinema, — ela me informou. — Você não está convidado.

— Você sabe o que eu gosto nos cinema?

— Eu não quero saber.

— São lugares públicos. Duas pessoas que estão lá, não em um encontro, ainda podem, de alguma forma, ficar sentadas lado a lado e curtindo a experiência juntos. A mulher pode até se consolar em um ombro simpático se o filme partir o coração dela.

— Nada parte meu coração, — ela me disse, dando-me um breve contato visual.

— Eu não duvido disso. Tudo bem. Talvez o filme seja assustador e você precise esconder seu rosto no tecido do meu traje.

— Não me assusto tão facilmente.

— E se eu ficar assustado, então?

— Não é um filme de terror que eles estão exibindo hoje. É o seu drama comum de todos os dias.

— Parece esplêndido.

— Esplêndido? — Ela retrucou, erguendo a sobrancelha.

— Sim, esplêndido.

— Ninguém diz a palavra 'esplêndido'.

— Oh, mas eu digo.

— Claro que sim, — ela disse, virando numa rua lateral.

Ficamos em um silêncio agradável. Ela, porque não parecia inclinada a falar comigo e eu, porque eu não queria estragar tudo antes de chegarmos ao cinema.

— Eu nunca ouvi falar desse lugar, — admiti quando ficamos na frente, olhando para o letreiro de neon vermelho.

Le Brady.

— Não é o melhor guia de turismo, afinal, — ela me disse, entrando, me deixando seguir. O que eu fiz. De bom grado.

O interior era o que você poderia esperar de qualquer teatro de arte típico em qualquer lugar do mundo. Uma sala pequena e comprida, com apenas cinquenta a setenta e cinco assentos muito apertados. Estes, em vermelho, de frente para a tela de projeção

Estava vazio quando caminhamos para dentro. As noites de terça-feira não eram uma grande noite de saída para os habitantes locais, e este lugar não estava em nenhum dos artigos do tipo turísticos sobre lugares para visitar.

Eu já visitei essa cidade inúmeras vezes desde que completei dezoito anos. Eu nunca tinha olhado duas vezes para o prédio.

— É bom encontrar novos lugares nas cidades antigas, — eu disse a ela. — É por isso que gosto de visitar Nova York. Toda vez que você vai, pode ser totalmente novo.

— Porque centenas de pessoas perderam seus negócios, — ela insistiu.

— Essa é uma maneira de ver as coisas.

— Você não pode ser otimista o tempo todo, — ela me disse.

— Por que não? Há muitas coisas para se estar otimista.

— A terra está derretendo? Disparidade de riqueza? Tartarugas com canudos enfiados no nariz? Destruição da floresta tropical? Racismo?

— Países bonitos, mulheres bonitas, música bonita, boa comida.

— É importante ser realista.

— Sim, — eu concordei, assentindo. — Mas é tão importante ver algo de bom na vida também. Por outro lado, qual é o sentido de tudo isso? — Para isso, ela não tinha nada a dizer. — Quer saber? — eu perguntei, parando, fazendo-a perguntar.

— O quê?

— Eu acho que você não está tão endurecida quanto finge estar. Acho que você só quer que eu pense que você está, então perco o interesse.

— Por que você está tão interessado? Em uma cidade cheia de outras mulheres. Por que eu?

— Por que não você? Acho que poderíamos nos divertir. Se você se permitir.

— Que tipo de diversão?

— Venha comigo, e você pode descobrir, — sugeri.

— Estamos assistindo a um filme.

— Depois.

— Ir para onde com você?

— Pular em um avião, depois em um iate.

— Você não pode estar falando sério.

— Raramente, mas neste caso, acontece que estou. Arrume suas coisas. Encontre-me na pista de pouso particular.

Com isso, levantei-me, tirando a jaqueta, colocando-a sobre os braços dela que estavam arrepiados, virando e saindo.

Eu sabia que era uma jogada arriscada, deixar isso assim.

Mas às vezes na vida, você tinha que apostar. E eu? Gostei da minha mão.

As pessoas não lutavam tanto para afastá-lo sem nunca se posicionar verdadeiramente, a menos que estivessem interessadas, apenas negando a você e provavelmente a si próprias.

Por quê?

Não fazia ideia.

Eu não poderia afirmar ser alguém atingido por essas reservas. Quando eu queria algo, ia atrás com tudo o que tinha. Até que perdia o interesse, ou passava para a próxima, é claro.

Aparentemente, Wasp era alguém que se negava as coisas que queria. Para quê? Possivelmente sempre ser quem segura as rédeas, sempre com todo o poder.

Mas onde diabos estava a diversão nisso?

Se ela aparecesse, quando aparecesse, eu faria minha missão sacudi-la um pouco, mostrar-lhe uma boa diversão, tirar um pouco do gelo.

Seguro da situação, voltei para o meu quarto, fazendo as ligações necessárias, pois meu assistente, Alvy, cuidadosamente guardava meus pertences, dando um tapa na minha mão se tentasse ajudar, porque 'lembra o que aconteceu da última vez?'

Na verdade, não me lembro.

Mas eles fizeram parecer grave o suficiente para eu cair na cadeira perto das portas deslizantes para observar a cidade uma última vez.

— Então, qual é o nome dela? — Alvy perguntou, rolando cuidadosamente um dos meus ternos nas mãos deles.

Alvy estava comigo há três anos. O que era muito para alguém que normalmente deixava seus assistentes pessoais com raiva depois de alguns meses, não importa quão generosamente eu me ofereci para pagar a eles para permanecer.

Alvy era baixo e magro, com cabelos castanhos médios cortados rente e olhos perspicazes castanho escuro. Vestia-se como vivia, não-binários[4], às vezes em jeans e flanela, outras em uma roupa bem adaptada que não era masculina nem feminina no design. Hoje, eles usava um jeans preto skinny, uma camisa de mangas branca e cinza de botões, com mangas três quartos e tênis que tinham que ser feitos sob medida com um padrão de sapos verdes do lado de fora, com uma língua e cadarço roxo brilhante.

— Wasp, — eu disse a Alvy, dando de ombros.

— Ela não deu o nome verdadeiro, mas você está fretando um jato particular para levá-la para o seu iate? — Alvy perguntou, erguendo a sobrancelha quando entrou no banheiro para pegar meu kit de barbear, enfiando-a em uma das minhas malas.

— Ela não *gosta de* mim, Alvy, — eu disse a eles pressionando a mão no meu coração. — Você pode imaginar?

— A julgar pelo telefonema retórico de três horas que recebi do seu assistente anterior quando comecei, sim, sim, eu posso imaginar.

— Michel tinha opiniões muito fortes sobre ciclos de sono apropriados. Opiniões que claramente não compartilho. É por isso que trabalhamos tão bem, Al, nunca durmo. Você é um insone. É um relacionamento perfeito.

— Ela lhe disse que viria?

— Não em tantas palavras.

— Ela disse isso com alguma palavra? Em linguagem de sinais? Em Código Morse? — Alvy perguntou, sorrindo.

— Seus olhos me disseram que ela estava vindo.

— Oh, pelo amor de Deus, — Alvy zombou, pegando o telefone.

— Para quem você está ligando?

[4] Não-binário é um dos muitos termos usados para descrever pessoas cuja identidade de gênero não é nem inteiramente masculina nem inteiramente feminina. A autora não usa o pronome ele, e sim eles. Então sempre que se refere a ele usa o pronome eles.

— O piloto.

— Para quê?

— Para avisá-lo de que você provavelmente precisará alterar o plano de voo na última hora para um lugar menos romântico e mais focado na festa quando ela não comparecer. — Com isso, eles se foi para a área da cozinha para fazer exatamente isso enquanto preparavam uma nova cafeteira, sendo um demônio por si mesmo e sabendo que eu sempre estava disposto a tomar uma xícara. — Ok, então o que há com essa aqui? — Alvy perguntou, entregando-me meu café alguns momentos depois.

— Hum?

— Ela é filha de um chefão das drogas? Uma princesa de um país pequeno? Uma estrela de cinema aposentada. Na casa dos sessenta?

— Essa foi uma vez, — insisti, sorrindo com a lembrança. — E ela foi um ótimo momento.

— Até que ela cortou seus pneus quando descobriu que você se mudou para a mulher que a interpretava na nova versão de seu filme clássico.

— Não seja ridículo, — eu disse, os lábios tremendo. — Um filme com menos de vinte anos não pode ser considerado um clássico.

— Fui eu quem cuidou da substituição dos pneus e da imprensa, — Alvy me lembrou.

— Eu acredito que te dei um presente de desculpas por isso.

— Você me comprou um conjunto de sala de estar dez mil dólares.

— Isso parece legal da minha parte.

— Eu não tenho casa, — Alvy me disse, revirando os olhos.

— Bem, por que não? Eu não te pago o suficiente? — Eu perguntei.

— Se você me pagasse mais, eu teria que começar a transferir dinheiro para o exterior, — disse Alvy. — A questão não é que eu precise de mais dinheiro. É inútil conseguir uma casa quando eu literalmente nunca estiver lá para passar um tempo nela.

— Então? Eu tenho uma casa. Eu tenho... seis? São seis?

— São onze, — disse-me Alvy. — Embora três sejam propriedades familiares, não totalmente suas.

— Onde estão as duas casas extras?

— Permita-me que comece dizendo que, se você não conhece as cidades e os países de suas residências, pode ser inteligente desfazer-se delas. A mais recente foi um chalé no Colorado.

— Isso não conta. Aquilo é um negócio.

— Um negócio com uma casa de 550 m² para o proprietário. Que você mantém com equipe completa, mas nunca a visita.

— Como eu poderia visitar quando esqueci que existia? — Retruquei, sorrindo. — Talvez devêssemos mandar alguém alugá-la. Ou fazer uma dessas casas compartilhadas. Isso tornaria menos ostentoso da minha parte mantê-la em meu portfólio?

— Ligeiramente, — Alvy concordou. — E o outro é o condomínio acima do seu bar favorito em Boston. Então você pode simplesmente arrastar sua bunda bêbada pelas escadas e desmaiar.

— Parece um investimento sólido. Enfim. Tenho casas que claramente nunca visito. Você poderia ter uma.

— Eu poderia. Mas eu não quero uma. Não até que eu possa me mudar em tempo integral.

— Parece que você planeja me deixar um dia, Alvy, — observei.

— Eu vou eventualmente me esgotar.

— Como devo continuar sem você? — Perguntei dramaticamente, fazendo seus olhos revirarem.

— Você encontrará um jeito. Você sempre encontra.

— Meus trajes provavelmente sempre estarão enrugados.

— Você pode contratar alguém para ser seu vaporizador pessoal de roupas.

— Isso é verdade, — eu concordei. — E eles provavelmente não vão me passar sermão sobre minhas escolhas em mulheres.

— Eu também não. Se você escolheu uma que foi uma boa opção pela primeira vez.

— Oh, todas elas foram muito boas.

— Para os bolsos daqueles que você emprega para solucionar sua bagunça, suponho que seja verdade. Vou mandar a arte que você comprou remetida para a propriedade principal, — disse Alvy, acenando para as telas.

— Isso deve servir. Deveríamos visitar a propriedade em algum momento deste ano. Escolha as peças para distribuir a outros lugares. Já deve estar ficando lotado.

— Você comprou cento e doze pinturas até agora este ano, então imagino que isso seja verdade.

— Escreva na agenda.

— Farei, — Alvy concordou, fechando minhas malas e depois voltando sua atenção para o telefone. — Sua comissária de bordo, Joy, quer saber se há algo que ela precise pegar para você e sua convidada?

— O que eu posso conseguir que impressionaria uma mulher que parece totalmente indiferente comigo como um todo?

— Uma viagem grátis de volta para casa.

— Bem, isso não vai funcionar. Você deveria estar no meu time aqui, Alvy.

— Ela come? Ou ela é como aquela pobre garota do ano passado que eu peguei mordiscando guardanapos para ficar cheia sem ganhar peso?

— Ela come. Mas não queijos franceses.

— Isso realmente restringe tudo, — disse Alvy, bufando. — Vou dizer a ela para conseguir coisas para impressionar uma mulher. Ela pode descobrir isso.

— O que eu faria sem você, Alvy?

— Empregar essa sua equipe de solucionadores com muito mais frequência do que você já faz.

— Sinto falta deles. Já faz mais de um ano que precisei contratá-los para qualquer coisa, não é?

— Não.

— Não o quê?

— Criar um problema como desculpa para vê-los. Algumas pessoas fazem churrascos ou fazem jantares.

— Bem, eu não posso fazer isso agora, posso?

— Por que não?

— Primeiro, eu teria que escolher uma casa. Segundo, Miller deixou muito claro que, se eu pisar em Navesink Bank novamente, ela vai me pagar de volta por aquele lapso do porco.

— Realmente, você não pensou em verificar se era um animal de estimação, não um porco da fazenda?

— Eu culpo você.

— Claro que culpa.

— Você me abandonou naquele verão.

— Tirei minhas férias obrigatórias de três semanas.

— Que idiota fez uma regra de férias obrigatórias de três semanas?

— Esse idiota seria você.

— Ah, certo. Boas políticas corporativas são uma das minhas muitas características positivas, — eu disse a ele, sorrindo.

— Isso de certa forma compensa todas as suas falhas pessoais, — concordou Alvy, me dando um sorriso, os olhos dançando.

— Você está pronto para se divertir ao sol, Alvy?

— Estou pronto para assistir essa mulher te eviscerar, — ele retrucaram.

— Não fique tão entusiasmado. Você seria o único a lidar com a bagunça. — Eu disse a eles levantando-me da cadeira, indo em direção à porta, encontrando-me estranhamente ansioso sobre o plano.

Essa ansiedade só se intensificou enquanto esperava lá ao lado do jato particular.

Por vinte minutos.

Trinta. Quarenta e cinco.

— Ela está em cima da hora, — comentou Josh, o piloto, balançando nos calcanhares.

— Sim, ela está, — eu concordei, o estômago apertando.

Estava tão certo.

— Não se preocupe, Sr. Arlington, — ele disse, batendo a mão no meu ombro. — Você conhece algumas mulheres. Elas estarão atrasadas para seus próprios funerais.

Com isso, ele voltou para dentro, entrando na cabine, ansioso para se mexer.

Enquanto estava apenas ansioso.

Eu nunca tinha experimentado isso antes.

Não poderia dizer que era fã.

Sentindo-me suado com o coração martelando e o estômago revirando com a sensação persistente de insegurança e constrangimento. Definitivamente não é algo que eu queria experimentar novamente.

— Devo dizer a Josh para mudar o plano de voo? — Alvy perguntou, checando o telefone, confirmando o que eu já sabia.

Ela não chegou.

Ela não estava vindo.

Estava perdendo minha vantagem.

— Bem, não acredito, — disse Alvy, fazendo meu olhar se levantar da pista, seguindo seu olhar para o carro que se aproximava.

O alívio tomou conta de mim em uma onda, deixando a ansiedade desconfortável em uma poça aos meus pés.

O carro parou e o motorista saiu, abrindo a porta traseira.

Eu assisti com a respiração suspensa enquanto um conjunto de pernas longas e bronzeadas deslizavam, saltos batendo no chão.

Então, o resto do corpo dela emergiu.

Em uma blusa preta justa que mostrava uma lasca de barriga, combinada com uma saia estampada com rosa vermelha e preta. Do tipo curta.

Ela se virou, olhando em nossa direção, dando uma olhada em mim, depois em Alvy, depois em mim novamente, parecendo totalmente impressionada com nós dois, e finalmente vindo em nossa direção.

Lento.

Deliberado.

Sabendo que nós, o avião, todo o maldito mundo esperaria por ela se ela exigisse.

Seu olhar deslizou para Alvy quando ela estava na nossa frente. — Sinto muito, — ela disse a eles.

— Nós não nos importamos em esperar… — eu comecei, sendo interrompido quando seu olhar deslizou para mim, frio, cortante.

— Eu não estava me desculpando com você. Estou me desculpando com sua equipe por ter que trabalhar para você, — ela me informou, passando pelo meu ombro e entrando no jato.

— Eu posso ver você, — informei Alvy quando o sorriso dele se espalhou, alegre e divertido.

— Ela vai te destruir, — Alvy me disse, parecendo satisfeito com a perspectiva.

— Ah, mas como vou aproveitar a destruição, — eu disse a eles, virando-me, entrando no jato.

Eu não tinha ideia do que esperar.

Mas fiquei empolgado em descobrir o que estava por vir.

5

WASP

Eu tive que ir.

Quero dizer, nem mesmo minha teimosia inata me permitiria estragar um trabalho que vale tanto. Mesmo que fosse muito estúpido.

Tão estúpido, na verdade, que eu menti diretamente para Raven sobre o que estava acontecendo. Eu nunca menti para ela. Não sobre coisas importantes.

Viajar internacionalmente com um completo estranho caiu diretamente na categoria importante.

Mas eu não queria que ela se estressasse.

Eu não a queria conversando com meus irmãos, tendo uma questão gigante levantada.

Claro, Fenway Arlington era um estranho. E estranhos sempre emprestavam um ar de perigo. E, sim, ele era o rico da variedade imunda, o que significava que ele poderia pagar para que qualquer coisa fosse feita e encoberta.

Mas, na verdade, meus instintos diziam que Fenway era um cachorrinho gigante com um pau errante e um grande ego.

Ele era inofensivo, tanto quanto eu poderia dizer.

Então, não precisava da minha família e amigos enlouquecendo por causa desse trabalho.

Se tudo desse certo, seriam no máximo duas ou três semanas. Então eu poderia estar em casa, investindo minha pequena fortuna recém-descoberta, preparando-me para a aposentadoria mais antecipada que a planejada.

Então eu tive que ir.

Estava começando a questionar minha decisão na viagem do hotel até a pista de aterrissagem, em um carro que estava do lado de fora do meu hotel esperando por mim, porque Fenway se preparava para tudo, ao que parecia, imaginando se estava lhe dando a vantagem sobre mim.

Mas uma olhada ao puro alívio que vi em seu rosto quando o carro parou quase atrasado era tudo o que eu precisava ver para saber que eu ainda estava no controle aqui.

Entrei no jato, tentando não parecer impressionada. Mas estava.

Eu voei de primeira classe uma vez e me senti absolutamente chique.

Mas a primeira classe e um jato particular estavam separados em termos de luxo.

O interior do jato da Fenway era brilhante e acolhedor, com seus sofás e cadeiras cor de areia, os tampos de mesa de carvalho e armários brancos.

Havia uma porta aberta nos fundos para um quarto, a cama ocupando todo o espaço, toda coberta por roupa de cama branca. Ao lado disso estava o que parecia ser o banheiro. Do outro lado havia um pequeno espaço de cozinha onde estava uma mulher com uma roupa cinza e branca de comissária de bordo.

Esse era Fenway Arlington.

Eu meio que esperava que a equipe usasse aqueles vestidos e chapéus direto dos anos cinquenta.

Fui para o sofá, estabelecendo-me no centro, deixando claro que eu queria tudo para mim.

Surpreendentemente, Fenway pegou a dica, caindo em minha frente em um banco com uma mesa na frente dele, fingindo me ignorar quando o assistente dele trouxe minha bagagem para dentro, e a aeromoça correu para se certificar de que tudo estava certo.

— Fenway, — eu chamei, fazendo-o erguer a cabeça, virando-se para olhar para mim.

— Sim, querida?

Querida.

Deus.

Alguém poderia realmente usar esse carinho hoje em dia?

Eu soube a resposta imediatamente.

De alguma forma, Fenway poderia.

— Eu tenho dois irmãos, — eu disse a ele, levantando meu queixo. — Ambos são traficantes de armas, — acrescentei, observando o assistente dele parar chocado no corredor. — E ambos têm medo de *mim*, — terminei, observando enquanto os fatos se estabeleceram.

Havia a surpresa esperada, um pequeno lampejo de preocupação, mas tudo foi substituído por seu característico sorriso despreocupado e infantil que fez seus olhos brilharem.

— Eu adoro uma mulher poderosa, — ele me disse, fazendo meus olhos revirarem.

— Não é rude não me apresentar a seu assistente? — Perguntei.

— Alvy vai passar a maior parte do voo na cabine.

— Para ficar longe de você? — Eu provoquei.

— Muito provavelmente, sim, — ele me disse quando Alvy realmente desapareceu na cabine, fechando a porta.

— Ei, eu não quero cometer erros. Alvy... — Comecei, sem saber como perguntar, o que era politicamente correto, como abordar um tópico potencialmente sensível.

— Alvy é não-binário.

— O que significa que eu deveria...

— Use pronome eles/lhes, — ele me disse. — E não pergunte sobre partes do corpo, ou quem eles gostam sexualmente.

— Certo, — concordei, assentindo. — Porque é sempre apropriado perguntar a alguém se está escondendo um pênis ou vagina nas calças. Ou perguntar se eles gostam de chupar pau ou comer boceta.

A maneira como eu expressei isso foi um teste, querendo ver como ele respondia a palavrões. Por mais que o pornô quisesse que todos acreditássemos que todo homem gostava de mulheres de boca suja na cama, havia muitos homens que não gostavam de mulheres que usavam esse tipo de palavras.

Eu observei os olhos de Fenway ficarem um pouco maiores, surpresos, antes que ardessem quando ele se virou, inclinando-se para frente como se fosse compartilhar comigo um segredo.

— Caso você esteja se perguntando, — ele começou, os lábios curvando-se diabolicamente, — eu gosto de comer boceta.

Foi a minha vez de ter os olhos arregalados, de sentir o ardor.

Porque eu não esperava que ele repetisse.

Não sei por quê.

Sua boa educação, sua provável educação escolar, o fato de ele ser tão jovial que era um pouco difícil imaginar palavras de homens muito adultos saindo de sua boca.

Fosse o que fosse, eu não esperava.

Nem esperava o impacto das palavras.

Nomeadamente, o aperto entre minhas pernas, o profundo desejo, a maneira como meu coração disparou.

Não era apenas a palavra.

Não.

Foi a maneira suave, confiante e sexy que ele disse.

Soube naquele momento que ele não apenas gostava de fazer isso, como provavelmente também era incrível nisso.

Droga.

— Joy, — chamou Fenway, dirigindo-se à comissária. — Acho que nossa convidada pode tomar uma bebida *forte*, — ele falou, os lábios torcidos, deixando claro que sua ênfase era proposital.

Ele sabia que eu queria algo forte.

Mas com certeza não era uma bebida.

— Está tudo bem, — eu disse. — Não estou com sede, — acrescentei através da minha boca seca.

— Oh, — disse Fenway, olhos brilhantes, voz baixa, mais sexy do que tinha o direito de ser. — Acho que você está com sede. Devo dizer a Joy exatamente pelo que você está com sede? — Ele perguntou, olhos me desafiando.

Oh, maldito seja!

Ele não seria um alvo tão fácil quanto eu pensava inicialmente.

Quem diabos teria pensado que Fenway Arlington superficial e problemático teria camadas?

Eu deveria saber.

— Champanhe rosé, — eu disse a ele, observando suas sobrancelhas se franzirem.

— Champanhe rosé?

— Sim. Eu gosto de champanhe rosé.

— Como de *Tarde Demais para Esquecer?*

— Como você conhece esse filme?

— Todo mundo conhece esse filme.

— Eu literalmente conheço uma pessoa que conhece esse filme, — eu disse a ele. E Raven só conhecia porque eu a fiz assistir. Ela não era uma fã de filmes clássicos, ela preferia dramas românticos.

— Aqueles ignorantes, — ele disse, rindo. — Gosto de filmes clássicos. Minha avó costumava me fazer assistir com ela.

Agh.

Maldito seja ele de novo.

Eu certamente não planejava ter nada em comum com o homem.

— De quem você gosta mais. Audrey ou Katherine Hepburn? — Eu perguntei, querendo provar que ele não estava tão interessado nisso como estava dizendo.

— Ambas têm seus méritos. Mas você tem que amar Katherine. Essa era uma potência de mulher.

Maldito seja, mais uma vez.

Eu sempre preferi Katherine. E não apenas por causa de suas realistas visões feministas e inovadoras na vida real. Eu amava sua confiança calma em seus papéis, a maneira elegante como ela falava.

— Clark Gable ou Jimmy Stewart?

— Cary Grant. Obviamente.

— Por que obviamente?

— *Núpcias de Escândalo, Jejum de Amor, Ladrão de Casaca, Tarde Demais Para Esquecer*.

— Você gosta de filmes de romance, — ele concluiu, fazendo meu estômago revirar. Eu nunca diria isso. Nunca pensaria isso. Mas diante da minha própria admissão, nenhuma outra conclusão poderia ser tirada, poderia?

— Gosto de todos os tipos de filmes clássicos. A maioria deles tem uma história de amor anexada.

— Justo. Então, você não está nem um pouco curiosa para onde estamos indo?

— Imaginei que você me informaria eventualmente.

— Você já esteve em Gianyar?

— Vendo que eu nunca ouvi falar disso, não.

— É em Bali. Eu tenho uma casa lá. Na praia. Não se preocupe. Você terá seu próprio quarto. Assim como Alvy. Tudo a bordo.

— Por que Bali? — Perguntei. Ele tinha o mundo inteiro à sua disposição.

— É lindo.

— Há outros lugares com mais coisas para fazer.

— Se chegarmos lá, e você se sentir entediada, podemos estar na Itália com um aviso prévio. Ou em Veneza. Amsterdã para uma diversão selvagem. Estou totalmente à sua disposição. Use-me da maneira que achar melhor, — ordenou, mantendo os braços abertos.

— Por que você se ofereceria para seguir todos os caprichos de uma estranha?

— Faz muito tempo que não tenho uma companheira de viagem. Já vi todos os lugares. Seria interessante ver alguém ver tudo pela primeira vez.

Isso foi realmente muito gentil.

E eu realmente não precisava ser carinhosa com ele neste trabalho. Eu inevitavelmente me sentiria culpada por enganá-lo, partir seu coração e receber uma boa quantia em dinheiro pelo problema.

Eu precisava controlar as coisas novamente.

— Você nunca trabalha? Ganhar sua vida luxuosa?

— O bom de possuir muitos negócios diferentes é que você é pago quando está dormindo.

— Você não quer trabalhar pelo seu dinheiro?

— Trabalho pelo meu dinheiro. Durante alguns dias do ano, quando há reuniões. Quando adquiro empresas em falência, as torno lucrativas novamente. Ganho meu dinheiro, mas não preciso me escravizar para isso.

— Não te parece frívolo voar para partes aleatórias do mundo a qualquer momento? — Eu perguntei, mesmo se eu pessoalmente cortasse minha teta esquerda, na minha opinião pessoal, a minha melhor, para poder ter esse tipo de liberdade na vida.

— Incrivelmente frívolo, — ele concordou. — Você me odeia porque sou rico, Wasp?

Isso era complicado, não era?

Ele não deveria ser tão franco. Tudo o que eu aprendi enquanto pesquisava sobre ele apontava para despreocupado, bobo e exagerado. Nunca sério. Nunca o tipo que te pressiona.

— Não, — eu disse honestamente. — Minha melhor amiga e o marido também são bastante ricos.

— Então sua objeção a mim é pessoal.

— Minha objeção é para coisas, e pessoas, sem substância. Interações, conexões e experiências superficiais são uma perda de tempo.

— Oh, entendo, — ele disse, assentindo, sério. — Você está me pedindo para casar-me com você.

— O quê? Onde diabos você arrumou isso?

— Você precisa de interação profunda. Eu posso ajudá-la de várias maneiras nessa frente, — ele me disse, tom sugestivo, sorriso diabólico.

— Não acredito em casamento, — eu o informei, sem saber por que precisava contar algo pessoal.

— Nem mesmo com o homem certo?

— Não existe tal coisa.

— Como o homem certo para você? Ah, acho que você está desvalorizando toda a humanidade.

— Acho que estou desvalorizando-os apenas o suficiente.

— Você sabe o que eu penso, querida? — Ele perguntou, me dando o que poderia chamar de um olhar suave.

— Provavelmente não. Mas algo me diz que você vai me dizer de qualquer maneira.

— Acho que toda essa sua frieza está escondendo algo realmente quente e mole por dentro. E você está aterrorizada por alguém descobrir isso.

— Continue perseguindo modelos e comprando ternos extravagantes, Fenway, — eu disse a ele, fria, até gélida, tentando cobrir o desconforto agitado dessa verdade no meu estômago. — A psicanálise não é seu ponto forte.

Imperturbável, Fenway encolheu um ombro, seu sorriso perspicaz que sugeria que sabia o quão perto da cabeça do prego havia atingido.

— Então você gostaria dessa bebida agora? — Ele perguntou.

— Oh, Deus, sim. Vou precisar de três apenas para passar por essa viagem de avião, — eu disse a ele, estabelecendo-me, imaginando como íamos preencher o silêncio implacável em nosso ambiente fechado.

Felizmente, depois que peguei minha bebida, Fenway me ofereceu misericórdia, pegando um controle remoto, fazendo uma televisão sair de um armário, mudando canais.

— Aqui vamos nós, — ele disse, recostando-se enquanto colocava algo, chamando minha atenção para a TV.

Tarde Demais para Esquecer.

Eu não pude deixar de me perguntar se era mais do que o fato de termos discutido o filme. Se ele estava sugerindo alguma coisa. Algo sobre nós dois. Sobre o que ele pensava que ia acontecer quando chegássemos a Bali.

O que ele não sabia era que ele estava certo e errado.

Seria uma espécie de caso.

E seria um para recordar.

Mas isso só seria real para um de nós.

***

Um filme se transformou em dois. E então Fenway imediatamente colocou um terceiro enquanto eu me movia desconfortavelmente no meu lugar.

— Fenway?

— Sim, querida? — Ele perguntou, me dando aquele seu sorriso premiado.

— Quanto tempo exatamente dura essa viagem de avião?

— Essa etapa dura cerca de nove horas e meia.

— Etapa. O que significa que vamos fazer escala em algum lugar?

— Eu tentei convencer Josh a desistir de dormir. Infelizmente, ele não vai cooperar. Precisamos parar para abastecer. Josh dorme um pouco. Podemos passar esse tempo explorando o aeroporto ou arrumando quartos para descansar também. — Seria apenas cerca de seis horas.

— Onde nós fazemos a escala?

— Catar.

— Catar? — Eu repeti, o nome vagamente familiar.

— Perto da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. Estaremos perto de uma metrópole extensa como Nova York, apenas mais nova e mais brilhante. Mas o próprio aeroporto tem entretenimento o suficiente para prender

nossa atenção por horas. Na última vez que estive lá, eles estavam mostrando dez exposições de arte.

— Dez exposições de arte? Em um aeroporto? — Eu perguntei, com certeza ele estava zoando comigo.

— Exposições de arte. Salas de oração. Massagens, unhas, tratamentos faciais, academias, chuveiros, banheiros, quartos masculinos e femininos separados.

— Nós poderíamos ter férias de verdade no aeroporto, — pensei, balançando a cabeça com a própria ideia. Eu pensei que o aeroporto de Jersey era chique com todas as suas pequenas lojas de comida para comprar lanches.

No meu comentário, algo diferente cruzou os olhos de Fenway, algo suave e doce, quase, não sei, caprichoso. As pessoas poderiam parecer caprichosas? Se pudessem, era assim que ele parecia naquele momento.

— Podemos até fazer compras, — ofereceu Fenway. — Meu prazer.

— Eu já tenho minha bagagem.

— Para Paris, eu imagino. Não Bali.

— Isso é verdade, — eu concordei. Eu nem tinha um maiô embalado. Ou até sapatos adequados para uma praia. — Mas eu pago por minhas compras.

— Veremos sobre isso.

— Veremos? — Perguntei, sorrindo.

— É a palavra adequada.

— Você já percebeu que muitas vezes, 'adequado' e 'pretensioso' andam de mãos dadas?

— Você já reparou que fica irritada sempre que estou sendo legal? — Ele retrucou, me surpreendendo mais uma vez, tendo anteriormente pensado que ele era o tipo de evitar qualquer tipo de confronto. — Quem fez você acreditar que os homens só são bons quando planejam te ferrar? — Ele acrescentou, o tom ficando mais profundo, mais sério. De fato, tudo nele havia mudado de playboy alegre para um homem legal, confiante e sombrio.

Respirei fundo, inclinando-me um pouco para frente. — Todo homem que eu já conheci, — eu disse a ele, dizendo a ele principalmente a verdade. Eu conhecia alguns bons homens. Meus irmãos, seus amigos, o marido de Raven. Mas vamos apenas dizer que eles eram poucos e distantes entre si. — Embora, se isso faz você se sentir melhor, não é uma afirmação sexista. A maioria das pessoas é gentil com

você quando quer algo de você. Mas os homens, quase sempre, querem apenas uma coisa.

— E o que as mulheres querem?

— Saber onde outra mulher encontrou um vestido com mangas, um par de saltos que não dão bolhas, um sutiã que não parece um instrumento de tortura, alguém finalmente reconhecer seu ingrato trabalho dia após dia longe, criando filhos e cuidando de casa, sendo remuneradas da mesma maneira que seus colegas homens, para poder andar por uma rua sem se preocupar com mãos predatórias...

— E elas não querem sexo também? — Ele desafiou, sobrancelha arqueando-se.

— Oh, nós amamos sexo, — eu disse a ele. — Mas não precisamos ser manipuladores para obtê-lo.

— Você acha que estou tentando manipular você por sexo? — Ele perguntou, com tom frio.

— Comidas, bebidas e jatos particulares, compras no aeroporto e férias em Bali. Você está tentando me dizer que não espera algo disso tudo? — Eu o desafiei.

Eu não sei o que eu esperava. Talvez uma de suas dispensas petulantes, algo bobo e desdenhoso.

Não esperava que ele se desenrolasse da poltrona, se movesse pelo curto corredor, se inclinasse sobre mim e prendesse meu queixo nos dedos, levantando-o, mantendo o contato visual quase irritante.

— Não preciso manipular uma mulher para conseguir o que quero, *querida*, — ele disse, a palavra saindo mais como uma maldição do que um carinho. — O que você e eu sabemos que nós dois queremos, — acrescentou, sua outra mão deslizando entre as minhas coxas, pressionando contra a minha calcinha, arrastando um gemido surpreso, mas inegavelmente excitado de mim. O que posso dizer? Eu era boa no jogo, mas era uma otária para um homem que era alfa na cama. Seu dedo deslizou, fazendo minha mão bater no braço do sofá, os dedos fincando. — Está vendo? — Ele perguntou, soltando meu queixo, puxando a mão da minha saia, girando e entrando no cockpit.

Alvy saiu para tomar o assento que Fenway havia desocupado, enquanto tentava lembrar ao meu corpo que isso não fazia parte desse cenário, que era um trabalho, que não importava o quão quente era quando ele desligava a máscara

externa leve e divertido, e mostrava o homem mais sombrio e sexy por baixo, que não podíamos, em nenhuma circunstância... acabarmos na cama.

— Deve demorar apenas mais uma hora e meia antes de estarmos no Qatar. Se você quiser uma rota de fuga, posso providenciá-la agora, — ofereceu Alvy, examinando meu rosto, chegando a quem-sabia-que conclusão sobre sem dúvida o olhar chocado que eles encontraram lá.

— Sinceramente, não sei o que quero, — admiti. — Eu nem deveria estar aqui.

— Fenway tem esse efeito nas mulheres, — Alvy me disse, dando de ombros. — É aquele lado de cachorrinho dele que ele apresenta a todos. O entusiasmo pode ser contagioso. E a próxima coisa que você sabe é que você está no vinhedo particular de um mafioso na Itália, jantando em frente a assassinos de sangue frio. Mas então você faz uma viagem para as mulheres, distancia-se e o bom senso parece voltar a sua cabeça, e você quer sair.

— Isso realmente aconteceu?

— Você acreditaria que mais de uma vez? — Alvy perguntou, balançando a cabeça.

Meu olhar foi para a porta fechada do cockpit, imaginando o homem aninhado no assento do copiloto.

— Sim, sim, eu posso, — admiti, percebendo pela primeira vez que esse trabalho não seria tão simples quanto eu imaginava.

— Aqui, — disse Alvy, apontando para o meu telefone. — Deixe-me te dar meu número. Se você precisar sair, eu sou sua pessoa. Estou sempre por perto. E eu sei as saídas de todos os lugares neste ponto.

— Deus, você faz parecer que ele dirige um culto ou algo assim. Oh, Jesus, por favor me diga que ele não dirige um culto.

Para isso, Alvy riu, revelando uma covinha profunda em uma bochecha. — Você acharia que sim, com o magnetismo que ele tem. Isso geralmente é reservado para pessoas como líderes de culto. Mas não. Acho que Fenway costuma apelar para o desejo de todos de se afastar de tudo isso às vezes, de ver o mundo, afogar-se no luxo. Mas, eventualmente, todo mundo volta a si, percebe que esses desejos não são o que eles realmente desejam. Eles querem voltar para suas vidas antigas, as pessoas de seu passado.

— Então as mulheres sempre são as que querem sair? Fenway não fica entediado com elas?

O olhar de Alvy foi para a porta, olhando por um momento antes de voltar para mim.

— Cá entre nós, acho que Fenway está profundamente solitário. Acho que ele persegue uma extravagância após outra, uma mulher após outra, porque acha que se mantiver ocupado o suficiente, entretido o suficiente, pode afogar todos os desagradáveis sentimentos que ele possa ter.

— Alguém tão privilegiado quanto ele é, por que só não parar e achar o que realmente deseja?

— Por que você está em um avião com ele agora? Por que eu estou? Por que alguém faz as coisas que faz que não são as escolhas mais sábias para eles? Todos nós temos nossos motivos. Fenway também tem o dele. Mas é assunto dele para falar sobre eles. Meu conselho? Aproveite isso enquanto puder. Pegue o que você precisa. Depois, volte e corrija o problema real.

Com isso, Alvy começou a disparar um texto ou e-mail rápido, deixando-me em silêncio, pensando em suas palavras.

Alvy não poderia saber meu verdadeiro motivo de estar neste avião. E nada disso tinha a ver com meus danos, meus problemas pessoais, as coisas que motivaram muitas das minhas decisões na vida.

Mas suas palavras deixaram uma coisa infinitamente clara.

Fenway, playboy despreocupado, festeiro, superficial e mega rico era apenas parte de todo o homem. E se eu fosse capaz de terminar este trabalho, teria que conhecer os outros lados dele também, as coisas que ele mascarava com a camada externa irreverente, a máscara que ele criou para impedir que alguém visse quem ele realmente era.

Porque isso não funcionaria se tudo o que ele fizesse fosse se apaixonar no nível superficial.

Eu tinha que me aprofundar, tinha que montar acampamento lá. Ele tinha que se acostumar e aproveitar a invasão. E então ele precisava saber como era ter isso arrancado, sentir aquele vazio.

Era um plano um pouco mais difícil, embora não impossível.

Enquanto estava sentada lá com nada além de meus pensamentos para me fazer companhia, não havia como negar uma pequena, infinitesimalmente pequena, agitação de culpa em meu peito.

Uma agitação que eu prontamente esmaguei, tentando me lembrar de que Fenway havia indubitavelmente feito sua parte justa de mentir e fraudar em sua vida.

Carma era uma crença que eu mantinha carinhosamente próximo ao meu coração.

E, claramente, ele fez algo errado para fazer uma mulher me pagar para partir seu coração.

Eu me senti um pouco melhor com isso quando finalmente descemos, quando paramos, quando as escadas se abriram e, finalmente, Alvy me instruiu a descer e esperar do lado de fora, tomar um pouco de ar fresco.

O que aconteceu quando eu fiz exatamente isso foi uma incógnita.

Mas cinco minutos depois, ouvi passos atrás de mim, então uma mão agarrou a minha, balançando-a enquanto me arrastava adiante com ela.

— Você deve estar faminta, — ele declarou. — Vamos a um restaurante ou passear por todo o prédio e criar nosso próprio buffet? — Ele perguntou, ainda balançando os braços entre nossos corpos enquanto eu corria para acompanhar seu ritmo.

Assim.

A representação de Fenway estava de volta.

Eu ia ter torcicolos se ele continuasse mudando-se para mim.

— Querida, está tudo bem? — Ele perguntou, olhando para mim.

Minhas costas e bunda estavam me matando de ficar parada por tanto tempo. Meus pés se opuseram aos meus sapatos cinco minutos depois que os prender. E meu estômago estava roncando com tanta força que me senti enjoada.

— Estava debatendo minhas opções, — eu disse a ele. Ninguém, especialmente os da persuasão masculina, gostava de ouvir reclamações. — Que tipo de comida o restaurante serve?

— Eu imagino o Catariano.

— Eu não estou certa se sei o que isso significa.

— Nem eu, — ele admitiu, me dando um olhar incerto. — Buffet pode ser mais seguro.

— Tudo bem, lidere o caminho, — eu disse a ele, acenando com meu braço livre para o enorme edifício espelhado em forma de cúpula, fazendo suas sobrancelhas franzirem quando ele olhou para mim, tentando descobrir a mudança de humor.

Se ele ia me manter na ponta dos pés, eu tinha que mantê-lo também.

— Espere, — eu disse quando nos aproximamos do prédio. — Não devemos esperar por Alvy?

— Alvy está levando um carro para o hotel mais próximo para poder dormir. Josh vai dormir aqui. Mas para Alvy...

— Quartos masculinos e femininos separados para descansar, — eu o preenchi.

— Precisamente. Não se preocupe. Nós não vamos embora sem Alvy.

Com isso, ele me levou para o aeroporto.

Onde rapidamente me tornei uma turista muito óbvia, de olhos arregalados e parando a cada uma dúzia de metros.

Os aeroportos em geral eram edifícios enormes. Este, no entanto, parecia duplamente. E não era tão lotado quanto os aeroportos que eu tinha visto na minha vida. De fato, provavelmente parecia tão vasto precisamente porque estava quase vazio.

Até as fileiras de assentos pareciam sofisticadas em comparação com as de casa, com seus assentos de couro laranja queimado e preto.

— O que você está pensando agora? — Fenway perguntou, me levando em direção a uma escada rolante.

— Tudo é tão *limpo*, — eu admiti. — E não superficialmente limpo. Como quando você vai a um escritório e o chão é varrido e esfregado, e o lixo não está transbordando, mas se você olhar de perto, as tábuas do piso estão sujas e há poeira na planta artificial em cima do armário. Como se cada centímetro desse lugar estivesse limpo.

— Há uma gigantesca exibição de animais empalhados amarelos por lá, e você está percebendo a limpeza dos rodapés, — brincou Fenway, mas seu sorriso disse que estava encantado.

Encantado, com isso poderia trabalhar.

Encantado estava um passo mais perto de desmaiar, que era um passo mais perto do amor.

— O que posso dizer, fico maravilhada com o mundano. Então, que tipo de compras podemos fazer aqui depois que comermos? — Eu perguntei.

— O único tipo que você encontra em um aeroporto como este, — ele me disse, me arrastando em direção à praça de alimentação. — Grifes.

Roupas de grife significavam preços de grife. Normalmente, eu zombaria disso. Eu não precisava de uma etiqueta especial para me sentir confiante na minha roupa, validada na minha escolha. Mas este trabalho veio com uma bolsa de viagem e subsídio de vida, caso eu precisasse. Roupas para o trabalho pareciam uma necessidade genuína.

Exceto, é claro, que depois que nossas barrigas estavam cheias e chegamos às lojas, Fenway de alguma forma chegou aos caixas nas lojas enquanto estava pesquisando ou provando coisas. E pagou por tudo.

Alvy apareceu absolutamente do nada... nunca tinha visto Fenway usar o telefone dele para chamá-los... e pegou todas as minhas sacolas, desaparecendo com elas.

— Onde a seguir, querida? — Fenway perguntou, o braço caindo sobre os meus ombros, o outro acenando amplamente. — O aeroporto aos seus pés.

— Acho que precisamos de café, — decidi. — E provavelmente voltar para o avião. Já faz horas, não é?

Meus olhos certamente pensaram que sim. Estava exausta. Eu nem sabia que horas eram. Tudo que sabia era que estava reivindicando aquela cama quando voltasse para o avião.

— Seria mais divertido ser pouco prática, — sugeriu.

— Se nunca quisermos chegar a Bali, — lembrei-o. — Você viu o maiô que comprei para Bali? — Perguntei, lábios curvados, lentos e sensuais, esperando a coisa derretida que eu sabia que seus olhos fariam.

— Eu não vi. É muito cruel? — Ele acrescentou, sorrindo.

— Positivamente torturante, — eu disse a ele, sentindo uma estranha sensação de vertigem por dentro quando ele jogou a cabeça para trás e gemeu.

— E aqui estou eu, ávido por punição. Tudo bem, vamos para Bali, — ele concordou , afastando-se.

— Hum, Fenway? — Chamei enquanto ele continuava andando, esperando que o seguisse, ou completamente inconsciente de que não estava ao seu lado.

Com isso, ele girou nos calcanhares, a cabeça inclinada para o lado.

— Sim?

— Café, — eu lembrei a ele.

— Certo. Sim. Café. Eu teria me lembrado eventualmente.

— Quando? — eu perguntei, revirando os olhos. — Quando estivéssemos no meio do caminho para Bali?

— Não seja boba. *Já* estamos a meio caminho de Bali. Oh, isso é uma nova exibição, — ele disse, já indo nessa direção, um homem que estava claramente acostumado ao mundo inteiro parar por ele.

— Você é como uma criança em um parque de diversões, — eu o informei, agarrando sua lapela, puxando-o comigo.

Deveria ter ficado irritada.

Normalmente, eu ficaria.

Era frustrante quando as pessoas se recusaram a se comportar como adultos.

Ninguém gosta de um homem-criança.

No entanto, enquanto o arrastava pelo aeroporto, vendo o sorriso pateta em seu rosto enquanto fazia, senti meus próprios lábios se curvando para cima, seu entusiasmo pela vida, frivolidade e tudo, estava se mostrando infeccioso.

Isso era um problema.

Mas algo que disse a mim mesma que pensaria mais tarde.

Em seguida, esquecemos prontamente de fazê-lo quando tomamos café, enquanto retornávamos ao jato, quando embarcamos, nos acomodamos e decolamos.

Eu nem pensei nisso quando fui para o quarto, puxando a porta de correr e me fechando.

Sozinha.

Mas não acordei sozinha.

— Fenway! — Eu disse rispidamente, sentindo a presença ao meu lado.

— Querida, shh. Estou tentando dormir aqui, — ele me informou, a voz grogue, mas de alguma forma brincalhona ao mesmo tempo.

— Sim, bem, esse é o problema, não é? — Eu perguntei, sentando-me, piscando lentamente aos travesseiros alinhados entre nós. — Você construiu uma parede de travesseiro entre nós?

— Sim. Eu não poderia exatamente ter você tentando se aproveitar de mim quando estava dormindo, poderia? — Ele perguntou, me dando um sorriso sonolento que era um pouco íntimo demais, um pouco tentador demais. — Eu quero estar bem acordado quando você me molestar.

Uma risada sufocada me escapou a isso, enquanto estendi a mão para tirar meu cabelo selvagem do meu rosto. — Não se preocupe, Fenway. Seu corpo está a salvo de mim, — eu disse a ele, curvando os lábios. — Que horas são?

— Tarde. Cedo. Ainda não é hora de me levantar, — ele me disse.

— Há quanto tempo estou dormindo?

— Duas horas, mais ou menos.

— Há quanto tempo *você* dorme?

— Uma hora e quarenta minutos. Mais ou menos. — Ele me disse sorrindo preguiçosamente enquanto eu me acomodei, o canto da sereia do meu travesseiro se mostrando impossível de ignorar.

— Você é tão assustador, — eu disse a ele, rolando para o meu lado. De frente para ele. Mas não íamos pensar no motivo disso.

Ele rolou para me encarar também, atravessando a parede de travesseiros, puxando-a de cima para posicionar sob a cabeça.

— O que você está fazendo?

— Olhando para você.

— Bem … não olhe, — eu exigi, sentindo uma onda de insegurança completamente ridícula e… desconhecida me acometer.

— Você está olhando para mim também.

— Você está na minha linha de visão, — eu disse a ele. — Pronto. Feliz? — Eu disse, fechando meus olhos.

Eu não estava preparada para o deslizar suave da ponta do dedo na lateral do meu rosto. Tão despreparada, de fato, que um tremor me atravessou. Mas, felizmente, apenas por dentro.

Meus olhos se abriram.

— Fenway, — comecei, ouvindo uma estranha grossura na minha própria voz.

— Você é bonita quando dorme. Menos cautelosa, — acrescentou.

Veja Agora.

Eu odiava ser chamada de bonita.

Odiava cada variação disso.

Esse foi o meu 'dano', como Alvy chamou. Esse era meu ponto sensível. Esse era o lugar que, quando você tocava, eu assobiava, cuspia e arranhava.

Eu nunca me senti lisonjeada, arrepiada ou o que mais as pessoas normais sentiam quando alguém pensava que eram atraentes.

Por que, então, houve uma sensação de salto na minha barriga?

Eu não queria analisar isso.

— Pense em mim como aquela estranha versão de arte no aeroporto, — eu disse a ele, referindo-me ao que ele tentou alcançar, apenas para ser repreendido por um segurança próximo em árabe. — Você pode olhar, mas não toque, — eu disse, virando para o meu outro lado, dando-lhe as costas.

E foi isso.

Ou assim pensei.

Mas meu subconsciente tinha outras ideias, aquela cadela traidora.

Porque quando eu acordei de novo, não apenas tinha escalado o resto da parede restante de travesseiros, oh não, eu tinha rolado bem em cima de Fenway, a perna levantada no quadril, a cabeça aconchegada sob o pescoço.

Como regra, não passava a noite com homens.

Eu sempre saía primeiro, antes que eles me pedissem, antes que pudessem me afastar.

Eu tinha ouvido aquele velho ditado sobre terminar com eles antes que eles terminassem com você quando tinha doze anos. Eu prontamente levei isso a sério, fiz disso uma prática básica em minha vida. Então, enquanto eu não mantinha relacionamentos, quando tinha um caso, era sempre eu que saía primeiro, eu sempre fui a única com o poder.

Dito isto, não havia como saber que era uma aconchegadora no sono.

Ou como seria bom ter um peito forte embaixo da bochecha, subindo e descendo suavemente, de forma reconfortante. Eu não sabia como seria bom ter um braço ancorado na parte inferior das costas, o outro descansando no meu ombro.

Eu me senti estranhamente... menor. Mais delicada. E protegida.

Que diabos foi isso?

— Eu sei que você está acordada, — a voz de Fenway soou bem acordada.

— Você pode me soltar agora, — eu disse a ele, mesmo que uma grande parte de mim estivesse gritando que queria ficar assim, que gostava de pequena, delicada e protegida.

Mas eu não era pequena.

Eu com certeza não era delicada.

E eu nunca precisei de outra pessoa para me proteger.

— Eu não quero.

— Eu não perguntei o que você queria.

— Você rolou para mim, — ele me disse. — Me escalou como um gato, algo assim, — ele me disse, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz.

— Eu sou espaçosa na cama. Você estava no meu espaço.

— Hum. Talvez. Explique os suspiros suaves então.

— Do que você está falando? — Perguntei, plantando um braço para poder levantar um pouco e olhá-lo.

Seus lábios se curvaram, arrogantes, diabólicos.

Sim, aquele sorriso dele era problemático.

Era inteiramente muito atraente.

Maldito seja.

— Você dorme quieta como um rato. Mesmo quando você se revira. Nem um pio. Até que você escalou a parede, subiu em mim, se mexeu para encontrar o lugar certo e soltou alguns suspiros contentes, suaves e doces.

— Eu não fiz isso.

— Como você sabe? Você estava inconsciente, querida, — ele me lembrou, estendendo a mão para dobrar meu cabelo que caíra atrás da minha orelha. — Você não precisa se sentir insegura. Como eu disse, foi doce.

— Eu não sou insegura, — insisti, mesmo que uma pequena parte de mim tenha alterado que nunca *fui* insegura. — E ninguém nunca me chamaria de doce, — acrescentei.

— Eu vou. Eu chamei. Você é mais doce sob toda essa frieza e dureza. Você sabe o que mais?

— Não, — eu disse, sentindo um peso no peito ante o olhar em seus olhos, como se meu corpo soubesse o que ele ia dizer antes de seus lábios formarem as palavras.

A mão de Fenway deslizou pela minha espinha, os dedos se espalhando na parte de trás do meu pescoço, uma pressão firme, mas suave. — Eu aposto que você tem um gosto tão doce, — ele me disse, colocando mais pressão no meu pescoço, me puxando para baixo.

Se perguntada, eu não seria capaz de dizer sinceramente que o movimento era tudo dele. Porque, por mais que nunca quisesse admitir, ele só me puxou noventa por cento. Ele queria que eu fechasse a última distância.

Eu não queria.

Eu sabia que não deveria.

Era muito cedo para isso.

Mas eu fiz.

Selei meus lábios nos dele.

À espera de um chiado.

Havia evidências suficientes de um pouco de atração que levaria a um chiado, mesmo que isso não fosse ótimo para o trabalho como um todo.

Mas não foi um chiado.

Era uma faísca, uma chama, um incêndio violento, devastando meu corpo, inflamando-me das pontas dos cabelos até as solas dos pés.

Um rosnado baixo e estridente escapou de Fenway, vibrando em meu corpo, fazendo minha perna se mover, plantando o joelho do outro lado dele, montando nele. E quando meus quadris afundaram, pude sentir sua dureza pressionando contra mim, exigindo, prometendo um fim ao desejo que eu sentia construindo em meu núcleo.

Os dentes de Fenway agarraram meu lábio inferior, arrastando um gemido áspero dos meus lábios enquanto meus quadris deslizavam, trituravam, sentia seu pênis pressionar contra mim, transformando o fogo em um inferno imponente.

As mãos de Fenway vagavam, deslizando sobre meus ombros, meus quadris, finalmente afundando na minha bunda, me arrastando contra ele mais uma vez.

Um tremor passou por mim, fazendo Fenway dobrar para cima, inclinando-me para trás, sua mão movendo-se entre nossos corpos, mãos famintas queimando um caminho por cima do meu ombro, descendo pelo meu lado, provocando minhas costelas, depois movendo-se para cima, fechando-se sobre o peito, apertando.

Meus lábios se afastaram dele, minha parte superior do corpo arqueando para trás, dando-lhe mais acesso. Ele pegou, alegremente, seu polegar e indicador

agarrando meu mamilo endurecido, torcendo até o ponto de dor, depois levemente além disso, fazendo minhas coxas apertarem-se aos lados dele, meus quadris se movendo em círculo contra ele, a pressão aumentando rápido. Mais alguns golpes seriam tudo o que eu precisava.

Exceto que o jato escolheu aquele momento para atingir uma turbulência, pegando nós dois desprevenidos, me fazendo voar para trás, batendo a cabeça na porta fechada, a dor explodindo no meu couro cabeludo.

— Merda, — Fenway assobiou, as mãos me alcançando, tentando me puxar de volta da minha posição dolorosa e apertada.

— Não, não faça, — eu exigi, rolando para longe, deslizando para fora da beira da cama, pegando os pequenos orifícios na porta para abri-la.

— Wasp...— Fenway chamou, a voz grossa e suplicante.

Foi tentador.

Deus, foi tentador.

Foi exatamente por isso que puxei a porta e a fechei, imediatamente me trancando no banheiro, afundando-me na parede.

O que diabos havia de errado comigo?

Eu literalmente precisei ser golpeada na cabeça para ter um pouco de bom senso enfiada em mim.

Isso foi longe demais.

Não tão longe, no grande esquema das coisas, mas muito longe tão cedo.

— Que diabos está errado com você? — Exigi ao meu reflexo, um reflexo que parecia a garota do cartaz de desejo sexual. Minhas bochechas, pescoço e peito estavam corados. Meus lábios estavam inchados, mais vermelhos que o normal. Meus olhos pareciam meio fechados. Meu cabelo estava bagunçado.

Claramente, eu precisava ter certeza de que não tivesse períodos de seca tão longos. Especialmente se tivesse trabalhos alinhados.

Estava com tesão e carente e ele estava lá.

Às vezes você jogava fora os ideais por pura conveniência.

E Fenway Arlington era tudo menos ideal. Para mim, pelo menos.

Ele era exagerado, bobo e frustrante, e vivia em seu próprio mundo por suas próprias regras.

Eu gostava de profundeza.

Ansiava por substância.

Gostava de pessoas que podiam navegar à margem, mas ainda funcionavam na sociedade normal.

Eu não gostava de playboys superficiais.

Nem mesmo se gostassem de filmes clássicos.

Nem mesmo se tivessem bom gosto em comida.

Nem mesmo se eles fossem o melhor beijador que já encontrei.

— Agh, — eu resmunguei, ligando a água, espirrando-a no meu rosto, esperando que o frio acalmasse o caos ainda em fúria no meu corpo, o desejo não realizado que era impossível ignorar.

Ok.

Estava tudo bem.

Um pouco de momentos sensuais que acabaram sendo tirados dele o faria querer mais. Me querer mais. O que significava que estaria disposto a fazer qualquer coisa para me atrair de volta.

Isso funcionou a meu favor.

Eu poderia contornar isso.

Se meu maldito corpo parasse de tentar comandar meu cérebro com suas exigências estúpidas.

E eram estúpidas.

Desejar fazer sexo com Fenway Arlington era provavelmente a coisa mais idiota que conseguia pensar em um nível racional.

E era exatamente por isso que não iria acontecer.

Decisão tomada, mais uma vez, domei meus cabelos, ajeitei minhas roupas, resolvi uma dor no pescoço e depois voltei para a área principal do jato, encontrando Alvy e Fenway sentados à mesa. Joy, a comissária, deve ter entrado no cockpit.

— Você está bem? — Alvy perguntou, pousando o seu telefone. — Fenway disse que a turbulência fez você cair da cama, — acrescentou Alvy, e eu pude sentir o calor subindo no meu pescoço. — Você devia estar realmente apagada para voar tão longe da cama, — eles acrescentaram.

— Sim, — eu concordei, me sentando no sofá novamente, fazendo um show lento de cruzar as pernas, certificando-me de que o olhar de Fenway estivesse lá, notando a subida da minha saia. Ah, sim, eu percebi quando seu olhar se levantou,

olhos ardendo, eu o tinha. — Eu devo ter estado realmente apagada, — eu concordei.

— É assim que estamos chamando? — Fenway perguntou, tom sombrio, ousado.

— Sim, — eu concordei, passando a mão pelo meu cabelo, sentindo-me dolorida quando meus dedos encontraram o pequeno galo no meu couro cabeludo devido ao impacto. — Isso não vai acontecer novamente, — eu disse a ele. E talvez a mim.

— Acho que vai. Muitas vezes, eu diria — retrucou Fenway.

— Quão desajeitada você acha que ela é? — Alvy perguntou, fazendo com que nós dois tivéssemos que apertar os lábios e quebrar o contato visual para não rir.

— Quanto tempo até que estejamos em Bali? — Perguntei um pouco depois.

— Apenas uma hora, — Alvy forneceu.

— Está ansiosa por chegar à minha casa, querida? — Fenway perguntou, de volta à leveza, provocante.

Estava.

Precisava de um pouco de espaço.

O meu próprio quarto.

Minha cama

Então as coisas voltariam aos trilhos, voltariam ao plano.

Sim, eu realmente era tão ingênua.

E Bali era tudo, e nada, como eu esperava.

Como se viu, tal como Fenway Arlington.

6

FENWAY

Eu não tinha certeza de que realmente conhecia a frustração sexual antes em minha vida. Sempre houve oportunidades para lidar com isso quando isso aparecia aleatoriamente.

Agora?

Parecia não ter fim.

Porque depois daquele beijo no quarto, Wasp estava de volta à frieza e distância, nem mesmo abrindo um sorriso quando me esforcei no charme, ou mesmo quando Alvy fez uma piada particularmente mordaz, e hilária, às minhas custas.

Ela era o gelo personificado.

Nem começou a derreter sob o sol escaldante quando fomos a caminho do nosso carro à espera, enquanto dirigíamos para a casa.

De fato, ela não me prestou atenção, seu olhar teimosamente pela janela ao seu lado, observando as vistas enquanto passávamos.

Tudo bem.

Podia vê-la observando as vistas.

Era um tipo de consolo.

Isso fez tudo parecer novo, vendo através dos olhos dela, em vez dos meus.

— Você não pode estar falando sério, — ela murmurou quando entramos na estrada. — Você tem uma casa tão grande que você, o que, visita algumas vezes por ano?

— Está aqui quando eu preciso, no entanto.

— Você poderia apenas ficar em um hotel.

— Poderia, — eu concordei. E talvez, objetivamente, fosse isso que faria. Manter uma casa em que você não morava, funcionários e tudo, era sem dúvida caro. Eu não sabia os números. Teria que perguntar a Alvy. Tudo que eu sabia era que não estava prejudicando minhas contas. E mantinha o pessoal empregado. Não era uma perda completa se alguém se beneficiasse com isso.

— Você pelo menos compartilha isso às vezes? Então outras pessoas podem realmente apreciar sua beleza? — Ela perguntou, num tom acusatório ao sair do carro, recusando-se a pegar minha mão para fazê-lo, apesar de quase oscilar nos saltos no caminho irregular de pedra.

— Eu não.

— Bem, você deveria, — ela decidiu, respirando fundo, inspirando-me a fazer o mesmo, a água salgada provocando minhas narinas, fresca, familiar.

— O que você acha, Alvy? Devemos alugar?

— É lindo, — disse Alvy. — Eu posso organizar.

— Não que você precise do dinheiro ou algo assim, — Wasp continuou, girando em um círculo lento. — Mas pelo menos todas as contas de energia não seriam um desperdício completo.

— Gostaria de um passeio? — Eu perguntei quando ela deu mais uma volta.

Finalmente, seu olhar se fixou na casa, a vila, inclinando a cabeça para o lado, absorvendo-a.

Era uma casa de dois andares, o primeiro andar de estuque branco, o segundo de terracota colorida, cada nível com um alpendre coberto, tanto na frente quanto na parte de trás, permitindo a vista da ilha da frente e do oceano atrás.

— Tudo bem, — ela disse, virando-se para mim, olhos ilegíveis por um momento enquanto se aproximava de mim, enlaçando o braço no meu, surpreendendo-me o suficiente para meus pés vacilarem quando ela avançou, me arrastando com ela.

Eu não entendia o humor dela, o alto e o baixo, o quente e o frio, mas tinha que admitir que estava mais intrigado do que nunca.

Imaginei que, uma vez que ela estivesse acomodada, poderia baixar um pouco a guarda, me mostrar mais quem estava por baixo daquela máscara fria dela.

Tive a sensação de que seria uma mulher incrível de se ver.

Possivelmente, ouso até pensar, alguém que nunca se provaria previsível, alguém que nunca ficaria entediante.

Alguém que eu possa gostar de ter por perto por um longo período de tempo.

Esse foi um pensamento chocante, pois eu não estava procurando por isso. No entanto, agora que estava aqui, não havia como negar que eu me interessava pela possibilidade.

— Uau, — Wasp suspirou quando entramos na porta da frente, direto para o piso inferior do conceito aberto, vendo através da casa até a parte de trás, onde as janelas do chão ao teto mostravam a varanda traseira e a área da piscina, bem como um pedaço do oceano.

As superfícies eram madeiras naturais escuras, tornadas menos opressivas pela abundância de luz que entrava pelo espaço.

— Tudo bem, eu admito, — ela disse, me dando um sorriso irônico. — Estou oficialmente com inveja de sua riqueza. Gostaria de cortar algo vital para poder acordar com essa visão todas as manhãs.

— Felizmente, querida, nada em seu corpo adorável precisa ser cortado para poder apreciar essa vista. Deixe-me mostrar seu quarto, — eu ofereci, levando-a até as escadas atrás do banheiro do piso inferior. — Este é o quarto de Alvy, se eles escolherem ficar conosco, — eu disse a ela, apontando para a primeira porta. — Este é meu, — acrescentei, passando pelo próximo. — E finalmente, o seu, — eu disse, empurrando a porta.

A suíte master sempre teve a melhor vista, mas a dela não era nada desprezível, e era o que você notava imediatamente quando entrava, graças às janelas do chão ao teto, cortinas brancas abertas.

A cama de dossel queen size dominava o espaço, toda coberta de branco. Com uma enorme caixa redonda de rosas vermelhas ao lado de uma caixa de chocolates. E o champanhe rosé estava esfriando na mesa de cabeceira ao lado de uma taça com uma haste tão fina que uma brisa forte poderia quebrá-la.

— Você trata todos os seus convidados com rosas e champanhe rosé? — Ela perguntou, enviando um sorriso malicioso em minha direção enquanto passava os dedos pelas pétalas de flores.

— Não seja boba, — eu disse a ela, os lábios se curvando. — A maioria dos meus convidados não gosta de champanhe rosé, — acrescentei, fazendo um sorriso iluminar seu rosto ridiculamente bonito. — Esta porta leva para a varanda dos fundos, claramente, — eu disse a ela, apontando para ela. — E por aqui é o seu banheiro, — continuei, caminhando para abrir a porta, espiando, vendo as pétalas de rosa flutuando na água, o robe branco macio pendurado ao lado da banheira, uma pilha de bombas de banho em uma tigela apenas esperando ser usado.

Diann, que estava administrando esta casa ultimamente, merecia um aumento se ela fez todas essas paradas. Eu pedi a Alvy simplesmente para garantir que o champanhe rosé estivesse presente, não todo o resto.

— Você faz tudo demais? — Perguntou Wasp, mas seus olhos estavam suaves quando ela percebeu a banheira de imersão, o número excessivo de toalhas empilhadas à sua disposição, o chuveiro com vidro com efeito de chuva, o sistema estéreo embutido na parede.

— Faço, — eu disse a ela, pois era a verdade.

— Estou começando a não odiar isso, — ela admitiu, balançando a cabeça. — Este banheiro é maior que Wanda, — ela acrescentou.

— Desculpe, Wanda? — Eu perguntei, vendo como ela me deu um sorriso.

— Meu skoolie.

— Essa é uma palavra que receio não estar familiarizado.

— Skoolie. Um ônibus escolar convertido.

— Convertido para o quê, exatamente?

— Uma casa, — ela me disse. — Comprei um ônibus escolar fora de serviço, desmontei e o remontei em uma casa.

— Para qual propósito?

— Viajar com minha melhor amiga.

— Por que não viajar de carro e ficar em hotéis?

— Porque nem todos nós nascemos privilegiados. Eu não odeio você por causa disso, mas a maioria de nós não tem a mesma sorte. E temos que tirar o melhor proveito de nossas circunstâncias. Isso foi o melhor para nós.

— Quanto tempo você viajou assim, vive assim?

— Uma década mais ou menos. Raven me largou um tempo atrás. Gamou pelo pau de um cara, nunca voltou. Ela tem filhos e tudo agora.

— Então você também viajou sozinha?

— Eu odeio dizer isso a você, Fenway, mas você não viaja sozinho. Você tem Alvy. E os motoristas, os pilotos e os capitães dos barcos.

— Ainda assim, — eu disse, balançando a cabeça. — Estou sozinho. — Isso era uma nota de tristeza na minha voz?

— Viajar sozinha é ótimo, — disse Wasp, passando por mim para olhar a vista. — Você sempre escolhe o que quer comer, aonde quer ir, qual a música tocar.

Mas pode ser... — ela fez uma pausa, tentando encontrar coragem para dizer a próxima palavra. No final, ela falhou.

— Solitária, — eu forneci, finalmente reconhecendo o sentimento que havia feito os últimos dois ou três anos parecerem tão vazios, tão insatisfatórios.

Estava cercado por pessoas.

E mais solitário do que eu já havia me sentido antes.

— Eu odeio essa palavra, — ela admitiu, curvando os lábios, me lançando um olhar desdenhoso por cima do ombro.

— Mas é a apropriada, não é?

Para isso, ela suspirou, seu corpo inteiro relaxando. — Sim, é a palavra certa. Sinto falta da minha melhor amiga. Sinto falta de alguém com quem compartilhar coisas, de sair à caça à meia-noite em um restaurante que estava aberto ou de fazer uma refeição com comida de loja de conveniência, ficar bêbada em bares. Gosto de estar sozinha. Gosto. Mas sinto falta de compartilhar as coisas com outra pessoa também.

Isso soou verdadeiro como a coisa mais honesta... e vulnerável, que ela já havia me dito.

Uma pontada estranha doeu no peito, forte o suficiente para minha mão se mover para lá, esfregando as pontas dos dedos sobre ele.

— Bem, — eu disse, forçando alegria, leveza, querendo expulsar a escuridão do quarto, fora dela. — Felizmente para você, agora você tem alguém com quem criar refeições improvisadas e ficar bêbada. Embora eu deva avisar você, não sou muito cantor. Farei isso em voz alta. E com grande entusiasmo, apesar de tudo.

A tristeza deslizou de seus olhos, substituída por um brilho que eu gostava de ver lá.

— Obrigada por me convidar aqui, — ela me disse, olhando para longe. — É bom não estar tão sozinha, — ela acrescentou, recusando-se a olhar para mim, e estava começando a suspeitar que ela tinha dificuldade em ser real e aberta com alguém cara a cara.

Entendendo isso mais do que ela poderia saber, não pressionei.

— Eu vou deixar você se instalar. Deveríamos jantar tarde hoje à noite.

— Obrigada, — ela disse, alcançando a porta, saindo para a varanda, vendo o sol começar a se pôr.

Saí para o corredor, entrei no meu quarto para tomar banho, vesti um calção de banho e uma camiseta branca, depois desci as escadas e encontrei Alvy sentado na cozinha com uma mulher nos fins dos vinte ou trinta e poucos anos que estava cortando legumes enquanto os dois conversavam.

Diann, se me lembrei corretamente. A mãe dela era governanta quando eu comprei o local, mas ela sofreu um acidente, machucou as costas e a filha mais velha entrou no lugar dela.

— Diann, — eu a cumprimentei, caminhando até o bar, servindo-me de uísque. — O quarto de hóspedes estava adorável. Obrigado pelos toques extras.

— Alvy disse que você estava tendo problemas para impressionar uma mulher, — disse Diann, olhos dançando às minhas custas. Imaginei que os dois estavam brincando pelas minhas costas. O playboy que finalmente encontrou meu par. A única mulher que não se apaixonaria pelos meus encantos. Aquela que se recusou a me aceitar pelo valor aparente. Aquela que precisaria de mais do que isso de mim. E eu não tinha certeza se poderia dar isso a alguém.

— Ela se vê totalmente indiferente com minha personalidade, meu dinheiro e quase tudo sobre mim. Mas ela gostou da vista e das flores, — eu disse a Diann, sentando a alguns bancos de Alvy.

— Por que ela, então? — Diann perguntou. — Se ela não gosta de você. Ou é a pele?

— Apelo, — eu corrigi, sorrindo. O inglês dela era incrível, mas ela esquecia algumas palavras. Lembro-me dela certa vez chamando um polvo de "aranha do mar". — Suponho que seja parte disso.

— Alvy diz que ela é linda.

— Linda tipo te derruba de cabeça para baixo, chuta seu estômago, rouba sua respiração, — eu disse a ela, assentindo. — Agora, se eu conseguir que ela veja como eu sou diabolicamente bonito, — brinquei.

— Você poderia tentar impressioná-la sendo o seu eu autêntico, — sugeriu Alvy, recebendo uma sobrancelha elevada de mim.

— Ninguém quer ver isso. Este eu é muito mais divertido, — declarei, levantando-me do assento, não confortável com a linha da conversa.

— Mas e se o Fenway divertido não for o que Wasp está procurando? E se ela quiser o verdadeiro você por trás de tudo isso?

Essa era uma pergunta válida.

Mas a resposta parecia simples.

Então ela estava sem sorte.

E então eu também.

Mas me recusei a aceitar a derrota tão cedo no jogo.

Eu tinha certeza de que poderia lidar com Wasp.

Nunca estive tão errado sobre algo na minha vida.

E com a minha reputação de merda, isso estava realmente dizendo algo.

7

WASP

Esta, das muitas casas de férias de Fenway, era um resort cinco estrelas sem outros hóspedes irritantes.

Embora houvesse outras casas na rua, a maneira como o quintal foi instalado isolava a área da piscina e da banheira de hidromassagem em perfeita privacidade.

Não que eu estivesse com vergonha de usar um maiô em público, mas era bom não ter que lidar com olhares para o caso de os donos das outras casas serem homens mais velhos e maliciosos.

Estava dizendo a verdade quando disse a Fenway que meu maiô seria tortura. Era uma peça única vermelha que mergulhava quase no meu umbigo na frente, expondo a maior parte das minhas costas e 98% da minha bunda.

Eu não era uma pessoa de maiô fio dental. Mas essa foi uma escolha pontual. Eu precisava que ele me quisesse. Tanto que ele ficasse dolorido. Tanto que ele ficasse meio louco por isso. Então eu o teria. E poderia ganhar.

Infelizmente, o tempo optou por não cooperar com os planos.

— Temporada das chuvas, — Diann me disse quando, pelo terceiro dia consecutivo, eu fiquei na porta francesa, olhando desamparada para a piscina e a praia ao lado.

Estava derramando. O tipo de queda que não oferecia descanso, nem mesmo dez minutos para correr e pular na piscina.

Fenway era um anfitrião admirável, já que metade de suas opções de entretenimento estava bloqueada pelo tempo.

Saímos para comer.

Nós assistimos filmes clássicos.

Primeira noite, meus favoritos.

Segunda noite, os dele.

Embora não tenhamos sobreposto nenhum dos nossos favoritos, nenhum de nós discordou das escolhas do outro.

Alvy tinha sido uma presença silenciosa e esporádica, aparecendo para as refeições, desaparecendo completamente, às vezes saindo, outros simplesmente se trancando em seu quarto.

Eu não pude deixar de imaginar que tipo de vida era perseguir um playboy bilionário que mudava de ideia a qualquer momento, precisando de todos os seus planos mudados, exigindo desculpas a serem feitas, hotéis reservados, bagagem para ser embalada. Também não parecia que Alvy tivesse que voltar para casa. Eles eram uma parte sempre presente do estilo de vida extravagante de Fenway. Embora parecesse um ótimo trabalho a nível superficial, com todas as despesas cobertas, ficando nos lugares mais bonitos do mundo, convivendo com os ricos e famosos, eu também não pude deixar de me perguntar se deveria ser muito estranho por sua vida não pertencer a eles.

Talvez tenha sido por isso que raramente vimos Alvy agora que a presença deles não era necessária. Eles estavam tentando obter um pouco de privacidade, de normalidade enquanto podiam.

Por mais bonito que o meu quarto fosse, eu não conseguia imaginar ficar enjaulada nele com o resto da casa para explorar.

Eu não era muito cozinheira, mas a cozinha era incrível, com todos os utensílios conhecidos pela humanidade, e pelos expectadores das propagandas noturnas, guardados em armários. O bar estava totalmente abastecido. A televisão era enorme. Os sofás eram como um abraço caloroso.

Eu me acostumei com o meu espaço aconchegante, mas apertado, eu tinha esquecido como era não poder andar de um lado a outro da casa em cerca de dez passos.

Como tal, eu me estiquei.

Monopolizei o melhor sofá.

Dormi toda esparramada na cama enorme.

Tomei banho no chuveiro de chuva e mergulhei na banheira profunda.

Imaginei que, se eu fosse fazer o trabalho, conseguiria algo com isso.

Falando no trabalho, as coisas ficaram um pouco fora de controle em algum lugar após a chegada. Tínhamos caído em um tipo de relacionamento amigável. Toda a tensão sexual estava ausente em nossas interações, embora não estivesse ausente no meu organismo desesperado e esgotado que simplesmente não queria aceitar não como resposta sobre dormir com Fenway.

Estar aqui com ele era subitamente como ter um companheiro de quarto divertido e encantador que gostava de sair e assistir filmes, jogar jogos de cartas onde graciosamente perdiam a grana, e falar sobre pequenas bobagens e conversas superficiais.

Estava chegando a lugar nenhum.

E enquanto uma parte de mim estava se divertindo o suficiente para não se importar, a outra sabia que eu tinha muito dinheiro dependendo disso. Dinheiro de grande impacto. Eu não podia me dar ao luxo de foder tudo. Literalmente.

Então, quando o sol finalmente decidiu espantar as nuvens de chuva no quarto dia após a chegada, me certifiquei de me depilar e passar loção em cada centímetro meu, vesti o maiô perversamente cruel e fui para a piscina alguns momentos antes que sabia que Fenway finalmente chegaria com os olhos turvos para tomar o café da manhã.

Direto da posição onde ele estaria, veria minha bunda quase nua enquanto eu chamava atenção ao lado da piscina.

Se eu tivesse que voltar aos trilhos, precisaria da artilharia pesada.

Peitos e bunda funcionavam quando tudo mais falhava.

Eu não estava acima de usar isso para minha vantagem.

Não demorou muito para eu ouvir o som da cafeteira apitando.

Dois minutos.

Três.

E bingo.

A porta estava se abrindo, e eu podia simplesmente sentir o chiar da química quando Fenway saiu para o pátio dos fundos, movendo-se em direção a uma das espreguiçadeiras de madeira.

— Não se importe comigo, querida. Estou apenas curtindo essa bela vista hoje de manhã, — ele disse, com uma voz profunda, sexy de sono e sexy de sexy também.

Estava funcionando.

— Que vista é essa, Fenway? — Perguntei, meio virando, a cabeça inclinando em direção ao meu ombro. — A piscina, o oceano ou eu?

— Vi quase todas as praias do mundo. As piscinas não valem nada. Essa bunda? Mas essa bunda é única, — ele me disse, os lábios curvando-se lentamente enquanto levantava a caneca, tomando um gole lento. Então, sem quebrar o

contato visual, puxando metade do lábio inferior para dentro da boca para limpar o café ali.

Foi como um soco no meu núcleo dolorido.

Tudo em mim queria marchar até ele, subir em seu colo e me divertir com ele.

Foda-se o trabalho e tudo.

Esse era o nível de carência que estava experimentando.

Para o registro, eu nunca disse "foda-se o trabalho". O trabalho era mais do que apenas um salário, era um modo de vida, era uma espécie de missão. Fazer os homens que mereciam pagar por suas indicações passadas.

— Eu acho que você já viu o suficiente, — declarei, virando-me para frente, pulando na piscina.

Eu precisava continuar envolvendo-o.

Mas precisava tanto tomar um banho frio para acalmar a necessidade que percorre meu corpo.

Eu emergi, nadando até um extremo da piscina, depois dando algumas voltas. Primeiro, porque estava sedentária demais por dias. Segundo, eu tinha comido meu peso corporal em chocolate desde que cheguei, mesmo depois de implorar para Diann parar de comprar as caixas, elas continuavam aparecendo na minha cama todas as noites. E, terceiro, pensei que se exaurisse meu corpo o suficiente, não teria energia para estar tão desesperada por sexo.

Estava tão focada na minha forma, ficando um pouco obsessiva por causa de uma breve passagem na equipe de natação da escola, e minha natureza competitiva natural, que de alguma forma não percebi as pernas de repente balançando na água.

Tudo o que eu sabia era que precisava de uma respiração boa e profunda, então emergi do fundo da piscina.

Bem entre as pernas abertas de Fenway.

Olhos nivelados com sua virilha.

Suas calças leves de pijama não estavam fazendo absolutamente nada para esconder que ele estava tão irracionalmente excitado quanto eu nesta manhã.

Vendo a situação antes que se tornasse um *problema* completo, tentei mergulhar de volta na água, apenas para que Fenway se dobrasse para frente,

estendendo os braços na água, as mãos me agarrando na parte superior da caixa torácica de cada lado, os dedos pressionando meus seios mal escondidos.

Eu quase gozei ali mesmo.

Sim.

Era onde eu estava.

O roçar nos seios estavam fazendo isso por mim.

Como se fôssemos adolescentes inseguros.

Fenway congelou por um momento, esperando meu contato visual. Eu não queria dar a ele, sabendo o que ele encontraria no meu rosto. Lábios abertos, amplos olhos encapuzados.

Atração inegável.

Mas minha cabeça se levantou, meu olhar encontrou o dele.

Tendo o que ele queria, suas mãos pressionaram mais forte no meu traje molhado, na minha pele por baixo, puxando, me levantando para fora da água.

Eu não era pesada, mas também não era magra, e me vi devidamente impressionada com a força de sua parte superior do corpo, enquanto ele continuava me puxando para cima, mesmo quando ele não tinha a ajuda da leveza da água para ajudá-lo, quando ele me puxou para fora da água, mais alto, até que ele estava me abaixando, permitindo que o instinto me fizesse espalhar minhas pernas para o exterior dele, para que meu colo caísse sobre o dele.

Um gemido sufocado escapou dos meus lábios quando minha fenda pressionou contra seu pau duro, fazendo um arrepio me atravessar.

Meu corpo se estabilizou, suas mãos deslizaram pelos meus lados, curvando-se para fora até o início dos meus quadris, depois flutuando para baixo, afundando na carne nua da minha bunda.

Eu não pensei.

Eu não queria pensar.

Em vez disso, passei meus braços em volta dos ombros dele, selando meus lábios nos dele, duro, faminto, exigente.

Ele devolveu, lábios machucados, língua reivindicando, dentes mordendo.

Meus quadris balançaram contra os dele, alimentando o desejo por dentro, enlouquecendo meu corpo.

Em um rosnado baixo, os lábios de Fenway largaram os meus quando sua mão deixou minha bunda, enrolando-se nos cabelos na nuca, torcendo, puxando,

arqueando-me para trás quando seus lábios encontraram meu pescoço, minha garganta, entre os V dos meus seios, depois para cima novamente, fazendo meus mamilos endurecerem, fazendo meus quadris fazerem outro balanço ganancioso contra seu pau.

A outra mão de Fenway se moveu entre nós, agarrando a alça do meu maiô, arrastando-a para baixo, expondo um seio e depois o outro.

Usando a mão no meu cabelo, ele me arqueou para trás, projetando meus seios em sua direção. Curvando-se, ele chupou um na sua boca, trabalhando com a língua até que eu me contorcia contra ele descontroladamente. Ele me soltou, mas apenas para atravessar meu peito, afundando os dentes no meu outro mamilo, fazendo com que o pré-orgasmo começasse entre minhas pernas.

Perto.

Tão perto.

Eu só precisava alcançar suas calças, libertá-lo, puxar meu maiô para o lado e tê-lo escorregando dentro de mim. Profundo, pela sensação disso, me ultrapassando completamente.

Deus, sim.

Eu precisava disso.

Eu precisava disso mais do que tinha certeza de que já precisei de qualquer homem antes.

Minhas unhas arranharam seus ombros, segurando enquanto eu circulava meus quadris contra ele.

Agora.

Eu precisava dele dentro de mim agora.

Bem naquele segundo.

Mas, não.

Não, acrescentei ao meu cérebro, nebuloso e lento com a névoa da necessidade girando em torno dele.

Não, eu não poderia tê-lo agora.

Não tínhamos proteção.

E nunca corri esse risco.

Se parássemos para resolver essa situação, o momento teria passado. Eu pensaria nisso. Perceberia exatamente como isso era estúpido.

Parecendo sentir uma mudança, o braço de Fenway ancorou em volta da minha cintura, girando, mudando, me colocando deitada no cimento quente, minhas pernas balançando na água.

— Eu não posso te foder, — ele me disse, passando a língua entre os meus seios enquanto se abaixava na água. — Mas eu posso te provar, — acrescentou, os braços cruzando sob minhas pernas, puxando-as para cima.

Sua mão se moveu entre as minhas coxas, puxando meu maiô para o lado.

Antes que eu pudesse sequer levantar uma objeção, e, certamente, eu iria objetar, certo? Sua boca estava em mim, sugando um pouco antes de sua língua trabalhar meu clitóris, rápido, implacável, nunca dando ao meu corpo uma chance de perder o orgasmo que estava se formando na base da minha coluna, um profundo punho de tensão.

E então, assim, sua língua bateu, e eu bati no meu orgasmo, chorando alto o suficiente para alertar qualquer pessoa na casa, ou na casa dos vizinhos, informando exatamente o que estava acontecendo no pátio.

Mas eu não me importei.

Eu não poderia ter me importado.

Não com o prazer explodindo através do meu organismo, trabalhando seus tentáculos através de cada centímetro do meu corpo, me ultrapassando completamente, me deixando estremecendo no rastro.

Meu maiô voltou ao lugar.

Fenway soltou minhas pernas.

E então ele estava se retirando da água, seu corpo molhado deslizando sobre o meu, pressionando em mim por um momento glorioso.

Ele fez uma pausa, esperando minhas pálpebras se abrirem.

E vi triunfo completo e absoluto me encarando de volta.

— Boa sorte tentando me convencer, ou a você mesma, de que você não me quer agora, — ele me disse com aquela voz alfa profunda, sexy e alfa que usava muito raramente, considerando que era a coisa mais quente que eu tinha certeza de que já ouviu. — Querida, — ele acrescentou com um sorrisinho, como se soubesse exatamente o que estava fazendo, como eu estava tentando separar os dois homens que conheci como Fenway Arlington.

Então seus lábios pressionaram os meus.

Duros.

Reivindicando.

Marcando.

Foi o que fizeram.

Eles me marcaram.

Mas então se afastaram tão rapidamente quanto me pressionaram.

Ele se levantou, afastou-se e voltou para dentro da casa, todo molhado, duro como tinha estado minutos antes.

Mas vitorioso.

Em um gemido, estendi as mãos colocando meus seios de volta no meu maiô, o que não era uma tarefa fácil, dada a tendência das mamas de procurar separação quando você estava deitada de costas, mas consegui.

Deitada ali, respirei fundo algumas vezes, respirações calmantes, minha mão pressionando minha barriga.

— Wasp? — A voz de Alvy chamou alguns minutos depois, enquanto eu ficava lá como uma baleia encalhada. Principalmente porque não tinha certeza de que eu tinha total autoridade sobre minhas próprias pernas ainda.

— Sim? — Perguntei, respirando fundo mais uma vez, depois sentei-me para encará-los.

— Fenway disse para você ficar pronta em uma hora. Ele tem um dia planejado.

— Um dia? O que esse 'dia' inclui? — Perguntei, as sobrancelhas franzindo quando estendi a mão para jogar meu cabelo encharcado por cima do ombro.

— Na verdade, — disse Alvy, parecendo confuso. — Eu não tenho ideia. Ele não me pediu para organizar. Ele, ah, ele fez isso sozinho, — acrescentou Alvy, as palavras soando como uma pergunta, como se não pudessem chegar a um acordo com o chefe indefeso sendo capaz de fazer qualquer coisa por si mesmo.

— Esse é um pensamento aterrorizante, — eu disse a Alvy, recebendo um sorriso deles.

— Ele não é o idiota sem noção que às vezes pode se mostrar. Tenho certeza de que ele tem algo interessante planejado. Interessante, — Alvy especificou. — Interessante não significa necessariamente bom, mas no mínimo, você terá uma história para contar.

— Isso terei com certeza. — Toda essa provação ficaria para a história.

— Você sempre tem meu número se precisar de uma rota de fuga, — Alvy me lembrou, encolhendo os ombros, parecendo incerto sobre o que fazer com eles quando Fenway estava de alguma forma cuidando de seus próprios assuntos para variar.

— Você pode acompanhar, — ofereci, realmente precisando do mediador social. Eu tinha razoavelmente certeza de que Fenway e eu não iríamos pular um no outro perto de Alvy.

Apenas tenho certeza, no entanto, lembre-se.

— Me deram o dia de folga, — Alvy me informou, balançando a cabeça.

— Oh, *querida*, — a voz de Fenway chamou da varanda do segundo andar, fazendo-me levantar a cabeça para olhar para cima, minha mão levantando-se para bloquear o sol. — Use chinelos, — ele instruiu, sorrindo convencido, ainda curtindo sua vitória.

Oh, ele venceu a batalha, com certeza. Eu não era tão orgulhosa que não podia admitir isso. Ele claramente estava em vantagem. Ele ganhou esta.

Mas eu ia vencer a guerra.

— Não sei se gosto desse olhar — observou Alvy, me olhando com as sobrancelhas franzidas.

— Seu chefe precisa ser posto no seu lugar, — eu os informei.

— Você não está recebendo nenhuma objeção de mim, — disse Alvy, me dando um sorriso. — E eu acho que você pode realmente ser a mulher para o trabalho.

— Oh, eu sou. Ele está descendo, — acrescentei, sentindo minhas bochechas esquentarem com a escolha de palavras, imaginando se Alvy sabia mais do que estava deixando transparecer.

— Só me avise quando. Eu quero estar lá. Com pipoca. E uma câmera.

— Agradeço o voto de confiança, — disse a eles, de pé, caminhando com as pernas rígidas em direção à porta, seguindo as pegadas molhadas de Fenway pela casa, subindo as escadas, atravessando o corredor até o meu quarto.

Entrando no meu banheiro, decidi que precisava lavar o cloro.

Indo para o chuveiro, cheguei dentro, parando, ouvindo o chuveiro de Fenway contra a minha parede, a água escorregando de seu corpo e batendo no chão em ondas.

Mas não foi só isso que ouvi.

Ah, não.

Ouvi um gemido baixo e torturado, fazendo meu sexo apertar de realização.

Não tenho orgulho desta próxima parte, admito. Mas é a verdade, independentemente.

Entrei no meu chuveiro, pressionando minha orelha contra a parede, bisbilhotando um momento privado.

A necessidade tomou conta do meu corpo mais uma vez enquanto eu o ouvia se masturbando. À ideia de mim. Minhas mãos. Minha boca. Todo o resto.

Minhas coxas pressionaram firmemente, quando houve um barulho batendo, o punho dele batendo na parede, seguido por um assobio, depois uma maldição rosnada.

Meu sexo vibrou em resposta, uma grande parte de mim desejando estar lá com ele, gozando com ele.

— Cristo, — eu assobiei para mim mesma, afastando do chuveiro, estendendo a mão para ligá-lo.

Eu precisava voltar minha cabeça ao jogo.

Precisava me concentrar.

A química sexual era boa.

Era importante, até.

Era ainda melhor se não fosse falsificada da minha parte. Porque eu tinha certeza que Fenway seria capaz de perceber a diferença, mesmo quando todos os outros homens com quem eu fingi não tinham ideia.

Tomei banho, vesti um vestido simples que eu havia comprado no Qatar e um par de chinelos, já que não possuía nenhum outro tipo de calçado baixo, e desci as escadas.

Queixo para cima, ombros para trás, marcha confiante. Mesmo que minha coragem estivesse escorregando, fazendo meu coração palpitar no peito, meu estômago revirar.

Que versão de Fenway me levaria a um passeio hoje?

E para onde diabos estávamos indo?

Talvez a melhor atitude fosse dizer que eu queria ficar em casa, curtindo a praia e a piscina.

Mas o que posso dizer? Eu queria ver a Indonésia. Esta era uma oportunidade única na vida. Eu queria aproveitar tudo o que pudesse dessa experiência.

— Você parece deslumbrante, querida, — Fenway me cumprimentou, esperando por mim em um absurdo, mas de alguma forma encantador, shorts chinos rosa com algum tipo de minúscula impressão azul neles e uma camiseta branca.

— Que diabos está no seu short? — Eu perguntei, chegando mais perto.

— Bem, você pode ficar de joelhos e conferir, — ele sugeriu, tom fazendo aquela coisa profunda, sexy e séria novamente.

As duas partes de Fenway que eu conhecia estavam começando a se misturar mais. O que seria problemático para mim. Porque uma parte de mim estava começando a gostar do Fenway descontraído e absurdo. A outra parte estava com o sexo palpitantemente obcecado com a ideia de foder o lado alfa, arrogante e sério dele.

— Oh, querido, — eu disse, adotando uma personalidade antiga e confiável. A legal, serena gatinha sexual. Minha voz ronronou, meu corpo balançou, rebolou, aproximando-me, perto o suficiente para que nossos corpos quase se tocassem. Quase. Minha ponta do dedo tocou a barra de seu short, seguindo lentamente para cima, certificando-se de provocar no último momento, deslizando pelo zíper. — Eu já consegui tudo o que preciso de você, — eu disse a ele, reivindicando o evento na piscina como meu, recuperando o poder. — Agora, — eu disse, me afastando quando tinha certeza de que seu pênis estava duro novamente contra seu short. — Onde você está me levando hoje?

Pude perceber pelo olhar magoado em seu rosto que acabei de ganhar uma batalha importante.

E, como planejei, o playboy Fenway me seguiu como um cachorrinho.

Considerando que Alvy não participava da organização do dia, Fenway havia estabelecido algo bastante memorável.

Nós passamos a manhã no Santuário Sagrado dos Macacos, vendo famílias de macacos, estátuas gigantes de pedra, a vegetação de tirar o fôlego.

Fenway me parava com frequência, insistindo que era o local perfeito para uma sessão de fotos e depois tirando fotos de todos os ângulos. E foi justamente nesses momentos que me lembrei de como era bom viajar com outra pessoa,

compartilhar as experiências, me perder em uma nova área, um novo modo de vida, catalogar essas memórias para quando você é velha e sua memória estava ficando irregular.

— Isso foi ótimo, — eu admiti quando voltamos para o carro a seu serviço. Estava até me acostumando a ser conduzida por aí, que a princípio parecia muito estranho e desnecessário.

— Que tal uma viagem ao mercado? — Ele perguntou, como se eu fosse recusar.

— Não precisamos encontrar um lugar para conseguir dinheiro? Que tipo de dinheiro eles usam na Indonésia? Não imagino que um lugar chamado de 'mercado' aceite cartões de crédito, certo?

— Rupiah é a moeda aqui. É muito colorido, — ele me informou, enfiando a mão no bolso, puxando um maço gigante de dinheiro preso com um grampo de peixe-boi prateado. — E eu mantenho um maço em casa para situações como essa. Agora, você não vai me negar o prazer de lhe comprar um pouco de felicidade, não é?

— A felicidade não pode ser comprada. Pelo menos não de uma maneira duradoura. Mas está longe de mim recusar um pouco de felicidade temporária, — acrescentei, gostando um pouco demais do sorriso que ele me deu.

— Estou amaciando você, não estou, querida?

— Não seja bobo, *querido*, — eu disse, dando um tapinha em sua coxa. Eu bati-lhe injustamente, tortuosamente no alto de sua coxa? Juro que sim. E ele com certeza sentiu, a julgar pelo fôlego inalado que eu fingia não notar. Na verdade, fingi não notar onde minha mão também tocava, meu olhar pela janela.

No entanto Fenway ainda não estava pronto para me deixar escapar disso.

Seu braço pousou sobre meus ombros, me puxando para o lado dele. Seus lábios desceram perto da minha orelha, seu hálito quente enviando um arrepio sobre a minha pele.

— Você e eu sabemos que você não conseguiu tudo o que realmente quer de mim, querida, — ele me disse, em voz baixa. — Você não ficará satisfeita até que eu esteja enterrado profundamente dentro de você. Até você gozar ao redor do meu pau várias vezes. Mesmo assim, eu suspeito, não será suficiente. Jogue seus jogos, menina bonita, mas nós dois sabemos onde isso acaba.

Com isso, ele me soltou, pegando sua porta, abrindo-a, me fazendo perceber que de alguma forma chegamos ao mercado e estacionamos sem eu perceber.

Sim, esse era o efeito que Fenway tinha em mim.

Ele fazia o mundo desaparecer.

E isso era muito, muito perigoso.

Porque eu tinha certeza que ele não estava errado.

Isso não acabou.

E não havia uma maneira verdadeira de vencer.

Não importa para que lado as coisas fossem, eu tinha certeza que nós dois iríamos perder.

8

WASP

— Isso está ficando ridículo, — disse a Fenway, enquanto ele fazia um espetáculo ao tirar o chapéu que eu estava provando na cabeça e entregá-lo para a lojista com um floreio, dizendo a ela que o levaríamos.

Era o meu terceiro chapéu.

Eu também tinha uma brilhante máscara de buda verde e dourada, uma tapeçaria de macramé, um cobertor de arco-íris, um apanhador de sonhos branco enorme, uma blusa *I Love Bali*, um ímã de lagarto rosa, pulseiras de miçangas e duas bolsas de palha, uma pequena e redonda, a outra grande e retangular.

Basicamente, se eu o tocasse ou parasse para olhar por mais de cinco segundos, Fenway decidia que eu precisava tê-la.

— Adoro coisas ridículas, — ele declarou, entregando dinheiro ao proprietário, dizendo-lhe para ficar com o troco. Pelos olhos arregalados em seu rosto, imaginei que estava muito acima do preço pedido. — Também é bom para a economia local que sou tão ridículo.

Não era apenas ridículo.

Era generoso.

Estava começando a ver que o jeito dele de jogar dinheiro não era exatamente pelo reconhecimento, para inveja dos outros, mas simplesmente porque ele queria doar, ele realmente gostava de alegrar o dia de alguém.

Era uma qualidade inesperada e muito atraente, eu tinha que admitir.

— Eu literalmente não tenho espaço suficiente para guardar tudo isso. Eu moro em um ônibus, lembra? — Eu o lembrei, parando pouco antes de tocar em sinos de madeira, gostando da ideia deles, mas sabendo que o barulho constante enquanto dirigia Wanda me deixaria louca.

— Você encontrará espaço, — ele me assegurou, passando um braço sobre meus ombros, leve e amável, uma parte dele que eu não estava mais vendo como superficial, mas como outro lado de sua personalidade. Todos nós fomos

multifacetados. Julgá-lo antes era apenas porque eu o via através de uma lente cínica, e não justa.

— Acho que vou ter que jogar fora meu fogão e cafeteira para dar espaço a tudo isso.

— Comida e café podem ser apanhados na estrada, — ele me assegurou, afastando minhas objeções.

Quando finalmente saímos do mercado, eu tinha um par extra de sapatilhas, uma caneca de café e uma estátua realmente fofa de uma mãe e macaco bebê.

— Para lembrar de nossa viagem hoje, — ele me disse, pegando-o, entregando-o para mim e depois pagando por ele.

Eu nunca admitiria isso, nem mesmo se Raven estivesse me dando o olhar de 'desembucha, Wasp', mas havia uma sensação de fisgada estranha e desconhecida no meu peito enquanto eu o segurava, enquanto pensava sobre o sentimento por trás disso. Eu até tive esse desejo insano de pressionar a maldita coisa no meu peito como um velho brinquedo de infância esquecido ao encontrá-lo escondido em uma caixa no sótão.

Desconfortável com as sensações que corriam através de mim, peguei a estátua, enfiando-a dentro da bolsa redonda que eu pendurei cruzando o corpo. Em parte porque eu não queria continuar sentindo essas sensações. Mas também porque eu queria que estivesse segura, protegida, não perdida no balanço enquanto subíamos no carro.

— Meus pés estão doendo, — eu admiti, flexionando-os quando senti uma refrescante explosão de ar frio da saída de ar.

— Bem, certamente não podemos ter isso, podemos? — Fenway perguntou, estendendo a mão para agarrar minhas pernas, ignorando minha objeção enquanto ele as colocava sobre sua cintura, suas mãos indo para um dos meus pés, dedos pressionando com precisão especialista em minhas solas doloridas.

— Você sabe, se a coisa de ser um mega bilionário não der certo para você, — eu disse a ele, inclinando minha cabeça contra a janela, os olhos meio fechados, — você poderia realmente ter uma carreira de massagista, — eu disse, observando o olhar quente em seus olhos enquanto ele me dava um pequeno sorriso. — Nós estamos indo para casa? — Eu perguntei, sem saber qual era o resto do plano, porque ele se recusou a me dizer mais de um passo de cada vez.

Quando perguntei por que ele estava sendo teimoso sobre isso, ele me disse que queria que fosse uma surpresa para que pudesse ver minha reação quando eu descobrisse o próximo destino.

Era uma coisa irritantemente adorável de se dizer.

Eu queria odiá-lo por isso. Como sempre odiei pieguices, em todas as suas formas.

Mas não havia como negar que, bem, estava começando a me sentir um pouco piegas por dentro quando ele dizia coisas assim.

— Não.

— Onde estamos indo?

— É uma surpresa. Esta é a minha parte favorita do dia, — acrescentou, sorrindo. — Não se preocupe, querida, terei tempo para massagear seus dois pés antes de chegarmos lá.

— Bem, acho que não tenho objeções, — eu disse, cutucando-o com o pé livre.

Estava gostando muito disso.

Demais.

A parte racional de mim entendia isso, sabia o quão problemático poderia ser. A parte irracional de mim, no entanto, disse à outra parte para se foder.

— Wasp, — Fenway chamou, um som distante no meu ouvido, me despertando de um sono profundo. — Querida, — ele disse, fazendo minha barriga tremer. — Chegamos, — acrescentou, apertando minha perna.

Um barulho baixo e resmungado escapou de mim quando meus olhos se abriram, apertando os olhos para o sol da tarde.

— Eu acho que já me diverti o suficiente, — eu reclamei, fazendo beicinho para ele.

— Receio que não possamos reagendar, querida, — ele me disse, dando de ombros.

— Por que não? Nós não temos planos amanhã.

— Não, — ele concordou. — Mas eu já paguei às pessoas que administram essa atração turística particular para que tenhamos acesso exclusivo a esse local hoje.

— Você... o quê? — Perguntei, sentando-me, de repente completamente acordada. Meu olhar se moveu para fora do carro, vendo um terreno vazio, exceto

por nós e um carro com algum tipo de logotipo que eu não conseguia ler. — Você não pode pagar para alugar um local público.

— Claro que você pode. As pessoas alugam a Disney o tempo todo. Igrejas. Museus...

— Não um parque inteiro.

— Sim, parques inteiros, — ele corrigiu. — Estamos sendo a prova viva disso.

— Mas isso não é justo para todos que planejavam vir aqui hoje.

— Claro que sim. Paguei para que eles pudessem vir aqui amanhã sem nenhum custo. Todos ficaram felizes em obedecer. Ou foi o que me disseram.

— Mas por que precisaríamos que estivesse vazio?

— Você verá, — ele me disse, dando um último aperto na minha perna antes de sair pela porta, deixando-me deslizar de volta nos meus sapatos e segui-lo.

— O que é isso? — Eu perguntei, olhando para cima e vendo nada além de colinas verdes. Vegetação bonita e exuberante, mas aparentemente nada mais. Sem templos, sem estátuas, apenas com beleza natural.

— Tantas perguntas.

— Apenas uma pergunta, na verdade, — eu corrigi, erguendo a sobrancelha.

Para isso, ele revirou os olhos, pegando minha mão, entrelaçando seus dedos entre os meus e me puxando.

Eu deveria tirar minha mão.

Estava facilitando demais.

Ele não ia se apaixonar por mim se não houvesse alguma resistência.

Eu precisava me afastar.

Mas sua mão estava boa na minha, forte, tranquilizadora, sociável, como se estivéssemos em uma aventura juntos.

Que supus que estávamos.

Então deixei minha mão ali mesmo, dizendo a mim mesma que poderia encontrar alguma resistência em outra hora, que iria aproveitar esse momento.

De lá, partimos por conta própria, nem mesmo parando para cumprimentar o guarda do parque quando passamos, Fenway apenas dando a ele um aceno de cabeça que foi devolvido quando o homem desapareceu prontamente.

Eu não sabia o quanto isso havia custado a Fenway, não queria saber, mas eu tinha que admitir que havia algo sobre caminhar por esse parque em completo silêncio que fazia a experiência quase parecer, eu não sei, espiritual.

— Fenway?

— Sim, querida?

— Hum, estamos apenas... dando uma caminhada? Ou há algum tipo de destino em mente?

— Você ainda não descobriu? — Ele perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Descobriu o quê? O que há para descobrir?

Para isso, ele parou. — Escute, — ele exigiu.

Eu ia dizer a ele que não estava fazendo nada além de ouvir quando, de fato, ouvi. Acho que estava ouvindo minha própria respiração pesada e monólogo interno e não os sons ao nosso redor, afinal.

Porque no momento em que ele me disse para ouvir, eu ouvi.

— Uma cachoeira, — declarei, sorrindo.

— Muito bom, — ele me disse, olhos brilhantes.

— Eu amo cachoeiras, — eu disse a ele. — Eu tenho que ter pelo menos mil fotos da minha melhor amiga e eu em várias cachoeiras nos Estados Unidos.

— Tão adorável quanto tudo isso deve ter sido, — ele começou, me puxando de novo, desta vez com mais entusiasmo, o que significava que quase tive que correr para acompanhar. — Acho que este vai superar, — ele disse, arrastando meu corpo de repente na frente dele.

Então lá estava.

Ele não estava errado.

Era a melhor que eu já vi.

Não porque era a maior, não era, mas porque havia algo sobre seu isolamento silencioso, sobre como eram tecnicamente três cachoeiras em uma, sobre como era cercado pelas árvores e musgos mais verdes que eu já vi.

— Uau, — eu sussurrei, balançando a cabeça, indo em frente e me recostando em Fenway quando os braços dele envolveram minha barriga.

— Certo? — Ele perguntou, com os lábios na minha orelha.

— Espere, eu não terminei, — eu disse a ele quando ele se afastou, agarrou minha mão e começou a me arrastar com ele.

— Eu prometo, isso será ainda melhor, — ele me disse, arrastando-me para um caminho arborizado, mas não um que estivesse bem desgastado como o resto deles. Na verdade, esse não parecia ser um caminho no mapa, mas apenas um caminho que poucas pessoas conheciam.

E, claro, Fenway era uma dessas pessoas.

Quanto mais andávamos, mais alto o estrondo da cachoeira, até que era tudo o que você podia ouvir.

— Por aqui, — Fenway falou, quase gritando, me puxando para o lado e depois se abaixando sob uma árvore rasteira.

Sem outra escolha, já que ele ainda estava segurando minha mão cativa, eu o segui, cabelos presos em galhos enquanto agachamos por um minuto antes de deslizarmos por um buraco em uma formação rochosa, onde podíamos finalmente ficar de pé novamente, minhas coxas queimando chorando de gratidão.

O barulho aqui era quase ensurdecedor.

O jato da água molhou nossos rostos quando nos aproximamos cada vez mais da ampla abertura ao lado da segunda cachoeira.

— Ok, você está certo. — Eu declarei, respirando fundo, querendo lembrar dessa visão, desses cheiros, desse momento perfeito.

Houve muitos momentos pequenos e perfeitos na vida.

Eu tinha páginas de memórias deles.

Mas esse parecia diferente, maior de alguma forma.

Fenway se moveu atrás de mim mais uma vez, observando a água em cascata por cima do meu ombro enquanto seu queixo descansava lá, seus braços me envolvendo mais uma vez.

Não me pergunte por que eu fiz isso.

Não poderia te dizer. Nem se tivesse uma vida inteira para analisar minhas motivações.

Mas minha cabeça virou e meus lábios pressionaram contra ele.

Leve.

Doce.

Eu tive muitos beijos na minha vida. Mas sempre teve um propósito singular, um caminho para algo mais.

Esse, porém? Esse não foi assim. Foi apenas conexão, apenas intimidade, apenas pegando as sensações que estavam transbordando de mim e tentando compartilhá-las com ele.

Foi o beijo mais puro e inocente da minha vida. Eu senti até os dedos dos pés, até o topo do meu couro cabeludo. Um formigamento que não era desejo, mas

algo mais profundo, algo mais forte, algo que eu não conhecia o suficiente para ter um nome.

Meu coração estava batendo forte no meu peito, um bumbo na caixa torácica, quando a mão de Fenway subiu, emoldurando suavemente o lado do meu rosto, virando-me para encará-lo completamente.

Eu não me incomodei em lutar contra o desejo de envolver meus braços em volta da nuca dele, pressionar meu corpo mais apertado contra o dele.

Ficamos assim pelo que pareceu uma eternidade, lábios macios, doces, pouco exigentes.

Eventualmente, porém, o calor que estava se espalhando no meu núcleo atravessou minha barriga, pelo meu peito, até que cada centímetro de mim se sentiu quente, sentiu o pulsar do desejo.

Meus lábios exigiram mais primeiro, e os de Fenway estavam ansiosos para me dar exatamente o que eu queria, sua mão peneirando meu cabelo, puxando um pouco, fazendo minha cabeça arquear para trás, dando-lhe melhor acesso.

Minhas mãos desceram suas costas, juntando o material de sua camiseta, puxando para cima.

Nossos lábios se separaram por tempo suficiente para ele jogá-la para o lado, suas mãos afundando na minha bunda, o vestido de verão provocando praticamente nenhuma barreira. Eu podia sentir o calor de suas mãos com tanta certeza quanto senti o comprimento duro dele pressionando meu quadril.

Quando seus lábios se separaram dos meus novamente, foi para que ele pudesse se ajoelhar, suas mãos juntando o material da minha saia, erguendo-o lentamente para cima, seus lábios beijando cada centímetro de pele exposta, a sensação não indo apenas direto ao meu âmago, mas mais alto, penetrando também no meu coração, um sentimento quente e confuso para o qual não tinha nome, mas achei ao mesmo tempo reconfortante e extremamente assustador ao mesmo tempo.

Mas então sua língua estava traçando o contorno da minha calcinha, limpando tudo, menos o desejo que era como uma sensação de punhalada por dentro, algo quente e extremamente doloroso.

Seus lábios não se moveram para dentro, porém, mas beijaram meu quadril, minha barriga, entre meus seios, minha garganta e depois se afastou

completamente para puxar meu vestido sobre minha cabeça, deixando-me em nada além de minha calcinha reveladora, a água fria umedecendo minha pele em segundos, enviando um calafrio por mim.

As mãos de Fenway se instalaram em meus quadris, me virando, puxando minhas costas contra seu peito mais uma vez, nós dois de frente para a cachoeira enquanto suas mãos cobriam meus seios, provocando meus mamilos tensos em gemas mais duras, não cedendo até que minha bunda estava moendo contra sua dureza, desesperada por alívio da necessidade arrebatadora interior.

Só então uma das mãos dele deslizou para cima, fechando suavemente em volta da minha garganta enquanto a outra deslizou pela minha barriga, fazendo um delicioso caminho para baixo, sob a cintura da minha calcinha, depois acariciando minha fenda, encontrando meu clitóris, circulando-o preguiçosamente, construindo a pressão.

Logo quando eu pensei que estava no ponto de ruptura, seus dedos deslizaram para baixo, deslizando dentro de mim, meus músculos se apertando com força, gananciosos pela sensação de plenitude.

— Sente o quanto você me quer? — ele perguntou, os dentes mordendo o lóbulo da minha orelha.

E, Deus, sim, eu sinto.

Era algo quase maior que eu, essa necessidade de tê-lo dentro de mim, algo urgente, algo que se recusava a ser negado.

Seus dedos começaram a empurrar preguiçosamente, sugerindo o que eu precisava, mas se recusando a me dar, apenas querendo que eu choramingasse, ofegando por ar, as unhas cavando marcas na pele de seu antebraço.

— Fenway, por favor, — eu chorei, quadris balançando contra ele.

Um barulho baixo e rosnado escapou dele, sua mão deixando minha garganta enquanto seus quadris se moviam para trás, sua mão se libertando.

Ouvi a dobra da embalagem do preservativo e, com minha cabeça apoiada em seu ombro, pude vê-lo levantá-lo, beliscar a borda.

Antecipação era um fio desencapado no meu corpo quando ele alcançou entre nós, nos protegeu, antes que suas mãos estivessem em mim novamente, uma deslizando entre minhas pernas, pressionando contra meu clitóris enquanto minhas pernas se separavam um pouco, minha bunda arqueando para trás e para cima, implorando por um fim ao tormento.

Felizmente, Fenway também não parecia ter muito autocontrole, seu pênis deslizando entre as minhas coxas, pressionando contra mim por um momento antes de deslizar para dentro, longo e grosso como eu esperava, me enchendo completamente.

Houve um momento sólido de nada, apenas o reconhecimento silencioso desse momento singularmente perfeito antes que a necessidade de liberação ultrapassasse todo o resto.

A mão livre de Fenway juntou meu cabelo, envolvendo-o em torno de seu punho, puxando-o para o lado, expondo meu pescoço, seus lábios e dentes reivindicando a pele sensível quando ele começou a empurrar.

Forte.

E profundo.

Mas não rápido.

Prolongando

A pressão aumentou profundamente, de dentro para fora até me dominar completamente.

Seu pau enterrado profundamente.

O dedo dele bateu.

E eu simplesmente fui destruída.

Fragmentos de mim voaram em todas as direções, deixando nada para trás, exceto um grito estrangulado, uma onda de prazer tão aguda que foi quase dolorosa.

Um grunhido escapou de Fenway quando minhas paredes o apertaram através do orgasmo.

Mas ele não terminou comigo.

Ele não gozou comigo.

Retornei, ofegando por ar, com o corpo tremendo, apenas para ter Fenway saindo de mim, me virar e me pressionar contra a parede da caverna, o musgo fresco e macio nas minhas costas quando sua mão alcançou para baixo, enganchando meu joelho, arrastando-o para o alto antes de bater dentro de mim.

Depois de um orgasmo desses, eu tinha certeza de que tinha terminado, que meu corpo não seria capaz de aguentar mais.

Aparentemente, eu não me conhecia tão bem quanto pensava, porque quando Fenway começou a empurrar, mais forte, mais rápido, podia sentir o desejo reacendido, a necessidade dolorosa de satisfação renovada.

Ele me impulsionou rápido, me empurrando para o limite e depois me jogando além, mas desta vez ele gozou comigo, nós dois colidimos ao mesmo tempo, corpos afundando um no outro enquanto lutávamos para encontrar fôlego, para encontrar força em nossos membros gelatinosos.

Eu não tinha certeza de quanto tempo ficamos assim antes de finalmente nos separarmos, Fenway se inclinando para recuperar suas calças enquanto eu tentava convencer meu corpo a cooperar com qualquer tipo de movimento.

— O que você está fazendo? — Perguntei, observando enquanto ele tirava um saco plástico do bolso de trás. Onde diabos ele havia encontrado saquinhos de plástico?

— Eu odeio ser um convidado descortês, — ele me disse, amarrando a camisinha, colocando-a no saco, selando-o e colocando de volta em sua bermuda.

— Por que você trouxe saquinhos? — Perguntei, balançando a cabeça.

— Bem, eu sabia que precisaria de um para o meu telefone, — ele me disse, pegando outro, enfiando o celular dentro dele, selando-o e colocando-o no outro bolso da bermuda.

— Por que você precisaria para o seu telefone? — Perguntei quando ele pegou sua camisa, meu vestido e minha calcinha.

Pensei que entregaria para mim para que pudéssemos nos vestir e sair.

Eu realmente deveria conhecê-lo melhor.

— Bem, é claro que precisaria de um para o meu telefone, — ele me disse, caminhando até a abertura da caverna, perigosamente perto da borda, na verdade. — Caso contrário, isso nunca sobreviveria a isso, — ele me disse enrolando nossas roupas.

Eu percebi sua intenção um segundo tarde demais.

Como elas pareciam pairar no ar em câmera lenta antes de cair.

— Não! — Gritei, o coração pesado. — Por que você faria isso? Eu estou bem com tudo isso, — eu disse, gesticulando para o meu corpo nu, — mas não bem o suficiente para caminhar de volta por esse parque e chegar até o motorista do seu carro completamente nua, Fenway.

— Felizmente, minha querida, isso não será necessário, — ele me assegurou, pegando minha mão, me puxando para frente em direção à abertura da caverna, a água escorregando em meu corpo com spray.

— Fenway, não, — eu disse, tentando plantar os calcanhares, mas não adiantou.

Ele estava determinado.

O chão estava escorregadio.

E, francamente, eu realmente não queria lutar com ele de qualquer maneira.

— Oh, querida, sim, — ele me disse, rosto triunfante. E, Deus, era uma boa aparência. Tão boa, de fato, que meus lábios se curvaram com ele, a expectativa flutuando pela minha barriga.

— Você já fez isso antes? — Eu perguntei, inclinando-me um pouco para a frente, tentando ver se havia alguma rocha saliente na qual precisávamos nos preocupar.

— Não.

— Você sabe se é seguro?

— Não, — ele disse, sorrindo mais.

— Isso é um risco e tanto.

— Oh, vamos lá, querida, você não tem medo de nada.

Ele estava certo.

E ainda assim, incrivelmente, monumentalmente errado.

Porque eu estava com medo de algo.

Aterrorizada, na verdade.

E esse era o sentimento que tinha no peito quando ele me olhava assim, como se eu fosse a única coisa no mundo, como se eu fosse a única pessoa com quem ele gostaria de ter essa aventura.

Querendo me afastar desses sentimentos, respirei fundo, meus dedos segurando os dele com mais força.

— No três, — eu disse a ele, inclinando-me um pouco para frente. — Um...

— Três, — ele declarou, pulando, me levando com ele.

Quando recordo esse momento, encontrava nele uma espécie de poesia.

O ato de cair fisicamente.

E o fato de que, por dentro, meu coração estava fazendo algo muito semelhante, algo igualmente assustador, mas também emocionante.

Meu grito ecoou pelo parque vazio logo antes de rompermos a superfície na parte inferior da cachoeira, o pânico de último minuto me dominando, percebendo que eu não tinha absolutamente nenhuma ideia se essa água era profunda o suficiente para mergulhar, se íamos sobreviver à queda, se seria a fulana-de-tal em um necrotério de Bali, porque ninguém aqui sabia quem eu era.

Mas quando meu corpo se moveu para cima novamente, quebrando a superfície, me permitindo arfar, decidi que valia a pena o risco.

Eu me virei, encontrando Fenway que estava estendendo a mão para passar em seus cabelos, seu sorriso tão triunfante quanto o meu.

Você já mergulhou pelado em um lago indonésio depois de pular uma cachoeira com um playboy bilionário?

Bem, eu sim.

E deixe-me dizer, foi o melhor momento da minha vida.

— Você percebe que todas as nossas roupas estão ensopadas agora, — eu disse, vendo meu vestido flutuar por nós, a mão de Fenway tentando alcançá-lo.

— Eu te disse que você precisaria daquele vestido no mercado. Mas você acreditou em mim? Nãooo, — ele brincou, os olhos dançando.

— Bem, se eu soubesse que acabaríamos jogando nossas roupas em um lago, eu poderia ter reconsiderado essa postura. Vamos congelar no caminho de volta para casa.

— Bem, então, acho que teremos que nos aquecer juntos na banheira de hidromassagem, — ele sugeriu, dando de ombros. — Mas não podemos demorar muito, — acrescentou, me alcançando, me puxando para mais perto, usando um braço para nos manter na superfície.

— Por quê? Temos mais planos hoje à noite?

— Hoje não. Mas precisaremos de tempo para fazer as malas.

Malas?

Nós estávamos indo?

E por que fiquei desalentada com a ideia?

— Eu nem cheguei a ver a praia ainda! — eu disse a ele, tentando ser leve e divertida quando senti que algo estava desmoronando por dentro.

— Bem, estou levando você para uma praia diferente, — ele me disse, pressionando um beijo bobo na ponta do meu nariz. — No iate, — acrescentou, as sobrancelhas balançando.

— Bem, agora não posso exatamente recusar uma viagem de iate, posso?

— Você certamente não pode, — afirmou.

Eu pensei que ele quis dizer uma praia diferente em Bali.

Realmente, eu deveria saber.

Afinal, era o Fenway.

Rei dos ridículos.

Caçador de novas aventuras.

Para Fenway, tínhamos 'terminado' Bali.

E era hora de uma nova experiência.

E um novo país.

Eu era uma passageira ansiosa.

Em algum momento entre o mercado e a caverna, eu de alguma maneira parei completamente de fingir.

E não foi até uma semana depois, meus pés aconchegantes na areia quente, quando um toque no meu telefone me lembrou a verdade.

Que nada disso era real.

Que isso era apenas um trabalho.

E um que estava quase no fim.

9

FENWAY

— Você acha que vamos ver uma daquelas coisas gigantes de caranguejo? — Wasp perguntou, olhos arregalados, sorriso brilhante.

A maioria das pessoas, quando ouviram falar de todos os rastejadores assustadores da Austrália, dispensavam o país inteiro como um "não".

Wasp?

Wasp queria que eu descobrisse todas as criaturas esquisitas, feias, venenosas e perigosas.

Quando a coloquei no iate quatro dias antes, depois de ouvir um sermão curto sobre o quão ostensivo era antes de ela decidir que precisávamos entrar na banheira de hidromassagem, ela pegou o telefone e encontrou alguns artigos sobre as estranhas e maravilhosas criaturas que habitavam a Terra Abaixo.

— Existem cento e setenta cobras nativas da Austrália. Quer saber quantas são venenosas?

Na verdade, não, mas o entusiasmo dela era contagioso. Minha mão se estendeu, colocando o cabelo que caíra em seu rosto atrás da sua orelha. — Quantas?

— Cem! Oh, meu Deus. Eles têm cobras que podem comer crocodilos. Olhe para este canguru. Parece que ele está bombado e pronto para lutar, — ela me disse, virando o telefone.

Eu levei centenas de pessoas para milhares de lugares na minha vida. Nenhuma, nem uma sequer, esteve tão empolgada com as coisas quanto Wasp.

Ela arrulhou sobre macacos. Ela parou em todas as bancas do mercado, admirando mercadorias. Ela tirou todas as fotos, alegando que precisava das lembranças de quando ficasse velha e chata.

Como se uma mulher que pulasse nua por uma cachoeira depois de fazer sexo em uma caverna pudesse ser considerada chata.

— Não é provável, querida, é mais provável que sejam vistas nas Ilhas Cook. Podemos ir para lá a seguir, — ofereci, ainda não cansado dela ainda.

De fato, havia uma vozinha insignificante no fundo da minha mente que ficava mais alta em momentos calmos antes de dormir, como depois de Wasp desmaiar como uma estrela do mar, apenas para se enrolar no peito, dizendo coisas loucas.

Como talvez nunca me cansaria dela.

Que eu queria que ela ficasse.

— Nós não vamos a lugar nenhum, — ela me disse, revirando os olhos. — Você prometeu que poderíamos encontrar um Megabat. Preciso tirar uma foto de um para aterrorizar meu sobrinho.

— Que tia doce você é, — declarei, passando um braço sobre os ombros dela.

— É o trabalho da tia legal mexer com os pequeninos. E também comprar-lhes presentes descontroladamente inapropriados que enlouquecerão seus pais.

— Se você precisar de dicas sobre presentes ridículos, eu sou o homem para consultar.

— Qual foi a coisa mais louca que você deu a alguém?

— Eu acidentalmente dei a uma amiga um porco de curral em vez do mini porco que ela queria há anos.

— Isso é um ôpa muito grande.

— Ela ainda o adora. Estou no serviço de babá-de-porco para toda a vida, caso ela queira sair de férias.

— Parece razoável, — ela me disse, puxando-me para a praia atrás do resort em que estávamos hospedados. — Isso é um absurdo, — ela declarou quando chegamos a uma das muitas camas redondas com uma cobertura de toldo. — E absolutamente incrível, — ela acrescentou, subindo nela, dando-me uma excelente visão de sua bunda quase nua ao fazê-lo. Eu precisava tirar uma foto, decidi, pegando meu telefone antes que fosse tarde demais.

— Sério? — ela perguntou, caindo depois de ouvir o disparo, revirando os olhos para mim. — Para que você poderia precisar de uma foto da minha bunda?

— Vou imprimi-la em um travesseiro e dormir à noite, — declarei, apenas brincando enquanto me deitava ao lado dela.

— Tudo bem, Fenway Arlington, — ela disse, com uma voz séria. — Diga-me algo sério, — ela exigiu.

Era o seu novo jogo favorito, querendo espiar por baixo da cortina. Foi culpa minha. Eu a deixei ver outras partes de mim em mais de uma ocasião.

De alguma forma, porém, não me importava que ela tivesse acesso a algo que apenas duas ou três outras pessoas na minha vida já tiveram. Não sabia o que aquilo significava. Não queria descobrir.

— O que você quer saber?

— Conte-me sobre sua infância, — ela decidiu, já me perguntando coisas aleatórias. Perder minha virgindade, opiniões políticas, meus sentimentos pessoais sobre as mudanças climáticas, devido ao meu 'flagrante desrespeito pelas emissões de carbono durante a viagem'. Era apenas uma questão de tempo antes que ela chegasse às coisas sujas. As coisas sobre as quais não falei com ninguém, exceto uma vez em que fiquei bêbado, e fiz alguns comentários para Alvy sobre isso depois de receber um telefonema de casa.

— Não foi feliz, — eu disse a ela, sendo sincero, não tendo muita certeza de por que não a dispensava, por que não fazia pouco caso disso, como costumava fazer, brincar sobre como minha colher de prata foi jogada fora e substituído após cada refeição e seguir em frente com a conversa.

— Por que não?

— Eu vim de três gerações de homens que levavam muito a sério a si mesmos, suas vidas, esposas e filhos.

— Não há nada sério sobre uma criança.

— É aí que reside grande parte da infelicidade. As crianças do meu círculo não são instruídas a sair e brincar no quintal enquanto os adultos conversam. Era esperado que estivéssemos em todos os jantares, todas as atividades de caridade, todos os jogos de tênis jogo, campo de golfe e caça. Tivemos que vestir e representar o papel, ser adultos sem a maturidade ou o autocontrole que acompanham a idade.

— Isso não parece muito divertido, — Wasp decidiu, dando um tapinha na minha coxa.

— Não era só eu nisso. Éramos todos nós. Portanto, havia algum conforto nisso. Mas as expectativas de meu pai eram mais severas. Ele era do tipo A e anal[5] sobre todos os pequenos detalhes de sua vida. Minhas roupas tinham que ser de certa maneira, minha cama era feita em estilo militar, meus pisos varridos, minhas superfícies espanadas. E os empregados foram proibidos de ajudar. Eles eram um

[5] Tipo A caracteriza-se pela competitividade, senso de urgência e hostilidade.
"Personalidade anal", é marcada por organização excessiva, extrema meticulosidade e, respeitoso com a autoridade.

privilégio conquistado. Quanto mais velho eu ficava, mais me irritava com as restrições.

— O que ele fez?

— Tentou me bater primeiro, — admiti. — Você tem alguma ideia de como é humilhante aos catorze anos de idade ser tão espancado que você se mijou? — Eu perguntei, olhando para ela, vendo a dor atravessar seus olhos brilhantes.

— Não, não sei, — ela me disse, apoiando a cabeça no meu ombro. — Sinto muito, ele era um idiota.

Ele era isso.

— Quando o espancamento não o satisfez mais, ele me enviou para a Avon Mills.

— Estou quase com medo de perguntar o que é Avon Mills.

— Uma escola para crianças 'problemáticas' de uma certa faixa salarial. Uma espécie de instituição sobrevivencialista hipermilitante, onde elas tiram tudo o que você tem, te esvazia. Foi-nos negado todo tipo de prazer. Sem TV. Sem música. Apenas comida não temperada. Fomos forçados a fazer exercícios militares por oito, dez horas por dia. No calor sufocante. Na neve. Você chorava, vomitava, não importava, tinha que continuar. Você dormia no chão ou fora quando eles pensaram que você se comportou mal. Eles não podiam realmente nos bater, mas fizeram tudo ao seu alcance para nos fazer sofrer.

— Como diabos eles se safaram disso?

— Bem, em primeiro lugar, não estava nos EUA. Em segundo lugar, você ficaria surpresa com quantos lugares assim realmente existem nos Estados Unidos.

— Quanto tempo você esteve lá?

— Cinco anos.

— Cinco *anos*? — Wasp gritou, se afastando, olhando para mim, as sobrancelhas arqueadas. — Sem parar? Como se estivesse em casa?

— Aquilo era casa, — eu concordei, assentindo. — Não saí para o verão ou para férias, como muitos outros. O que sempre piorava as coisas para mim. Muito mais atenção individual.

— Então você, o quê? Você envelheceu?

— Com pouco mais de dezoito anos, meu avô morreu, dando à minha avó o controle da maior parte dos bens da família. Ela deu um ultimato a meu pai. Me tirasse de lá ou seria deixado fora do testamento.

— Graças a Deus por sua avó, — Wasp resmungou, a tristeza desapareceu, substituída pela raiva.

Entrei também entre essas duas emoções quando pensei em todos aqueles longos, frios, solitários anos sem uma única diversão, sem nada divertido ou leve, sem uma pausa no trabalho interminável, a tortura extenuante.

— Sim, — eu concordei, assentindo. — Ela é o que você encontra quando pensa em uma matriarca de uma família de dinheiro antigo. Forte, severa, muitas vezes desaprovadora, mas com um fraquinho por seus entes queridos, mesmo que sua maneira de mostrar isso às vezes não seja afetuosa.

— O que aconteceu depois que você saiu?

— Fui ficar com minha avó por alguns meses, tentando me adaptar a uma vida fora daquele mundo que era tudo que eu conhecia há tanto tempo. E então ela liberou minha herança no meu décimo oitavo aniversário. Deveria ser no meu vigésimo primeiro, mas ela mudou. Imagino por culpa, por não ter encontrado uma maneira de intervir antes. Mas, em muitos aspectos, ela estava tão impotente quanto eu na maior parte do tempo, presa sob o polegar do meu avô por toda a sua vida adulta.

— E quando você pegou todo esse dinheiro... — Wasp começou, os lábios se curvando, sabendo para onde isso estava indo.

— Busquei todas as formas de entretenimento que pude encontrar. Tornei a vida divertida, leve e fácil, todas as coisas que nunca soube por mim mesmo. Regado a um forte desejo de encontrar qualquer maneira de embaraçar meu pai, e você tem uma ideia da vida que vivi desde que me libertei daquela vida tóxica.

— Seu pai ainda está vivo? — ela perguntou.

— Não.

— Bom. Eu sei, isso é cruel, mas bom. O bastardo.

Ele era um bastardo.

Eu tinha engolido meu orgulho para ir até ele no leito de morte, tentar fazer algum tipo de reparação, ter um término, qualquer que fosse o inferno que os psiquiatras me disseram que era importante.

Ele passou uma hora me dizendo todas as maneiras pelas quais eu havia sido uma decepção amarga para ele, como era um constrangimento para a família, que meus ancestrais estavam rolando em seus túmulos, sabendo que eu continuaria com o legado da família, que desejava nunca ter tido um filho.

Saí, sabendo depois que ele morreu de maneira feia, ofegando por ar, incapaz de recuperar o fôlego até que morreu depois de dezesseis horas torturantes.

Estava indo para o inferno por pensar nisso, mas tudo que conseguia pensar quando ouvia a notícia foi: Bom. Bom. Esse foi o fim que ele mereceu.

Então voltei aos meus velhos hábitos.

— Então é por isso que você tem essa personalidade exterior leve, mas a parte mais escura que mostra seu rosto de vez em quando, — pensou Wasp. — Só para constar, a parte escura é meio sexy, — ela me disse, os olhos ficando derretidos.

— Sim? — Perguntei, pulando para frente para agarrá-la no quadril, arrastando-a para o meu colo, sorrindo para o chiado que ela soltou, depois a respiração trêmula quando ela sentiu meu pau pressionar contra sua boceta ansiosa. — E o lado leve? — Perguntei, estendendo a mão para traçar a linha do seu maiô entre os seios.

— O lado leve é muito divertido. É o melhor dos dois mundos, — ela declarou, alegremente aberta.

Mas então algo cruzou seu rosto, algo que fez suas sobrancelhas franzirem, que fez seus olhos ficarem cautelosos.

— O que há de errado? Espere, — eu disse, tentando agarrá-la quando ela saiu de cima de mim. Mas ela se desviou, correu antes que eu pudesse detê-la.

Ela teve mais de um punhado de momentos como esse desde a caverna.

Parecia haver um ciclo com ela. Ela dava e dava e dava, e justamente quando você se acostumava, ela se afastava, deixando você se perguntando o que diabos você fez de errado, o que você disse para irritá-la.

Também não me escapou que, embora ela me pedisse detalhes íntimos da minha vida, ela quase nunca me dava os dela. Eu sabia que ela havia crescido com os pais. Mas eles estavam mortos. Eu sabia que ela tinha irmãos, mas não os nomes deles, nem a localização deles. Eu sabia que ela tinha uma melhor amiga que era rica e tinha filhos. Eu não sabia que tipo de infância ela teve, o que ela faz

para viver. Se fazia alguma coisa para viver. Se fazia, por que foi capaz de deixar isso para trás e perambular ao redor do mundo comigo?

E que tipo de trabalho ela poderia fazer em um ônibus escolar convertido em casa?

Perguntas ardentes, tudo, mas ela se mostrou furtiva ao mudar de assunto quando tentei pressionar um tópico.

Ela costumava usar seu corpo para fazer isso.

E sendo um homem que apreciava muito cada curva daquele corpo, eu não estava exatamente bravo com seus métodos sujos de luta.

— Você não vai atrás dela? — Alvy perguntou, caindo ao pé da cama, me entregando uma bebida.

— Ela só vai me distrair de descobrir o que está errado usando meu corpo.

— Oh, coitadinho, você, — Alvy brincou, rindo.

— Eu sei, certo? Como ela se atreve. Sou mais do que meu pênis, — eu respondi, tomando um gole. — Não consigo entendê-la.

— Embora essa é a atração, não é? — Alvy perguntou, me observando. — É por isso que você não está entediado com ela ainda.

— Ainda não estou entediado com ela, porque ela é interessante, mesmo sem todos os detalhes.

— Talvez ela não esteja dando os detalhes, porque acha que o mistério é a única razão pela qual você está interessado nela, — sugeriu Alvy.

— Alvy, você pode ser um gênio, — declarei, mas depois pensei melhor. — Quer saber, não. Acho que não. Ela é uma mulher muito independente para dar a mínima se eu estiver interessado.

— Possivelmente.

— Você parece desconfiado dela.

— Eu não estava no começo, — disse Alvy, drenando o resto da bebida. — Mas quanto mais isso acontece, menos tenho certeza sobre ela.

— O que, você acha que ela está atrás de mim pelo meu dinheiro? — Eu perguntei. — Mesmo que ela esteja, o que acho que ela não está, como isso a torna diferente de todas as outras mulheres em todos os outros cantos do mundo com quem compartilhei algum tempo?

— Porque esta está mexendo com você, — disse Alvy. — Você pode não querer admitir. Inferno, você pode nem perceber ainda. Mas ela está lá. E isso faz dela uma ameaça que todas as outras garimpeiras não eram.

— Eu posso ser muitas coisas tolas, Alvy, mas acho que nós dois podemos concordar que eu fiz bem o suficiente com o dinheiro da família.

Não havia argumento para isso. Gastava dinheiro como água. Mas fazia com a mesma facilidade. Pode até ter sido um 'foda-se' final para meu pai, aumentando a fortuna da família mais em uma década do que ele fez toda a sua vida.

— Eu não me preocuparia tanto se soubesse que você sabe mais sobre ela.

— Você não está errado, — eu concordei. — Descobrirei mais. Especialmente se ela ficar por um tempo.

— Eu apenas acho que é do seu interesse, — disse Alvy, dando de ombros. — Sei que não é minha função. Eu só queria ter certeza de que você estava pensando com sua cabeça grande, — eles disseram, me dando um sorriso enquanto caminhavam pela praia.

Eu admito, estava gostando de nossas pequenas aventuras o suficiente para não me deixar me preocupar pelos detalhes. Na verdade, eu simplesmente não era alguém que me preocupar pelos detalhes em geral. Mas Alvy estava certo. Se ela fosse mais duradoura que outras no passado, precisava saber com quem estava indo para a cama.

Agora, se ela parasse de ser tão boa na cama, eu poderia realmente chegar a algum lugar.

Bebi minha bebida, voltando para o hotel, pronto para coagir algumas respostas de Wasp por todos os meios necessários.

Mesmo que isso significasse reter orgasmos até que ela me desse alguns pequenos detalhes sobre sua vida.

Na verdade, gostei muito dessa ideia.

E ela ficava tão desesperada por gozar que provavelmente me daria o que estava procurando também.

No mínimo, eu apreciaria muito com isso.

— Oh, querida! — Chamei, abrindo a porta da suíte, encontrando-a descansando no sofá, ainda vestindo seu traje de banho, pernas esticadas sobre o braço, uma mão para cima, enrolando os cabelos como descobri que ela fazia quando estava pensando em alguma coisa.

— Quero ficar sozinha.

— Eu tenho um jogo que quero jogar.

— Não gosto de jogos.

— Diz a rainha deles, — eu retruquei, vendo quando ela virou a cabeça na almofada para me encarar. — Você vai tentar negar? — Perguntei, aproximando-me dela, caindo no pufe ao lado dela. Tudo o que consegui foi outro olhar feio. — Você só gosta dos jogos que pode ganhar.

— Querido, — ela disse, elevando-se lentamente, um gato pronto para atacar. — Quando você vai aprender? — Ela continuou, movendo-se para me montar, passando um dedo na minha mandíbula. — Eu sempre ganho. Na verdade, — ela disse, mexendo no meu colo, sentindo meu pau já pressionando contra ela, — eu acredito que já tenho. — Com isso, ela pulou, girando, tentando se afastar.

Minha mão disparou quando me levantei, agarrando seu pulso, empurrando-a, batendo-a contra as janelas do chão ao teto ao nosso lado.

— Quer apostar, *querida*? — Perguntei, puxando seu traje para baixo, selando meus lábios sobre o mamilo, sentindo o tremor percorrer seu corpo.

Para uma mulher que gostava de controlar as situações, ela se transformou em uma poça de necessidade quando você assumia o comando na cama.

Eu ia ganhar isso.

E, com certeza, ela seria uma má perdedora depois.

Mas isso era um problema para mais tarde.

O único problema agora era descobrir de que maneira eu iria torturá-la para obter respostas. Meus dedos. Minha língua. Meu pau. Ela era uma otária por todos os itens acima.

Acho que poderíamos empregar todas as armas nesta batalha.

Meus dedos deslizaram seu traje para o lado, o polegar subindo para acariciar seu clitóris, dois dedos empurrando dentro dela, trabalhando exatamente como ela gostava até que eu senti suas paredes começarem a se apertar ao meu redor, ameaçando o esquecimento.

— Fenway, por favor, — ela chorou, os dedos fincando na pele do meu pescoço.

— Você pode gozar, — eu assegurei a ela, dando um toque cuidadoso em seu clitóris. — Uma vez que você me diga quando perdeu a virgindade e para quem?

— O quê? Por que você está... oh, — ela choramingou quando meu dedo deu outro toque. — Eu tinha quinze anos, — ela me disse.

— Ele foi seu primeiro amor? — Perguntei, passando o dedo.

— Não. Eu não amo. Ele era meu vizinho. Ele tinha trinta anos, — ela admitiu. — Você prometeu, — ela me lembrou, os quadris se contorcendo quando parei, surpreso com a admissão dela, com o liberalismo que ela descreveu o que a maioria dos estados consideraria estupro de menor.

— Sim. Prometi, — eu concordei, trabalhando em seu clitóris, enviando-a para um orgasmo.

Ela mal conseguiu recuperar o fôlego antes de eu me ajoelhar, correndo minha língua por ela.

Felizmente para mim e para este meu plano, Wasp era multiorgásmica, algo que estava usando para minha vantagem, enlouquecendo-a novamente. — Qual é a sua profissão?

— Fenway, isso é... oh. Foda-se, — ela sussurrou, sua mão batendo no topo da minha cabeça quando chupei com força seu clitóris. — Porra, por favor...

— Apenas me diga a sua profissão, e você pode gozar.

— Eu sou... eu sou... porra. Eu sou... treinadora de cães, — ela declarou, respirando fundo enquanto meus lábios chupavam novamente, enviando outro orgasmo correndo por seu corpo.

— Uma treinadora de cães, — eu repeti quando ela voltou a si, sem fôlego, corada.

— Sim. Eu treino cães. Cães muito mal comportados. — Havia algo em sua voz, um tom, uma insinuação que não entendi, uma piada interna que eu não estava a par, talvez? Eu não sabia. Não ia pressionar. Fiquei feliz em receber uma resposta dela. Respirando fundo, ela estendeu a mão para passar pelo cabelo dela, deixando-o mais para o lado enquanto olhava para mim, os olhos entrecerrados, o sorriso malicioso. — Eu não achei que você pudesse jogar tão sujo.

— Oh, querida, sou cheio de surpresas, — eu disse a ela, disparando para cima, ombro indo para o centro dela, jogando-a por cima do ombro, bunda no ar, implorando para levar um tapa.

— Ai! — Ela sibilou, o corpo tremendo quando minha mão pousou lá com um tapa satisfatório.

Eu a carreguei através da suíte, jogando-a na cama, observando enquanto ela pulava, parado ao pé da cama, tirando minhas roupas, observando enquanto ela tentava manter o contato visual impassível, depois falhou, os olhos famintos se arrastando.

— Tire o seu maiô, — eu exigi, observando seus olhos brilharem, sabendo que ela adorava ser mandada, mesmo que ela nunca admitisse.

Movendo-me para a mesa de cabeceira, peguei uma camisinha, coloquei-a, observando enquanto ela fazia um show soltando as tiras, puxava o maiô pela cintura e depois abaixava-se lentamente na cama, plantando os pés, curvando-se para cima

— Eu preciso de ajuda, — ela me disse, me dando aquele biquinho sexy que dava fisgadas nas bolas.

Meu pau se contraiu quando voltei para o pé da cama, dedos provocando a parte externa do tornozelo dela, antes que ambas as mãos agarrassem os tornozelos, puxando, tirando-os de debaixo dela, depois torcendo, forçando-a de bruços. Minhas mãos se moveram em seus quadris, puxando sua bunda para cima em minha direção, então puxando o tecido para baixo para expor sua bunda perfeita.

Minha mão pousou com um tapa, mais forte do que antes, deixando uma marca rosa em sua nádega, arrastando um gemido irregular dela enquanto eu batia dentro dela sem preâmbulos, tomando cada centímetro.

— Foda-se, — ela sibilou, dedos em punhos nos lençóis, elevando ainda mais a bunda, pedindo mais.

Minhas mãos voltaram para seus quadris, usando-as para bater seu corpo contra mim enquanto empurrava para frente. Forte. Impiedoso. Completamente sem qualquer autocontrole, algo que Wasp adorou, seus gemidos se tornando choramingos que se tornaram maldições apressadas enquanto eu a dirigia até a borda.

— Por que você concordou em vir comigo para Bali? — Exigi, tirando quase tudo dela.

— Não. Droga. Não pare, — ela rosnou, tentando se mexer contra mim. — Fenway…

— Responda-me, — exigi, dando outro tapa na bunda dela.

— Porra. Tudo bem. Eu pensei que seria divertido brincar com você, — ela admitiu, e tudo isso parecia verdadeiro.

Eu bati de volta dentro dela, profundamente, sentindo suas paredes pulsarem em torno de mim descontroladamente, ordenhando meu orgasmo também, sugando todo o meu comprimento, me fazendo cair sobre ela na cama, ofegando por uma respiração profunda.

— Você é um idiota. — Wasp declarou quando ela recuperou o fôlego, jogando seu peso corporal, tirando-me dela sobre o colchão enquanto se sentava, olhando para mim.

— Sou, — eu concordei, colocando um braço atrás do pescoço, feliz com a minha vitória. E os métodos pelos quais eu garanti isso.

— Você sabe que acabou de aumentar as apostas, certo? — Ela perguntou, levantando o queixo, desafio em seus olhos ainda mais brilhantes do que o habitual.

— Oh, estou ansioso pela próxima batalha.

— Vai ficar feio, — ela me prometeu.

— Quer saber? Você tem sorte de ser tão bonita, — eu disse a ela, observando suas sobrancelhas franzirem.

— Por que isso? — Ela perguntou, uma lasca de gelo deslizando em sua voz.

— Eu...

— Descreva-me, — ela exigiu, me cortando.

— O quê?

— Digamos que alguém pergunte sobre mim. Como você me descreveria? — Ela perguntou, o corpo ficando tenso.

— Bem, você é linda, — eu comecei, sabendo no segundo que saiu da minha boca que era exatamente a coisa errada a dizer, que tinha, de alguma forma, feito uma afirmação que ela tinha em sua mente enquanto se ajoelhava se inclinando-se sobre mim.

— Que *péssima* maneira de me descrever, — ela disse ríspida, cutucando-me com força o suficiente no centro do meu peito para doer. — Eu sou *brilhante*. Sou *engenhosa*. Sou *enigmática*. Absolutamente *interessante*. Não se atreva a me reduzir apenas a 'linda' de novo, Fenway, — ela sibilou, pulando da cama, pegando o roupão da cadeira no canto, e invadindo o banheiro, batendo a porta com força suficiente para me fazer estremecer.

Bem.

Tudo bem então.

Essa foi provavelmente a primeira vez que fui repreendido por elogiar uma mulher.

Era bastante impressionante como as coisas haviam passado de epicamente boas a uma completa tempestade de merda em questão de dois minutos.

Eu não podia fingir entender por que ser bonita, o que ela era, e ela sabia que era, e que todo mundo percebia isso primeiro, porque era o que eles estavam olhando quando a conheceram, era tão ruim, mas ela não estava errada.

Ela não era *apenas* bonita.

Havia uma abundância de meninas *apenas* bonitas no mundo, aquelas que construíram suas personalidades inteiras em torno do que estava do lado de fora, as que perseguiram a beleza decadente com Botox, preenchimento, lipo, implantes, liftings e correções de nariz, sabendo em seu núcleo que tudo o que tinham era o que havia do lado de fora, porque não tinham tomado tempo para cultivar uma personalidade ao longo do caminho.

Mas Wasp estava certa.

Ela não era apenas bonita.

Ela era brilhante, engenhosa e enigmática e, sim, acima de tudo, interessante.

Ouso dizer? Ela era a mulher mais interessante que tive o prazer de conhecer. E eu só conhecia uma pequena ponta do iceberg.

Havia muito mais para descobrir, muito mais com que me encantar.

Eu teria dito isso a ela, dada a chance. Mas ela me interrompeu antes que pudesse lhe dizer o quão incrível pensei que ela era, como nunca tinha conhecido alguém como ela antes, como minha vida era muito mais brilhante com ela nela, que estava gostando de ver o mundo através dos olhos dela.

Eu diria a ela tudo isso.

Uma vez que se acalmasse.

Uma vez que percebesse que não tinha me dado a chance de responder à pergunta antes de julgar.

— Wasp, — eu disse, batendo com os nós dos dedos na porta do banheiro.

— Foda-se, Fenway, — ela rosnou.

Tudo bem então.

Ela não estava pronta para conversar.

— Eu vou descer na piscina.

— Eu não ligo, — ela retrucou, fazendo meus lábios se curvarem.

Eu nunca fui um homem que gostava de mulheres com raiva. Podia ver a teoria sobre sexo quente de reconciliação. Mas tinha lidado com raiva suficiente na minha vida. Não queria romantizar por uma boa trepada.

Então, vesti meu calção de banho e desci as escadas, imaginando que ela ficaria mais calma depois que tivesse algum tempo sozinha.

E ela estava.

Mas o aperto nas minhas entranhas disse que a calma dela quando voltei para a suíte não era uma boa calma.

Não.

Era como uma calma antes de uma tempestade.

Como aquela imobilidade perfeita, pouco antes de um tornado invadir a cidade e destruir tudo o que você se importava.

Eu não tinha ideia do quão certo estaria sobre isso.

Eu apenas aproveitei o jantar amável, a conversa fácil, mesmo que meu intestino se torceu ao reconhecer algo errado em sua postura, algo tenso em sua voz, algo que sugeria problemas, mas não conseguia descobrir o que era.

Inferno, eu tinha quase certeza de que, mesmo que eu tivesse anos para analisar todas as maneiras possíveis, toda essa situação iria dar errado, e porque, eu não poderia ter chegado nem perto da verdade.

Eu apenas me deliciei com o sorriso dela.

Ri das piadas dela.

Disse a ela que tinha uma pista sobre seus morcegos gigantes.

Conversamos sobre a Nova Zelândia e a China, sobre o Japão e a Índia, todos esses lugares que estávamos perto o suficiente para visitar a seguir, sobre todas as possíveis atrações turísticas, sobre a comida a ser consumida, sobre as experiências a serem compartilhadas.

Eu não tinha ideia de que ela não tinha absolutamente nenhuma intenção de ir para a Nova Zelândia, China, Japão ou Índia comigo.

Na verdade, não tinha ideia de que ela nem planejava terminar a semana comigo na Austrália.

10

WASP

O que diabos havia de errado comigo?

O som da porta batendo me fez ranger os dentes enquanto me recostava na parede de mármore, as mãos pressionando meu rosto.

Ele tinha me fodido com força suficiente para afrouxar meu cérebro? Realmente, essa parecia a única explicação possível para o que estava acontecendo aqui.

Estava tendo um caso com um cliente.

Estava fazendo sexo com um cliente.

Poderia não ter sido moralmente contra isso, mas tenho certeza de que não era exatamente toda a favor também.

Tornou-se uma situação estúpida e confusa quando deveria ter sido inteligente, cuidadosamente calculada e organizada.

Pelo amor de Deus, eu não tinha casos de fins de semana, muito menos prolongados-multicontinentais com homens. Nem com homens normais. Nem homens que conheci em um bar e gostei o suficiente para ir para casa com ele.

Muito menos clientes.

Clientes que claramente só estavam interessados em mim porque eu era bonita. Porque tinha uma boa bunda. Porque estava muito disposta a abrir minhas pernas e jogar de acordo com as regras deles.

Oh.

Bom.

Deus.

Eu gamei no pau de Fenway? Era isso o que era?

Os sinais estavam praticamente lá, não estavam?

Deixá-lo me levar para um passeio no mundo dele, me sobrecarregar com seus gostos e desejos, esquecendo meus próprios planos, meus próprios objetivos, meus próprios desejos?

E ser tão fodida que perdi algumas células cerebrais no processo.

Ai, credo.

Eu era *aquela* mulher.

Jurei nunca ser aquela mulher.

E era ainda pior que eu fosse *aquela* mulher para *esse* homem. Esse homem que era claramente terrível o bastante em algum momento de sua vida, machucou bastante uma mulher no passado, para que ela me procurasse, me pagasse uma taxa exorbitante e o machucasse profundamente em um nível emocional.

Fenway não era meu Roman.

Ele não era um bom homem.

Ele era engraçado, com certeza. Ele era divertido, sim. Ele tinha ainda mais camadas do que a maioria das pessoas saberia. E, claro, ele foi provavelmente o melhor sexo da minha vida.

Mas ele não era bom.

Ele era apenas mais um cão na coleira que eu fui contratada para treinar, colocar na linha, para modificar o comportamento deles.

Ninguém me contratava para os pequenos trabalhos, os caras que esqueceram o Dia dos Namorados ou a calavam quando o jogo começou.

Eles me procuram para os casos sem esperança, as que todas já tentaram treinar.

Eu era para causas perdidas.

Era o último recurso.

Eu gamei pelo pau de um homem tão ruim que alguém estava disposto a me pagar cem mil dólares para fazê-lo sofrer.

O que diabos isso disse sobre ele?

Sobre mim?

— Deus, droga, — eu rosnei, entrando no box de vidro, mudando a água em fria, assobiando através de um banho gelado.

Isso acabou, eu decidi enquanto me secava.

Estava dando mais alguns dias sem o sexo, sem o aconchego, sem cair na armadilha de seu entusiasmo contagioso.

Estava perto

Eu sabia.

Tão perto.

Se eu retivesse sexo, se o tivesse babando atrás de mim, conseguiria essas palavras.

Quando recebesse essas palavras, eu terminaria.

Estaria em um avião e *chega*.

Eu não sabia o que isso significaria para a minha saúde mental, se teria algum problema, não apenas dormindo com um cliente, mas perdendo meu profissionalismo.

Mas isso seria um problema para quando estivesse de volta aos EUA, de volta ao meu skoolie, de volta à estrada, de volta ao normal.

Este foi um mundo de fantasia.

Estava brincando de Barbie Aventura e Barbie Iate e o Barbie Que-Diabos-Você-Estava-Pensando.

Essa não era eu.

Enquanto passava o resto do dia tentando acreditar nisso, uma vozinha insignificante na parte de trás da minha cabeça estava sussurrando coisas que eu não queria ouvir.

Que, se não era eu, então por que me senti mais à vontade comigo nas últimas semanas do que nos anos anteriores?

Que se não era eu, por que meus ombros de repente pareciam mais leves, meu coração mais aquecido, minha vida brilhante?

— Oh, Jesus, — eu assobiei, a mão voando para o meu coração quando fui abrir a porta do quarto, apenas para encontrar Alvy parado lá.

De pé lá como se estivessem esperando por mim, como se tivessem algo importante a dizer.

— Vamos conversar, — disse Alvy, em um tom que não esperava deles, em um que era firme, frio, talvez até, não sei, suspeito?

Eu poderia lidar com firme e com frio.

Suspeito, porém, isso era motivo de preocupação, não era?

— Nós poderíamos conversar sobre como seu chefe é um cão superficial que acha que as mulheres são boas apenas pela aparência, — sugeri, passando por eles, entrando na área da cozinha, decidindo o clima alegre e um pouco amargo era a reação mais verdadeira que poderia reunir no momento.

— Fenway é muitas coisas. Superficial é uma delas, — concordou Alvy. — Mas eu acho que você é inteligente o suficiente para saber que ele não a arrastaria pelo mundo só porque você é bonita.

— Por que não? Os homens fazem isso o tempo todo, — eu disse a eles, pegando a garrafa de champanhe rosé, sem me importar que fosse muito cedo para beber.

— Claro. Mas, na maioria das vezes, Fenway não faz.

— Na maior parte não é 'nunca', Alvy.

— Verdade. Houve breves paixões no passado. Mas estou aqui há mais tempo do que qualquer outra pessoa. Eu sei que não é isso.

— Eu realmente não acho que essa conversa seja apropriada, — eu disse, inclinando-me para a mentalidade de chefe-funcionário, esperando que isso afastasse Alvy o suficiente para ir embora.

— Estou comprando preservativos e lubrificantes para Fenway há anos, Wasp, acho que cruzamos a linha de adequação há muito tempo. Além disso, não estou muito preocupado com o comportamento de Fenway.

— Então você está preocupado com o meu.

— Ele não sabe seu nome verdadeiro.

— Ele não precisa saber meu nome verdadeiro.

— Ele precisa se...

— Oh, — eu disse, zombando. — Oh, bem, isso é muito legal, Alvy, — eu disse, balançando a cabeça. — Você está preocupado que eu esteja atrás dele pelo dinheiro dele.

— Bem, você está hospedada na suíte dele. Você foi ao iate dele. Você tem sacolas e sacolas de lembranças.

— Acho que você deve saber, assim como qualquer outra pessoa, que Fenway gosta de gastar seu dinheiro. Você já tentou tirar sua carteira quando ele estava por perto? Ele nunca deixa você usá-la. E ele vai gastar cada vez mais dinheiro para conseguir servidores e pessoas em lojas que fiquem do *seu* lado. Eu nunca pedi-lhe para gastar um centavo comigo. Se você precisar, sinta se livre para perguntar isso você mesmo. Posso garantir suas palavras vão alinhar com as minhas e, além disso, fico insultada por você ter insinuado isso. Não sou uma interesseira. Construí meu próprio caminho na vida.

— Como treinadora de cães. Uma treinadora de cães viajante.

— Não é da sua conta, mas sim.

— Eu não acredito em você.

— Não creio que dou a mínima, — eu respondi, minha raiva sendo da variedade de pavio curto. — Não estou pedindo que confie em mim, Alvy. Francamente, não é da sua conta. O que Fenway pensa é o que importa. E tenho a sensação de que sei o que Fenway pensaria sobre você vir pelas costas dele e tentar interrogar-me sobre algo que não te envolva.

— Você está me ameaçando?

— Estou lhe dizendo que não aprecio que você venha até mim com acusações infundadas de querê-lo pelo dinheiro dele, — corrigi, largando a taça e indo em direção à porta. — Quer saber, Alvy? Gostei de você, — eu disse a eles na porta do corredor. — Realmente, eu gostei. Você foi um bom aliado por um minuto, oferecendo-me rotas de fuga se eu estivesse sobrecarregada. Era uma aparência muito melhor do que esta. Mas não se preocupe. Vou manter isso entre nós. E não se preocupe. Não quero o dinheiro dele. Meu trabalho mais recente me arranjou por um bom tempo.

Com isso, bati a porta.

— Merda, — eu assobiei, apunhalando meu dedo no botão de chamada do elevador. — Merda, merda, merda. — Eu murmurei várias vezes para mim mesma enquanto descia, a porta se abrindo, trazendo uma mulher que me lançou um olhar estreito. — Como você nunca ouviu uma palavra de maldição antes. Por favor, — eu murmurei, meu humor muito azedo para me preocupar em ser uma boa pessoa naquele momento.

Eu não tinha certeza se Alvy já havia chegado a Fenway, se esse era o próximo passo. Mas, se isso acontecesse, tinha o potencial de estragar tudo.

Se havia algo que os homens ricos odiavam, era dizer a eles que uma mulher só gostava deles pelo seu saldo bancário. Fodia com o ego deles. Isso os fazia se sentirem pequenos. E quando os homens costumavam se sentir pequenos, ficavam maus.

Eu não conseguia imaginar exatamente Fenway sendo mal, mas também não imaginava que ele gostasse da ideia de que eu estava atrás dele pelas compras, jatos particulares e iates.

Arruinaria tudo se ele começasse a se perguntar, mesmo que apenas uma parte infinitesimalmente pequena dele começasse a se perguntar, se eu era dissimulada.

Frustrada, precisando de uma saída para que pudesse pensar direito, fui até a piscina, dando voltas até meus braços gritarem, até meus ombros queimarem, até que senti uma exaustão profunda sobre mim.

Voltei para o quarto, vestindo uma bermuda e uma camiseta, caindo na cama, me enrolando embaixo das cobertas, tentando descobrir como fazer Fenway se apaixonar por mim, depois seguro o suficiente para admitir antes que a semana terminasse.

Isso tinha que acabar.

Logo.

Porque eu estava ficando envolvida.

Porque estava perdendo de vista o trabalho.

Porque Alvy suspeitava de mim.

Porque, apesar da minha explosão, na verdade não odiava que Fenway pensasse que eu era linda.

Deveria.

Eu sempre odiei.

Desde o nascimento, era tudo o que alguém tinha a dizer sobre mim.

Não importava se eu era uma aluna que só tirava A, que fazia parte da lista de honra. Eu até me lembrava distintamente do meu professor de inglês da sétima série do sexo masculino me puxando de lado depois da aula quando pedi para fazer um relatório extra do livro, e me dizendo que ele estava com receio de que eu estivesse empenhada demais, que ele odiaria ver garotas bonitas como eu estressada com as notas.

Porque todas as garotas bonitas eram boas para se casar e dar à luz bebês bonitos, certo Sr. Radleigh?

Porque eu não poderia ter sonhos ou ambições.

Todos os homens, e muitas das mulheres, que encontrei na minha vida acreditavam que meu valor começava e terminava com a forma como minhas células se uniram. Minhas realizações, meu intelecto, minha inteligência, as coisas que tinha uma mão na criação, não significavam nada.

Eu perdi minha virgindade aos quinze anos para um vizinho pervertido porque ele me chamava de inteligente. Não bonita. Nem gostosa. Inteligente.

Demorou muito tempo para que eu fosse capaz de trabalhar o que a vida me deu, de obter o que eu queria dos homens, aproveitando o fato de que ninguém pensava que alguém como eu realmente tinha a cabeça nos ombros.

Eu era conhecida por me afastar dos homens em bares que me elogiavam. Era uma piada na minha família.

Quando a beleza se tornou meu trabalho, a isca que usava para atrair aqueles homens que precisavam ser punidos de uma maneira ou de outra, eu aprendi a me desapegar de tudo que é superficial. Isso ajudava você a se sentir menos viscosa quando os homens falavam sobre seus olhos, sua boca (e o que eles gostariam de fazer com ela), sobre seus peitos, sua bunda, seus pés, para os homens com fetiche por pés.

Mas não parecia viscoso quando Fenway disse essas coisas.

Não.

Parecia bom.

E isso não era bom.

Ele não poderia ter esse poder.

Eu tinha que dar o fora daqui antes que fosse tarde demais.

— Querida, — Fenway me cumprimentou quando saí de uma soneca com pena de mim mesma, encontrando-o vestido com um de seus ternos marrons, desta vez com uma camisa azul clara por baixo. — O que você disse ao pobre Alvy? — Ele me perguntou, abotoando o botão central, a cabeça inclinada para o lado, me observando.

— Por que você acha que disse alguma coisa?

— Porque eles saíram do hotel, dizendo para eu ficar de olho em você, e alegaram que passariam o resto da semana em outro hotel.

— Tivemos um desacordo, — admiti, dando de ombros.

— Posso perguntar o que aconteceu?

— Você pode perguntar, — eu disse a ele, assentindo, — mas disse a Alvy que manteria isso entre nós.

— Eles disseram algo sobre não confiar em você?

— Fenway, dei minha palavra a eles.

Seu olhar se afastou, olhando para o oceano. — Eu nunca soube que Alvy se envolvesse com meus assuntos pessoais.

— Você está dizendo que não confia em mim também? — Perguntei, deixando minha voz gemer, certificando-me de que meus lábios se abriram, meus olhos ficaram mais redondos.

Os ombros de Fenway caíram, os braços se estendendo, as mãos acenando.

Quando deslizei meus pés pelo chão até ele, deixando seus braços me envolverem, pressionando meu rosto contra seu peito, eu deveria estar me sentindo triunfante. Mas aquela sensação de aperto e rodopio no meu peito e barriga parecia muito mais culpa do que vitória.

— Alvy trabalha demais. E é muito leal, — disse Fenway, esfregando a mão na minha espinha. — Eles provavelmente só precisam de alguns dias. Tenho certeza de que vocês dois resolverão o problema.

Eu tinha tanta certeza de que não estaria por perto para fazê-lo.

Havia uma sensação profunda e penetrante na minha barriga com isso, algo que eu escolhi, naquele momento, culpar a fome.

Então nós comemos.

Nós conversamos sobre nossos planos.

Nós não conversamos sobre a discussão anterior.

Dei-lhe mais algumas peças no meu quebra-cabeça, mas apenas coisas que nunca levariam de volta a mim: pequenas histórias bobas de quando eu era criança, algumas das coisas loucas que aconteceram na estrada com Raven, contratempos na construção de meu skoolie.

Ele precisava dos detalhes, dos pequenos pedaços aos quais ele podia se apegar, da intimidade criada pela divulgação compartilhada.

Era isso que ele precisava para levá-lo aonde ele precisava estar, para levá-lo ao ponto de não retorno.

Para obter o olhar.

Para obter as palavras.

E então eu iria embora.

De volta à minha vida.

Mas de volta ao que*, exatamente?* Essa voz irritante e persistente exigia. *Solidão e as mesmas velhas estradas, as mesmas velhas vistas, as mesmas velhas coisas?*

Talvez minha vida tivesse ficado estagnada, previsível, insatisfatória.

Mas era minha.

Esta?

Isso não era a minha vida. Era um trabalho. E quando voltasse aos Estados Unidos, eu lucraria com ele, pularia em Wanda e me perderia em algum lugar, recomporia a cabeça, fazia um plano para agitar as coisas.

— Você está distraída hoje, — observou Fenway dois dias e meio depois, enquanto caminhávamos pela praia, os bolsos cheios conchas, a mão pressionada na parte de baixo das minhas costas enquanto eu distraidamente chutava as ondas enquanto elas provocavam o meu pés.

— Tenho estado? — Eu perguntei, inclinando-me em seu ombro, deixando-me ter um pouco de proximidade, de intimidade.

Foi uma má ideia.

Tomei cuidado para não tocá-lo, porque sabia que meu corpo estava muito afinado com o dele, muito atraído pelo dele, e eu realmente precisava não cair na cama com ele novamente.

Porque eu precisava mantê-lo desejoso. Não porque estava preocupada com o que poderia começar a significar para mim se continuássemos fazendo isso. Quero dizer, é claro que não foi isso.

Para seu crédito, quando eu me afastei na cama naquela primeira noite, ele apenas se aconchegou atrás de mim, pressionando um beijo na minha cabeça e adormecendo. E não fez nenhum movimento desde então. Ele provavelmente pensou que eu estava menstruada. E isso funcionou bem o suficiente, pois eu claramente tinha alguns problemas de autocontrole em torno da Fenway. Pelo menos isso me deu algum espaço que eu precisava desesperadamente.

Dito isto, se ele não podia fazer sexo, ele ainda precisava de intimidade.

Uma parte de mim também precisava, mas não íamos falar sobre essa parte. Estava me esforçando para manter essa parte atada e amordaçada até que pudesse terminar este trabalho, chegar em casa, ter algum espaço para resolver toda essa situação, chegar a um acordo com o que eu encontrasse.

— No que você está pensando? — Ele perguntou, passando um braço em volta das minhas costas. — Além da minha diabólica boa aparência, é claro, — ele brincou.

— Bem, o que eu poderia pensar além da sua boa aparência? — Eu brinquei, tirando uma risada dele. — Tudo. Nada. Eu não sei. No que você está pensando?

— Quão empolgada você ficaria em ver todas as máquinas de venda automática na China, — ele admitiu, me confundindo.

— O quê? Por quê? — Perguntei, parando de andar, virando a cabeça em seu ombro para olhar seu rosto.

Olhando para baixo, seu olhar ficou suave, sua mão livre se levantou para prender meu cabelo atrás da orelha. — Porque eu gosto de ver o mundo através dos seus olhos, — ele me disse.

A sensação de turbilhão no meu estômago me disse que eu o tinha.

Não foram essas três palavras, mas foram igualmente boas.

E a sensação de aperto no meu peito dizia que ele também me tinha.

Eu tinha que ir.

Tinha que ir antes de estragar tudo.

Oh, quem estava enganando? Já fodi tudo. Mas pelo menos as coisas ainda eram aproveitáveis.

Mesmo que eu tivesse alguma ideia estúpida de ficar, admitir toda a verdade para ele, não havia como isso acabar conosco na China, e ele olhando para mim como se estava olhando para mim nesse momento.

Porque ele saberia que tudo era uma fraude.

Ele não seria capaz de confiar que qualquer coisa de mim era genuína.

Não haveria maneira de contar as verdades das mentiras do passado ou do futuro.

Ele não seria capaz de viver com essa incerteza.

E eu não aguentaria a ideia de ver a traição em seu rosto quando contasse a verdade.

Não.

Não poderia haver nada disso.

Sem verdade.

Sem explicações.

Apenas ausência.

Esperei até que ele estivesse dormindo, rastejando pela suíte, vestindo um short e uma camiseta, pegando minha bagagem. A maioria das minhas lembranças ainda estava no iate. Onde quer que estivesse. Mas eu trouxe comigo a bolsinha

redonda da Austrália e enfiei a estátua do macaco dentro dela. Junto com uma pedra que eu havia tirado da cachoeira.

Era excessivamente sentimental para alguém como eu, mas enquanto caminhava pela suíte pela última vez, me peguei agarrando a rocha, as bordas afiadas cutucando minha palma.

A dor física pode entorpecer a dor emocional.

Eu não era de automutilação, mas só dessa vez eu entendi a necessidade desse tipo de alívio, esse tipo de distração do vazio rodopiante lá dentro.

Eu não deixei um bilhete.

Não deixei nada.

Exceto, é claro, uma parte de mim que tinha dado a ele, uma parte de mim que não sabia que poderia dar a um homem.

Mas ele a tinha.

E eu teria que descobrir como continuar sem isso.

11

FENWAY

— O que você quer dizer com ela se foi? — Alvy perguntou, tendo dado um passo na suíte que estava andando por quase uma hora esperando que eles chegassem lá.

— Quero dizer, ela pegou toda a bagagem e foi embora, — eu disse a eles, passando a mão pelos cabelos, mal conseguindo pensar no ritmo vertiginoso da minha cabeça, pulando de uma conclusão para outra.

— Ela pegou alguma coisa? — Alvy perguntou.

— Eu acabei de dizer que ela levou sua bagagem, — lembrei-os, frustrado, precisando que eles estivessem no jogo quando eu estava claramente em espiral.

— Eu quis dizer qualquer coisa sua, Fenway — Alvy esclareceu. — Ela pegou sua carteira? Cartões? Essas abotoaduras de diamante?

— Então foi isso, — eu disse, a voz baixa, cortante, estranha o suficiente para Alvy que eles se endireitaram.

— O quê? — Eles perguntaram.

— A discussão que você e Wasp tiveram. Ela falou que disse a você que não falaria sobre isso, para não me dar mais detalhes. Era disso que se tratava. Você insinuou que ela me queria pelo meu dinheiro.

— É uma pergunta válida para alguém com sua renda, Fenway, — argumentou Alvy.

A questão era que eles não estavam exatamente errados. Essa foi a parte feia sobre tudo isso. Você tinha que estar na ponta dos pés. Você tinha que suspeitar de motivos ocultos quando alguém chegava perto de você rapidamente.

Os clichês eram um clichê por uma razão.

Homens ricos atraíam caçadoras de fundos fiduciários.

Era apenas parte do show.

Dito isto, nunca foi ótimo pensar que isso era tudo que alguém via quando olhava para você.

A ideia de Wasp vendo cifrões quando ela estava comigo fez a bile subir na minha garganta.

— Isso não cabia a você, Alvy, — eu disse a eles, observando o queixo se levantar um pouco, recusando-se a recuar.

— Você não faria isso por si mesmo.

— Não, — eu concordei. — E talvez eu nunca tivesse. Mas essa seria minha decisão. Se eu acabasse sendo conduzido pela garganta ao altar sem acordo pré-nupcial, isso seria da minha conta.

— Você não poderia estar pensando seriamente em se casar com aquela mulher, — disse Alvy, balançando a cabeça. — Você nem sabe o nome verdadeiro dela.

— E agora, ao que parece, eu nunca vou.

— Não foi minha culpa, Fenway, — insistiu Alvy. — Se ela fosse te deixar por nossa discussão, teria saído imediatamente. Não três dias depois.

Eles não estavam errados sobre isso. O momento parecia errado. Como também o fato de ela não dizer nada. Wasp gostava de ter a última palavra. Ela gostava de deixar as pessoas saberem que ela estava saindo por cima. Ela era competitiva por natureza, algo que eu aprendi depois de cometer o erro de jogar cartas com ela uma noite no iate, apanhando sem piedade enquanto ela se vangloriava.

Se ela estivesse indo embora por algum tipo de objetivo, teria me acordado, feito sua declaração, e então passeado com sua doce bunda para fora da suíte naqueles saltos de arranha-céu que ela tanto amava, me deixando salivar atrás dela.

Ela teria adorado isso.

Era apenas o estilo dela.

Fugir enquanto eu estava dormindo?

Aquilo foi um movimento covarde.

Wasp odiaria ser chamada de covarde.

Ela desprezaria ser esse o seu legado.

Então, por que ela faria isso?

— Você tem certeza que ela não levou nada? — Alvy pressionou.

— Eu tenho certeza, — eu insisti, não tendo realmente verificado, não precisando. Ela não levou nada. Exceto, estava começando a me preocupar, um pedaço de mim.

— Então por que ir? Sem dizer nada?

— É isso que estou tentando descobrir.

— Você sabe há quanto tempo ela se foi?

— Não faço ideia. Fomos dormir por volta da meia-noite. Levantei-me às seis. A qualquer momento nesse intervalo.

Então ela poderia bem ter ido.

Em um avião dirigido a quem-diabos-sabia-para-onde.

Provavelmente nunca mais seria vista.

— Parece que alguém chutou seu filhote, — observou Alvy, olhos penetrantes.

— Acredito que o impossível aconteceu, Alvy, — declarei, indo em direção à fila de garrafas de bebidas em um aparador, torcendo a tampa de uma garrafa de uísque e enchendo um copo. — Acho que posso ter me apaixonado por ela, — eu admiti, saudando-os com a minha bebida antes de bebê-la.

— Merda, — Alvy sussurrou, estendendo a mão para esfregar a parte de trás do pescoço.

— Sim, — eu concordei, assentindo. — Isso cobre tudo, — eu concordei, retornando em segundos.

— Você tem certeza de que não se apaixonou por ela como fez com a estrela de cinema? Como a esposa do cara da máfia? Como a herdeira do hotel?

— Pequenas paixões, — eu disse a eles, esticando um braço, quase jogando minha bebida por todo o chão. — Isso? Isso foi diferente. Ela era diferente.

— Tudo bem. Então, que tipo de diferença ela era? — Alvy perguntou.

— Eu não tenho certeza do que você quer dizer com isso, — eu admiti, sentindo um calor delicioso florescer no meu peito. O whisky fazendo efeito. Graças a Deus. Porque a sensação que estava substituindo, uma sensação aguda e inegável de punhalada, estava se mostrando difícil de ultrapassar.

— Bem, ela é apenas uma história que você quer ter de reserva? A mulher com o nome engraçado que percorreu o mundo com você apenas para sair às escondidas de você sem outra palavra? Ou ela é alguém que você quer ver de novo?

— Eu preciso vê-la novamente. — Se por nada mais do que obter uma explicação.

— Ok. Então, nós vamos descobrir.

— E como você propõe fazer isso?

— É um tiro no escuro, mas eu tenho o número dela. Se ela está tentando cortar os laços, duvido que ela atenda. Ela provavelmente já me bloqueou, — eles acrescentaram, pegando o telefone, rolando e colocando no alto-falante quando discou.

— Desconectado, — Alvy sibilou quando a mensagem automática começou a tocar. — Ela está por dentro das coisas, eu vou reconhecer.

Ela estaria.

Se ela fosse fazer um movimento de poder como um fantasma genuíno, faria isso de uma maneira que impossibilitasse que você obtivesse qualquer tipo de fechamento.

Pica uma vez.

E continua picando.

Era assim que ela operava.

Esse era o legado que ela queria ser conhecida.

— Foda-se, — eu vociferei.

— Bem, você sabe o que é isso.

— O quê? — Eu perguntei, mente acelerando.

— Outro incidente internacional, você não acha? — Eles perguntaram, olhos brilhantes, sorriso irônico.

— Quer saber, Alvy, eu acho que você pode estar certa! — Declarei, sentindo um pouco do peso sair dos meus ombros.

Nunca era impossível.

Sempre havia pessoas a pagar para resolver problemas.

Na verdade, eu tinha uma equipe inteira que resolvia todo os meus.

— Além disso, já faz tanto tempo, — acrescentei, aquecendo ante a ideia. — Eles certamente sentem minha falta agora. Eu quero...

— Já programei o iate para nos levar de volta ao jato, — disse-me Alvy, já clicando no telefone.

O iate programado para nos levar de volta ao jato.

Eu nunca teria pensado duas vezes sobre essa frase antes de Wasp, antes que ela olhasse para a ostentação que havia sido uma parte normal da minha vida.

— Não, — eu disse, balançando a cabeça.

— Não? — Alvy perguntou, franzindo as sobrancelhas, olhando para mim.

— Não quero perder tempo. Reserve-nos voos comerciais de volta.

— Comerciais? — Alvy repetiu como se as palavras não fizessem sentido, como se eu tivesse começado a falar uma língua estrangeira.

— Primeira classe. Não vamos nos deixar levar muito, — eu disse a eles, sorrindo.

— Eu, ah, tudo bem então, — Alvy concordou. — Quão rápido você quer ir embora?

— Em quanto tempo podemos arrumar as coisas aqui?

— Se você quiser, eu posso ficar aqui e lidar com tudo isso. Temos que levar o jato de volta aos Estados Unidos de qualquer maneira.

— É claro, — eu concordei, percebendo o quão pouco eu realmente pensava nas coisas práticas. Se não fosse por Alvy, esse jato teria ficado onde estava até que eu percebesse que precisava dele novamente, e não fosse encontrado em lugar algum. — Isso vai funcionar. Assim que você puder me tirar daqui, então. É um voo longo, se bem me lembro.

— E você vai ter que suportar isso em um assento roçando contra estranhos, — brincou Alvy.

— Um horror que temo ter de suportar para descobrir a verdade. E rapidamente.

Com isso, Alvy entrou em ação, arrumando-me uma pequena mala de bagagem, organizando o voo, pegando um carro para me levar ao aeroporto.

Então eu fui embora, voltando a Navesink Bank.

De volta para Quinton Baird & Associates.

Se alguém poderia encontrar Wasp, eram eles.

A equipe de solucionadores profissionais que me tiravam de todas as situações difíceis em que já estive.

Eles nunca me enganaram antes.

12

WASP

— Tudo bem, — disse Raven, caindo na cama ao lado do meu corpo. — Você está enrolada na cama há três dias. Três. Dias, — ela repetiu, estendendo a mão, pressionando um pulso na minha testa em um movimento que era tão maternal que era quase engraçado. Quase. Infelizmente, me deparei com falta de coisas como humor. Ou sorrisos. Ou qualquer coisa, menos essa sensação de queda livre por dentro.

— Eu não estou doente, — eu disse a ela, puxando o cobertor de volta para baixo do meu queixo.

— Não? — Ela perguntou, elevando sua sobrancelha perfeitamente modelada. — Porque você está agindo exatamente como uma das crianças quando não quer ir para a escola. Passando o tempo na cama, enrolada debaixo das cobertas, superada por doenças indescritíveis que não levam a nada.

— Eu também não estou fingindo estar doente, — eu disse a ela, virando para o meu outro lado. — Eu só não quero me levantar ainda.

— Sim, bem, é depois da uma da tarde. E você também não queria acordar ontem. Ou no dia anterior.

— Eu sou uma adulta. Podemos dramaticamente ir para a cama sem todo o julgamento. É uma das vantagens de não ter mais ninguém no controle de nossas vidas, — eu disse a ela, desejando que ela e Roman tivessem um quarto de hóspedes menor. Com uma cama de solteiro duplo. Porque esta queen estava me implorando para perceber como o outro lado estava vazio.

Eu me arrastei bem para o centro, não me sentindo melhor em ocupar a coisa toda, mas me encontrando desmotivada demais para voltar.

Desmotivada.

Essa foi uma das melhores maneiras de descrever como eu estava desde que cheguei em Nova Jersey.

Não estava motivada para voltar a Wanda e pegar a estrada. Ou para desfazer as malas. Ou comer. Ou sair da cama. Eu acho que era preciso dizer que chuveiros

e eu também não estávamos em bons termos, apesar de eu ter um bonito só para mim a alguns metros de distância.

— Estou preocupada com você, — Raven me disse, a voz tensa, sem ar.

Eu sabia que ela estava.

Ela fez tudo o que pôde para tentar me tirar da cama. Quando isso falhou, ela enviou seus gremlins para tentar me irritar e me tirar da cama.

Você sabia que era um nível totalmente novo de patética quando crianças pequenas decidiram que você era uma causa perdida, levantaram-se, foram até a porta, apagaram a luz e a deixaram sozinho em sua miséria.

— Eu não preciso que você se preocupe comigo, Raves, — eu disse a ela, virando-me para encarar o teto.

— E, no entanto, aqui estou eu. Preocupada. O que está acontecendo com você? O que diabos aconteceu em Paris?

— Paris. Catar. Bali. Austrália. O iate.

— Tudo bem. Vamos voltar à turnê mundial, Wasp. Mas o que *aconteceu*? — Ela perguntou. — O que você estava fazendo?

— Um trabalho, — eu admiti.

— Você estava em um trabalho em Paris. E Catar. E Bali. E Austrália. E em um iate.

— Ah, e o jato. O jato também.

— O jato, — Raven repetiu, franzindo as sobrancelhas. — Tudo bem. Vamos voltar a isso. E o fato de eu não ter participado disso. O que é um problema. Mas quero chegar primeiro à coisa mais importante.

— Minhas marcas de bronzeados ruins, — eu brinquei, mas não havia leviandade na minha voz.

— Wasp, olhe para mim, — exigiu Raven, a voz triste, vazia, atraindo meu olhar para o rosto dela, encontrando seus olhos azuis arregalados, em pânico. — Eu vou precisar de uma resposta direta de você agora, ok?

— Eu posso tentar, — admiti, não querendo prometer nada a ela que não tinha certeza de que poderia dar a ela. Porque estava confusa demais com toda essa situação, e com minha reação a ela, para dar a ela qualquer tipo de explicação racional sobre isso.

— Aconteceu alguma coisa? — Ela perguntou, palavras pesadas, pairando no ar como a umidade do verão, grossa, difícil de ignorar, dificultando a

respiração. — O trabalho deu errado? Você precisa que eu vá com você para a delegacia?

— A Delegacia de Polícia?

— Ele te machucou? — Ela perguntou, à queima-roupa, fazendo a culpa me chutar no estômago.

Claro que sua mente iria por aí. A minha provavelmente teria também se uma amiga, animada e despreocupada, subitamente ficasse na cama, mal comendo, incapaz de fazer as necessidades diárias básicas.

— Não. Não, — acrescentei com mais firmeza, sentando-me contra a cabeceira da cama.

— Você pode me dizer se aconteceu. Ou não, mas deixe-me levá-la a algum lugar para contar a alguém.

— Não é isso, Raven. Mas eu aprecio isso.

— Se não é isso, o que é? Realmente não entendo. Quero entender. Isso não é você. Não reconheço essa pessoa. E conheço você por dentro e por fora. O que aconteceu?

Respirei fundo, tirando meu cabelo emaranhado do meu rosto, encolhendo os ombros.

— Acho que o golpe foi tão bom que eu mesma caí nele.

— Eu não entendo, — disse Raven, balançando a cabeça. — Qual foi o golpe? Quem foi o alvo? O que deu errado?

— Foi um golpe amoroso.

— Você os faz se apaixonar por você.

— Exatamente.

— Com que finalidade? Por dinheiro? Por acesso à informação? O que o cliente queria?

— Eles queriam que eu partisse seu coração.

— Oh, — disse Raven, recuando a cabeça. — Isso não é comum.

— Não, — eu concordei, assentindo.

— Ele deve ter realmente machucado alguém para fazê-lo querer esse tipo de vingança.

— Não recebi muitos detalhes. Apenas um ponto final. E foi bom demais para recusar.

— Quem foi o alvo?

Eu deveria ter guardado para mim.

Mas era Raven. Eu nunca escondi nada dela por muito tempo.

— Fenway Arlington.

— Fenway Arlington. Fenway... parece familiar.

— Ele é muito rico. E muito generoso. E conhecido por ser um pouco playboy.

— Acho que ouvi Roman mencioná-lo. Você sabe como são os homens de negócios, — ela disse, dando de ombros. — Todos eles se conhecem. Se nada mais for do que um amigo em comum ou algo assim. Então você seguiu esse cara Fenway até Paris.

— Sim. E ele me levou para Bali e Austrália. Ele é um pouco... impulsivo.

— Puxa, isso soa como alguém que eu conheço, — brincou Raven.

Impulsiva.

Sim.

Isso fazia parte do problema, não era? Eu não tinha pensado em um único passo desse trabalho.

— Então, o que aconteceu entre Paris, Bali, Austrália e você aparecendo na nossa porta?

— Em algum momento, — comecei, sentindo a verdade como uma pedra no peito que precisava ser retirada, transformada em pedaços menores e mais fáceis de administrar. — Em algum momento, eu parei de atuar, — admiti, estremecendo. — Foi divertido, — eu admiti. — Foi divertido e nos divertimos muito no santuário dos macacos e no mercado. E na caverna. Deus, a caverna, — eu gemi, fechando os olhos, tentando afastar as imagens, tentando focar, não me permitir volte lá.

— O que aconteceu na caverna, Wasp? — Raven perguntou, me conhecendo muito bem, sabendo que havia uma história lá. — Wasp? — Ela pressionou quando eu fiquei lá com os olhos fechados, achando as palavras mais difíceis do que deveriam ter sido para admitir.

Esta era minha melhor amiga.

Conversamos sobre sexo o tempo todo.

Mas isso era diferente.

Porque, acho que, no passado, o sexo sempre foi um movimento poderoso da minha parte.

Sexo com Fenway foi talvez a única vez que estive com um homem e doei um pouco do meu poder.

— Eu dormi com o cliente, — admiti, descobrindo que a separação, a escolha de não usar o nome dele tornava mais fácil a admissão.

— Tudo bem, — disse Raven, tentando processar essa informação. — Você dormiu com o cliente porque era bom para o trabalho ou porque realmente queria fazê-lo?

— Eu queria, — eu admiti. — E então eu continuei querendo. Dia e noite. Durante cerca de uma semana, — eu disse a ela, balançando a cabeça para mim mesma.

— Eu acho que nós duas sabemos que sexo é sexo. Não precisa ser mais do que isso, a menos que desejemos. Então minha pergunta é essa. Foi apenas sexo? Ou isso significou algo para você?

— Você sabe a resposta para isso.

— Eu quero ouvir.

— Significou algo para mim. E era mais do que sexo. Era tudo. Nós transamos naquela caverna e, de repente, eu não era uma golpista e ele não era um alvo. Eu era apenas uma pessoa. Que gosta dessa outra pessoa.

— Gosta, — Raven repetiu como se a palavra não fizesse sentido. E, para ser justo, não fazia sentido. Não quando se relacionava comigo e com o sexo oposto.

— Sim, gosta. Como uma mulher normal gosta de um homem normal.

— Uau. Ok.

— É isso? — Eu perguntei, sentindo meus lábios se curvarem ligeiramente para cima. — Isso é tudo o que você tem a dizer sobre essa revelação?

— Estou processando, — ela me disse, respirando fundo. — Se alguém perguntasse qual frase eu ficaria mais chocada ao ouvir sair da sua boca, que você rasparia sua cabeça, abandonaria todas as coisas materiais e dedicaria sua vida à meditação em uma cabana sozinha na floresta, ou que você pode ter sentimentos por um cara, eu consideraria a primeira a opção muito mais plausível. E você teria que estar descalça para fazer isso, e nós duas sabemos o quanto você gosta de seus saltos.

— Eu sei que é loucura. Levei muito tempo para ver também. — Eu ainda estava processando, se estivesse sendo honesta.

— Então, o que havia nele de tão diferente?

— Eu realmente não sei, — eu admiti. — Ele era totalmente ridículo. Ele não era alguém de quem eu deveria gostar.

— Totalmente ridículo parece interessante. Você sempre teve uma coisa por interessante.

— Isso é verdade.

— Como ele era ridículo?

— Ele é exagerado em todos os aspectos. Ele decide com um piscar de olhos pular em seu jato particular ou no seu iate enorme e simplesmente decolar para outra parte do mundo. Ele faz coisas como alugar uma atração turística inteira para que ele possa lhe mostrar quando estiver vazio. Ele compra tudo o que você olha por muito tempo em um mercado. Foi só que... tudo ficou louco.

— Talvez esse seja o seu tipo.

Eu acho que não saberia. Nunca quis um homem por mais de uma noite, então não parei para pensar no que gostaria neles. Além de poder manter uma conversa decente no bar antes de voltar para um quarto em algum lugar.

Eu sempre soube que, se uma conversa começasse com algo parecido com: 'Ei, você ouviu falar dessa nova teoria da conspiração explodindo o Facebook?' ou, 'Então, os Illuminati', eu sabia que estava fora.

Eu gostava de cabelos mais claros e corpo de nadador, em vez de alto, moreno e bonito, ou insanamente sarado.

Fora desse tipo de coisa, eu não tinha um 'tipo' porque nunca passava tanto tempo com aqueles homens.

Era inteiramente possível que gostasse de homens ridículos.

— Eu pensei que os opostos deveriam se atrair, — disse a ela, sabendo que eu geralmente era a pessoa mais louca de qualquer sala, alguém disposta a fugir a qualquer momento para fazer algo divertido ou interessante, alguém que dava golpes para ganhar a vida. Golpes amorosos, no entanto.

— Você é uma louca, — Raven me disse, embora eu sentisse um 'mas' vindo. — Dito isto, você é muito racional e fundamentada. Às vezes, as pessoas não veem isso imediatamente. Ser uma golpista que mora em um skoolie e usa saltos destruidores nos shows faz você parecer muito mais irracional do que você é. Mas você é uma boa mulher de negócios. Você tem mais esperteza nas ruas do que qualquer uma que conheço. E estou incluindo mais do que seus irmãos motociclistas. Você pode ser louca, mas equilibra isso. Esse cara Fenway se equilibra?

Veja, a coisa era, ele equilibrava, não era? Ninguém viu isso. Eu nem tinha certeza de que aqueles que estavam mais próximos dele viam isso porque ele era realmente convincente em ser irreverente e estranho. Mas ele tinha um lado sério. Ele era alguém que havia trabalhado para aumentar a riqueza de sua família, apesar de quanto disso gastava com seu estilo de vida ostensivo. Ele passou por uma vida difícil que lhe dera disciplina. Embora ele normalmente optasse por não usá-la, estava lá se ele quisesse.

— Ele equilibra, — eu disse a Raven. — Acho que o lado louco dele é o dominante, mas ele também tem outro lado.

— Você sabe o que eu gosto nisso? — Ela perguntou, parecendo melancólica, um pouco encantada, tendo um olhar sonhador pela ideia de eu ter um feliz para sempre como ela tem.

— O quê?

— Que não há como *completar* a outra pessoa. Nenhum de vocês está em falta. Vocês têm tudo. Mas vocês têm personalidades que se misturam muito bem. Eu gosto disso.

— Bem, isso não importa agora, — eu disse, pegando meu cobertor novamente, puxando-o até o queixo como uma criança.

— Isso importa, — respondeu Raven, balançando a cabeça. — E eu vou precisar de mais alguns detalhes.

— Tipo o quê?

— Tipo como terminou. Como o que está acontecendo em sua cabeça desde que você voltou aqui.

— Eu finalmente me senti confiante de que ele tinha fortes sentimentos por mim, — disse a ela, incapaz de usar *aquela* palavra. Você sabe. Aquela que machucaria demais para admitir. — Então eu arrumei as malas e fui embora enquanto ele dormia.

— Nenhuma nota?

— Sem nota. O mistério é o que dói mais quando você desaparece, — eu a lembrei. Nós tínhamos passado por isso muitas vezes no passado, mas ela estava aposentada, enferrujada.

— Você se sente culpada?

— Não sentimos culpa em nossos negócios.

— Wasp, — ela disse, balançando a cabeça. — Vamos lá. Nós não estamos falando sobre os incontáveis outros idiotas. Estamos falando sobre esse idiota em particular. Você se sente culpada por machucá-lo conscientemente?

— Sim, — eu admiti, o gosto dessa palavra amarga na minha língua.

— Ok, e agora o mais importante, — disse Raven, erguendo uma sobrancelha para mim. — Você o ama? Eu sei que você disse sentimentos. E sentimentos podem ser muitas coisas. Mas você o ama?

— Eu acho que estava começando, — eu admiti, sentindo uma picada na parte de trás do meu olho, piscando para afastar. Eu não chorava. Isso não era coisa minha.

— Merda, — disse Raven, balançando a cabeça.

— Merda? — eu repeti, sentindo meus lábios se curvando, meu primeiro sorriso genuíno em dias. Raven nunca tinha usado palavrões antes mesmo das crianças. Agora era uma regra ainda mais estrita para ela.

— Sim, isso cobre tudo, você não acha? Merda. Ou 'Que bagunça total', também funciona, — acrescentou. — Bem, e agora?

— O que você quer dizer com agora? Não há e agora. Eu me arrasto para fora desta cama quando chego a esse ponto. E depois volto à estrada. Volto à minha vida.

— Executando mais golpes.

— Sim, vendo que é isso que eu faço para viver. O que você costumava fazer para viver, — acrescentei, realmente sentindo julgamento em seu rosto, apesar de todos os anos em que ela fez exatamente a mesma coisa.

— Olha, eu não acho que o que fizemos foi errado, por si só. Só tenho uma certa distância disso agora, e não consigo entender por que diabos pareceu uma paixão nossa por todos aqueles anos.

— Fizemos isso por todas as mulheres em geral. Por todas as nossas colegas que foram ferradas por homens de merda. Elas mereceram a chance de conseguir um encerramento. Fornecemos isso. Ou as ajudamos a provar que seus cônjuges as estavam traindo para que pudessem obter a devida pensão alimentícia. Não, espere, — eu disse, levantando a mão quando ela foi falar. — Deixe-me jogar uma hipótese para você, ok?

— Tudo bem, — ela concordou, assentindo.

— Imagine daqui a um ano, você começará a suspeitar que Roman está fodendo pelas suas costas. Eu sei, eu sei. Ele é perfeito. Mas *todos* eles são, não são? Até que não sejam. Portanto, suspenda sua descrença. Imagine sentada na cama à noite enquanto ele dorme como um bebê enquanto você luta com o conhecimento de que aquelas mãos que ele coloca em você são as mesmas que ele teve em outra mulher poucas horas antes. Sente-se com isso um minuto. Sinta como isso pode ser.

— Wasp...

— Agora imagine que você finalmente teve a coragem de dizer a ele que chega, que quer sair, que ele poderia ter suas outras mulheres, mas não você ao mesmo tempo. E você pega as crianças e vai embora. E descobre que ele cancelou seus cartões e removeu seu acesso a contas. E você é forçada a conseguir vários empregos mal pagos apenas para manter seus filhos em um quarto de motel de merda, porque você não pode pagar mais nada, e tudo o que resta é um advogado para tentar fazer com que ele pague a pensão alimentícia que ele lhe deve, uma vez que invalidou o acordo pré-nupcial por trair você.

— Eu entendi seu argumento, Wasp.

— E imagine que ele contrata um tubarão, alguém que quer morder você e seus filhos em pedaços, para deixar você sem nada. Então, seu pedaço de marido traidor pode continuar com sua vida como se nada tivesse acontecido, como se ele tivesse acabado com todas as responsabilidades dele. Você sabe que isso acontece. Ouvimos quase essa história idêntica dezenas de vezes ao longo dos anos. Elas não têm recurso. Ou elas não *tinham* recurso. Até aparecermos. Nós as ajudamos a obter o que era delas por direito, provando que o cônjuge era um traidor. Fotos e tudo. É uma área moralmente cinzenta? Sim, absolutamente, mas isso não significa que não seja um serviço necessário. Homens de merda devem pagar.

— Mas nem todos os homens são homens de merda, Wasp. Acho que é isso que estou tentando dizer. E se Fenway não for um homem de merda? E se alguma mulher simplesmente exagerou? Por tantos homens desagradáveis com quem entramos em contato, vimos mulheres verdadeiramente repugnantes e mal-intencionadas, aquelas que eram apenas vingativas e de coração feio, aquelas que só queriam estragar a vida de alguém porque havia um mal-entendido ou algo assim.

— Sim, mas podemos sentir o cheiro a uma milha de distância.

— Verdade. Pessoalmente. Como todas as nossas outras reuniões sempre foram. Mas você nunca disse nada sobre conhecer essa mulher.

Isso era verdade.

Mas também era verdade que eu havia desacelerado as reuniões pessoalmente há um tempo, porque não tinha mais Raven por perto para fazer uma reunião quando estava trabalhando ou vice-versa. A carga de trabalho me fez automatizar algumas coisas que sempre foram tratadas manualmente, com reuniões presenciais e planos cuidadosamente delineados.

— Era muito dinheiro, Rave. Não me diga que você teria me dito para recusá-lo. Volta quando ainda estávamos na estrada. Volta quando o dinheiro era mais apertado para nós duas.

— Não, você está certa, — ela concordou, olhando pela janela de uma casa que todos chamariam coletivamente de mini mansão. — E nós duas sabemos que, se ele foi um idiota em algum momento, ele provavelmente tem dinheiro mais do que suficiente para tentar garantir que nunca tenha saído para arruinar sua persona pública, ou atrapalhar sua família. Mas eu tenho dificuldades em acreditar que ele seja um idiota se você esteve se apaixonando por ele.

— Por que não? Grandes mulheres se apaixonam por homens espetacularmente desprezíveis o tempo todo.

— Bem, essa é a maldita verdade, — ela concordou, bufando.

Já vimos isso muitas vezes em nossas vidas. Por algum motivo, essas mulheres surpreendentes, inteligentes e bem-sucedidas acabavam com homens que ficavam sentados e assistiam esportes o dia inteiro, que não tinham ambição, que as deixaram para cuidar de todas as tarefas domésticas junto com o ganha pão.

Por quê?

Essa era uma boa pergunta.

Nunca fomos capazes de chegar a uma explicação satisfatória para o fenômeno.

— Porque eu te conheço. Ele teria que ser um homem enorme para fazer você dar uma segunda olhada, e muito menos capturar sentimentos. Talvez ao longo do caminho, ele irritou a mulher errada, fazendo nada além de ser ele mesmo. E talvez ele não fosse certo para *aquela* mulher, mas isso não significa que não seja certo para você.

— Sim, bem, mesmo se isso fosse verdade, Raven. Peguei dinheiro para enganá-lo. Ele acreditou em mim. E isso significa que ele nunca seria capaz de acreditar em mim no futuro, porque ele sabe quão boa atriz eu sou. É uma impossibilidade.

Eu esperava algumas banalidades vazias que nós duas sabíamos que eu veria. Eu não entendi isso, no entanto.

— Eu acho que você está certa. E isso é péssimo. E eu odeio isso para você. Mas eu estou aqui, ok? E você é bem-vinda a ficar nesta cama e ficar deprimida pelo tempo que precisar. Desde que uma vez na semana, você tire a bunda dessa cama para que eu possa lavar os lençóis.

— Isso parece razoável, — eu disse, dando-lhe um sorriso fraco. — Obrigada, Raven, — eu disse a ela.

A sensação de dor no meu peito já era forte o suficiente. Eu não podia imaginar ter que lidar com tudo sozinha em Wanda, apenas viajando sem direção, a solidão penetrando pelas frestas das janelas, enrolando seus dedos longos em volta da minha garganta até que eu não conseguisse mais respirar.

Pelo menos aqui, mesmo que tudo o que eu estivesse fazendo fosse me afundar no meu quarto, eu nunca estaria sozinha. Eu podia ouvir Raven subindo e descendo os corredores, as crianças gritando e rindo, Roman voltando para casa. Eu não fazia parte disso, mas estava ao meu redor. Era um tipo de conforto.

Eventualmente, eu tinha que ter fé, isso desapareceria. Então poderia voltar à estrada, voltar à minha vida, deixar Raven e sua família voltarem ao normal sem a tia assustadora no quarto do sótão, assombrando os corredores com sua miséria.

— Posso sugerir um banho? — Raven sugeriu, fazendo um bufo escapar de mim.

— Isso é uma dica?

— Você está começando a feder, querida, — ela me disse, franzindo o nariz.

— Bem, não podemos ter isso, podemos? — eu perguntei, jogando meu cobertor, saindo da cama.

— Vou trocar a roupa de cama enquanto você estiver fora.

Sozinha, deixei a água correr sobre mim. E porque ninguém estava por perto para ver, e porque eu tinha plausível negação da existência delas quando se fundiam com a água escorrendo pelo meu rosto, finalmente deixei as lágrimas caírem.

Não me lembrava da última vez que chorei. Quando meu pai morreu, provavelmente. Há uma vida atrás.

Deslizei pela parede de ardósia do chuveiro, agachada sob o fluxo de água muito quente, as palmas das mãos pressionadas nos meus olhos enquanto eu chorava com o abandono imprudente de uma criança, até que meu corpo tremia com os soluços, até estava começando a me preocupar que elas nunca parassem.

Até que, eventualmente, elas pararam, me deixando vazia por dentro, como se alguém tivesse chegado lá dentro e tirado algo de mim, descartando o que encontraram.

Eu me movi pelo resto do chuveiro em um borrão, secando e me vestindo de moletom extragrande, voltando para o quarto com as pernas dormentes, encontrando a roupa de cama fresca, o quarto arejado, bebidas e lanches na mesa de cabeceira, caso eu precisasse deles.

Eu não queria comida.

Queria dormir

Queria o esquecimento.

Queria que os pensamentos dele parassem.

Exceto que encontrei meus sonhos atormentados por lembranças e possibilidades impossíveis, coisas que nunca poderíamos ter, nunca fazer, nunca ser.

Os dias tropeçaram um no outro, um borrão de uma névoa parecida com um zumbi que só se rompeu no dia escolhido para lavar roupas de cama de Raven.

Então de volta para a cama, e para a miséria, eu caí.

Sem sinais de que isso ceda, nem luz no fim do túnel.

Estava quase pronta para aceitar essa vida patética como minha realidade.

Quando, de repente, houve uma batida na minha porta.

E percebi que Raven não tinha desistido de mim.

Ela chamou reforços.

Meus irmãos estavam na porta.

13

FENWAY

— Nia! — Eu a cumprimentei, inclinando-me na porta de seu escritório, observando enquanto ela levantava os olhos castanhos não-divertidos, me inspecionando por um momento antes de se recostar na cadeira, passando as tranças negras por cima do ombro.

— O que você quer, Fenway? Eu não estou no seu caso.

— Não, você não está, — eu concordei, assentindo. — Mas eu acredito que você deveria estar, sua Senhora das Chaves, não é.

— Senhora das Chaves, — ela repetiu, um sorriso raro puxando seus lábios. — Eu gosto disso. Tudo bem, tudo bem. Aceito. O que você quer de mim?

— Eu sei que seu chefe está executando seus ângulos habituais de investigação. E ele não me enganou no passado, mas acho que preciso que você olhe em volta.

— Por que isso?

— Porque eu acho que você seria capaz de encontrar alguém que se chama Wasp em algum lugar on-line. Ela fez um comentário uma vez sobre o tráfico de armas em sua família. Esse é um ângulo que eu acho que você poderia trabalhar também.

— O que me faria querer abandonar meu trabalho atual para lidar com seu pequeno problema?

Meu pequeno problema.

Estive envolvido em escândalos internacionais, em aquisições corporativas, em todo tipo de situação feia e traiçoeira em que você poderia pensar.

Nenhum deles parecia na mesma linha que esse meu *pequeno problema*.

Talvez porque todas as outras coisas eram ruído de fundo, era algo incômodo de se lidar, para que eu pudesse voltar à minha vida normal.

Este?

Estava apegado a isso.

E eu não tinha certeza de que algo voltaria ao normal novamente.

Mas talvez eu pudesse encontrar um novo normal se encontrasse respostas, se a encontrasse, se conseguisse um encerramento.

Mesmo enquanto pensava, não tinha certeza de que isso fosse verdade. Mas estava escolhendo me deixar acreditar nisso. Pelo menos em parte.

— O que você quer? Triplo de sua taxa habitual? Uma casa de verão na Toscana? Diga o preço, Nia. — Eu exigi, movendo-me para me sentar em uma das cadeiras do outro lado da mesa dela, recostando-me, exausto.

— Dizer o meu preço, — ela repetiu, cruzando os dedos, me observando por cima deles, tentando descobrir se eu estava sendo honesto ou não. — E se eu quisesse seu jato? Seu iate?

— Se esse é o seu preço...

Para isso, as sobrancelhas franziram, os lábios contraíram. — Tudo bem. O que está acontecendo aqui? — Ela perguntou, acenando com a mão para mim. — Sou mais nova aqui do que muitos outros, mas já vi o suficiente de você para saber que esse traje amarrotado, sem fazer barba, olheiras escuras nos olhos não é você. Quando foi a última vez que dormiu? Porque francamente, Fenway, você parece horrível.

Eu tinha humor suficiente para bufar com isso. Mesmo se eu soubesse que ela estava sendo honesta. Dolorosamente. Como era a natureza dela. Ela era uma das poucas mulheres em um campo dominado por homens. Tinha que ser difícil de sobreviver.

— A última vez que dormi foi na noite em que ela saiu do nosso quarto na Austrália, — disse a ela sinceramente.

— Há quanto tempo foi isso?

— Eu não sei. Duas semanas, mais ou menos. — Levou três dias para ver minha equipe de solucionadores, pois, pela primeira vez, meu problema não era a variedade, 'alguém vai me matar se você não intervir'.

A partir daí, parecia que eles tinham acabado de chegar a um beco sem saída.

— Ela realmente mexeu com você, hein? — Ela perguntou, inclinando-se para frente, pegando um bloco de notas e caneta da mesa. — Tudo bem. Aceito. O que você sabe?

— Ela passa por Wasp. Ela tem uma melhor amiga. Acho que ela a chamou de Raven. E então dois irmãos que estão no comércio de armas de alguma forma. Ela converteu um skoolie.

— Um skoolie.

— Um ônibus escolar. Em um trailer, de certa forma. Ela me disse que é treinadora de cães.

— Tudo bem. O que mais? Quanto mais detalhes, melhor.

O problema era que eu não tinha nada realmente sólido para continuar. Eu tinha pequenos detalhes, preferências gerais, mas nenhum nome ou evento ou mesmo um estado de origem para colocar um alfinete.

— Todos os detalhes são bons detalhes, — Nia me disse, dando de ombros. — As pessoas compartilham tudo nas mídias sociais. Você nunca sabe o que pode ser uma parte importante da pesquisa.

— Ela gosta de filmes clássicos. Ela tem uma forte aversão a pés nojentos e gramática ruim. Ela viajou muito. Mas parece que só nos Estados Unidos continental. Ela mencionou várias armadilhas para turistas e restaurantes.

— Tudo bem, — Nia disse, assentindo. — Este é um bom começo. Oh, Jesus. Bata os pés ou algo assim, — ela retrucou, me fazendo virar para ver quem ela estava olhando, apenas para encontrar um homem alto e maciço, com a pele bronzeada e um corte curto de cabelo parado em seu escritório, procurando algo em uma prateleira. — Não se preocupe, cara. Você não está interrompendo nem nada, — ela acrescentou ao homem que a ignorou completamente. — Sim, eu queria suas mãos em toda as minhas coisas. Nós não fazemos limites neste escritório nem nada, — ela continuou enquanto o homem continuava a ignorá-la.

— É bom... — eu disse, tentando me apresentar a alguém que era claramente um novo membro da equipe. Ele provavelmente estaria em um dos meus casos mais de uma vez. Era sempre bom começar do lado bom cedo.

— Não se preocupe, — Nia me disse, revirando os olhos nas costas do homem. — Ele não tem habilidades humanas para conversar. Ou boas maneiras. Ou respeito pela propriedade de outra pessoa, — ela acrescentou quando o homem colocou algo debaixo do braço e saiu da sala.

— Quem era aquele? — Eu perguntei, sacudindo quando ele bateu a porta.

— Holden, — Nia disse, balançando a cabeça. — Ele é novo.

— Qual é o cargo dele? — Eu perguntei, sabendo que cada um deles tinha uma especialidade específica e que seus nomes refletiam isso. O proprietário, Quin, era O Solucionador. O homem que ajudava as pessoas em situações difíceis era O Fantasma. Havia um Mensageiro, um Negociador, um Limpador, uma Babá. Mais

recentemente, um amigo meu se tornou membro da equipe sob o título de O Executor. Nia, apropriadamente com suas impressionantes habilidades em informática, era A Hacker.

— O Inquisidor, — ela disse, bufando. — Eu sei. É ridículo, certo? Tão pretensioso. Como se ele fosse entrar cavalgando em sua cidade, juntar as mulheres selvagens que foram acusadas de bruxaria e colocá-las sob tortura até que admitam isso. Quando tudo o que ele realmente faz é entrar em nossa geladeira comum e roubar as refeições de outras pessoas. Refeições que eles dedicam muito tempo à preparação.

— Ora, Nia, se eu não te conhecesse melhor, diria que você tem uma queda.

— Oh, eca, — ela disse, encolhendo-se. — Deus, não. Ele não é o meu tipo.

— Eu já ouvi isso antes. Acaso você protesta demais?

— Acaso? — Ela repetiu. — E não. De maneira alguma. O tipo estoico e silencioso, com mau humor, não é o meu tipo. Gosto de homens com alguma leviandade.

— Oh, Nia, querida, você pode simplesmente vir dizer isso. Você está irremediavelmente apaixonada por mim. Você esteve arrastando um caminhão esse tempo todo.

— Sim, — ela concordou, sorrindo. — Deve ser isso. Estou apaixonada por seu ego pé no saco. Limpar os problemas dos homens adultos deixa minha calcinha molhada, — ela falou devagar.

— Tenho receio de informá-la, mas me apaixonei por outra pessoa.

Essas palavras soaram desajeitadas na minha língua, sem prática, meus lábios lutando para formar os sons certos.

Mas não havia como negar a verdade nelas.

Eu nem sabia o nome verdadeiro da mulher, mas me apaixonei por ela.

Eu tinha que descobrir onde ela foi, por que, o que a possuiria para cortar completamente os laços. Quando as coisas pareciam estar indo tão bem, quando tínhamos todos os tipos de planos para continuar explorando o mundo juntos.

— Uau. Você a ama, — Nia repetiu. — Eu não tinha certeza de que você era capaz de amar alguém além de si mesmo.

— Nem eu, querida, nem eu. Infelizmente, parece que não sou apenas capaz, mas muito afetado por essa merda de amor.

— Essa merda de amor, — ela riu, mas seu sorriso se apagou rápido, lendo algo no meu rosto que ela não gostou. — É horrível, certo? Amor. É um verdadeiro filho da mãe.

— É isso, — eu concordei.

Eu não conseguia pensar em mais nada desde que acordei sozinho. Ligações comerciais e e-mails ficaram sem resposta. Ou, mais provavelmente, redirecionei para Alvy para delegar por mim. Eu não saí. Eu nem pensei nisso.

Fiquei deitado em um quarto de hotel, esperando até que fosse uma hora apropriada para beber e depois o fiz até desmaiar. Apenas para ter sonhos atormentados com imagens dela.

Eu precisava que esse caso fosse descoberto.

Precisava de respostas.

Eu preciso localizá-la e discutir isso.

O confronto não era da minha natureza. Era por isso que eu tinha pessoas em cada uma das minhas empresas para lidar com as repreensões e demissões, e todas essas outras coisas desagradáveis. Não era para mim. Eu já tinha conseguido muito disso na minha vida. Não queria convidar mais quando não era necessário.

Só desta vez, porém, pareceu necessário. — Descubra isso para mim, Nia, — exigi, ouvindo uma aflição na minha voz que nunca havia estado lá antes. Desespero, talvez? Ou algo igualmente desagradável.

Eu sabia que ela gostava de um desafio. Ela prosperava com eles. Os casos impossíveis, as informações que ninguém mais poderia rastrear. Quando tinha um caso, ela trabalhava dia e noite, mal conseguindo pegar trechos de sono até finalmente encontrar o que estava procurando.

— Tudo bem, — ela concordou, assentindo. — Mas vou adiar dar meu preço.

— Você tem uma promissória assinada sem data de validade, querida. Tudo o que você quiser.

— Uau, — ela disse, balançando a cabeça. — Você realmente está apaixonado por ela, hein? — Ela perguntou quando eu saí da cadeira, abotoando o botão do meu casaco.

— Parece certo, — eu concordei, saindo do escritório dela.

Amor, sim.

Isso explicava os pensamentos obsessivos limítrofes dela, lembranças dela.

Mas doente, sim, também.

Isso explicava a dor no meu peito, o buraco no meu estômago, a falta de motivação, o canto da sereia da minha cama.

Eu tinha que obter algumas respostas.

Mesmo que não fossem o que eu queria ouvir.

Era melhor saber.

Isso era novo para mim. Eu sempre me contentara perfeitamente em aceitar uma meia-verdade ou uma mentira completa se isso tornasse a vida mais fácil, se deixasse a festa continuar, se conseguisse manter o status quo leve, fácil e despreocupado.

Eu nunca precisei conhecer os profundos segredos sombrios de alguém, suas motivações, suas razões para suas decisões.

Mas eu tinha que saber as razões de Wasp explodir na minha vida e sair de novo, tirando uma parte vital de mim junto com ela, recusando-me a devolvê-lo.

Eu tinha que saber

Então as coisas poderiam voltar ao normal.

Eu poderia voltar ao normal.

Pelo menos era o que estava tentando me dizer.

***

Não foi uma longa espera, no grande esquema das coisas. A necessidade obsessiva de Nia por respostas produziu mais em dois dias do que o resto da equipe conseguiu em duas semanas.

— Nia, — eu a cumprimentei quando abri a porta do quarto de hotel, encontrando-a com os olhos inchados e mais pálida do que o habitual, a exaustão cobrando seu preço.

— Você não vai acreditar nessa merda, — ela me disse, passando rapidamente, avançando para a área da sala de jantar, acenando para o assento vazio.

— Você encontrou alguma coisa? — Eu perguntei, a esperança uma sensação saltitante no meu peito.

— Alguma coisa, — ela zombou, largando um arquivo na mesa. — Tente tudo.

— O que você achou? — Perguntei, meu peito apertado, meu estômago revirando ameaçadoramente, e eu nem tinha chegado à parte bêbada da noite ainda.

— Sua garota, Wasp, você não vai acreditar de onde ela é.

— Onde?

— Bem aqui, porra, — ela disse, os olhos enormes, acenando com um braço em direção às janelas do chão ao teto.

— Ela é de Navesink Bank? — Perguntei, não pronto para aceitar esse tipo de coincidência.

— O pai dela era motociclista. Motociclistas do tipo local dos Henchmen. Mas há muito tempo. Ele foi morto, deixando para trás uma esposa, dois filhos e uma menininha, — ela me disse, esperando que eu juntasse as peças.

— Seus irmãos, — eu comecei, lembrando dos comentários dela sobre eles serem traficantes de armas. Como o clube de motociclistas fora da lei local ganhava a vida. — Eles são Henchmen.

— Eles com certeza são. Conheça Reeve e Cyrus, — disse Nia, abrindo a pasta, pegando uma foto de dois homens com cabelos e olhos claros, um com cabelos mais longos, o outro com um olhar distante e torturado. — E aqui é Raven. A melhor amiga dela. Ela é casada com um homem chamado Roman, que também mora aqui, — ela me disse, produzindo uma foto de uma linda mulher de cabelos pretos e um homem que parecia vagamente familiar, como alguém que encontrei no passado, mas não tinha feito nenhum tipo de conexão.

— Como você descobriu tudo isso?

— Eu peguei as fotos que você deu para o resto da equipe. E eu as pus na busca.

— Você a encontrou nas mídias sociais?

— Não, na verdade. Sua garota é um fantasma completo. Nem mesmo as páginas antigas da adolescência. Nada.

— Então, como você a encontrou?

— Raven, cujo nome verdadeiro é Rebecca, teve um casamento grande e extravagante. Extravagante o suficiente para publicar o jornal local de Navesink Bank. E sua dama de honra estava bem ao lado dela. Demorou para sempre, mas foi assim que eu a encontrei.

— Qual é o nome verdadeiro dela?

— Sim, veja, é isso. Eu não tenho ideia. E você sabe o quanto eu odeio dizer isso. Mas eu realmente procurei com muita atenção. Não consigo encontrar. Ela foi nomeada no jornal como Wasp. E uma vez que eu fiz a conexão com Rebecca/Raven, encontrei suas mídias sociais. Onde ela havia postado retrocessos de quando eram adolescentes. Ela, Wasp e os dois irmãos. Mas eu não consegui nenhum registro do nascimento de Wasp ou algo assim. E os irmãos dela também não fazem muita mídia social. Você sabe como os bandidos são sobre essa coisa.

Eu não sabia. Mas podia imaginar que, quando sua carreira e sua vida envolviam algo tão ilegal quanto o tráfico de armas, as regras sobre o que você publicava online eram rígidas.

— E a escola local? Ela deve ter ido para a aula com Raven.

— Eu sei, — Nia concordou, sentando-se na cadeira à minha frente, o que restava de sua energia parecia escoar lentamente de seus membros. — Os antigos anuários não são escaneados. Eu tenho que esperar até segunda-feira para ir à escola para procurar. Normalmente, esperaria até que eu tivesse tudo isso para te dar. Mas com o quão destruído você estava no meu escritório, achei que quanto mais cedo melhor com qualquer informação que tivesse. Você tem a pista do irmão e da melhor amiga. Se você quiser continuar com isso. Ou mandar o resto dos caras da equipe lidar com isso.

Não tinha tempo para esperar que minha equipe de solucionadores descobrisse uma maneira diplomática de descobrir isso, abordando os irmãos ou a amiga.

Eu tinha que lidar com isso sozinho.

O que seria muito novo para mim.

Lidar com o meu próprio negócio.

— Nia, você é tão boa quanto pensa que é, — eu disse a ela, sorrindo. Ela nunca fingiu ser humilde sobre suas habilidades. Eu sempre gostei disso nela. — Melhor, até, — eu acrescentei . — Obrigado por isso.

— Temos que fazer tudo que está ao alcance para o nosso cliente mais conhecido, — ela me disse, e o preço que estava pagando estava claro.

— Vá em frente. Vá dormir um pouco, Nia, — eu disse a ela, pegando minha carteira, pegando algum dinheiro. — E tenha um bom jantar por mim.

— Um bom jantar, — ela disse, pegando o dinheiro, olhando para mim. — Este é um bom jantar por um mês.

— Então, tenha bons jantares por um mês. Você merece. E você tem minha promissória assinada quando precisar, — eu disse a ela, levando-a para a porta.

— Eu sei que você vai tentar pegar sua garota, — ela disse, entrando no corredor, virando-se para mim. — Posso oferecer-lhe alguns conselhos?

— Tenho certeza que eu poderia usá-los, — admiti.

— Deixe-a falar, — ela disse, dando de ombros. — Você chega nela forte demais, só vai perdê-la novamente antes mesmo de obter respostas. Então nunca conseguirá dormir um pouco.

Com isso, ela se foi.

Voltei para a mesa, folheando o arquivo, verificando os rostos, imaginando qual seria o caminho mais direto para ela.

A melhor amiga, decidi, olhando as fotos do casamento. Na minha experiência, quando uma mulher encontrava um homem ao qual ela olha, como Raven olhava para Roman, ela também queria esse tipo de coisa para sua melhor amiga.

Havia também a vantagem adicional de Raven, provavelmente não querendo chutar minha bunda como seus irmãos queriam.

Decisão tomada, tomei banho, me troquei, tomei um pouco de café e atravessei a cidade para a área de mini mansões para as quais Nia havia me fornecido o endereço.

— Deixa comigo! — a voz de uma mulher soou de dentro quando eu toquei a campainha. — Provavelmente é a comida chinesa... oh, — ela disse, abrindo a porta.

Ela era tão bonita quanto as fotos de seu casamento, mas usava uma blusa de seda que tinha algum tipo de mancha roxa no estômago, os cabelos enrolados em um coque no topo da cabeça com uma aparência de mãe cansada que todos reconheciam.

Seu olhar azul brilhante deslizou sobre mim, pousando no meu rosto, os lábios curvados levemente.

— Todo esse dinheiro, — ela começou, balançando a cabeça. — E você demorou tanto tempo para encontrá-la?

— Eu tinha a melhor equipe no trabalho, — admiti, sentindo o alívio tomar conta de mim. Eu escolhi a pessoa certa. Ela ficou feliz em me ver. Ela queria que

eu pudesse falar com Wasp. — Ela está aqui? — Eu perguntei. Era uma pergunta retórica. Wanda estava estacionado no quintal.

— Ela fica aqui temporariamente, — Raven me disse, assentindo.

— Posso vê-la?

— Bem, há um problema.

— Que tipo de problema?

— Eu esperei você aparecer. Quando não apareceu, tive que chamar reforços.

— Você ligou para os irmãos dela, — pensei.

— Sim. E eles a convenceram a se levantar, ficar bonita, sair hoje à noite. Fizeram uma oferta que ela não podia recusar. Um cassino clandestino.

— Aqueles pobres bastardos que ela está jogando, — eu disse, bufando, recebendo um grande sorriso de Raven.

— Eu sei, certo? Eu nunca ganhei um único jogo contra ela.

— Este cassino clandestino...

— É apenas com convite.

— Oh, — eu disse, sentindo minha esperança se esvair.

— Oh, meu Deus. Olhe para esses olhos tristes, — ela disse, sorrindo cada vez mais. Como se ela estivesse satisfeita que eu estivesse infeliz. — Vou lhe dar isso, — ela disse, pegando uma ficha de cassino preta e dourada. — Mas você tem que prometer ouvi-la.

— Essa é a segunda vez que ouvi isso hoje.

— Sim, porque os homens não são exatamente conhecidos por suas habilidades de escuta, — disse Raven, balançando a cabeça.

— Isso é justo. Quero ouvi-la. Foi por isso que passei as últimas semanas tentando localizá-la.

— Tudo bem, — disse Raven, assentindo. — Aqui está, — ela disse, jogando a ficha, me fazendo agarrá-la.

— Obrigado, Raven. Eu realmente aprecio isso.

— Sim. Vá conversar. Ah, e Fenway? — ela chamou me fazendo voltar.

— Sim?

— Se você machucar minha garota, contratarei alguém para jogá-lo fora daquele seu iate chique. E fazer com que pareça um acidente.

— Se isso acontecer, — eu disse, sorrindo para ela. — Posso sugerir que você recorra à Quiton Baird & Associates para a sua gestão de crises? — Eu disse, depois me virei e fui embora. — Eles nunca me conduziram errado.

Eu poderia muito bem conseguir um novo negócio para eles.

Eu tinha certeza que estava me aposentando dos escândalos internacionais por causa do sexo oposto.

Eu teria minhas mãos cheias com apenas essa.

14

WASP

— Eu vou matar Raven, — eu resmunguei, olhando para a pena nos olhos dos meus irmãos. — Estou bem. Voltem para seu clube com todos aqueles seus deliciosos irmãos motociclistas. Deixem-me em paz.

— Há quanto tempo você está deprimida aqui? — Cyrus perguntou, movendo-se para o lado da cama, caindo ao lado do meu corpo.

— Eu não estou deprimida. Estou... me recuperando de um jet lag bem épico.

— Jet lag, — repetiu Reeve, arqueando uma sobrancelha enquanto se movia para o quarto, mas não chegou muito perto. Quando se tratava de respeitar os limites, Cyrus não entendia exatamente o conceito, enquanto Reeve cuidadosamente lhe dava o espaço que ele pensava que você queria. — A última vez que verifiquei, o jet lag não deixa você com os olhos inchados. Como chorar faz.

— Eu nunca choro, — insisti, não querendo admitir que isso não era mais verdade.

— Wasp, — disse Reeve, um tom muito parecido com o que nosso pai costumava usar, impaciente, mas indulgente.

— Estava em um trabalho. Ficou um pouco louco. Estou recebendo um pouco de descanso e recuperação. Não é grande coisa.

— Você nunca precisou de descanso e recuperação antes, — insistiu Cyrus.

— Sim, bem, estou ficando velha, imbecil, — eu disse a ele, tirando um pequeno sorriso dele.

— Vamos lá, — tentou Reeve, movendo-se para o pé da cama, colocando as mãos no estribo. — Todos nós sabemos que Raven não ligaria para nós, a menos que você estivesse em má forma. Essa é sua garota. Ela foi capaz de lidar com você por toda a sua vida. Se ela precisa de reforços, não é que você está cansada de um trabalho. Você pode nos dizer para irmos nos foder, mas não minta para nós.

Isso foi justo. Nós nem sempre somos os irmãos mais próximos, com minhas viagens o tempo todo, mas também não nos enganamos.

— Peguei sentimentos por um alvo. Pronto. Você está feliz? — Eu resmunguei, desejando poder jogar as cobertas sobre minha cabeça, esconder minhas bochechas aquecidas.

— Ei, — disse Cyrus, batendo minha perna nas cobertas. — Você não precisa ter vergonha de nós. Merdas acontecem.

Merdas acontecem.

Isso foi uma coisa tão Cy para dizer.

Ele era o pato proverbial[6] com nada tendo muito efeito sobre ele.

Reeve era muito mais sério, mais introspectivo, alguém que pensava profundamente nas coisas.

— Sim, bem, *essa* merda não acontece. Eu não me apaixono pelos alvos. Alvos são idiotas. É por isso que elas são alvos.

— Então, idiota é o seu tipo, — concluiu Cyrus, dando de ombros. — Eu não estou exatamente surpreso. Quem mais gostaria de aturar você? — Ele brincou, me cutucando.

— Não estou tão preocupado que você tenha sentimentos por um alvo, Wasp, — disse Reeve, arrastando minha atenção em sua direção. — Estou preocupado porque nos disseram que você está na cama há semanas. Você. Que nunca pode ficar parada por mais de cinco minutos.

— Quero dizer, recebi uma ligação de seus saltos hoje, — disse Cyrus, parecendo sério. — Eles disseram que estão preocupados com você também. Eles não te veem há séculos.

— Olha. Não é grande coisa. Só estou em um mau humor. Vai passar.

— Vai passar, — repetiu Reeve, erguendo uma sobrancelha.

— Sim.

— Mau humor não passa, Wasp. Você sabe disso. Você lida com eles e segue em frente. Ou cai em um buraco por causa deles.

Reeve saberia. Ele viveu em um buraco por muito tempo.

— Estou bem, — insisti, mas as palavras pareciam sem ânimo até aos meus próprios ouvidos.

— Se você estivesse bem, teria saído desta cidade há uma semana, — disse Reeve, e todos sabíamos que ele não estava errado. — Você está criando raízes

[6] Provérbio americano que diz que a água escorre pelas costas do pato sem afetá-lo.

porque quer que seu pessoal esteja próximo. Porque você se sente horrível. Bem, estamos aqui. Conte-nos o que está acontecendo. Vamos ajudá-la a parar de se sentir horrível.

Uma grande parte de mim não queria contar a eles, não queria admitir meus pequenos fracassos mais uma vez. Mas quando Cy colocou um braço em volta de mim, as palavras simplesmente explodiram, cada uma caindo sobre a outra para tentar sair primeiro.

— Então, agora você vê por que estou em uma cama, lidando com o meu mau humor. Porque não há nada que eu possa fazer sobre isso. Estraguei tudo. Não posso consertar isso. Então só tenho que lidar com as consequências.

— Está escrito em algum lugar que você tem que lidar com isso na cama? — Cyrus perguntou.

— Eu quero estar aqui.

— Sim, bem, dê tempo ao colchão para sentir sua falta, — disse Cyrus, enfiando a mão no bolso, pegando uma pequena ficha de jogo em preto e dourado.

— O que é isso? — Perguntei, vendo um endereço nele.

— É um convite. E eu quase tive que prometer meu próximo filho para arranjá-lo. Então você vai pegá-lo, você vai se enfeitar e vai usá-lo. Tire sua bunda da cama, por um tempo. Você não vai se sentir melhor se ficar deitada o tempo todo.

Ele não estava errado.

Eu tinha que admitir que quanto mais ficava na cama, mais eu queria, mais longe a motivação ficava.

Pensei que só precisava descansar, resolver meus sentimentos, chegar a um acordo com o que tinha acontecido.

Eu acho que isso era a coisa complicada com a tristeza. Ela permite que você pense que poderia ser mais esperta do que ela. Então continuava puxando você cada vez mais fundo. Até que não havia mais motivação para se afastar dela.

Eu tinha visto Reeve passar por isso.

E a única coisa que o tirou foi nós, estar lá para ele, exigindo que ele tentasse, forçando sua mão nos momentos em que ele não conseguia encontrar a vontade de fazer isso sozinho.

Lentamente, com certeza, ele chegou lá, ele começou a reconstruir sua vida.

Se ele pudesse fazê-lo, com uma situação muito mais horrível que a minha, então eu também poderia fazê-lo.

— Eu gosto de jogar, — disse, passando o dedo sobre a ficha, tentando não me lembrar das afirmações altas de Fenway de que eu estava trapaceando quando continuava ganhado dele.

— Imagino que seja ainda mais divertido quando é clandestino e ilegal, — observou Cyrus, claramente nunca tendo estado lá, apesar de fazer parte de um grande império criminoso em Navesink Bank.

— Estou feliz por ficar aqui na cama.

— Sim, bem, que pena, garota, — disse Reeve, balançando a cabeça.

Reeve nunca tirou o cartão do irmão mais velho, então o fato de ele estar fazendo isso agora era revelador. Todas as vezes que eu estraguei tudo, todas as vezes que fiz coisas que não aprovava, ele sempre mantinha a boca fechada.

Ele não ia me deixar ficar nesta cama.

E talvez ele estivesse certo. Era tóxico. Claro, parecia que havia algo arrancado de mim com um atiçador quente. Mas fazia semanas. Ficar na cama não estava ajudando. Estava na hora de tentar outra coisa.

— Ok, — eu concordei, assentindo. — Eu vou jogar. Vocês dois estão vindo?

— Nenhum de nós está indo, — Cyrus me disse. — Já foi difícil o suficiente obter uma ficha. Somos conectados, mas, aparentemente, você precisa ter outro tipo de conexão nessa cidade para ser convidado ao cassino de Eamon Awan. Esse endereço na ficha te levará a uma rua em algum lugar onde um dos homens de Awan estará. Você e quem mais estiver lá será vendado e levado a uma limusine. Eles a conduzirão ao redor, então a levarão a algum porão em algum lugar. Em seguida, você poderá tirar a máscara. E se divertir bastante. Eles a levarão de volta a esse local mais tarde, ou a sua casa. Ou, nesse caso, a casa de Raven.

— Como diabos vocês descobriram isso?

— Temos que amar nossa pequena cidade incestuosa, — disse Cyrus. — Eu ouvi isso de alguém que ouviu falar de alguém que esteve lá. Mas eu ouvi de fontes confiáveis de que foi seguro e que eles se divertiram muito. Nós não a enviaríamos se pensássemos que era decadente. Mas achamos que é apenas louco o suficiente para despertar seu interesse. Agitar pode ser bom, sabe? Eu odeio ver você assim, — Cyrus disse, me cutucando com o ombro.

— Esta não é você, — Reeve concordou. — Entendi essa coisa dando errado e você sentindo isso, mas não deixe que isso mude quem você é...

— Porque você é absolutamente perfeita,— Cyrus terminou por ele.

— Oh, olhem para vocês dois. Sendo sentimentais bobos, — eu disse a eles, forçando um sorriso porque seus esforços mereciam.

Tive a sensação de que seria preciso muito esforço para sair da cama, tomar banho, me vestir e sair de casa. Mas, vamos ser sinceros, eu era a rainha de fingir coisas. Eu poderia fingir identidades inteiras, relacionamentos reais e ninguém nunca foi tão sábio.

Eu poderia fingir a velha Wasp pela noite.

Talvez se eu fizesse isso bem o suficiente, poderia me convencer de que era verdade.

— Obrigada a vocês. Por terem vindo. Geralmente sou eu quem dá as surras nessa família, mas estou feliz em saber que vocês estão dispostos a fazê-lo também quando eu precisar.

Eles saíram meia hora depois, e Raven me serviu xícaras de café enquanto eu passava pelo processo de me recompor.

Algo sobre o ritual de autocuidado geral ajudou a romper algumas das nuvens escuras que pairavam no céu, deixando pequenas fatias de luz brilharem.

Não era alegria.

Nem era status quo.

Mas era melhor do que chorar no chuveiro.

Era melhor do que mal conseguir me forçar a sair da cama.

Eu acho que havia uma razão para aquela frase antiga 'finja até você conseguir'.

— Me desculpe, quem é você? — Raven perguntou quando desci as escadas depois de calçar o salto mais alto que eu possuía. Eles eram o que chamava de ‘sapatos de sentar’, mas imaginei que passaria a maior parte da noite em uma mesa de pôquer, então serviriam. — A única hóspede que temos aqui tem emaranhados gigantes nos cabelos e uma marca de travesseiro permanente na bochecha.

— Você acha que é demais? — Eu perguntei, acenando para o vestido de seda cor de pele com laços e as costas abertas. A bainha era do tipo curto e o corpete baixo, deixando muito pouco para a imaginação. Era o vestido mais sexy que eu possuía. Imaginei que, se eu fosse fazer, ia fazer certo.

— Eu acho que é apenas o suficiente, — Raven respondeu. — Mas espere. Você precisa de algo, — ela me disse, levantando-se, subindo correndo as escadas, voltando com um simples colar de ouro com um pequeno pingente de abelha dourado. — Eu escolhi isso para o seu próximo aniversário, mas acho que completa o visual, — ela me disse, indo atrás de mim para colocá-lo. — Pronto. Isso é perfeito. Eu sei que você ainda se sente um lixo, mas às vezes se pintar para a guerra pode ajudar. Espero que você se divirta muito.

— Você viu meu carro chegar?

— Sim, eles estão esperando. Fique super bêbada e pegue tudo o que eles têm. E dado o tipo de pessoa que ouço que frequência nesses tipos de lugares, isso é muito. Como muitas casas de férias, — ela me disse, mexendo as sobrancelhas. Quando o carro estava me deixando no local da ficha, eu podia sentir a antecipação começando a borbulhar lá dentro.

Era esperto dos meus irmãos escolher um cassino ilegal em vez de algo inofensivo, como sair para jantar ou ir ao cinema. A emoção disso era possivelmente a única coisa que poderia penetrar na parede espessa de arrependimento que eu estava construindo por dentro.

— Oh, agora, olhe para esta, — disse uma mulher alta e esbelta, loira, com olhos azuis como gelo enquanto eu caminhava na direção deles. Ela usava uma calça cor de champanhe e uma blusa de seda azul, dando a ela um ar de sofisticação casual... sem mencionar dinheiro, a julgar pelos diamantes em suas orelhas.

— Se ela está vindo conosco hoje à noite, ela não está procurando trabalho com você, Faye, — disse um homem alto, atraente e careca de terno cinza à mulher, depois se virou para me sorrir.

— Aero, — ele disse, estendendo a mão. — E esta aqui é Faye. Você é?

— Wasp, — eu disse a eles, inclinando meu queixo em direção ao homem andando atrás deles.

— Ah, e este é Richard Balefire, — Aero apresentou.

— Você está trazendo suas meninas agora, Faye?— Richard Balefire disse, inclinando a cabeça para mim.

— Não tenho muita certeza se isso é um elogio ou insulto, — eu disse a Richard, recebendo um sorriso dele.

— Faye é uma cafetina, — explicou.

— Então você acha que eu sou uma prostituta, — pensei, sentindo meus lábios tremerem.

— Uma garota de programa muito, muito cara, — corrigiu Faye.

— Bem, então, acho que é um elogio muito bom.

— Você é nova por aqui, — concluiu Richard Balefire.

— Eu não sou daqui, — eu disse a eles. — Não mais, — acrescentei. — Estou na cidade por algumas semanas. Eu precisava de uma noite divertida.

— Qual é o seu jogo, Wasp? — Aero perguntou.

— Oh, querido, — eu arrulhei, dando-lhe uma vez mais o que a velha Wasp daria, sempre fazendo um golpe mesmo quando não estava trabalhando. — Não importa. Eu sempre ganho, — disse a ele, vendo seu sorriso ficar um pouco diabólico.

— Eu aposto que sim, querida. Eu aposto que sim.

— Sério, você tem certeza de que não quer um emprego? Um show paralelo? — Perguntou Faye. — Tenho certeza que você acabou de fazer Aero gozar com esse olhar, — acrescentou ela, sorrindo.

— Se você terminou de tentar recrutar, Faye, — disse Richard, mas parecia divertido, como se tivesse um fraquinho por ela, — nossa carona está aqui.

— Wasp, espero que você não se importe com uma venda, — disse Aero, pegando um de um dos homens que havia emergido da limusine, distribuindo uma pilha de vendas.

— Com uma visão como a sua aqui, tenho certeza que ela é grata por isso, — brincou Faye, recebendo um riso de Aero.

Com isso, todos subimos na limusine, colocando as vendas nos olhos e viajando em silêncio enquanto parecíamos ser levados sem rumo.

Eu cresci nessa área. Conhecia as estradas secundárias, bem como qualquer garoto local que andava de bicicleta todas as tardes depois da escola. Como tal, enquanto dirigíamos por cerca de meia hora, eu tinha certeza de que conhecia a vizinhança geral desse local particular.

Todos nós fomos ajudados, descemos uma escada.

A próxima coisa que soube foi que as mãos estavam na parte de trás da minha cabeça, desfazendo minha venda.

E lá estava eu.

No cassino clandestino somente para convidados em Navesink Bank.

Não tinha o mesmo brilho brega de um cassino em Las Vegas ou Atlantic City, todas as luzes de neon e cores fortes.

Quem fosse Eamon Awan, ele claramente tinha bom gosto.

Tudo estava em tons de preto, alguns brilhantes, outros foscos, com um toque ocasional de vermelho. Subestimado. De luxo. O tipo de lugar em que os milionários jogavam salários das famílias de classe média em questão de horas.

— Uau, — eu disse, e apenas por um único segundo, era tudo o que estava em minha mente.

Só um segundo, lembre-se, porque, inevitavelmente, minha mente voltou para Fenway, pensando em como isso seria divertido apreciar com ele. Eu ficaria sentada lá ganhando sem parar. Ele continuaria perdendo com um sorriso no rosto enquanto eu o repreendia por desperdiçar tanto dinheiro.

Seria uma experiência incrível com ele.

Mas, lembrei-me, eu teria que encontrar uma maneira de aproveitar isso sem ele. Como faria com todas as aventuras futuras da minha vida.

— O que você diz, Wasp? — Aero perguntou, me oferecendo seu braço. — Que tal você me chutar no pôquer?

— Essa é uma oferta que não posso recusar, — eu disse a ele, sendo levada até a mesa, trocando dinheiro por fichas, como todo mundo fez.

Nosso negociante era um homem silencioso, de meia-idade, de terno preto escuro e cabelos grisalhos.

— Então, Wasp, — disse Richard alguns momentos depois. — O que a traz a Navesink Bank?

— Oh, eu estou visitando uma amiga, — eu disse a ele, arrumando meus cartas.

— E como você conseguiu pegar um convite? — perguntou Richard.

O único lugar aberto foi ao lado de Faye, que estava na minha frente. Eu não pude deixar de imaginar se seríamos apenas nós quatro, se este lugar era tão exclusivo, ou se outros apareceriam mais tarde, em uma limusine diferente.

— Um presente dos meus irmãos.

— E eles são? — perguntou Richard. Eles estavam investigando, e eu não conseguia descobrir se eles eram apenas um grupo unido, ou se eles de alguma forma suspeitavam de mim.

— Motociclistas locais fora da lei. Henchmen, — eu forneci, imaginando que, se eles fossem o tipo de pessoa que seria regular nesse cassino, eles também seriam o tipo que poderia descobrir exatamente quem eu era.

— Oh, esse é um grupo gostoso, — disse Faye, jogando algumas fichas no pote. — Eles não são clientes, — ela me disse, olhando para mim por baixo dos cílios, — caso você queira saber.

— Espero sinceramente que eles não se encontrem tão carentes que tenham que pagar por isso, — eu disse, sorrindo.

— Você ficaria surpresa com quantos homens preferem não ter que correr atrás. Apesar do estereótipo. Tudo bem. Quem é o fundo fiduciário que estou roubando hoje à noite? — ela perguntou, me dando um sorriso malicioso.

Entre nós, vencemos três rodadas antes de Aero declarar que precisava de uma bebida antes da próxima mão.

— Posso te dar um drinque, Wasp? Qual é o seu veneno? — ele perguntou.

— Eu...

— Champanhe rosé, — disse uma voz atrás de mim. *Aquela* voz. Aquela que fez uma dor atravessar meu peito, a voz que eu ainda ouvia no meu ouvido em momentos calmos.

Mas não.

De jeito nenhum.

Ele não poderia estar lá.

Ele estava na maldita Austrália.

Mesmo se ele voltasse aos Estados Unidos, quais eram as chances de estar aqui, nesta cidade, neste cassino clandestino?

Nenhuma.

No entanto, não havia como negar que era ele.

Eu conhecia essa voz tão bem quanto a minha.

Meu corpo já estava aquecendo, descongelando, ao som dela.

— A menos que isso também fosse mentira, *querida*, — ele disse, fazendo meu estômago despencar.

Do outro lado da mesa, uma das sobrancelhas bem modeladas de Faye se levantou, intrigada.

— Sinto que é uma noite de tequila, Aero. — Eu disse a ele quando Fenway se aproximou do meu lado, dando a volta na mesa. — Obrigada, — acrescentei, meu olhar seguindo Fenway enquanto ele tomava o assento vazio ao lado de Faye.

— Esse é um belo vestido, Wasp, — acrescentou, seu olhar frio em mim.

Frio.

Essa era a palavra certa.

Frio.

Não era o Fenway divertido e descontraído.

Este era o mais sombrio e sexy.

E se eu não estava enganada, ele estava chateado.

Ele sabia?

Certamente não.

Tomei muito cuidado com minha reputação.

— E quem pode ser você? — Faye perguntou, dando-lhe um olhar avaliador.

— Você quer dizer que ele não foi um dos seus clientes? — Richard perguntou, sorrindo. — Com a reputação dele com as mulheres? Este é Fenway Arlington, — ele disse.

— Richard. Faz um tempo.

— Ainda whisky? — Richard perguntou, levantando-se, abotoando o paletó.

— Sempre, — disse Fenway, seu olhar mal me deixando.

— Então, como vocês se conhecem? — Faye perguntou, claramente percebendo a tensão e aparentemente gostando.

— Nós nos conhecemos em Paris, — disse Fenway, já que minha língua estava paralisada em minha boca. — Percorremos o mundo juntos, — ele acrescentou, enquanto eu aceitava minha bebida de Aero enquanto ele voltava, sentando-se, alheio ao clima sombrio ao redor da mesa.

— Você fez alguma coisa divertida? — Aero perguntou, embaralhando suas fichas.

— Você gostaria de contar a eles sobre a caverna em Bali, querida, ou devo?

— Whisky, — Richard interrompeu, me poupando de ter que responder. — Fenway, você ainda é um jogador terrível? — ele perguntou quando o carteador começou a distribuir as cartas.

— Aparentemente, — Fenway concordou, e eu tinha certeza de que todos, menos Faye e eu, não perceberam o seu duplo significado.

— Então, Wasp, — disse Aero um momento depois, mudando de posição, sentindo a tensão, mas incapaz de identificá-la, apenas querendo atenuá-la. — O que você faz da vida? E não precisa fingir aqui. Estamos todos abertos a respeito de nossas... relações mais desagradáveis. Nada sai dessa mesa.

— Eu sou uma treinadora de cães, — afirmei, meu padrão e também o que eu precisava dizer com o olhar de Fenway me penetrando.

— Mesmo? — Outra voz perguntou atrás de mim, me deixando tensa quando senti o dono dela se aproximando. Tão perto, de fato, que ele descansou a mão no encosto da minha cadeira, os nós dos dedos tocando minhas costas nuas enquanto a outra mão se movia ao meu redor. Uma colônia cara e picante brincou com meu nariz enquanto seus dedos traçavam o comprimento da minha corrente fria, brincando com o pingente de abelha. — Não é assim que ouvi, Wasp, — ele disse com um sotaque delicioso, inglês ou talvez até o leste da África, me deixando tensa novamente. — A palavra na rua é que nossa nova convidada aqui é uma golpista, — afirmou o estranho, fazendo bile subir na minha garganta quando os olhos de Fenway se arregalaram. Surpresa? Dor? Ambas? Eu não sabia. Mas este homem se recusou a deixar por isso mesmo. — Conhecida por golpes amorosos, se não me engano, — acrescentou, finalmente soltando meu pingente, saindo de trás de mim, dando a volta na mesa, dando-me minha primeira visão dele.

Eamon Awan, eu decidi.

O homem parecia um modelo com sua coloração do Oriente Médio, seus cabelos negros, sua forma impecável e sua barba curta. Ele vestia todo preto, dando-lhe uma aparência intimidadora que estava ali em seus surpreendentes olhos verdes claros.

— Veja! — Faye declarou quando meu olhar seguiu nosso anfitrião, perguntando-se por que ele estava me expondo, o que ele poderia ganhar com isso, mantendo meu foco lá, porque eu não podia suportar o olhar de nojo que eu tinha certeza que estava no rosto de Fenway naquele momento. — Eu sabia que gostava de você, — acrescentou Faye, sorrindo. — Este é Eamon, a propósito, — ela disse. — O dono deste estabelecimento encantador.

— Você aprenderá a me perdoar, — declarou Eamon, mantendo um contato visual irritante comigo enquanto se movia atrás de Faye, apertando a mão no ombro de Fenway.

— Não tenho tanta certeza de que vou, — eu disse a ele, a voz tensa.

— Você pode viver uma mentira como quiser fora dessas paredes, — ele me disse. — Mas aqui, arejamos nossa roupa suja. Isso impede que todos possam usar qualquer coisa contra os outros convidados.

Do ponto de vista comercial, eu poderia respeitar isso. Se eu fosse uma convidada de verdade aqui, uma regular como os outros pareciam ser, eu apreciaria esse tipo de medida.

Mas como uma mulher sentada diante de um homem que tinha sido seu alvo mais recente, apaixonada por ele, apesar de não acreditar que eu era capaz, fiquei furiosa.

— Sim, bem, acho que não vou mais ser uma convidada do seu *excelente* estabelecimento, — disse rispidamente, levantando-me, virando-me, caminhando em direção à porta.

— Ei, você não pode...— um guarda me avisou, com a mão em volta do meu braço.

Eu não era a Barbie das artes marciais de ninguém.

Mas eu tinha participado de algumas aulas de autodefesa com Raven como uma espécie de movimento nos negócios, sempre querendo ter certeza de que poderíamos cuidar de nós mesmas e da outra, caso um trabalho ficasse ruim.

Eu só precisei usar meus movimentos memorizados uma vez no passado. Uma parte de mim estava convencida de que a única razão de eu ter sido bem-sucedida era porque o homem havia estado bêbado.

E minha vantagem aqui parecia ser que esse homem não achava que eu iria me voltar contra ele.

Porque ele nem tentou se defender quando eu coloquei minhas mãos em seus ombros, usando seu corpo como alavanca para enfiar meu joelho entre suas pernas.

Não parei quando ele desabou, apenas subi correndo as escadas, abri a porta no topo, passando correndo pelos guardas de lá, homens que provavelmente nunca esperavam que alguém desobedecesse às regras, saísse para arruinar sua localização secreta.

Eu não dava a mínima para a localização deles.

Nunca planejava voltar.

Só tinha que dar o fora dali.

Tinha que me afastar dele.

Eu não podia enfrentá-lo agora que ele sabia a verdade.

A única razão pela qual meu trabalho funcionou em primeiro lugar foi porque ninguém mais me viu.

E ter que enfrentar o único alvo com quem tinha estragado tudo e ficado pouco profissional? Sim, eu não poderia fazer isso.

Eu não fui longe.

Foi ingênuo da minha parte pensar que iria.

Uma mão se fechou em volta do meu braço, me puxando para uma parada.

— Enquanto eu admiro sua vontade de tentar correr nesses saltos, Wasp, você vai quebrar alguma coisa, — disse a voz de Fenway, quase sem fôlego. — Você realmente acha que pode fugir disso? — Ele perguntou, afrouxando a mão o suficiente para permitir que ele se movesse na minha frente, olhando para mim. — Olhe para mim, — ele exigiu, voz firme, sem tolerar argumento.

Respirando fundo, forcei meu queixo a levantar, meu olhar a se mover para o rosto dele, sabendo que esse confronto precisaria acontecer. Gostasse ou não. Não importa o quanto isso machucaria.

— Como você me achou?

— Eu mantenho uma firma de solucionadores na folha de pagamento.

— Por que isso não me surpreende?

— Quando você saiu sem dizer uma palavra, eu voltei aqui por eles. Eu queria te encontrar, para que pudesse descobrir o que a fez sair daquela maneira.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Pressionei. — No cassino, — esclareci.

Para isso, seus lábios se curvaram levemente quando ele enfiou a mão no bolso com a mão livre, pegando uma ficha.

— Sua melhor amiga pensou que eu poderia precisar disso, — ele disse.

— Raven me entregou? — Perguntei, as palavras não fazendo nenhum sentido. Ela nunca faria isso. Ela sempre me protegeu.

— Você não pode ficar brava com ela.

— Na verdade, eu posso. Ela não tinha o direito.

— E eu, querida? Que direitos eu tinha nisso tudo? — Ele perguntou, levantando o queixo, me desafiando a tentar mentir para ele novamente.

— Eu não quero fazer isso, Fenway, — eu disse a ele, ouvindo o estalo na minha voz, não confiando que as comportas permaneceriam fortes. Não com ele

parado olhando para mim com acusação e a dor, muito mais devastadora, nos olhos.

— Sinto muito, querida, mas isso é muito ruim, — ele me disse, tom cortante.

— Wasp, Fenway, — a voz de Eamon se juntou a nós, me fazendo virar para encontrá-lo se aproximando, braços erguidos. — Vejo que vocês dois têm uma coisa acontecendo agora. Mas sinto que preciso avisar que vocês estão em território de gangue com um Rolex de dez mil dólares e um colar de ouro de dois mil dólares, — ele disse, me fazendo olhar em volta, vendo o grupo de jovens na próxima esquina. — Você pode fazer alguns movimentos, querida, — ele continuou, olhando para mim, — mas eu não acho que você possa atingir todos os paus deles de uma vez. Porque você não leva meu carro de volta para, bem, em qualquer lugar mais, exceto aqui, — acrescentou, levantando a sobrancelha, deixando claro que não tínhamos escolha.

— Ele pode levar o carro. Vou pegar uma carona.

— Ah, mas eu gostaria muito mais se vocês dois tivessem que se suportar no caminho de volta para o local de retirada, — disse Eamon, estalando os dedos, fazendo seus guardas se moverem em nossa direção.

O guarda maior se aproximou de Fenway primeiro, agarrando seu braço.

Fenway me fulminou com o olhar quando foi levado embora. O outro guarda agarrou meu braço, começando a me puxar na direção da limusine também.

— Você é um idiota de verdade, sabia disso, certo? — Eu perguntei a Eamon quando passei por ele.

— Eu sei, querida, sei disso, — ele me disse, os lábios se curvando como se gostasse da minha raiva. — Não se preocupe em tentar planejar sua vingança, querida, — ele me disse com aquele sotaque irritantemente delicioso dele. — Eu não amo.

Com isso e nada mais, fui empurrada sem cerimônia para a parte de trás da limusine, fazendo-me meio que tombar sobre Fenway, que não fez nenhum movimento para me ajudar a levantar, enquanto tentava me afastar o máximo possível dele.

O carro voltou à vida quando o silêncio na parte de trás se tornou quase insuportável. Eu mantive meu olhar pela janela lateral, desejando que meu

estômago tolerasse andar de lado, porque isso me deu uma desculpa para não olhar na direção dele.

— Não, — eu exigi, pegando seus lábios começando a se separar.

— Receio que você não esteja mais no controle, Wasp, — ele me disse, a voz baixa, letal. E, caramba, um pouco sexy demais, dada a situação. — Nós vamos fazer isso. E você vai me dar respostas. Eu mereço isso, pelo menos.

Era difícil argumentar com isso.

Ainda assim, eu senti que deveria.

Eu tinha que ganhar algum terreno. Estava tropeçando no pequeno terreno em que estava.

— Olha, todo mundo que foi enganado fica com vergonha e com raiva. É natural. Entendi. Mas é assim que as coisas são. Você vai entender isso.

Ser insolente, mesmo que eu estivesse fingindo, foi a atitude errada com o humor aparentemente volátil de Fenway.

Um segundo, ele estava sentado.

No outro, ele estava se atirando pelo espaço, caindo ao meu lado, dedos agarrando meu queixo, forçando-me a encará-lo.

— Diga-me, Wasp, você fode com todos os seus alvos? — Ele perguntou, a voz tensa, mal segurando sua raiva.

A repulsa em seu rosto era uma faca quente no estômago.

Não reconheci minha voz quando saiu, pequena, fraca, sufocada.

— Não.

— Eu não sei se devo acreditar em você, — ele disse, com a mandíbula tão forte que um músculo pulava lá.

— Eu sei que você está com raiva, Fenway, — disse a ele, estremecendo. — Mas você está me machucando, — eu disse a ele, tentando afastar meu queixo.

Sua mão se afastou como se eu o tivesse queimado, o rosto sacudindo de volta como se eu o tivesse atingido.

Ele não era um homem violento.

Ele não machucava pessoas. Pelo menos não de propósito. O que só serviu para provar o quanto eu o havia afetado.

— Por quê? — Ele perguntou, a voz baixa, sofrida, outra facada no meu peito. — Por que eu? O que sequer fiz? O que você queria de mim? E não, — ele me interrompeu quando comecei a falar. — Não tente me dizer que isso não importa.

Isso importa. Você ferrou com a minha vida, Wasp. Isso importa. Eu mereço saber o porquê.

Engoli de volta o pedido para que ele me perdoasse, que borbulhava e ameaçava explodir, fortalecendo minha voz.

— Fui contratada para o trabalho.

— Contratado por quem?

— Não sei quem. Recebi um e-mail no meu site. Eles não me deram muita informação além do seu nome, paradeiro e a taxa que eles me pagariam para fazer o trabalho.

— E qual era o trabalho? — Ele perguntou, olhos acusadores. Eu merecia, mas ainda doía ver naqueles olhos que só me olhavam com bondade, admiração, humor e carinho.

— Para fazer você se apaixonar por mim. E então quebrar seu coração, — eu disse a ele, sentindo a picada de lágrimas, piscando de volta. Não era a hora ou o lugar. Eu apenas tive que segurá-la por mais algum tempo. Não estávamos tão longe do local de retirada.

— Por quê?

— Eu não posso responder isso, Fenway. Eu não perguntei. Mas, geralmente, esse tipo de coisa é porque você machucou outra pessoa, — eu disse a ele, olhos implorando para que ele entendesse, para ver isso através de uma lente diferente da dor dele. Talvez então ele pudesse ver o meu. Isso foi egoísta, mas eu não pude evitar.

Ele tinha direito à sua dor.

Mas ele não era o único machucado.

Eu senti como se meu coração estivesse sendo esmagado em pó dentro do meu peito.

— Eu não fui santo, — ele admitiu, com os olhos frios. — Mas nunca fui cruel o suficiente para fazer alguém me amar, depois foder com eles pelo inferno deles. Oh, me perdoe. Não pelo inferno dele. Por algo muito pior. Por dinheiro.

Eu não podia... eu simplesmente não podia mais fazer isso.

— Ei, — eu chamei, nos vendo passar direto pelo local de retirada. — Ei, — chamei o motorista novamente, virando-me para olhá-lo. — Você deveria me deixar lá. Ei! — Eu gritei quando ele me ignorou, apenas apertando o botão para que a janela de privacidade deslizasse no lugar. — Me deixe sair! — Eu gritei,

voando pela janela, punhos batendo nela. — Deixe-me sair, caramba. Eu tenho que sair daqui, — acrescentei, a histeria subindo e borbulhando.

Eu nunca entendi pessoas que perderam a cabeça. Até aquele momento. Quando estava gritando e batendo minhas mãos contra uma janela, lágrimas inundaram meus olhos.

— Me deixe sair! — Eu tentei novamente, a voz presa.

— Ei, ei, — a voz de Fenway chamou, mãos agarrando meus pulsos, puxando-os para longe da janela. — Acalme-se, — ele exigiu.

— Eu preciso sair deste carro. Não consigo respirar aqui, — acrescentei, puxando contra seu aperto. — Eu não consigo respirar, — eu assobiei, minha garganta apertada, mãos invisíveis se fechando ao redor delas, cortando meu ar, fazendo meu pulso acelerar, meu rosto sentindo um formigamento.

Era apenas um ataque de pânico, tentei argumentar comigo mesma. Não era grande coisa. Eu ia ficar bem. Mas com maldita certeza não me *sentia* bem. Senti como se meu coração fosse romper minha caixa torácica, como se fosse bater fora do meu peito.

— Você precisa respirar, — Fenway argumentou, a voz calma, frustrantemente gentil.

Eu não aguentava que ele fosse legal.

Não depois do que eu fiz.

— Não, — eu exigi, tentando me afastar. — Você não tem que ser legal comigo, — eu disse a ele, arrancando-me de seu aperto, me jogando pelo carro para o outro banco, a mão fechando em volta da minha garganta.

— Wasp...

— Eu entendo, tudo bem? Eu entendo, porra, — vociferei, respiração saindo de jeito estranho. — Eu sou uma puta, ok, sim? Sou uma idiota. Machuco as pessoas para viver. Você me odeia. Entendi, ok? Entendi, — acrescentei, a voz embargada quando as comportas finalmente falharam, lágrimas transbordando, derramando minhas bochechas em ondas quentes e rápidas, obscurecendo minha visão.

Eu tive muitos momentos ruins na minha vida.

Ter um ataque de pânico e colapso histérico ao mesmo tempo na frente do único homem com quem eu já me importei? Este foi o pior dos ruins.

— Eu não te odeio, — a voz de Fenway disse um momento depois, baixa, quase difícil de ouvir sobre minha respiração frenética, fungando enquanto eu tentava me recompor.

— Besteira, — retruquei, passando os dedos nas lágrimas que se recusavam a parar de cair em minhas bochechas.

— Eu gostaria que fosse, — ele disse como se eu não tivesse falado. — Seria muito mais fácil se te odiasse.

— Claro que você me odeia, — eu disse, colocando os cotovelos nas coxas, pressionando a cabeça nas mãos. — *Eu* me odeio.

Aquela admissão, algo que eu vinha tentando reprimir por semanas, essa percepção que era feia demais para admitir até para mim mesma, parecia criar uma rachadura bem no meu peito, fazendo minha voz ficar presa num barulho horrível, como um animal ferido.

— Tudo bem, — disse Fenway, a voz suave, me fazendo perceber que ele havia se movido para o meu lado. — Tudo bem, — ele silenciou, os braços me alcançando, segurando-me mesmo quando tentei me afastar, me puxando até minhas pernas caírem sobre as dele, até que meu rosto estava dobrado contra seu peito.

Eu não tinha o direito de me consolar com ele naquele momento. Uma pequena parte de mim, a lasca que ainda era capaz de pensar racionalmente, sabia disso. A outra parte estava muito ocupada desmoronando para me importar que meus dedos estivessem se curvando em seu paletó, que minhas lágrimas estivessem ensopando sua camisa. — Wasp, está tudo bem, — ele me disse, a voz um pouco mais alta, tentando abrir passagem.

— Não, não está, — eu consegui me engasgar antes que os soluços se tornassem do tipo alto e totalmente humilhante. Mesmo sabendo que, mesmo sentindo isso, eu não conseguia pará-los, eles me dominaram completamente.

Fenway não disse nada depois disso, apenas me abraçou mais forte, como talvez ele pensasse que se me apertasse com força suficiente, ele poderia me impedir de desmoronar.

Era tarde demais para isso.

Eu era poeira.

Nada poderia me recompor da mesma forma. Eu não tinha ideia de como seria depois de tudo isso, mas tinha a sensação de que não seria bonito. Apenas uma cópia vaga da pessoa que eu tinha sido antes.

— Sinto muito, — sussurrei em seu pescoço o que pareceu uma eternidade depois, quando meu interior parecia seco como uma lixa, quando meu rosto estava sensível por causa das lágrimas.

— Eu sei que você sente, — ele me disse, os dedos penetrando no meu cabelo. Também não tinha o direito de gostar disso. Mas eu gostei. Deus eu gostei.

— Eu nunca dormi com um alvo, — disse a ele, derramando a verdade. Qual era a utilidade de me proteger mais? Não me restava muito para proteger. — Não é assim que funciona. Não me envolvo. Não me apego, — acrescentei, lutando para divulgar a última palavra.

— Apego, — ele repetiu.

— Sim, apego. Eu não faço isso. Nunca. Não no trabalho. Não na minha vida pessoal. Eu não faço isso. Essa não sou eu.

— Mas? — ele perguntou, sentindo-o pairando no ar.

Apertando meus olhos com força como se a admissão fosse de alguma forma mais fácil se eu fizesse isso, deixei a verdade escapar. — Mas me senti mais como eu mesma com você do que acho que já me senti.

— É por isso que você teve que sair? Por que não era apenas um trabalho?

— Foi um trabalho.

— Mas não apenas um trabalho. Você não era apenas uma golpista. E eu não era apenas um alvo.

— Você deveria ser.

— Mas eu não fui, — ele pressionou, as mãos afundando nos meus ombros, me forçando para trás.

— Não, — eu admiti, o olhar abaixado, incapaz de lhe dar a verdade com aqueles olhos cravados em mim.

— Quando parou de ser um golpe?

— Eu não sei, — eu admiti.

— Antes da caverna? — ele pressionou, recusando-se a desistir. E depois do que fiz, não tinha o direito de negar a verdade.

— Sim. Acho que entre a chegada a Bali e a piscina. E depois da piscina e durante o dia seguinte. Era mais eu do que não era eu, se isso faz sentido, — eu disse, olhando a garganta dele.

— Quando não foi você? — ele perguntou, as mãos pousando nos meus quadris.

— Quando eu estava te afastando, — eu admiti. — Quando estava brigando. Isso é o que você deveria fazer. Atraí-los. Depois empurrá-los para longe, fazê-los voltar.

— Manter-me voltando, — ele corrigiu.

— Sim, isso também.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você faz isso?

— Sou paga por isso. Sou boa nisso.

— Por que, Wasp? — Ele pressionou, uma mão indo para o meu queixo, forçando-o suavemente para cima.

— Porque alguns homens se safam de coisas que não deveriam. Porque eu posso ajudar algumas mulheres a se vingarem.

— E porque você usa sua beleza contra eles, — ele meditou, me desafiando a contestar. — Não me escapou como você se agitou sempre que eu te chamei de bonita. E agora estou pensando que é porque você nasceu bonita, certo? Saiu dessa maneira. Ficou mais bonita a cada ano. Bastante bonita que ninguém se importava se você tinha mais alguma coisa a oferecer.

— Eles ainda não se importam, — eu disse, encolhendo os ombros, tentando não ser amarga com isso.

— Eu me importo, — ele corrigiu. — Sim, você é linda. Percebo isso. É um fator. Você gosta da minha aparência também, querida.

— Isso é justo, — eu concordei.

— Mas não é isso. Eu não a mantive por perto porque você era bonita. Bonita tem aos montes. Eu me cansaria de bonita antes de sairmos de Paris. Na noite em que nos conhecemos, estava cercado por mulheres bonitas, — ele me lembrou. — Eu me afastei delas por você. E continuei voltando para mais.

— Sim, porque é assim que funciona, Fenway. Apanhe e solte. É um truque.

— Não era que eu não pudesse ter você.

— Isso é tudo que poderia ter sido.

— Não. Havia algo em você. Eu podia sentir isso no momento em que você entrou. Antes mesmo de te ver. O ar mudou quando você entrou naquele bar. Talvez você pense que todos os homens veem a beleza, mas há algo mais também. O jeito que você se comporta. Esse olhar nos seus olhos. Todo mundo projeta uma vibração. É por isso que as mulheres podem identificar um verme a distância. E talvez eu tenha visto toda essa beleza, Wasp. É difícil ignorar. Mas essa vibração, foi o que me afastou da minha mesa. Eu sabia que havia algo lá. Eu queria me aproximar disso.

— E então, — indaguei, precisando de mais.

— E então você parou com a besteira por tempo suficiente para te conhecer um pouco. E quanto mais eu conhecia, mais gostava. Isso, — ele disse, passando a ponta do dedo pela minha mandíbula. — Isso é todo papel de embrulho. É bonito. Chama a sua atenção. Mas o que você realmente quer, está embaixo de tudo isso. O Natal seria muito chato se tudo que você tivesse fosse pilhas de papel de embrulho bonito.

— Eu gosto dessa analogia, — eu decidi, os lábios se curvando levemente.

— Diga-me que era mais real do que falso, — ele exigiu, vulnerabilidade uma coisa de tirar o fôlego em seu rosto.

— Foi muito mais real do que falso. Foi quase tudo real. Eu tive que sair porque estava ficando muito real, — eu disse a ele. — Sabia que se ficasse mais, eu diria a você. E mesmo se ficasse, não havia chance para nós. Porque você nunca seria capaz de confiar em mim novamente.

— Confiança é uma coisa engraçada, — ele meditou. — Às vezes você acha que foi quebrado, quando só foi testado.

— Como você pode chamar isso de testado? Eu menti para você. Peguei dinheiro para mentir para você. Eu te conheci e tive todas as intenções desde o primeiro dia de machucá-lo. Isso não é um teste.

— Não, mas talvez seja isso, — ele sugeriu. — Colocar tudo lá fora.

— Não há como você continuar acreditando em mim no futuro.

— Não? Eu acho que é meu direito decidir, querida, não seu.

— Você não poderia me querer agora, sabendo o que fiz.

Para isso, um sorriso sem humor puxou seus lábios quando ele enfiou a mão no bolso para pegar um lenço, passando suavemente no meu rosto. — Você tem

uma boa mão com a maquiagem, mas não é à prova d'água. Parece que você não dorme desde que se afastou de mim, — ele me disse, tocando as manchas que eu sabia que estavam sob meus olhos. — Eu acho que você provavelmente já se martirizou o suficiente sobre o que aconteceu. Você não precisa que eu apedreje.

— Não é sobre o que eu preciso. Você tem o direito de me apedrejar. Fiz algo terrível para você.

— Você fez isso? — Ele perguntou, afastando o lenço manchado de maquiagem. — Apaixonar-se por você não foi tão ruim, — ele brincou, os lábios se curvando. — Pode-se até argumentar que eu gostei bastante.

— Bastante, — eu zombei, balançando a cabeça.

— Mas eu precisava saber uma coisa.

— O quê?

— Qual é o seu nome verdadeiro? — Ele perguntou.

— Oh, qualquer coisa menos isso.— Eu gemi, batendo minha testa em seu ombro.

— Receio que seja um ponto não negociável, querida. Quão ruim pode ser? Você tem o nome de uma velhinha ou algo assim?

Para isso, eu bufei, respirando fundo, recostando-me. — É Bella.

— Bella. Significado 'linda', — ele disse, os olhos brilhando, entendendo por que eu odiava isso.

— Em italiano *e* latim, — eu concordei, revirando os olhos. — Meus pais realmente tiveram que acrescentar insulto à lesão nesse caso.

— É um nome bonito. Mesmo que eu ache que Wasp combina com você um pouco melhor. Talvez eu só te chame de Bella quando quiser irritar você.

— Você planeja fazer isso com frequência?

— Praticamente em todas as chances que tenho, — ele prometeu, olhos brilhantes. — Você é meio sexy quando está chateada, — ele me disse, com um sorriso diabólico.

— Então você planeja me ver no futuro, — eu disse, precisando de confirmação, com muito medo de me permitir ter esperança sem ouvir as palavras.

— Ver você? Sim, — ele disse, a mão deslizando para o meu lado, sobre as minhas costelas, um lugar que ele sabia que eu era sensível. — E fazendo muito mais do que apenas vê-la, — ele me disse, os dedos se movendo para cima,

provocando o corpete baixo do meu vestido, nem sequer tocando minha pele, mas conseguindo enviar arrepios atravessando minha pele em antecipação.

— Fenway, fale sério por um minuto, — eu exigi.

— Oh, querida, se há uma coisa que eu estou falando sério, — ele começou, os olhos ficando derretidos, — é sobre fazer você fazer... sim isso, — ele disse quando sua mão deslizou sob o meu corpete, fechando sobre o meu peito, seu polegar se movendo sobre meu mamilo endurecido, me fazendo gemer. — Agora, isso não é melhor do que conversar? — Ele perguntou, usando o polegar e o indicador para rolar meu mamilo, fazendo com que a necessidade florescesse no meu núcleo.

— Precisamos conversar, — insisti enquanto meus quadris tremiam um pouco, movendo-se mais alto em seu colo, sentindo seu pênis pressionando contra mim, me fazendo soltar um leve suspiro.

— Podemos conversar, — ele disse, uma mão afundando na minha bunda, me moendo contra ele. — Sobre como você está molhada, para mim, — ele me disse, empurrando seus quadris para cima, fazendo seu pau me bater exatamente onde eu precisava dele, arrastando um gemido irregular de mim. Sua outra mão foi atrás do meu pescoço, me arrastando para mais perto. — Podemos conversar sobre como vamos mantê-la quieta quando eu te foder, para que o motorista não ouça, — ele me disse, passando a mão da minha bunda para deslizar entre as minhas coxas, deslizando sob a calcinha.

— Fenway, por favor, — eu choraminguei, balançando contra ele. — Faz muito tempo, — acrescentei, me arrependendo instantaneamente daqueles dias em que o mantive a distância.

Felizmente, Fenway estava tão fora de controle, sem perder tempo escorregando em proteção, rasgando minha calcinha quase inexistente e me guiando para que eu pudesse escorregar em seu comprimento.

— Foda-se, — eu choraminguei, respirando fundo.

— Sim, você nunca fingiu isso, — ele me disse, sorrindo enquanto empurrava seus quadris para cima em mim quando eu comecei a trabalhar em círculos lentos.

Não demorou muito para que todo o controle se rompesse, deixando-me montá-lo com força, rápido, com a mão esmagada sobre a minha boca para abafar meus gritos quando me aproximei, enquanto voava pela borda, colidindo com o meu orgasmo.

Fenway seguiu no final do meu orgasmo, sibilando meu nome, meu nome verdadeiro. E talvez eu não tenha odiado o som nos lábios dele.

— Você percebe que Eamon Awan provavelmente tem uma câmera aqui e apenas nos assistiu transar, — eu disse a ele, me afastando depois de recuperar o fôlego.

— Sim, bem, o pobre e feio bastardo provavelmente não pode conseguir nenhum sozinho.

— Feio...— eu comecei.

— Trabalhe comigo aqui, querida. Eu tenho algum orgulho, — ele me disse, sorrindo.

— Oh, certo. Sim. Ele é apenas... hediondo. Se havia uma raça de alienígenas que estavam prestes a se extinguir e precisavam do esperma de um homem, e as mulheres descerem, e Eamon era o que mundo inteiro tinha a oferecer, eles provavelmente decidiriam que prefeririam deixar sua raça morrer.

— Eu sei, certo? O pobre homem. Eu claramente não conseguia me imaginar com uma aparência tão infeliz, — ele disse, sorrindo.

— Sério, no entanto. Ele provavelmente tem câmeras aqui. Por que diabos estamos dirigindo em torno do Navesink Bank em círculos? — Perguntei, olhando por cima do ombro dele para um prédio que já tínhamos passado. — A menos que ele planeje nos matar, — concluí. — Você sabe... por descobrir sua localização super secreta.

— Hum, — Fenway refletiu enquanto eu descia do colo dele, enfiando minha calcinha no bolso. — Talvez ele perdoasse mais se voltássemos, e eu deixei cair o PIB de um país pequeno em uma de suas mesas, — sugeriu, fechando o zíper, depois deslizando para o lado, batendo calmamente no vidro. — Tenho cem mil queimando um buraco no bolso, — ele disse ao motorista quando a janela se abriu.

— Vou ver o que ele diz, — o motorista nos disse, fechando a partição novamente.

Quinze minutos depois, estávamos de volta a uma mesa, Fenway conversando facilmente com Richard Balefire sobre os negócios, enquanto tentava fingir ignorar o olhar perspicaz de Faye.

— É inteligente, você sabe, — ela me disse enquanto trocava as cartas.

— O quê? — Eu perguntei.

— Uma treinadora de cães, — ela me disse, sorrindo.

— Sim, bem, você sabe como eles se comportam quando são liberados, — eu disse a ela, recebendo uma risada sem humor.

— Perseguindo cada cadela no cio, — ela sugeriu.

— Bem, sim. Mas não se eles estiverem com medo de ter suas bolas cortadas, — acrescentei, lançando um sorriso sacarino a Fenway enquanto reorganizava minha mão, sabendo que tinha vencido novamente.

— Oh, eu não sou um trapaceiro, — ele disse, estreitando os olhos quando eu deixei minhas cartas para ele ver. — Ao contrário de *algumas* pessoas, — acrescentou, erguendo as sobrancelhas para mim. — Não tem como você ter essa mão.

— Ah, quieto, e entregue os vinte mil, *querido*, — acrescentei, dando um grande sorriso para ele. Olho enrugado e tudo.

Eu poderia me acostumar com esse olhar que me foi dirigido.

Talvez, se eu tivesse sorte, eu pudesse.

Depois que eu terminasse de pegar todo o dinheiro dele, é isso.

Prioridades.

15

FENWAY

Imagino que outros homens possam ter fugido por suas vidas quando a verdade aparece. Talvez essa fosse a escolha mais prudente.

Mas, realmente, quando alguém me acusou de ter cuidado?

Além disso, muitos trabalhos estavam imersos em algum tipo de sofrimento. Tudo, desde a produção de alimentos ao financiamento, passando pela moda rápida. Havia danos, sejam humanos, animais ou ambientais. Seria hipócrita julgá-la por causar dano se eu não me desse ao trabalho de culpar os outros por seu impacto negativo no mundo.

E além de tudo isso, havia o simples fato de eu acreditar nela. As mulheres podiam fingir coisas. E fingiam bem. Aquele ataque de pânico e colapso na limusine? Aquilo foi real. Ela não poderia ter fingido aquilo. Wasp que eu conhecia teria ficado mortificada demais para tentar. Sua máscara era do tipo fria, calma e tranquila.

Ela se importava comigo.

Se ainda não era amor, estava indo nessa direção.

Ela foi embora porque faltava pouco para me dizer a verdade. E ela estava apavorada que, ao fazer isso, ela não apenas arruinaria qualquer futuro, pois pensava que eu não podia confiar nela, mas também perderia o dinheiro. Era a definição de uma situação de se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Não a culpei por fazer um balanço e correr.

Homens inferiores gostariam de humilhação, iriam querer que ela implorasse por perdão, jurando chorando que nunca mais mentiria para mim. Meu perdão não precisava ser recuperado por sobre seu orgulho. Se o seu ego exigia que alguém se tornasse pequeno para poder recebê-la de volta à sua vida, talvez fosse a hora de reavaliar a dinâmica do seu relacionamento.

Depois que ela me limpou, e Aero, por tudo que valíamos, voltamos para o meu quarto no hotel, caímos na cama um com o outro por horas antes do telefone dela começar a tocar, e se recusar a parar.

— Provavelmente é Raven, — Wasp me disse, resmungando enquanto ela rolava do meu peito, caminhando nua pelo quarto para pegar o telefone da bolsa. Fui em frente e apreciei a vista antes de sair da cama e segui-la, pegando meu próprio telefone, mandando uma mensagem para Alvy, mandando-o enviar flores para Raven e marcando uma reunião com Richard Balefire, prestando atenção na conversa de Wasp que começou com ela tentando parecer firme enquanto contava à amiga que estava com um grande problema, depois descrevia em sussurros excitados enquanto contava a noite.

— Ela quer conhecê-lo oficialmente, — Wasp me disse depois de desligar. — Espere um julgamento muito duro. E algumas ameaças veladas.

— Odeio contar isso para você, querida, mas sua melhor amiga é mais o tipo de mulher de ameaça direta.

— Ela já fez isso? E eu perdi? Droga. Ela ameaçou enfiar alguma coisa na sua uretra? Porque essa é a minha ameaça.

— Envolveu um acidente de barco que nunca seria rastreado até ela.

— Ela é perfeitamente capaz disso, — declarou Wasp, aproximando-se de mim, caindo no meu colo, pegando o uísque que eu havia descartado antes no cassino.

— Eu não preciso das ameaças de Raven. Você me assusta o suficiente, — eu disse a ela, puxando seus cabelos.

— Como eu deveria, — ela concordou, me dando o copo para terminar enquanto ela inclinava a cabeça no meu ombro. — Então, você não está pelo menos um pouco curioso? — Ela perguntou.

— Sobre o quê?

— Quem me contratou, — ela disse, balançando a cabeça um pouco. — Isso foi muito dinheiro. Não acho que suas pequenas caçadoras de fundos fiduciários seriam capazes de bancar o trabalho.

— Você não tem um cheque?

— Usamos criptomoeda. Normalmente, elas me pagam em dinheiro ou Paypal. Mas porque era muito, eu queria em criptomoeda. É um pouco mais complicado transformá-lo em dólar, mas me impede de me preocupar tanto sobre o imposto de renda. Tenho problema suficiente explicando minha profissão a eles todos os anos.

— Você realmente paga seus impostos? — eu perguntei, bufando. — Qual criminoso paga impostos?

— O tipo que não quer ser capturado como Capone.

— Capone?

— Sabe, eles tecnicamente se safaram de todos os seus crimes, mas fizeram acusações de evasão fiscal contra eles.

— Então você realmente diz a eles que você é uma treinadora de cães? — Perguntei, provocando.

— Na verdade, sim, — ela disse, sorrindo para mim. — Sou uma treinadora de cães muito cara. Mas, é claro, valho cada centavo.

— Qual era o seu plano quando você ficasse farta com o treinamento de cães?

— Tenho investido cuidadosamente. Eu esperava talvez me aposentar parcialmente, encontrar algum trabalhinho que achasse divertido e interessante. Mas, aparentemente, eu poderia ter um futuro muito bem-sucedido como garota de programa de alto nível, — ela pensou franzindo os lábios. — Talvez eu deva ligar para Faye...

— Acho que não, querida. Ninguém vai colocar as mãos em você, além de mim, a partir de agora, — eu disse a ela. Eu nunca fui uma pessoa possessiva no passado. Mas eu também nunca tive uma mulher como um elemento constante na minha vida, uma mulher com quem eu poderia imaginar um futuro.

— Bem, claramente, se isso se tornar sério, um futuro com coisas do tipo contratos, — ela disse, contornando a palavra 'casamento', — eu teria que encontrar algo para trazer dinheiro. Já que você está em uma missão solitária de perder toda a sua fortuna.

— Oh, mas que maneira divertida de entrar na miséria, — declarei, tirando uma risada dela. — Esse plano de aposentadoria parcial, — comecei, sabendo que essa era uma área complicada. — Quando isso deveria começar?

— Eu não tinha uma data exata. Imaginei que chegaria um dia em que saberia que chega. Até então, eu deveria ter economizado o suficiente para me ter um ou dois anos para descobrir meus planos futuros.

— Então você tem um ano ou dois?

— Bem, graças ao seu trabalho, absolutamente.

— Bom. Porque você está oficialmente aposentada, — eu disse a ela, vendo como ela arqueou uma sobrancelha para mim. Ela sabia que também estava, mas

era uma mulher que não gostava que lhe dissessem o que fazer. — Vamos. Temos que verificar todas essas máquinas de venda automática. Você disse que viria comigo.

— Eu acredito que disse que seria divertido ir com você, não que iria.

— Vamos lá, você sabe que você quer. — Ela queria. Seus olhos já estavam brilhantes de emoção

— Não podemos simplesmente ir para a China.

— Claro que podemos. Alvy trouxe o jato de volta aos Estados Unidos para mim.

— Não foi isso que eu quis dizer, — ela disse, revirando os olhos, mas estava sorrindo. — Você tem que conhecer Raven e Roman. E se meus irmãos perceberem sua presença, eles também vão querer avaliar você. Nós teremos que ficar nos Estados Unidos por um tempo.

— Bem, se vamos ficar por um tempo, talvez possamos planejar uma viagem para você conhecer alguém também.

— Sua avó? — Ela perguntou, parecendo emocionada.

— Sim. Ela está em Connecticut. Podemos voar depois de passar algum tempo com sua família. Podemos até voar... comercial, — eu disse, fingindo engolir em seco.

— Eu tenho uma ideia muito melhor.

***

Como se viu, sua melhor ideia era levar Wanda.

Aprendi algo novo sobre Wasp na viagem até a propriedade da minha avó.

Ela dirigia como uma senhora da igreja a caminho de uma quermesse com uma panela gigante de sopa, sem tampa, no assoalho do banco do passageiro.

— Há um pedal de acelerador, sabe, querida, — eu disse a ela, recebendo um olhar fulminante. — Aqui estava eu pensando que você seria do tipo que diria, foda-se os limites de velocidade, já que você sabe que com seu charme pode evitar a multa. Mas aqui está você, com as duas mãos firmes no volante.

— Você já dirigiu um ônibus escolar?

— Eu não.

— Então cala a boca, — ela exigiu, fazendo uma curva a cerca de cinco quilômetros por hora.

Seu skoolie, também conhecido como Wanda, não era nada do que eu pensava que seria. Ou seja, nem frio e opressivo, apertado.

Ela claramente fez o trabalho para se certificar de que fosse arejado e aberto, de modo que, apesar do tamanho minúsculo, não senti que as paredes estavam se fechando em mim. Pude ver como ela e Raven viveram confortavelmente aqui por anos.

Mesmo se eu preferisse voar e usar o iate, para ser perfeitamente honesto. Se por nenhuma outra razão além de chegarmos lá em tempo hábil, em vez de um dia depois do planejado. Não que minha avó se importasse, é claro. Ela estava acostumada comigo atrasado.

— Este bairro está julgando silenciosamente Wanda. Ela pode sentir isso, — declarou Wasp algumas horas depois, depois que finalmente nós nos viramos no condomínio fechado da minha avó, recebendo uma sobrancelha erguida do guarda.

— Eles provavelmente acham que você está tramando algo. Dirigindo seis quilômetros por hora e tudo, — eu provoquei, recebendo um sorrisinho dela. — É essa, — eu disse a ela, apontando para a propriedade arborizada com carvalhos.

A casa ficava longe da rua, como todas, uma casa imponente de estilo campestre francês, com revestimentos e tapumes brancos imaculados e persianas pretas. Minha avó gostava particularmente de seus vibrantes arbustos de hortênsia em branco, rosa, roxo e verde claro. Aparentemente, durante todo o casamento deles, meu avô alegou que os arbustos de bolas de neve eram 'de baixo nível' e se recusou a ter um em uma das propriedades da família.

Eu admirava o movimento ‘foda-se’ final dela pedindo seus arbustos na semana seguinte ao enterro dele.

Eles estavam prosperando agora, exuberantes, em plena floração, abelhas zunindo alegremente ao redor deles.

Ela teria flores frescas espalhadas pela casa, em praticamente todos os cômodos, em mesas ou peitoris de janelas.

— Você sabe, por ser tão maciça, ainda parece de alguma forma caseira, — decidiu Wasp, calçando os saltos. Ela já havia entrado no banheiro para vestir um vestido branco simples com botões pretos grandes na frente. Era modesto para

todos os padrões, especialmente os dela, mas, para mim, foi talvez a coisa mais sexy que eu já vi nela. — Você tem certeza que eu não deveria prender meus cabelos? — Ela perguntou, jogando um pouco da massa selvagem por cima do ombro. — Eu sei que tenho cabelos decididamente *não* refinados.

— Eu gosto dessa maneira, — eu assegurei a ela, pegando sua mão, puxando-a de pé, pressionando um beijo em sua têmpora. — Você está linda. E você não tem razão para ficar nervosa.

— Não? A matriarca de uma das famílias de dinheiro antigo de nosso país examinará cada centímetro de mim, desde o potencial de engravidar dos meus quadris até a cor do esmalte de unha. Acho que tenho motivos para me preocupar.

Ela estava se preocupando com o esmalte de unha em uma cor vermelha brilhante que ela queria encostar e tirar.

— Minha avó gosta de esmalte vermelho. Outra coisa que meu avô odiava. Aparentemente, o esmalte vermelho era para as mulheres de rua.

— Bem, eu tenho uma posição muito atraente de mulher de rua esperando por mim, se precisar, — ela brincou, respirando fundo e pegando minha mão enquanto eu a conduzia pela calçada. — Além disso, posso repetir que amo o estilo de sua avó. Fazendo absolutamente tudo o que seu marido autoritário disse a ela para não fazer enquanto estavam casados. Ela é uma durona.

— Ela é assim, — eu concordei. Eu nunca fui capaz de ver isso enquanto meu avô estava por perto, quando ela estava sob o polegar dele, quando se curvou aos desejos dele. Mas quando ele morreu, ela realmente se tornou dona de si. E ela era uma mulher temível de se ver.

— Mary-Ellen, — cumprimentei a mulher de meia idade que era governanta de minha avó há mais de uma década. — Eu gosto do vermelho, — eu disse a ela, significando o cabelo dela. Era marrom como água suja desde que a conheci. O vermelho fez seus olhos azul esverdeados aparecerem.

— Eu nunca pensei que veria o dia em que você trouxesse uma garota para casa, — Mary-Ellen disse, balançando a cabeça, dando a Wasp um sorriso caloroso. — Posso pegar algo para vocês beberem? — Ela perguntou quando passamos pela entrada.

— Uma garrafa inteira de vodca com um pouco de sedativo esmagado na borda? — Wasp brincou, fazendo Mary-Ellen rir.

— Não se preocupe, querida. Charlotte é uma mulher justa. Ela está esperando por vocês no solário.

Com isso, ela se foi, deixando-me levar Wasp pela casa.

— Ei, você não pode me trazer para uma mansão certificável e não me deixar ficar um pouco boquiaberta, — ela exigiu quando minha mão pressionou sua parte inferior das costas, puxando-a comigo.

O que posso dizer?

Estava ansioso para começar as apresentações.

Minha avó era o único membro da família que eu sentia que dava a mínima por mim. Mesmo depois de me libertar da Avon Mills, ela nunca piscou para minhas palhaçadas cada vez mais estranhas. Ela nunca me culpou por ficar selvagem depois de ser mantido tão contido a vida toda. Eu acho que porque ela entendia esse sentimento muito bem.

Eu tinha família muito grande, mas minha avó era minha única relação íntima. Descobri que estava ansioso para deixá-la conhecer a mulher com quem estava começando a ver o futuro. Não para conseguir sua aprovação, por si só, mas para compartilhar algo emocionante com ela, algo e alguém que estava se tornando importante para mim.

— Eu prometo que você pode admirar tudo o que quiser depois. Mas vamos dizer olá primeiro, — disse a Wasp, dando um tapinha minúsculo na bunda dela antes de colocar minha mão nas costas dela quando entramos na abertura do jardim de inverno, um amplo espaço de janelas brilhantes, uma infinidade de plantas de casa e todos os móveis brancos.

Minha avó estava sentada em uma das cadeiras, com uma xícara de chá no joelho.

Uma mulher de oitenta e quatro anos, ela poderia ter passado facilmente por vinte anos mais jovem. Ela sempre foi alta e magra, vestindo calças casuais creme e blusa de seda genuína. Hoje, ela usava uma cinza que combinava bem com seus cabelos grisalhos perfeitamente arrumado na altura dos ombros. Seu rosto estava marcado com alguns anos, mas ela envelheceu graciosamente, e havia um olhar aguçado e inteligente em seus olhos verdes brilhantes.

— Fenway, bonito como sempre, — ela cumprimentou, estendendo o braço, me conduzindo para frente para pressionar um beijo em cada uma de suas

bochechas. — E a mulher que finalmente conseguiu acalmá-lo, — acrescentou, sorrindo para Wasp. — Bella, certo?

— Sim, — Wasp concordou, mexendo os pés. — É um prazer conhecê-la. Fenway me contou um monte de histórias incríveis sobre você. Tenho que dizer que sou um grande fã do seu jardim da maldade, — ela disse, sorrindo.

O grande sorriso que se espalhou pelo rosto da minha avó era tudo que eu precisava ver para saber que ela já aprovava.

— Jardim da maldade, eu gosto disso. Por favor, sente-se. Gostaria de um chá? — Ela perguntou quando nos sentamos no sofá. — O meu tem um pouco de conhaque, — ela acrescentou em voz baixa. — Mas não diga a Mary-Ellen, ela não aprova. Pode ser o nosso pequeno segre... e é por *isso* que eu não aprovo beber durante o dia, crianças, — ela cortou abruptamente, balançando o dedo para nós, seus olhos dançando, fazendo Wasp e eu nos viramos para ver Mary-Ellen entrando com um jogo de chá.

Wasp teve que apertar os lábios para não rir quando Mary-Ellen se virou e minha avó pegou um frasco, deslizando um pouco mais em sua xícara e depois guardando-a rapidamente.

— Eu fiz algumas daquelas madeleines de bergamota que você gosta tanto, se você quiser, — Mary-Ellen ofereceu. Nunca tendo tido uma mãe para fazer as coisas do tipo maternal, como cozinhar e assar para mim, eu apreciei que Mary-Ellen sempre me tratou como uma de suas muitas crianças quando eu estava por perto.

— Espero que você tenha feito mais do que da última vez, — eu disse a ela, balançando a cabeça.

— Sim, como eu poderia ter sido tão mesquinha? Só fazendo a você três dúzias, — Mary-Ellen retrucou, sorrindo. — Vou trazer um pouco.

Com sua partida, Wasp colocou sua xícara de chá e pires na coxa, parecendo tão decorosa quanto uma dama em uma festa no jardim.

— Então, — começou minha avó, fazendo nossos olhares dispararem em sua direção. — Wasp, — ela disse, fazendo a Wasp endurecer, e eu praticamente podia ouvir seus pensamentos. *Não dissemos o meu apelido.* — Diga-me, quando exatamente deixou de ser um trabalho e se transformou em algo real?

Os olhos de Wasp estavam arregalados, os lábios abertos.

— Avó, o que es...— eu comecei, sendo interrompido.

— O plano era realmente apenas ensinar uma lição a ele, minha querida. Mas devo admitir que também não estou totalmente desanimada com esse resultado.

E então, um momento depois que Wasp percebeu o que estava acontecendo, eu também percebi.

Minha avó.

Essa era a cliente de Wasp.

Foi ela quem financiou sua viagem a Paris, que a lançou sobre mim desavisado.

— Oh, meu Deus, — Wasp assobiou, colocando a xícara de chá de volta na bandeja. — Oh, meu *Deus*, — ela disse novamente.

— Você contratou Wasp? — Eu perguntei, recuperando-me antes de Wasp, que estava olhando para minha avó como se ela tivesse crescido outra cabeça e a estivesse amaldiçoando em um idioma diferente.

— Eu contratei, meu querido, contratei. Receio ter sido muito branda com você, — ela disse, olhando para mim. — Sim, você era praticamente um homem crescido quando tirei você daquele buraco do inferno, mas era minha obrigação lhe dar alguma sabedoria. Embora eu possa ter conseguido de alguma maneira, eu falhei com você terrivelmente em outras. Ou seja quando se tratava de relacionamento. Fiquei parada e deixei você acreditar que a maneira descartável de tratar as mulheres era aceitável. Não é. Nunca foi. Quando o nome dessa adorável moça apareceu em um evento de caridade para o qual eu tinha ido no início deste ano, isso me fez pensar. Tinha a oportunidade de lhe ensinar uma lição.

— Você queria que ela partisse meu coração, — esclareci. Claro, minha avó podia ser antiquada às vezes, acreditando que um rápido chute na bunda faria mais em um momento, do que pensar e conversar fariam em uma década, mas ela nunca tinha sido alguém que andava pelas suas costas para realizar alguma coisa. Ela sempre esteve mais na sua cara com as coisas pelas quais era apaixonada.

— Eu queria, — ela concordou , assentindo. — Eu poderia falar até ficar roxa de raiva sobre como tratar as mulheres, sobre como abordar relacionamentos. Mas eu sei que para você, meu querido, teria entrado por um ouvido e saído pelo outro. Pensei que tinha que ser inventiva com meus métodos. E, felizmente, essa jovem oferece um serviço muito necessário à sociedade.

— Oferecia, — eu esclareci. — Ela está se aposentando.

— Eu tenho uma oferta para ser uma garota de programa de alto padrão, — Wasp ofereceu, recebendo um sorriso da minha avó.

— Sim, bem, sempre é inteligente ter uma carreira de reserva, se você precisar. Nunca imaginei esse resultado, mas quanto mais tempo tenho para pensar sobre isso, mais gosto, — ela concluiu, olhando entre nós. — Sinto que essa mulher não vai deixar você se safar de nada.

— Ela acha que sou descuidado com o meu dinheiro.

— Uma criança saberia que você é descuidado com o seu dinheiro, — disse Wasp, revirando os olhos. — Ele alugou um parque inteiro em Bali quando estávamos lá.

— Por mais ostensivo que isso possa ter sido, devo admitir, não estou desapontada por você parecer propenso a grandes gestos românticos, meu querido, — ela disse, dando-me um sorriso suave. — Toda mulher merece um homem que a mime.

— Falando em homens que podem mimá-la, — Wasp gritou, sacudindo o queixo pela janela dos fundos. — Por favor, me diga que você está comendo o garoto da piscina.

— Martin? Ele nem tem trinta e cinco anos. E sou...

— Mais velha, não uma monja, — Wasp a interrompeu. — Aposto que ele tem uma fantasia com a senhora da mansão.

— Wasp, você poderia não tentar incentivar minha avó? Pelo menos na minha frente, — eu admiti quando ela levantou uma sobrancelha para mim.

O resto da tarde foi da mesma maneira, as duas se unindo, Wasp puxando um lado jovem e feminino da minha avó que eu nunca tinha conhecido antes, minha avó lentamente introduzindo Wasp no tipo muito diferente de vida que vivíamos.

Muito cedo, era hora de voltarmos à estrada, minha avó nos seguindo até a varanda da frente.

— Foi um prazer conhecê-la. Você tem meu número. Vou precisar que você me ligue assim que sair da cama com seu garoto da piscina, — Wasp exigiu, dando um sorriso para minha avó antes de ir para Wanda, dando a mim e à minha avó um momento a sós.

— Eu gosto dela para você.

— Você deveria. Você a escolheu, — eu a lembrei, sorrindo.

— Eu sempre tive um gosto impecável, — ela disse, uma das mãos passando por cima da outra, deslizando para fora do anel no dedo anelar esquerdo. — É muito cedo, eu sei, — ela disse, segurando o anel para inspecioná-lo. — Mas quero que você tenha isso para quando for o momento certo.

— Eu não posso aceitar seu anel de noivado, vovó.

— Você pode. Você vai. Escute, isso nunca foi um símbolo de grande amor para mim. Acho que você sempre foi maduro o suficiente para entender isso. Saber que a minha nunca foi uma grande história de amor. Então, eu quero que este anel tenha um segunda chance de fazer parte de uma história de amor real, de ser capaz de representar algo tão bonito, — ela me disse, tentando colocá-la no bolso do meu peito. — Trate essa mulher como ela merece ser tratada, — ela me disse, pressionando a mão na minha bochecha.

— Eu vou, — eu disse a ela, dando-lhe um aceno firme de cabeça.

— É bom mesmo.

Dei um beijo na bochecha dela e voltei para Wanda, encontrando Wasp já tirando seus saltos, flexionando os pés.

— Esses sapatos podem ter que se aposentar. Tenho certeza de que o único trabalho menos árduo para saltos além dos saltos-de-sentar é o saltos-de-caixão. E ainda não estou pronta para morrer, — ela disse, desfazendo o botão do vestido, não acostumada a ficar tão coberta. — Eu a amo, — ela acrescentou, sorrindo para mim. — Eu nunca tive uma avó. Então, mesmo que as coisas não funcionem conosco, eu a estou reivindicando.

— Acho que estarei disposto a compartilhá-la. Mesmo que ela me traiu, — eu disse, caindo no sofá que agia como seu assento de passageiro, me fazendo viajar de lado. Mas estava tudo bem, porque eu consegui observá-la o tempo todo sem parecer assustador.

— Ela te traiu ou te deu a melhor coisa que já lhe aconteceu? — Ela declarou, pressionando a mão drasticamente contra o peito.

— Eu acho que você tem razão aí, — eu concordei, sentindo o peso do anel no bolso, a responsabilidade ligada a ele. De repente, não havia dúvida de que o usaria, que o daria a ela, daria a ele o legado que merecia.

Essa era a mulher para mim.

Com seu cabelo maluco, unhas lascadas e sua incapacidade absoluta de ser uma graciosa vencedora em jogos de cartas.

Ela era a única.

Eu nem estava procurando por ela, mas sabia disso no momento em que a vi. E cada dia depois apenas reforçava o pensamento inicial de que havia algo de especial nela.

Eu não poderia saber na época, é claro, que ela iria significar tanto quanto tinha.

Mas não havia como negar.

Essa era a mulher que usaria meu anel, carregaria meu nome, viajaria pelo mundo comigo, construiria um futuro comigo.

— Ok. Para onde estamos indo? — Ela perguntou, agarrando o volante. — Estou pronta para uma nova aventura.

— Podemos ter todas as aventuras que você quiser, querida, mas não nessa coisa.

— Como se atreve a insultar Wanda! — Wasp sibilou, estreitando os olhos.

— Na verdade, Wanda está bem. Receio que o problema seja você. Receio que ambos envelheceremos, morreremos e viraremos cinzas antes de chegarmos ao nosso próximo destino.

— Eu não dirijo tão devagar, — ela insistiu.

— Você quer que eu ligue para Raven para confirmação? — Perguntei, pegando meu telefone.

— Não, — ela resmungou, sabendo que eu estava certo. — Ok. Bem. Vou levá-la de volta a Navesink Bank. Provavelmente posso convencer meu irmão a guardá-la por um tempo. Mas vamos levá-la para sair novamente.

Não se eu pudesse evitar.

Estávamos indo até lá de jato particular ou de primeira classe.

Eu usaria alegremente a persuasão nua, se necessário.

Seria uma verdadeira dificuldade, deixe-me dizer.

Mas eu faria isso pela minha mulher.

EPÍLOGO

FENWAY - 2 SEMANAS

— De que maneira essa é a 'mais razoável' de todas as casas que seu agente imobiliário enviou a você? — Wasp perguntou, segurando uma pasta com uma foto da propriedade na frente.

— Possivelmente porque uma das primeiras que ela me mostrou custava dezoito milhões.

— Você não pode estar falando sério.

— Há muito dinheiro nesta cidade, — eu disse a ela, dando de ombros. — Estrelas do rock vivem ao longo do Rio Navesink.

— Eu gostaria de deixar registrado e dizer que é absurdo que eles também tenham casas de dezoito milhões de dólares.

— Esta não é de dezoito milhões, querida. — Eu a lembrei, sempre me divertindo no quão chocada e indignada ela ficava com o custo de algumas coisas que eu há muito tempo deixei de notar.

— Oh, certo. Apenas oito milhões. Apenas, — ela zombou. — Tem oito quartos. Mesmo se você dormisse em um quarto diferente a cada noite da semana, ainda teria um de sobra.

— Nós, — eu corrigi.

— O quê?

— Se *nós* dormíssemos em um quarto diferente a cada noite da semana, *nós* ainda teríamos um de sobra, — eu disse a ela, observando a forma como seu sorriso ficou quase tímido.

Sim, tímido.

E sim, Wasp.

Eram duas palavras que não deveriam ter combinado, mas sempre que eu pensava em um futuro que envolvia nós dois nele, ela tinha o mesmo sorriso. Às vezes, suas bochechas ficavam um pouquinho rosadas.

— Além do mais, — continuei. — Vamos precisar de quartos de hóspedes.

— Não se vamos ficar em Navesink Bank. Todos os nossos amigos já têm casas aqui.

— Alvy gostaria de seu próprio quarto.

— Tudo bem. Esse é um quarto extra. Então, três seria o mínimo. O principal, Alvy e hóspede. Muito espaço. Oh, meu Deus. Isso é um spa? Um spa? Em uma casa particular? — Ela perguntou, folheando as páginas laminadas.

— Você gosta de uma boa banheira de imersão.

— Há uma mesa de massagem. E uma fonte. E uma sala de meditação.

— Se isso faz você se sentir melhor, podemos usar os quartos extras como espaço para estudantes de intercâmbio ou algo assim.

— Oh, por favor. Como se eu fosse expor uma criança pobre e inocente ao seu deboche, — ela brincou, sorrindo.

— E as crianças? — Eu perguntei, preocupando-me que era muito cedo para perguntar, mas também aparentemente incapaz de interromper a pergunta enquanto estávamos discutindo o assunto.

— E elas?

— Você quer alguma? — Perguntei. — Você parece gostar de todas as suas sobrinhas e sobrinhos.

— Bem, grande parte do meu prazer por eles é ensinar-lhes insinuações sujas e comprar-lhes brinquedos desagradáveis. Você sabe, as coisas que eu odiaria se tivesse que lidar com essa criança diariamente. Honestamente, não pensei nisso. Nunca fez parte dos meus planos e de Raven, planejávamos ficar velhas elegantes solteironas em Nova Iorque e ter namorados, meninos brinquedos com metade da nossa idade atendendo a todas as nossas necessidades. Mas eu acho que, se o impossível acontecesse e eu engravidasse, eu não sei, veria isso como um tipo diferente de aventura. Você pode imaginar que criança fodona eu criaria? — Ela perguntou.

Eu poderia imaginar. Por isso estava perguntando. Como ela, eu também nunca tinha pensado nisso. Eu acho que, de uma maneira abstrata, me vi de uma maneira familiar um dia. Um estilo de vida mais estável, uma mulher constante, uma criança feliz por me ver quando voltasse para casa. Foi uma boa ideia. Mas sempre fora algo distante.

Agora, no entanto, não parecia tão errado assim.

— Tudo bem. Esse fichário precisa voltar para o agente, — Wasp decidiu, fechando-o com um estalo. — Há uma sala de embrulhar presentes.

— Nós precisaríamos de um lugar para embrulhar os presentes.

— Na mesa da sala de jantar ou no chão da sala, como pessoas normais.

— E essa aqui? — Eu perguntei, pegando o próximo fichário.

Veja, Wasp não era a única capaz de lidar com um pequeno golpe. Eu tinha mostrado a ela duas casas detestavelmente ostensivas primeiro. Então guardei o que eu realmente queria para a terceira, quando suas expectativas fossem mudadas. Era um velho truque de marketing. Você oferece a alguém algo a um preço alto e, quando ele se recusar, você oferece algo a um preço menor. O truque era que você nunca pretendia vender a primeira coisa, e as pessoas realmente odiavam dizer não às pessoas. Então, quando você oferecesse a elas o que realmente queria vender, e elas já precisaram ser 'malvadas' dizendo não, aumentava suas chances de elas morderem a isca dez vezes.

Esta era a nossa futura casa em minhas mãos.

Eu sabia por que a conhecia.

Ela não se opôs a casas grandes demais. Ela só queria que elas fossem um pouco práticas. Ela era atraída pela beleza, mas não necessariamente algo vistoso.

Essa era a casa.

Era uma casa do Segundo Império construída em 1880. Dois andares e meio com um telhado de mansarda[7], com duas caídas, sótão, telhas pretas, beirais vincados e suportes decorativos. O revestimento externo era creme. Havia uma abundância de janelas nos estilos contínuas e únicas nos dois retângulos, e remates arredondados, todas emolduradas com persianas pretas. Havia uma varanda nos dois lados, piso de madeira original em todos os níveis e até vitrais no banheiro principal.

Era uma casa grande com cinco quartos, quatro banheiros, uma sala de estar, uma sala de família, uma sala de TV e um escritório. Havia um espaço extra no sótão que poderia funcionar como quarto, escritório, sala de ginástica, *sala de embalagem de presentes* ou, vamos admitir, um local para guardar todas as lembranças que recolheríamos ao longo dos anos.

[7] Telhado de mansarda tem laterais íngremes, podem ser confundidos com um sótão. É praticamente um andar a mais na casa.

O preço foi fixado em torno de três milhões, graças a uma propriedade de dezesseis mil metros quadrados que era incomum na área, e ao fato de ter sido meticulosamente restaurada por um proprietário anterior, então tudo era novo, mesmo que parecesse histórico.

— Oh, olhe para todas essas árvores, — ela disse, pegando o fichário de mim. — Eu amo salgueiros chorões. Eles são perfeitos para fazer piqueniques embaixo.

Eu a tinha naquele momento.

Enquanto ela estava arrulhando sobre o interior, eu estava mandando uma mensagem para a corretora, dizendo a ela que precisaríamos de uma visita.

Era tudo encenação, no entanto.

Eu sabia naquele momento que havíamos encontrado nossa casa.

Agora eu só precisava convencê-la a se casar comigo.

Contudo um passo de cada vez.

WASP - 4 MESES

— Fenway, — eu chamei, olhando para o pacote na varanda da frente.

Aquele com orifícios para respirar.

E movimento no interior.

— Sim, querida? — Ele respondeu com uma voz cantada porque estávamos brigando por um de seus quadros de mulheres nuas que ele queria pendurar na entrada.

Eu não era puritana. Eu pensei que todas aquelas pinturas do tempo das pragas com mulheres descansando em sofás com os peitos de fora eram adoráveis.

No entanto, não achei adorável sua monstruosidade que tinha uma mulher nua composta por quinze mulheres diferentes em uma tela do tamanho de uma ilha de cozinha. De fato, parecia algum tipo de ameaça velada de um assassino em série que gostava de desmembrar suas vítimas. Eu disse a ele como tal também. Porque, sim, não, essa coisa maldita não estava ficando na entrada. Se eu conseguisse, ela estava indo para uma das outras casas em seu portfólio. Ou, sabe, direto para a lixeira.

— Há um pacote aqui para você?

— Eu não pedi nada, — ele me disse, passos seguindo em minha direção.

— Eu acho que isso é de alguém chamado Carma, — eu o informei, apertando meus lábios enquanto ouvia a criatura dentro bater nas laterais da caixa.

— Carma? — Ele perguntou, movendo-se para ficar ao meu lado, olhando para a caixa.

— Também conhecido como Indústria Da Vingança Por Comprar Para Sua Amiga Um Porco De Fazenda.

— Ah, sim, — concluiu Fenway, balançando a cabeça. — Eu acho que vi isso acontecendo. Bem, vamos ver o que é, sim? — Ele perguntou, pegando a caixa, tomando cuidado para não colocar os dedos perto dos buracos, caso o que quer que estivesse dentro mordesse.

Ele a carregou para a nossa bela cozinha com seu fogão industrial que eu estava começando a pensar que deveria aprender a usar, bancadas de madeira e armários brancos, deixando-a na ilha para pegar uma tesoura e cortá-la cuidadosamente.

— Tudo bem. Vamos ver. — Eu disse a ele, observando como seus olhos ficaram preocupados quando ele estendeu sua mão.

— Foda-se, — ele sussurrou, arrancando a mão de volta, embalando-a no peito.

— Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se, — disse outra voz, fazendo minha boca se abrir.

— Querido, — eu disse, tentando não rir. — Sua velha amiga lhe enviou um papagaio de boca suja e vulgar como vingança?

— Há uma nota, — ele me disse, acenando com o queixo em direção à caixa, claramente não querendo arriscar os dedos novamente. E como eu gostava muito desses dedos, e das coisas que ele poderia fazer com eles, espiei por cima da caixa, encontrando a nota presa ao lado, tirando-a.

O pássaro lá dentro era um pouco pequeno, um papagaio cinza e branco com bico preto e cauda vermelha brilhante.

Olá, meu nome é Leonard. Gosto de amêndoas. Eu odeio homens. Minha frase favorita é 'Foda-se, imbecil', seguido de perto por 'Cale a boca'. Vou dizer essas coisas em voz alta, com confiança e nos momentos mais inoportunos, mas fique

sabendo que vou viver por mais cinquenta anos, para que você tenha o resto da vida para me amar.

Assinado, Leonard.

Além disso, sua velha amiga Miller diz: Te peguei, Fenway.

— Bem, se não são minhas próprias decisões ruins voltando para me assombrar, — Fenway declarou, passando o dedo sob a torneira. — Vou precisar ligar para Alvy para que eles descubram o que um papagaio cinza-africano precisa para ser feliz e saudável.

— Você vai manter isso? — Eu perguntei, surpresa, quando o papagaio me encarou com um olhar esquisito de olhos amarelos, suas pupilas dilatando dentro e fora.

— É claro que vamos manter. Pegue-o, querida. Ele deve querer sair dessa caixa.

— Por que eu tenho que pegá-lo?

— Sua nota afirma claramente que ele prefere o sexo frágil.

— Diz que ele odeia homens. Não diz nada sobre gostar de mulheres. — Eu disse a ele, colocando minha mão lentamente dentro. — Ah, acho que ele gosta de mim, — declarei quando Leonard abaixou a cabeça, parecendo pedir cafuné. O que alegremente dei a ele.

— Claro que sim. É impossível não gostar de você, — disse Fenway, aproximando-se ao meu lado. Ao som de sua voz, Leonard levantou a cabeça, olhando Fenway, sussurrando 'imbecil' baixinho.

— Ei, olha só, ele já te conhece tão bem! — Declarei, recebendo um tapa na bunda de Fenway. — Você já teve um animal de estimação? — Perguntei, oferecendo a Leonard minha mão, sentindo o peso surpreendente dele quando ele pisou no meu dedo, deixando-me tirá-lo da caixa.

— Nunca tive — disse Fenway, tentando se aproximar para olhar Leonard, mas fazendo o pássaro atacá-lo, tentando agarrar o nariz no bico afiado.

— Eu também, — eu disse a ele, sentindo Leonard pressionar o bico na minha bochecha, fazendo um pequeno barulho de beijo.

— Bem, talvez ele seja um bom teste.

— Para quê?

— Crianças. Quero dizer, é claro, é totalmente diferente. Isso amaldiçoa e morde e usa tudo como banheiro pessoal.

— Fenway, você já conheceu uma criança? Porque eles gostam de xingar, morder e usar tudo como banheiro também.

— Bem, se tem olhos como os seus, acho que posso perdoar qualquer coisa, — ele me disse, estendendo a mão para puxar meu cabelo, mas sendo afugentado pelo zangado pássaro de guarda. — Você está gostando demais, — ele acusou quando recebi outro beijo de Leonard.

— Eu não posso evitar se todos os machos se apaixonam por mim, — eu disse a ele, os olhos dançando.

— Sim, acho que não posso te culpar, Leonard. Mas me apaixonei por ela primeiro, então tenho prioridade.

Eu nunca me acostumaria a ouvir isso.

E Fenway diz isso com frequência.

Talvez porque ele sentisse que uma parte de mim ainda estava lutando para aceitar, acreditar. Não por culpa dele. Como todo o resto, Fenway amava tudo o que tinha. Mas acho que estava sempre esperando pelo inevitável, que ele me dissesse que estava enjoado de mim, que tinha terminado comigo, que eu tinha que arrumar tudo em Wanda e pegar a estrada.

Essa insegurança pode ter sido o grande motivo pelo qual eu insisti em manter Wanda, mesmo que estivéssemos viajando de avião e iate há meses. Eu queria ter certeza de que ela estava lá para mim, caso Fenway mudasse de ideia como ele era conhecido por fazer.

Estava provando ser difícil aceitar que o infame playboy bilionário havia pendurado seu chapéu de festa em favor de noites no sofá assistindo filmes clássicos comigo.

Ele usou a persuasão nua por mais de uma ou duas vezes para me fazer admitir que eu não tinha certeza se ele poderia passar de passear pelo mundo e de festas a noite toda, a ficar comigo sem sentir que estava desistindo de muito.

Ele me alcançou, colocou sua voz sexy e séria e me disse que passou grande parte de sua vida pulando de um lugar para outro, porque se ele ficasse muito tempo, perceberia que algo estava faltando em sua vida.

— *E esse algo era você,* — ele me disse, me apertando. E juro que meu coração também apertou.

— O que Alvy disse? — Eu perguntei quando o telefone de Fenway tocou, fazendo-o alcançá-lo.

— 'RI MUITO.'

— Acho que isso significa que estamos sozinhos com isso, — concluí.

Desde que eu me tornei um elemento permanente na vida de Fenway, Alvy deu um passo para trás, deixando-me cuidar de manter Fenway um pouco fundamentado, e para garantir que suas malas ficassem prontas e que seu motorista fosse avisado quando precisávamos dele.

Alvy e eu fizemos as pazes, concordamos que sempre tiveram o melhor interesse no coração por Fenway, e que eu não era ninguém interesseira.

Com todo esse tempo livre, Alvy finalmente comprou uma casa para morar com aquele jogo de sala de estar de dez mil dólares.

A última vez que os vimos, Alvy e seu parceiro estavam se estabelecendo bem.

Parecia que Fenway não era o único que encontrara alguma estabilidade.

E eu?

Encontrei o homem que não precisava aprender uma lição.

O único homem que viu debaixo da minha superfície.

Mas eu iria segurar Wanda apenas um pouco mais.

FENWAY - 1 ANO

Ela não estava pronta.

Essa foi a razão pela qual eu ainda tinha o anel de noivado da minha avó em um saquinho no bolso um ano inteiro depois.

Era fácil acreditar que todas as mulheres haviam sido criadas com filmes da Disney com seus felizes para sempre, e que elas estavam vivendo suas vidas em busca desse suposto ideal, que uma vez que o tivessem, mergulhariam de cabeça nele.

Essa não era Wasp.

Ela não foi construída assim.

Ela ganhou a vida às custas do felizes para sempre fracassados de outras mulheres. Isso a deixou excessivamente cautelosa e cansada. Isso fez com que nem

confiasse em si mesma e em seus próprios sentimentos. Ela conheceu muitas mulheres que se apaixonaram cegamente, haviam dedicado suas vidas aos homens, apenas para eles cuspirem em tudo o que haviam construído.

— Trate-a da maneira que você faria com um cachorro que foi chutado demais, — sugeriu Raven uma noite, enquanto Wasp corria para mostrar suas sobrinhas e sobrinho seu antigo programa favorito quando criança, sem dizer a Raven, é claro, que seu programa favorito quando criança era *Casos de Polícia* e que as crianças provavelmente teriam pesadelos por uma semana. — Ela precisa de tempo, consistência e confiança. Juro que ela não é tão fria e dura quanto pode parecer do lado de fora. Ela tem um coração enorme. Só tem medo que alguém vá esmagá-lo.

Felizmente, Leonard havia me ensinado uma coisa ou duas sobre cura e paciência. Claramente, um dos proprietários anteriores era uma mulher amorosa e um homem abusivo, fazendo-o desconfiar de mim. Porém, passadas semanas e meses, finalmente fomos capazes de estar na mesma vizinhança sem que houvesse derramamento de sangue.

Aprendi a não me ofender quando Wasp insistia em manter Wanda estacionada nos fundos de nossa propriedade. Ou que ela não derrubou seu site, apenas anunciou lá dizendo que não estava recebendo nenhum cliente no momento.

A vida lhe ensinou que não se podia confiar nos homens.

Eu tive que mostrar a ela que podia confiar em mim.

O que significava que eu tinha que ir com calma, esperar, não apressá-la em nada.

Foi por isso que eu ainda estava agarrado ao anel.

Mas meus dedos alcançaram o bolso, abriram a bolsinha e agarraram o anel.

Finalmente chegou a hora.

Nós tínhamos voado para a Itália na semana anterior, Leonard viajando em uma mala de mão embaixo do assento de Wasp desde que ela insistiu que não precisávamos pegar o jato particular toda vez que viajávamos, que a viagem comercial me manteria humilde e em contato com o homem comum.

Não tínhamos nenhum plano em mente. Nós nunca fizemos quando viajamos. Alguém jogaria o nome de um destino, e então faríamos as malas, sairíamos, iríamos às ruas, veríamos o que havia para explorar.

Eu já estive em todos os lugares cinco vezes, mas tudo ainda era novo para Wasp. E nunca me cansei de ver o mundo através dos olhos dela.

Até agora, passávamos muito tempo vendo monumentos e museus, e comendo todos os pratos clássicos conhecidos pela humanidade.

Mas finalmente consegui fazê-la concordar em levar o iate para longe de Florença, onde passávamos a maior parte do tempo.

Estávamos a caminho de um dos destinos mais românticos do mundo.

Cinque Terre.

Era uma coleção de aldeias em um lugar onde carros eram proibidos e os frutos do mar eram alguns dos melhores do mundo. Junto com o pesto. Comemos uma pilha gigante deles nos jantares antes de caminhar pelas cidades, indo a algumas das lojas.

Wasp há muito tempo parou de brigar comigo quando eu insistia em comprar suas lembranças. Todas as nossas cornijas em casa, nossas estantes de livros e prateleiras estavam cheias de pequenas bugigangas que havíamos colhido em todo o mundo.

Contas coloridas Maasai do Quênia.

Castanholas... estaladores de dedos... da Espanha.

Bonecas Nesting da Rússia.

Estatuetas Niren Zhang pintadas da China.

Até agora, só conseguimos chegar a sete países. O que não era muito para os meus padrões de viagem, mas muito para Wasp. Ela viajou extensivamente em nossa terra natal, mas alegou que era diferente, embora sempre houvesse culturas menores para explorar, não era nada como visitar um país diferente. Gostava de fazer viagens mais longas e menos frequentes, para poder afundar os pés, passear pelo local como um morador local.

Além disso, tínhamos um lar para cuidar agora, amigos que gostavam de nos ver com mais regularidade. Foi surpreendentemente bom ter raízes.

Wasp escolheu a Itália como nosso próximo destino.

Fui eu quem mandou o iate sair, nos encontrar em Cinque Terre. Porque eu sabia que era o lugar perfeito.

E sabia que era o momento perfeito.

Eu sabia que ela estava pronta.

Porque quando entramos por engano em uma pequena loja de vestidos de noiva, já que meu italiano não era tão bom quanto meu francês ou espanhol, e a mulher a confundiu com uma cliente, colocou a cabeça dela em um véu de renda transparente, e a levou até o espelho para se olhar, seus olhos estavam sonhadores.

Sim, os olhos de Wasp.

Sonhadores.

Outro conjunto de palavras que não pareciam combinar.

No entanto, lá estava.

Um sonho em seu olhar.

E esse sonho era usar aquele véu e caminhar por um corredor em minha direção, um dos irmãos que traficavam armas em cada um dos lados.

Era um sonho que eu tinha guardado por um ano agora.

Ela finalmente viu o olhar em seu reflexo, arrancou o véu e saiu correndo da loja. Eu fiquei para trás, pagando pelo véu, pedindo à proprietária para embrulhá-lo em algo simples e depois enviado para o nosso hotel.

Não importava que o olhar sonhador tivesse sido curto.

Esteve lá.

E isso significava que estava na hora.

Finalmente.

Eu nunca fui considerado um homem paciente. Eu tinha certeza que Alvy estava se perguntando se alienígenas haviam vindo, tomado o verdadeiro eu e me substituído por um clone, sabendo quanto tempo eu estava disposto a esperar para pedir que ela se casasse comigo.

Depois do jantar, eu pedi ao capitão que levasse o iate para um passeio pelo oceano, enquanto Wasp descansava na cama abaixo do convés, com *Aconteceu Naquela Noite* passando na TV, então quando estava começando a escurecer, ele tinha que nos levar de volta a Cinque Terre, mas apenas na marina do lado de fora de uma enseada.

Cinque Terre tinha uma pequena marina adorável onde as casas se erguiam dos penhascos em cores vivas e alegres. Rosas, amarelos, laranjas, azuis claros. E quando escurecia, as lanternas das cidades definiram a área em um brilho romântico.

Era saído direto de um filme.

Por mais que ela arranhasse e assobiasse, se você sugerisse, Wasp era uma otária por um filme romântico. Mas apenas da variedade clássica.

Ela gostava dos grandes gestos românticos.

Foi o melhor que pude fazer em tão pouco tempo.

— Oh, *querida*! — Chamei dos degraus que levavam de volta ao quarto principal.

— Eu comi demais. Não consigo me mexer, — ela respondeu.

— Preciso te mostrar uma coisa, — eu disse a ela, ouvindo um resmungo quando ela saiu da cama.

— É melhor que seja bom, ou eu estou jogando você fora do iate, — ela declarou, subindo as escadas, seus cabelos loiros uma bagunça encantadora.

— Se eu não soubesse que você me amava, ficaria preocupado com o número de vezes que você ameaça minha vida em uma semana, — eu disse a ela, sorrindo, enquanto pressionava a mão nas costas dela, levando-a ao redor do barco, precisando da posição correta.

— Bem, talvez se você parasse de ser tão capaz-de-ser-jogado-de-um-iate, eu não o ameaçaria com essa possibilidade, — ela brincou, me dando um sorriso caloroso. — Ok, o que eu deveria ver... ah, — ela disse, ficando sem fôlego enquanto olhava para a imagem na frente dela.

Enquanto ela estava distraída, tirei o anel, abaixei-me.

Atrás de mim, eu podia ouvir um membro da equipe entrando, alguém que eu descobri ao longo dos anos que era habilidoso com uma câmera, alguém que ia garantir que a imagem fosse capturada.

Tínhamos muitas obras de arte em nossas paredes.

Muitos delas levaram a brigas leves por seu mérito como arte.

Mas eu tinha a sensação de que a Wasp não teria problemas com essa imagem específica pendurada em nossas paredes.

— Você está estranhamente silencioso, — disse Wasp, ainda alheia à maneira como as coisas estavam prestes a mudar para ela. Para nós. Para o futuro. — Você... — ela começou, se virando, levando um segundo para perceber que eu estava de joelho.

Eu tinha ficado bom em lê-la durante o ano passado, essa mulher que havia treinado a vida toda para esconder suas emoções reais para poder efetivamente fazer seu trabalho. Descobri que ela não era uma atriz tão boa quanto ela pensava.

Estava tudo ali nos olhos dela.

Sempre esteve.

E neste momento?

Houve choque e pavor, cautela e antecipação.

E acima de tudo, esperança.

Para um futuro que ela nunca imaginaria para si mesma. Para o feliz para sempre que ela acreditava há tanto tempo que não existia na vida real.

— Fenway...

— Case comigo, — eu disse, interrompendo-a, sabendo que precisava esclarecer isso antes que ela começasse a listar razões tolas que poderiam ser uma má ideia. — Eu sei que isso a assusta. Sei que você nunca estará totalmente pronta. Mas eu estou pedindo para você dar uma chance. Diga sim. Vá para um novo tipo de aventura comigo.

Havia um brilho nos olhos dela então.

Não afugentou todo o resto ainda refletido lá.

Mas isso era Wasp. Minha Wasp. Ela não tinha medo. Ela estava sempre pronta para uma nova aventura.

Sua mão trêmula se levantou, esticou-se em minha direção, permitindo que eu deslizasse o anel em seu dedo.

Eu podia ouvir o obturador da câmera disparando loucamente atrás de nós enquanto eu dava um beijo no anel, então olhei para ela, encontrando uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

De pé, eu a puxei para perto, a beijei até meus lábios formigarem.

Ela foi a primeira a se separar primeiro, respirando fundo.

— Ok, vamos ter uma conversa feia.

— Conversa feia? — Eu repito, as sobrancelhas franzindo.

— Sim, a conversa feia. A conversa pré-nupcial. Virá eventualmente. Melhor acabar logo com isso agora.

— Não há nada romântico em discutir pré-nupcial.

— Sim, bem, acho que há muito tempo estabelecemos que você é o romântico aqui. Sou a pragmática. Que é um pensamento assustador, visto que sou eu quem não tem mais permissão para que suas sobrinhas passem a noite.

— Um piercing de umbigo realmente não é um grande problema, — eu raciocinei.

— Certo? É o corpo dela. Mas sim. Já que você é a pessoa louca, eu tenho que ser a mais razoável. E a coisa mais razoável é discutir a pré-nupcial agora.

— Ok, — eu concordei, levando-a até o sofá. — Vamos conversar sobre o acordo pré-nupcial. Eu não quero um.

— Bem, então você é um idiota, — declarou ela, os olhos revirando. — E se eu estivesse passando um golpe ultra longo com você?

— Um golpe ultra longo, hein? — Eu meditei. — Nesse período, nós dois tivemos intoxicação alimentar e dormimos no chão do banheiro do hotel, revezando-nos em vômitos? Se isso fazia parte do golpe, querida, você mereceu o dinheiro, — eu disse a ela, sorrindo. — Aquela maldita lagosta...

— Nós concordamos que você nunca diria essa palavra novamente, — acusou Wasp, a pele ficando cinza com a lembrança. E, para ser justo, esse foi um longo fim de semana difícil. Mas como você sabia que realmente amava alguém se não tinha passado por uma intoxicação alimentar mútua e ainda queria estar com ela?

— Acho que uma pequena parte de você ainda está preocupada que eu não confie em você por causa do nosso... namoro não convencional. Acho que isso deve acabar com qualquer um desses interesses residuais. Confio em você. Você pode se casar comigo amanhã e fugir com metade da minha fortuna no dia seguinte. É o quanto eu confio em você.

— Isso é muito tolo, — ela me disse, chegando mais perto, jogando as pernas sobre as minhas. — Mas obrigada, — ela acrescentou, apoiando a cabeça no meu peito. — O que você tinha em mente para o casamento?

— Algo ostensivo, — declarei, fazendo-a rir.

— Eu não esperaria nada menos de você.

— E eu quero isso em breve.

— Claro que você quer.

— E eu quero convidar todos do cassino, — acrescentei. Nós éramos frequentadores de lá sempre que estávamos em Navesink Bank.

— E Eamon Awan como seu padrinho?

— E todos os solucionadores como meus padrinhos, — eu concordei.

— Nosso casamento será ridículo. Seus conhecidos bilionários de elite. Meus irmãos traficantes de armas, uma equipe de solucionadores profissionais, ex-golpistas...

— E teremos que encontrar uma maneira de fazer de Leonard o nosso portador de anel.

— Claro que sim. Talvez ele possa entrar montado no porco da fazenda, — brincou Wasp.

Mas não se engane, eu estava fazendo anotações.

E, dentro de seis meses, haveria um papagaio cinza africano empoleirado em uma sela presa a um porco de duzentos e setenta quilos.

Eu sempre fui conhecido pelo ridículo.

Agora nós dois seríamos.

WASP - 5 ANOS

— Fenway, o que diabos vamos fazer com um bicho de pelúcia de três metros de altura? — Eu perguntei quando ele o agarrou pelo meio, gemendo um pouco quando levantou a coisa enorme do chão.

— Vamos colocá-lo no quarto de brinquedos, é claro.

— Teríamos que ancorá-lo a uma parede. Poderia cair e esmagá-la.

— Ela apontou para isso, — ele insistiu, encolhendo os ombros.

Isso foi tudo o que precisava com ele.

Nossa garotinha apontando algo.

Então ele fazia o possível para adquiri-lo para ela.

Certa vez, quando ela tinha apenas dez meses, jogou a mão gordinha pela janela e apontou o dedo para um cachorro enorme na rua. Aquela coisa fofa e branca que provavelmente pesava mais do que eu. E a única razão pela qual ela apontou foi porque parecia o cachorro do livro de figuras que li para ela antes de dormir.

O que meu marido fez?

Parou o carro, saltou, correu pela rua e tentou oferecer aos proprietários uma quantia incalculável de dinheiro... perguntei, ele se recusou a me dizer... para vender seu cachorro. Felizmente, os proprietários eram apegados e recusaram. Estava ocupada com o bebê e Leonard e, vamos ser sinceros, meu marido. Eu não estava pronta para um cachorro que era maior que todos nós.

Aquela girafa, embora não exigisse alimentação, lavagem e inúmeras viagens para fora, era igualmente tão impraticável quanto o cachorro.

— Querida, isso é da Hamleys! — Fenway declarou, como se isso afastasse minhas preocupações.

No terceiro aniversário de Little Bee[8], Beatrice, eu queria fazer algo divertido, mas normal. Como um churrasco com amigos e familiares. Talvez aumentasse o nível com escorregador inflável alugado e máquinas de algodão doce e pipoca.

Claro, Fenway tinha outros planos.

Quando se tratava de teimosia, somos equiparados.

Mas quando se tratava de fazer planos pelas costas do outro, Fenway era o vencedor.

Antes que eu sequer visse as variedades de máquinas de algodão doce on-line, ele conseguiu ter seu jato e um hotel arranjados, assim como ligou para Hamleys para fazer um acordo para alugar a maior e mais antiga loja de brinquedos do mundo durante o dia inteiro.

Agora, a loja de brinquedos era possivelmente o lugar mais épico do mundo para uma criança? Até eu admitiria isso. Tinha um carrossel, um escorregador de tubo que descia dois andares, um carro de bombeiros de dois andares para brincar, uma confeitaria e todos os brinquedos conhecidos pela humanidade.

Dito isto, Bee tinha três anos. Ela não se lembraria desse aniversário. Eu não fui contra isso como uma ideia, mas tentei pensar que seria mais apropriado para o seu quinto ou sexto aniversário. Dessa forma, ela lembraria isso.

Qual foi a resposta do meu marido, você pode estar se perguntando?

— Bem, nós podemos fazer isso no seu quinto ou sexto aniversário também.

Uma parte de mim estava exasperada.

A outra parte, no entanto, não podia acreditar no pai incrível que Bee tinha. Alguém que se importava em fazer do seu aniversário o dia mais incrível do mundo. Alguém que ficava acordado à noite pesquisando os melhores e mais recentes geringonças para ela aproveitar. Alguém que tinha ido a sete lojas diferentes da cidade para garantir que recebesse um ou dois rolos de cada tipo de papel de embrulho colorido, para que cada um de seus pacotes no Natal fosse diferente. Alguém que sentava pacientemente com ela na manhã de Natal, depois

[8] Little Bee traduzido seria “Abelhinha”, pois é filha da Wasp, uma vespa.

de ficar comigo a noite toda arrumando a árvore e montando todos os últimos brinquedos que conseguiu, brincava com ela até que começasse a adormecer sentada.

Eu imaginei que, através de Bee, Fenway estava experimentando a alegria e a maravilha de ser um novo humano, algo que ele não era capaz de ter quando criança, com um pai autoritário e insensível.

Aquela garotinha o envolveu completamente ao redor do dedo.

Suco extra quando eu já tinha dito que era hora de mudar para a água? Vá para o papai. Sorvete para o almoço quando eu estava fora fazendo algo? Papai apoiava. Ir ao parque todas as noites da semana por dez dias enquanto estava na cidade? Sim, papai também se certificava disso.

Eu tinha minhas preocupações sobre o que aconteceria quando Bee fosse mais velha e percebesse que poderia se safar de qualquer coisa no que dizia respeito ao pai.

Quando expressei essas preocupações, Fenway deu de ombros. Ele alegou que eu o tinha enrolado no meu dedo também, e nada de ruim tinha vindo disso. Ele tinha sido tão doce e sincero no momento que eu tinha esquecido meu contra-argumento. Que era que eu era uma mulher crescida que já tinha passado por dificuldades quando o conheci. Bee era uma garotinha que poderia facilmente se tornar uma adolescente mimada.

Mas, pensei, tinha tempo de tentar dobrar isso antes que fosse tarde demais.

Além disso, aprendi que ser mimada um pouco era bom.

Mas a girafa? Era aí que eu precisava traçar a linha, certo?

Quero dizer, Bee não podia nem brincar com isso. Era muito grande, muito desajeitado. Era alto demais para ela subir. Portanto, tê-la em casa seria apenas mais um símbolo de status estúpido que ocupava muito espaço. Além disso, estávamos em Londres. Levar a maldita coisa para casa também seria um sofrimento. Nós estaríamos tropeçando nele no jato.

— Ok, vamos fazer um acordo, — sugeri, colocando a mão no centro do peito de Fenway, detendo-o.

— Mas eu não *quero* fazer acordos, — ele disse, imitando uma criança batendo o pé e depois me dando aquele grande sorriso de menino que nunca me cansei de ver. Mesmo quando ele estava sendo um pé no saco.

— Que tal levar para ela todo esse conjunto de roupas da Princesa Disney? — Eu sugeri. Tinha balançado minha cabeça quando ele olhou para isso antes. O preço parecia astronômico para algo que ela perderia em menos de um ano. Mas se fosse entre uma girafa enorme e inútil ou roupas com as quais Bee realmente se divertisse brincando? Estava disposta a ser um pouco ridícula.

— E as bonecas para combinar.

— Fenway.

— Não me faça exigir os companheiros de bichos de pelúcia também, — ele disse, os olhos dançando.

— Tudo bem. Temos um acordo, — eu concordei, oferecendo-lhe minha mão.

Ele pegou, e no verdadeiro estilo Fenway Arlington, caiu de joelhos para beijar meus dedos enquanto declara para quem estava atrás de mim: — Com licença, mas você conheceu a mais bonita *e interessante*, — acrescentou, sorrindo: — mulher no mundo?

— Bem, vendo que ela é minha melhor amiga no mundo inteiro, sim, — disse Raven, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz. — Bee gostaria de saber se ela pode ter aquela lagosta de pelúcia da *Pequena Sereia*.

Meu estômago, mesmo todos esses anos depois, revirou ante a menção de lagosta. Sim, até uma lagosta fictícia de filme.

— Nem comece, — eu disse a Fenway, apontando para ele. — Nós tínhamos um acordo.

— Eu sei. Fizemos. Mas esquecemos de incluir Bee na discussão. O que é totalmente ruim da nossa parte, não acha? — Ele perguntou, soltando minha mão, levantando-se e tirando Bee das mãos de Raven, erguendo-a acima da cabeça até que ela riu, depois a colocou no quadril. — Você quer todos os bichos de pelúcia, não é, anjo?

— Ela vai ser um pequeno demônio, se você continuar a estragá-la, — falei atrás dele quando ele começou a se afastar.

— Ela vai ficar bem, — disse Raven, aproximando-se ao meu lado. — Roman mima as crianças também. O que me faz ser a vilã às vezes. E a única a equilibrar toda a loucura. Mas eles saíram-se bem até agora. Bee também vai ficar.

— E se ela não ficar, eu posso culpar Fenway, — eu concordei, sorrindo.

FENWAY - 11 ANOS

— Sente-se, — Alvy exigiu, paciência se esgotando com o meu ritmo.

— Eu não posso, — eu disse, coração batendo forte, pensamentos girando.

— Ficar doente não vai ajudar Wasp, — eles me lembraram, sempre minha voz da razão.

Alvy havia se aposentado há muito tempo como meu assistente pessoal, assumindo uma posição corporativa em uma das empresas da família, onde se mostraram tão capazes quanto antes quando estavam impedindo que minha vida bagunçada desmoronasse.

Embora eles ainda haviam sido uma parte sempre presente da nossa vida. Cuidando de Bee. Vindo para jantares.

E, como agora, sentado comigo quando senti que tudo estava desmoronando.

— Eu queria me livrar daquela porcaria há uma década atrás, — falei, passando a mão pelos cabelos, o medo um fio desencapado através do meu corpo, provocando todas as terminações nervosas.

— Eu sei que você quis. Mas ela estava apegada. Você sabe disso.

— Sim, — eu concordei, mandíbula tensa. — Mas eu nunca deveria ter deixado ela levá-la.

— Fenway, estamos falando de Wasp. Se você dissesse a ela que ela não poderia levar Wanda, ela sugeriria que beijasse sua bunda. Ela queria fazer uma pequena viagem de fim de semana pelos velhos tempos com sua melhor amiga. Ninguém poderia ter previsto o motorista de caminhão dormindo ao volante, — Alvy me disse, fazendo meu estômago torcer dolorosamente, a imagem passando na minha cabeça pela milionésima vez desde que ouvi as notícias.

Eu nunca tinha conhecido pânico assim antes na minha vida.

Fiquei frenético quando liguei para os irmãos dela, tendo uma das esposas para pegar Bee, para que eu pudesse pegar um avião, chegar ao hospital na Carolina do Norte onde foram levadas.

Roman estava no mesmo avião comigo, nós dois correndo para o hospital, implorando por atualizações.

Roman foi o sortudo.

Raven estava na parte de trás do skoolie quando elas foram atingidas de frente, recebendo apenas uma leve concussão e alguns pontos na sua têmpora de bater em um armário.

Wasp?

Wasp estava bem ali na frente.

E era uma situação triste quando você tinha que agradecer o caminhão por bater do lado do passageiro em vez do motorista, ou não estaríamos no hospital agora. Eu estaria perdendo a cabeça no necrotério.

Como estava, ela estava em cirurgia. E ninguém tinha nenhuma atualização para mim. Nem mesmo depois que me ofereci para construir uma ala infantil totalmente nova em seu hospital para conseguir alguma.

— Eu não vou te dizer bobagens agora, — disse Alvy, respirando fundo. — Mas vou sugerir que você deixe de perder a cabeça até saber se precisa ou não.

A mulher que eu amava, a única mulher que poderia amar, estava em uma mesa de metal frio em uma sala de cirurgia com partes dela rasgadas. Eu não podia estar absolutamente calmo.

— Uma nova ala infantil *e* uma nova ala do câncer, — falei para a enfermeira que estava na mesa a alguns metros de mim.

— Isso não será necessário, Sr. Arlington, — disse uma voz nas minhas costas, fazendo meu coração subir para minha garganta quando me virei, encontrando um médico ali, com a máscara ainda pendurada na orelha. — Sua esposa está fora da cirurgia, — ele começou.

Tudo o que eu conseguia pensar era: sair da cirurgia significava que ela ainda estava viva.

Eu poderia lidar com qualquer coisa se ela ainda estivesse viva.

Sem braços? Eu poderia alimentá-la.

Sem pernas? Eu poderia pegar uma daquelas cadeiras de rodas que quase faziam tudo por você.

Ela só tinha que estar *viva*, caramba.

— Diga-me, — exigi quando Alvy se levantou, veio para ficar ao meu lado.

— Sua esposa sofreu um golpe na cabeça por bater na janela, um braço quebrado e uma laceração no fígado.

— O fígado dela? Ela precisa de um novo? Ela pode ter o meu. Eu não preciso beber. Apenas me diga para onde ir para ser cortado.

— Felizmente, isso não será necessário, — disse o médico, calmo, profissional, mas seus lábios se contraíram levemente. — A laceração foi moderada. Conseguimos reparar o dano. O braço dela tem pinos. Ela tem pontos na testa. Mas suspeitamos que ela vá se recuperar completamente, — ele disse, apertando a mão no meu ombro.

Eu não era, quase como regra geral, carinhoso com homens estranhos.

Mas me joguei no bom médico, dando-lhe um abraço de urso.

— Você tem filhos? Eu pago as mensalidades da faculdade. Pós-graduação. Faculdade de medicina. Casamentos. Você escolhe, — eu disse a ele, afastando-me, sentindo a picada das lágrimas nos meus olhos, o alívio foi tão agudo.

— Isso não será necessário, — ele me assegurou. — Estou apenas fazendo meu trabalho.

— Eu posso vê-la? — Perguntei.

— Ela está sendo transferida para a UTI. Uma vez estabelecida, você pode visitá-la.

— A UTI não soa que ela está bem, — insistiu Alvy, pensando com mais clareza do que eu estava no momento.

— É normal depois de uma cirurgia como a dela. Suspeito que ela se mude para o andar principal antes que a noite acabe.

Com isso, o médico se afastou, deixando-me tão fraco que caí em uma cadeira, respirando pela primeira vez em meio dia.

— Alvy.

— Sim? — eles perguntaram, sentando-se ao meu lado.

— Precisamos criar algum tipo de caridade, — decidi. — Ajudando a pagar pela faculdade de medicina.

— Vou investigar, — eles me asseguraram, dando um tapinha no meu ombro. — Ela está bem, — eles me lembraram.

— Ela tem que estar, — eu disse a eles.

— Ela está. E você a verá daqui a pouco.

Quarenta minutos depois, fui levado para o quarto dela, encontrando-a em uma das camas do hospital, parecendo muito pequena, muito pálida, muito fraca para a Wasp que eu conhecia e amava.

Eu nunca tinha visto a mulher parecer fraca por dia em sua vida.

Ela entrou em trabalho de parto como se estivesse indo para a guerra, gritando, xingando, gritando ordens.

Vê-la parecer dessa maneira fez uma sensação penetrante esfaquear meu peito enquanto me movia em direção ao seu lado.

— Oh, meu Deus, Fenway. Eu não estou morta, — ela resmungou para mim enquanto me sentava ao lado de sua cama, pegando sua mão, sentindo as lágrimas que estavam nos meus olhos antes de se libertarem.

— Me preocupei que você estivesse, — admiti. — Eu não poderia ter vivido com isso. Nem por um minuto. Você não pode morrer primeiro, querida. Eu a proíbo.

— Ouvi dizer que você estava oferecendo órgãos aleatórios para me salvar, — ela disse, me dando um sorriso suave.

— Não são aleatórios. Apenas os que você pode precisar.

— Felizmente, isso não foi necessário, — ela disse, suspirando. — Wanda está morta. Como morta de verdade.

— Eu ouvi. Sinto muito, querida.

— Parece o fim de uma era. Mesmo que eu não a tivesse usado desde que ficamos juntos.

— Havia muitas boas lembranças lá, — eu disse, apertando sua mão. Tínhamos as fotos na parede de uma galeria, todas as suas favoritas de suas aventuras com Raven. Do outro lado estavam suas favoritas comigo. Então com nós dois e Bee.

— Como está Raven?

— Só um pouco chateada. Ela já está a caminho de casa. Ela queria ficar, — eu disse a ela. — Roman quase teve que sedá-la para fazê-la te deixar. Mas os filhos dela estavam preocupados.

— Graças a Deus ela está bem. O outro motorista?

— Nenhum ferimento.

— Onde está Bee?

— Com sua cunhada. Seus irmãos estão aqui. Mas eles estão lá embaixo. Eles não podiam chegar a este andar.

— Todo mundo está abalado com um pouco de nada.

— Dificilmente é nada. E, sim, todos nós estávamos abalados. Você tem muitas pessoas que amam você, querida, — eu a lembrei.

— Por que este sorriso? — ela perguntou um momento depois. — O que é tão engraçado? — ela pressionou quando uma risada me escapou.

— Eu só estava pensando.

— Sobre o quê?

— Seu modo de dirigir de velhinha. Acho que salvou sua vida hoje.

— Então, talvez você possa parar de me provocar sobre isso.

— Acho que posso fazer isso.

— Não pareça tão triste. Tenho certeza que você pode encontrar outra coisa para me provocar.

— Como o fato de você agora ser parte cyborg? — Sugeri, tocando seu braço.

— Isso serve, — ela concordou, estendendo a mão com o braço bom para acariciar minha cabeça.

WASP - 20 ANOS

— Como ela se atreve a se tornar tão prática — resmungou Fenway, batendo os dedos na mesa da cozinha ao lado de sua xícara de café.

— Eu sei que você se esforçou ao máximo para transformá-la em uma socialite mimada com algodão doce como cérebro, — eu disse a ele, sorrindo. — De alguma forma então alguém transmitiu algum bom senso a ela.

— Eu nunca vou te perdoar por isso, — ele me disse, estreitando os olhos.

Bee estava saindo para a faculdade.

E Fenway estava tendo ansiedade de separação por toda a situação.

Eu não poderia culpá-lo. Ela sempre foi seu pequeno bebê. E a garota do papai. Os dois eram o mais próximos possível.

— Ela só está indo para a escola, — lembrei-o, batendo na mão dele.

— Ela não precisa ir para a escola. Ela pode ser como uma daquelas pessoas que são famosas por nenhuma outra razão senão serem ricas, — ele insistiu.

— Mesmo que ela quisesse viver a vida de socialite superficial, Fenway, ela gostaria de sair de casa. Eu não sei sobre você, mas prefiro que ela vá para a escola

para se tornar uma neurocirurgiã do que festejar pelo mundo todo, sem fazer nada bom.

Bee, como se viu, tornou-se nada parecida com qualquer um de nós.

Ela era calma, racional, serena, segura do que queria e obstinada em sua busca. Ela não tinha tendência ao estranho ou ao imprudente. Ela gostava das coisas mais simples da vida.

E, agora, ela queria ganhar a vida ajudando as pessoas.

Eu não poderia estar mais orgulhosa. Mesmo se meu coração estivesse partindo um pouco também.

— Nós poderíamos deserdá-la, — ele sugeriu, desesperado. — Então ela não poderia ir.

— Ela precisa ter sua própria vida. Vamos vê-la o tempo todo.

— Eu não sei o que faremos sem ela por perto.

— Bem, eu meio que tive uma ideia, — sugeri, pensando nisso desde que Bee me procurou e perguntou se ela poderia levar Leonard para sua casa fora do campus com ela, dando-nos mais liberdade do que esperávamos.

— O que foi?

— Faz muito tempo desde que tivemos uma aventura, — eu disse a ele, vendo seu olhar encontrar o meu, interesse lá. — Quero dizer, quando foi a última vez que viajamos pelo mundo? Tem que haver milhares de coisas novas para serem vistas. Além disso, dissemos que queríamos fazer uma viagem de aniversário de volta a Bali, àquela caverna, pelos velhos tempos. Agora seria um ótimo momento para fazer isso, você não acha?

— Seria bom, — ele concordou, ainda um pouco hesitante. — Se pegássemos o jato. E o iate.

Era ridículo.

Exagerado.

Igual a ele.

— Acho que podemos providenciar isso, — eu concordei.

— Eu já te disse o quanto estou feliz por você ter me enganado para amar você? — Ele perguntou, estendendo a mão para me puxar para seu colo.

Ele tinha.

Todo dia.

De todo mês.

De todo ano.

E nunca me cansei de ouvi-lo.

Eu nunca iria.

FIM